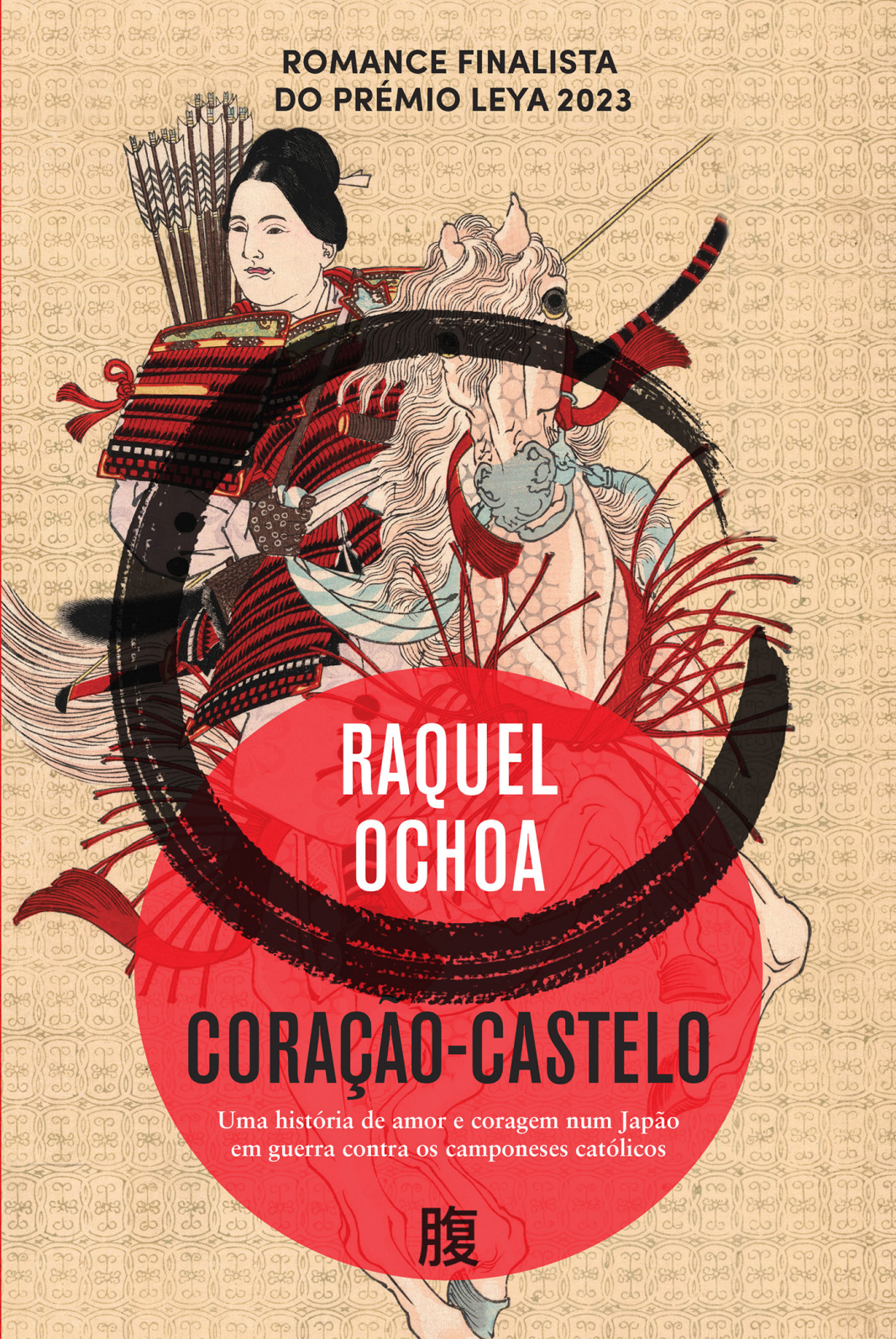


ROMANCE FINALISTA
DO PRÉMIO LEYA 2023



RAQUEL
OCHOA

CORAÇÃO-CASTELO

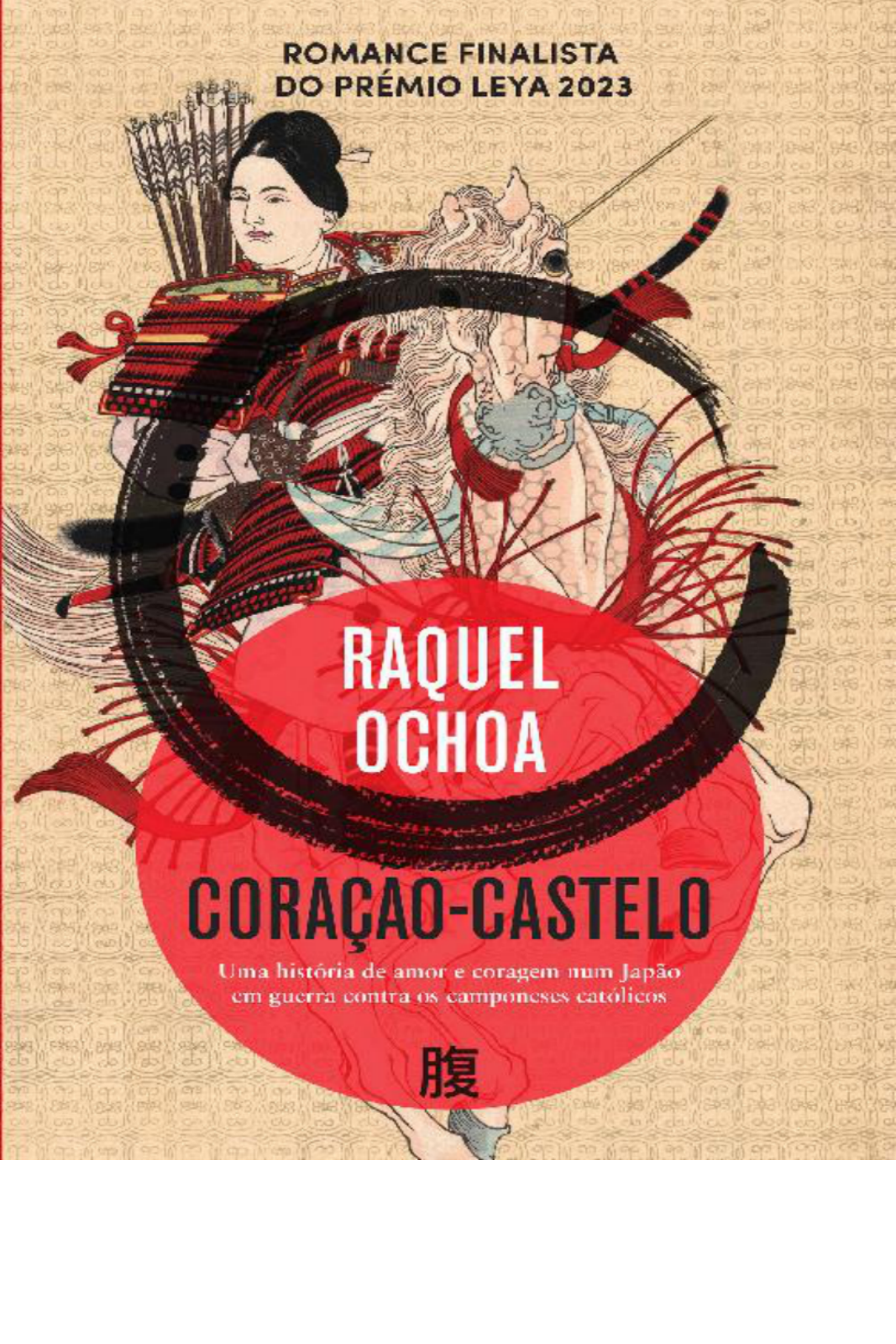
Uma história de amor e coragem num Japão
em guerra contra os camponeses católicos

腹

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROMANCE FINALISTA
DO PRÉMIO LEYA 2023



RAQUEL
OCHOA

CORAÇÃO-CASTELO

Uma história de amor e coragem num Japão
em guerra contra os camponeses católicos

腹

Índice

Capa

Ficha Técnica

Introdução – Revolta de Shimabara – 11 de Dezembro de 1637

CAPÍTULO I – Fortificai os corações

CAPÍTULO II – Esperai, ó almas cercadas

CAPÍTULO III – Se houver paraíso entra-se nele pelo inferno

Notas históricas finais

Personagens

Breve Cronologia

Glossário

Raquel Ochoa

Coração-Castelo

Romance

**OFICINA
DO LIVRO**

Ficha Técnica

Título: Coração-Castelo
Autora: Raquel Ochoa
Edição: Maria do Rosário Pedreira
Capa: ©Maria Manuel Lacerda/368 design
Imagem da capa: © quintlox / Album / Fotobanco.pt
Revisão: Madalena Escourido
Fotografia da autora: © Fernando Dinis
ISBN: 9789895810826

Oficina do Livro
uma chancela da LeYa, S.A.
Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide
Tel.: 21 427 22 00
E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

© 2024, Raquel Ochoa e LeYa, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
www.leya.com

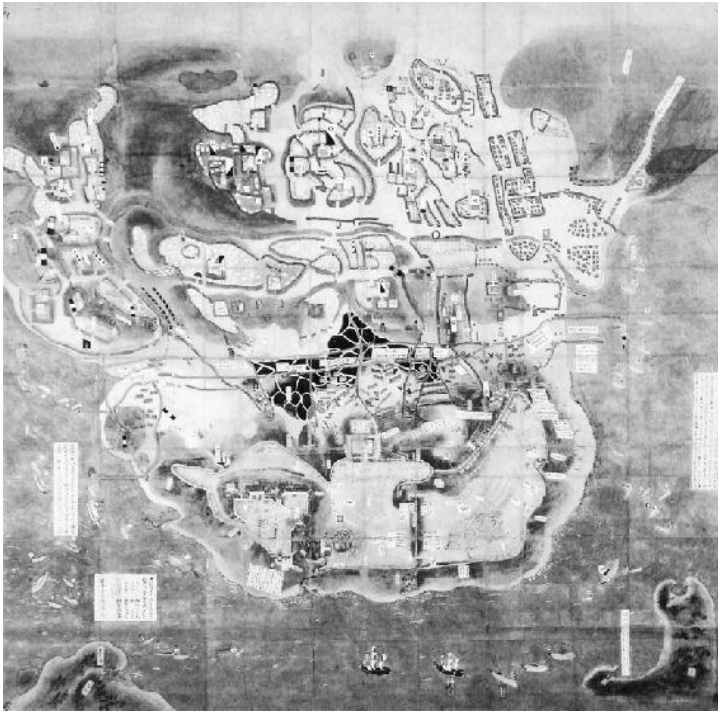
Para o Ewen, o que o amor pode construir.

Se o cuco canta, mata-o.
ODA NOBUNAGA (1534-1582)

Se o cuco não canta, convence-o a cantar.
TOYOTOMI HIDEYOSHI (1537-1598)

Se o cuco não canta, espera.
TOKUGAWA IEYASU (1543-1616)

Tokugawa Iemitsu foi o terceiro xogum da dinastia Tokugawa, governando de 1623 a 1651. Filho mais velho de Tokugawa Hidetada e neto de Tokugawa Ieyasu, foi escolhido como xogum em 1617 e assumiu o xogunato após seu pai abdicar. Encontrava-se no poder quando foi surpreendido com a Revolta de Shimabara.



Mapa do castelo de Hara, cercado pelas tropas governamentais em 1638

Introdução

Revolta de Shimabara – 11 de Dezembro de 1637

A presença portuguesa no Japão durou cerca de cem anos. Nas primeiras décadas houve um feliz acolhimento aos mercadores e também aos missionários. Num Japão de «todos guerreiros, todos guerreando-se», a introdução e propagação das espingardas ditou quem viria a conhecer a vitória.

A ilha de Kyushu, a parte mais a sul do reino, aonde os primeiros portugueses chegaram em 1543, revelava-se uma arena feroz entre senhores de maior e menor poder. Mas, em 1587, Toyotomi Hideyoshi invadiu-a e conquistou-a. Este novo soberano foi claro: detestava os missionários e mercadores e estes tiveram de mudar as suas bases de operação repetidas vezes em busca de refúgio e protecção.

Talvez a razão principal desse ódio fosse a enorme velocidade a que o cristianismo se propagava.

Por volta de 1628, depois de vários anos de abolição oficial do cristianismo e perseguição aos seus crentes, dizia-se que o fogo continuava latente, em brasa: os *korobi kirishitans* – aqueles que tinham renegado sob tortura – regressavam.

Em 1639, os portugueses e todos os estrangeiros foram definitivamente expulsos, à excepção dos holandeses. Para isso contribuiu em particular um acontecimento que ficou para a história como a Revolta de Shimabara.

O descontentamento generalizado dos *kirishitans* da região – mas não só, qualquer camponês sujeito aos mais injustos impostos sentia-se impelido a lutar contra a opressão – levou-os a reunirem-se em segredo e planearem uma rebelião que eclodiu a 11 de Dezembro de 1637.

Os rebeldes viram as suas fileiras aumentar estrondosamente e um jovem de dezasseis anos, Amakusa Shiro, surgiu espontaneamente como o líder da revolta.

Atravessaram então o mar Ariake e, por um curto período, cercaram o imponente castelo de Shimabara de Matsukura Katsuei, o daimio acusado de grande tirania para com o seu povo, mas acabaram por ser rechaçados e reuniram-se então no castelo de Hara, que tinha sido desmantelado há pouco

tempo.

A Revolta de Shimabara foi de longe o incidente mais sério com que se confrontou o *bakufu*, o regime político da época. Como não conseguiria ser reprimida pelas forças locais sozinhas, foram pedidos reforços de mais de cem mil samurais ao Governo.

Os *kirishitans*, vários meses depois de se verem cercados no castelo de Hara, continuavam a gritar para os seus sitiados: «Céu e terra têm uma só raiz, uma miríade de coisas uma só substância. Entre todos os seres sencientes não há distinção entre nobre ou do povo.»

Jana e Tago, mãe e filho, são duas das cerca de trinta e cinco mil pessoas que se encontram dentro do castelo de Hara.

CAPÍTULO I

Fortificai os corações

Enguia ondulante

Ao ribombar dos tambores respondiam os corações. Passo a passo.

Movendo-se, num corpo homogéneo sem princípio ou fim, serpente ondulante, pés rastejando para salvar as vidas mais umas horas, mais uns dias. Quem, como Deus, os visse de cima, observaria uma multidão movendo-se na direcção de um promontório, sendo o acesso possível apenas por um caminho cortejando as colinas.

– Corram, corram, corram!

Não era fácil transportar crianças, bebés, os velhos claudicando, os cavalos assustados, e quem conseguisse empunhar uma arma.

Jana agarrava Tago debaixo do braço, dando-lhe impulso para estugar o passo. Cavalos de cachacos robustos passavam rente aos pés de ambos levantando poeira. Eles paravam a contragosto para respirar e descortinar o caminho. Os de trás tropeçavam neles, mas pediam desculpa, ninguém se espezinhava: o desespero não era maior do que a solidariedade.

Um tronco de árvore milenar tombado à beira do caminho criava um grande muro; por momentos, Jana encostou-se a ele apertando o filho nos braços. Séria e vera era a sua dúvida: queria perguntar ao menino o que fazer, deixar-se arrastar por esta turba que convergia toda para o mesmo lugar, ou esgueirar-se com ele para a aldeia e entregar-se às autoridades com a promessa de subordinação? Olhou a criança e preparou a voz, mas no seu rosto de seis anos só havia preocupações, não seria justo entregar-lhe mais uma. O nevoeiro espesso que caíra pouco antes tornava o mar de indigentes mais compacto, menos distinguível, como um animal em lamento. Todos eram um só.

– Anda, Tago, não estamos sozinhos.

Ao aproximar-se do castelo em ruínas, os montes acentuavam a inclinação, como rampas de lançamento para uma liberdade que todos sonhavam existir algures.

Um recanto, abandonado havia anos pelo próprio Senhor que os oprimia, revelava-se a única salvação. Mas não passava de um castelo devoluto numa colina, naturalmente fortificado pelas escarpas providas do mar.

Jana conseguira trazer várias mudas de roupa, o seu melhor cobertor de lã, uma panela e alguns mantimentos. Impressionava-a como as pessoas tinham conseguido carregar tanta coisa num tão curto lapso de tempo.

Hesitando se havia de prosseguir, reparou num rosto estrangeiro, um homem ajudando uma anciã na sua penosa caminhada. Havia muito que os missionários tinham sido expulsos, mas sabia-se que entre a comunidade *kirishitan* alguns se encontravam incógnitos, escondidos pelos aldeões. Viam-se muitas pessoas das várias ilhas de Amakusa, um arquipélago na costa oeste de Kyushu, o Sul do Japão. Perante a revolta, tornara-se evidente a união deste povo perseguido: todos se refugiavam num único local.

Tago puxou a mão da mãe chamando-a à realidade, não compreendendo a estagnação. Jana resolveu prosseguir. Decisão irreversível.

*

Mãos cansadas do trabalho no campo davam-lhe mais de quarenta anos, mas o rosto liso e luminoso de Jana mal se despedia da adolescência. Da sua infância, curta, passara logo aos campos engelhados pelos ventos, cultivando-os, domando-os, como se transforma o deserto em leito fértil. A destreza física contrastava com a densidade dos seus pensamentos, pois era como se sempre carregasse o mais terrível dos segredos.

Quando, seis anos antes, o seu marido desaparecera no mar, Jana percebera nas entrelinhas divinas porque nascemos com uma missão misteriosa, insondável aos olhos dos que nos rodeiam, incluindo aqueles com quem fazemos amor. A vida é tão capaz de mesquinhices como de concepções sublimes. E nada pode justificar a morte de um pai antes de conhecer o filho. Mas acontecera.

Prevaleceu a força de Jana: a sua barriga cresceu e a dor não lhe retirou a saúde.

Quer estugando o passo, quer quebrando-o, já se avistava o castelo no topo do horizonte. Junto ao mar, o nevoeiro dissipava-se, e os pensamentos faziam o mesmo. Com uma certa ilusão de óptica, perto da entrada, ninguém visualizava a dimensão de Hara-jo (o castelo de Hara). Dessa perspectiva, não eram logo visíveis os três fossos semidestruídos e, acompanhando-os, os três patamares.

Esta gente não se retirava às arrecuas, não compunham um cortejo de fracos. Deslocando uma madeixa de cabelo para trás da orelha com as mãos sujas, cobertas pelo pó que se levantava no ar, Jana, a bonita camponesa, sentia tanto amor como ódio entre aquele amontoado de gente, mas medo não havia. Nem uma réstia.

Ela tentava não olhar à sua volta, para não ver um homem esquelético sem ninguém que o segurasse, duas crianças sozinhas chorando e caminhando sem parentes à vista, uma família arrastando demasiados objectos em enormes trouxas, sem qualquer possibilidade de conseguir chegar a Hara sem abandonar parte da tralha, uma mulher idosa, sozinha, amparada numa bengala em busca de ajuda, mas sem força nem o comando dos seus membros.

Atraída pela duna da coragem, Jana sacudiu o pó dos trapos e pendurou

os pertences ao peito e às costas. Ao dobrar-se com o peso ficava mais perto do filho, aliviado por a ver indicar o caminho.

Voz de comando

No pelotão da dianteira, um *ronin* liderava o exército. Sabendo que era seguido por mil olhos, movimentava-se de modo excêntrico, num vaivém teatral, subindo as colinas, correndo, antecipando-se a todos os outros, rastreando o caminho, usando os seus passos como guias; impondo-se contra qualquer submissão.

«Este *ronin* é louco como são todos os jovens», pensou Jana. Teriam uma diferença de cinco anos, ele com vinte e um, ela mais velha, mas desdenhou-o imediatamente.

– Apraz-me noticiar que há um castelo à nossa espera – gritava vezes sem conta, e regressava para junto dos primeiros exilados, de olhos fitos na direcção que tomava.

Não era o único *ronin*: samurais experientes distribuíam-se em grande número por ali, outros até gritando mais do que ele. Porém, a sua presença acalentava os que o viam de forma diferente: as cores garridas do seu traje de samurai sobressaíam por entre a bruma penugenta; repetia sempre a mesma frase, como se fosse a única possível: «Há um castelo à nossa espera!»

Assustador privilégio este, o de comandar uma multidão em fuga.

Jana viu o rio e, junto dele, observou de novo o *ronin* esbracejando, meio trôpego, sério e rindo, alto, mas curvado, rosto duro e rectilíneo, coberto de pó, olhos meigos como os de um cão feliz. Por alguns segundos tirou os olhos da sua cria, seguindo a figura daquele soldado de traje firmemente afivelado, voz alegre, um deus-humano pleno de energia.

Voltou à realidade com um tremor. Tago continuava agarrado às suas saias, também ele contemplando qualquer coisa, de nariz no ar. Jana logo se recriminou por esta desatenção num momento tão confuso, que seria dela se o filho se perdesse?

Tago, por seu lado, avistava o mar, também ali perto. Admirava a vastidão, e falou alto o mistério que todos levam dentro, o mistério da criação.

– Quem é que fez o mar, mãe?

Com dores nos pés descalços, Jana apenas soltou um suspiro. Talvez por isso os suspiros dela fossem para sempre, na compreensão de Tago, tão grandes como o oceano.

Atingida pelo entusiasmo, Jana acelerou o passo e ultrapassou centenas de pessoas, Tago não se acanhou e, sem queixas, manteve-se perto dela, deixando-a de mãos livres para ela poder carregar os seus pertences.

Os *nanban-jin* haviam ensinado: a Terra é grande e só há um Senhor. Ele manda nos céus, na Terra e em todos os mares.

Jana articulava as suas forças como quem equilibra o corpo perante um desfiladeiro e, quando se deixou cair ao chão, não deu pelo esgotamento que tomava conta de si. Tago abeirou-se dela com uma solução:

– Mãe, vieste muito depressa. Estamos a chegar junto dos primeiros samurais, podemos sentar-nos num lugar seguro e descansar.

As pessoas passavam perto deles e alguém deu um pontapé involuntário na trouxa de Jana, estatelando-se em cima dela. As roupas e os cobertores ficaram salpicados de lama; o homem volumoso sacudiu o corpo e emitiu um lamento, logo retomando a caminhada.

– Tago, traz para aqui essa trouxa, isso custou-me tanto a carregar – mas de novo alguém tropeçou nela e desta vez fê-la rolar para longe. Tago, percebendo a preocupação da mãe, tomou a seu cargo trazê-la de volta. A visibilidade era fraca e todos se movimentavam numa cadência pesada e imprevisível. Sem querer, um homem abalroou a criança. Tago bateu com o queixo no chão e o embrulho foi parar ainda mais longe.

Ao perdê-lo de vista, Jana gritou aflitivamente pelo filho. Bastava um instante: as tragédias são abruptas no coração de uma mãe. Já de pé, também não o avistou. Entre a luz cinzenta embaciada, dando indefinição aos contornos dos rostos, viam-se muitas pessoas, mas não se conseguiam iluminar quaisquer feições, como se todas fossem desfiguradas.

Sentiu uma tontura e decidiu com todas as forças não desmaiar, mas, ao dar o primeiro passo, manquejou e, prestes a desequilibrar-se, uma mão agarrou-a pela cintura.

Voltou-se, viu o *ronin* ao seu lado, um braço amparando-a e, na outra mão, Tago, que abraçava a trouxa pouco mais pequena do que ele. Tantas perguntas e ela só conseguia a mudez. Alcançou o filho sem saber se lhe estava a ser devolvido.

O *ronin* segurava-a com força, e naquele momento pareciam dar todos um abraço, como uma família unida, até Tago romper o silêncio:

– O samurai ajudou-me a encontrar-te, mãe.

– Já não sou samurai – corrigiu o outro rispidamente.

Jana recompôs-se e inquiriu:

– Vejo que comanda esta multidão em fuga, credes que conseguimos entrar todos em Hara?

– Eu não comando. Apenas indico o caminho. Todos nos seguimos uns aos outros.

– Mas esta marcha leva-nos para um castelo em ruínas, senhor, sei-o bem, foi desmantelado para se construir o castelo de Shimabara.

– Estou ciente, e vós bem informada.

– Vós, *ronins*, haveis tentado tomar o castelo de Shimabara e não o haveis conseguido.

O *ronin* não lhe devia esclarecimentos e, no entanto, a autoridade destas observações cravava-o ao chão, sem um comentário, crítico que fosse, para prosseguir.

– Como vamos conseguir abrigar tamanho grupo num local sem muralhas completas? Estamos expostos a tudo, aos soldados, aos elementos, à fome! – insistiu Jana.

– Senhora, estarmos unidos sem um posto defensivo de pouco vale; neste momento, temos de resistir enquanto protegemos os mais fracos da tirania.

– Mas, senhor, repito, ali não existe nenhum castelo. A vossa visão seguramente vos engana. Aquelas pedras já não são uma fortificação.

O *ronin* olhou para Tago. A admiração do pequeno contrastava com a atitude quase mal-agradecida da mãe.

– O castelo erguê-lo-emos nós, assim como os nossos corações – disse o *ronin* com uma expressão enfatuada.

E Jana viu-o desaparecer estugando o passo, ao mesmo tempo que o vento sacudia as árvores despidas, deixando esta promessa varrendo os ares. Um homem-onda, eis o que significa *ronin*. Estaria à deriva?

A marcha dos *kirishitans*

Um coração guerreiro teme mais a melancolia do que a peleja.

Jana animou-se ao sentir os pés enterrarem-se no terreno mais pantanoso, vendo não muito longe as rochas desfeitas da muralha.

Os *ronins* mais adiantados já carregavam as carroças com armamento para o interior da fortaleza.

Atenta a esses movimentos, Jana não reparou no obstáculo à sua frente e, não tivesse Tago gritado, teria pisado o corpo inerte.

O homem estendido no chão tinha a cabeça virada para baixo, enterrada no lodo, e seguramente não respirava. Jana agiu de impulso: virou-o e deixou-lhe a cara descoberta. Limpou-lhe as narinas, desobstruiu-lhe a boca e, após angustiantes segundos, surgiu uma inspiração das entranhas do desconhecido.

Nesse momento largou-o. Não queria estar agarrada a um homem. Ele tossiu.

– Está vivo! Conseguieste salvá-lo. – Tago olhava para a mãe aliviado.

– Senhor, provavelmente desmaiastes, conseguireis continuar a jornada? Ele recuperava, mas não ao ponto de articular as palavras.

Jana estava de gatas no chão, de novo sem possibilidade de agarrar os seus pertences, à mercê dos pontapés de todos. Ela, o filho e o desconhecido

impediam a passagem dos que queriam continuar e os empurravam ou amaldiçoavam. Levantou-se e não aguardou a resposta do homem, só podia pensar em si naquele instante.

– Vamos, Tago, já o auxiliámos.

Quando Jana se afastava, ouviu uma voz com um sotaque estrangeiro, dizendo num japonês entendível:

– Fico-vos eternamente grato. Deus vos proteja!

O homem sorriu-lhe com a cara coberta de sujidade, os dentes escuros querendo cuspir o lodo.

«Um forasteiro», pensou Jana. «Ainda há forasteiros no Japão?»

Não haveria mais do que um punhado.

Com Nagasáqui sob pressão hostil do xogunato, o centro do cristianismo foi-se movendo gradualmente para as ilhas de Amakusa e para a península de Shimabara, ali próxima, pois eram bastante fáceis de aceder por via marítima, apesar de afastadas do território continental e difíceis de alcançar numa viagem por terra.

Introduzida um século antes, a religião cristã tornara-se proscrita havia mais de vinte anos. As autoridades desconfiavam tratar-se de uma seita com a mais temida das ambições: destronar o poder do xogum. Os seus padres falavam e ensinavam uma língua morta, impenetrável ao crente vulgar. Pregavam amor e bondade, mas depois ajudavam os senhores locais a adquirirem armas. Encorajavam os devotos a libertarem-se das alianças ancestrais e a fazer novas com um imperador-deus-distante.

Jana e Tago alcançaram a muralha. Ela agarrou no miúdo e encostou-se à pedra fria, desviando ambos daquilo que já fora um grande portão e agora era apenas uma entrada numa muralha que se mantivera erguida. As pessoas precipitavam-se lá para dentro afoitas, mas Jana estacou e olhou em volta. Quanto da fuga é ainda a liberdade? Que refúgio pode garantir sair-se de lá com vida?

Olhou os campos verdejantes distribuídos pelas colinas indisciplinadas. As colinas eram livres, só a natureza era livre.

– Tago, promete-me que nunca vais deixar de lutar – pediu a mãe.

– Prometo – respondeu o pequeno sem saber exactamente o significado de uma promessa, nem de uma luta, mas não lhe ocorria contrariar a mãe.

– Aconteça o que acontecer. És livre. Sou eu que te digo e nunca duvides, és melhor do que qualquer samurai, do que qualquer imperador.

– Sou?

– Muito, muito melhor.

– Não vamos entrar em Hara?

Jana arrepiou-se, perdeu as forças, pousou o filho no chão. A sensação de se encurralar gelou-a e pareceu tornar toda aquela jornada inglória. Tago agarrou-lhe a mão fria. Respirou fundo e disse:

– Mãe, nós não estamos a fugir, e eu cá não tenho medo.

– Não? – perguntou Jana, genuinamente confusa.

– Nós só queremos justiça, foste tu que o disseste.

Jerónimo, o líder dos *kirishitans*, encontrava-se precisamente três metros acima deste duo, no adarve intacto da muralha. Ouvia estas palavras sem as escutar, fitando o povo de Amakusa a convergir naquele ponto, os seus seguidores. As pessoas reverenciavam-no, faziam vénias, alguns ajoelhavam-se antes de prosseguirem a marcha.

Na mente de Jerónimo, apenas um raciocínio: as notícias daquela rebelião demorariam cerca de dez dias a chegar a Edo, e a resposta da capital demoraria outros dez dias a explodir aqui, à sua frente.

Aves de rapina cruzavam o céu, exibicionistas, fazendo círculos sobre Hara. Analisavam os novos inquilinos, ponderando a evacuação ou novas possibilidades de alimento.

O milagre da multiplicação

Nos seus aposentos, Tokugawa Iemitsu acabava a refeição, batia com o punho na mesa e gritava por auxílio à lavagem das suas mãos. Terceiro xogum da dinastia, governando desde 1623, estava prestes a lidar com a maior surpresa em muitos anos. Conhecia a situação tensa no Sul do reino, mas não em profundidade.

– Já vai longa a história desses *kirishitans* no meu solo sagrado. O édito de expulsão do meu avô declarava: «Não pode sobrar um dedo de solo para os que se dizem cristãos.» Seria de prever algum tempo para os eliminar, mas este atraso na pacificação na ilha de Kyushu surpreende-me. Desde que Ieyasu declarou o budismo a religião estatal já lá vão décadas...

– E desde que o grande xogum tomou o poder, intensificámos as perseguições aos *kirishitans* – comentou um general.

– Dizeis-me o óbvio! Exijo perceber porque se multiplicam em vez de diminuírem.

– Senhor... – O general pedia permissão para deixar a cerimónia protocolar da conversa e passar à clarificação dos factos.

– Tendes ordem para falar.

– Desde 1627 a perseguição tornou-se implacável, vasculhou-se em cada recanto, mas até à década passada ainda o número de cristãos continuava a aumentar. O martírio muitas vezes... – e hesitou de novo – não concede o resultado desejado. Forçá-los a renunciar à sua fé publicamente, mesmo que sob o efeito de tortura brutal, animou-os ainda mais a converterem-se e defenderem o seu credo.

– Isso é incompreensível.

– É gente medonha, obstinados no erro. Um dáimio mandou executar oito famílias de cristãos. Para seu espanto, vinte mil pessoas apareceram e

assistiram em silêncio respeitosamente.

O xogum guardou para si os pensamentos («não é gente cuja inteligência seja de subestimar, esse silêncio terá causado maior desconforto do que um protesto ruidoso»). Disse então:

– O que continuam os nossos a ver nos bárbaros? Como se deixam enfeitiçar? – O xogum sabia que depois da morte de Hideyoshi, quando Ieyasu, em 1600, tomara e concentrara o poder nas suas mãos de forma inédita, a situação política era exactamente a oposta de quando chegaram os portugueses, cinquenta anos antes: – No tempo em que éramos inúmeros clãs em luta, estes *kirishitans* eram só mais uma minoria, uma minoria substancial, admito. Mas agora... Há décadas que estão em colisão com o regime Tokugawa!

– Nem entre os cristãos há acordo – disse o general. – Eles não se entendem entre si, como poderíamos nós entender-nos com eles? Não há uma hierarquia entre os europeus. Missionários de Itália revelam uma posição, os da Hispânia chegam com outra. – Agarrou o copo de *sake* para garantir as forças na enumeração, mas o xogum não aguardou e acrescentou ao raciocínio:

– E, entretanto, Hispânia e Portugal debatem-se com querelas insanáveis até, de repente, terem o mesmo rei.

Um general na presença do xogum é um mero lacaio. Este apenas desejava terminar a conversa sem enfurecer o homem mais poderoso de todo o Japão, o que fez dizendo:

– Sapientes palavras, senhor.

Desde a subida ao poder, em 1623, o xogum Tokugawa Iemitsu empreendera a missão de acabar com as religiões estrangeiras no seu território, seguindo uma tendência do pai e do avô, mas agora castigando os resistentes com requintes de malvadez.

– Homens vestidos de morcego a encorajar os seus seguidores a participar em bizarras cerimónias, onde bebem o sangue e comem o corpo do seu ídolo. Dizei-me porque semanalmente transformam pedaços de comida no corpo do seu *Jesu Cristo* e depois os devoram num festim clandestino? – questionou Iemitsu.

– Nada vos poderei explicar acerca deste culto bizarro, Senhor de toda a sabedoria. – O xogum olhou-o de soslaio, com desprezo pela mansa resposta. O vassalo sorriu então e juntou mais um pormenor: – Em encontros secretos fazem uma cerimónia sinistra, uma espécie de confissão, jurando nunca mais cometer o erro, mas voltando a fazê-lo. Chamam-lhe «pecado».

– E de onde lhes veio o desejo de serem martirizados? Esses *kirishitans* são dementes? – gritou o todo-poderoso.

Restrições à presença de estrangeiros, impostas havia já uma geração, chegaram ao auge no ano de 1636, com o édito das «restrições marítimas» impondo a pena de morte aos estrangeiros. Permitia-se um contacto muito limitado nos portos de Nagasáqui e Hirado – em Nagasáqui, por exemplo, um

magistrado local exilou pelo seu punho 276 recém-chegados num barco provindo de Macau, incluindo a sua própria mulher, chinesa, e o filho.

Com esta política, os cristãos japoneses esperavam uma reacção enfurecida de Deus para todo o Japão. O tempo certo para uma revolta. Alguns protestavam contra o tratamento que recebiam, outros acreditavam que o fim do mundo estava perto. A revolta explodiu em dois locais diferentes, Amakusa e Shimabara, com múltiplas motivações. Todavia, Nagasáqui, o centro da cristandade no Japão, manteve-se fiel ao xogum.

Enquanto o general e o xogum terminavam a conversa, um cavalo galopava as margens da baía de Osaka, intempestivo, por agora trazendo notícias sobre a invasão de um castelo de província, Shimabara, construído não havia muito tempo.

Novo mensageiro chega a Edo

Uns dias depois, um cavaleiro de Kyushu, homem cansado, batia com força nos portões de Tokogawa Iemitsu. Demorara algum tempo a recuperar o fôlego antes de fazer estrondo com o batente de ferro. Obviamente os vigias já o observavam desde que aparecera no horizonte, mas na casa de um homem poderoso é preciso rogar a entrada, em todo o seu cerimonial.

– Trago notícias da Revolta de Shimabara – disse aos olhos que apareceram no rectângulo-vigia.

Os ferrolhos abriram-se com esforço, magoando os ouvidos. Ao descerrar os portões e já dentro do castelo, um paraíso captou toda a atenção do cavaleiro, o mais belo jardim que havia atravessado. Serviu-lhe de bálsamo para os músculos doridos. Tentava agora abeirar-se de uma fonte para lavar as mãos e a cara para mais dignamente entregar a carta ao xogum. Mas os tarefeiros e samurais encaminharam-no rapidamente pelo jardim e, ao entrar no palácio, atravessou um grande corredor que deu acesso ao salão. Impressionava-o a qualidade das madeiras: traves gigantescas de metasequóias, chão de pinheiro vermelho e móveis de canforeira esculpidos com requinte.

O mensageiro apontado para seguir viagem para Edo cumprira a sua tarefa com esmero, chegando ali mais rápido do que era esperado, mas era um homem do Sul, habituado aos campos e às montanhas, não fora preparado para o protocolo, simplesmente não sabia o que dizer, como agir em frente ao grande senhor, as mãos, onde as pôr?

O xogum surgia à sua frente obscenamente obeso, uma figura quadrada diluindo-se na cadeira, um corpo gelatinoso coroado por uma cabeça longa, afilada, não conjugada com o tronco.

Observaram-se mutuamente. O mensageiro deu passos vagarosos,

aproximando-se e esperando ouvir algum ruído, alguma chamada de atenção se fizesse algo errado.

Junto do xogum declarou:

– Meu amo, o dáimio Hosokawa Tadatoshi, Senhor de Kumamoto, enviou-me até vós. Peço permissão para vos entregar esta carta.

Curvou-se e ficou muito próximo dos pés descalços da grande figura.

– Entregai-a imediatamente.

O cavaleiro tirou a carta do interior da sua armadura e assim, com uma vénia até ao chão, entregou-a, esticando o braço. Chegava junto do joelho do xogum e este não gostou da ideia de soltar os braços da cadeira para a alcançar.

– Achais que leio com os pés? – gritou furioso. – Alcancem-me essa carta e dêem cinco vergastadas para o homem de Kyushu aprender a ter maneiras.

Três samurais aproximaram-se do cavaleiro e levaram-no em braços para cumprirem a ordem. Outro agarrou na carta e ofereceu-a às mãos do xogum, baixando a cabeça. Os que arrastavam o cavaleiro olharam para ele, como que confirmando a ordem. De modo discreto, o general sentado ao seu lado fez um gesto dúbio com a mão esquerda, um sinal de aligeiramento, não era preciso levar a sério esta directriz.

A carta foi lida com uma expressão imperturbável. Trazia novas do castelo de Shimabara, libertado recentemente pelas forças de intervenção enviadas pelo xogum, mas avisava que a situação no castelo de Tomioka era aflitiva. Ali, os rebeldes avolumavam-se às centenas a cada hora que passava e temia-se também a invasão de Nagasáqui. No momento em que fora escrita a missiva, ninguém imaginava que os *kirishitans* em breve estariam a retirar para Hara.

– Malditos cristãos! – vociferou o xogum, atirando o papel para o chão. – Continuam a bradar o mantra «Santa Mariya, Santa Mariya», como já se assistiu noutras batalhas. A sua fé perniciososa já contaminou demasiados camponeses.

– Não vos apoquentais, nobre senhor, serão reprimidos exemplarmente – retorquiu o general.

– Como não? O cristianismo perverte a sociedade. Os ensinamentos dos bárbaros são irracionais.

– Mas a sociedade está a ser reformada e os males arrancados – garantiu o general.

– Não como desejávamos, ou não com a eficácia necessária. O próprio dáimio Hosokawa diz aqui na carta – e leu em voz alta – «os monstros de língua afiada, bárbaros do Sul, aqueles chamados jesuítas, vindos pelos mares navegando e insinuando os seus perniciosos truques, dispersaram e iludiram os tolos e os pobres. Assim, aconteceu que a populaça se mesclou com estes bárbaros e transportadores de discórdia e com eles fez negócios, sedenta dos lucros que vinham naqueles barcos».

– Meu Senhor, podem congregiar uns quantos, mas não passam de uns proscritos arruaceiros. É perturbador pensar que o líder espiritual deles é um criminoso pregado na cruz.

O xogum escutava aquelas palavras vãs de onde não retirava verdadeiro e sensato conselho. O líder pregado na cruz seduzia muitos mais do que a sua inteligência conseguia alcançar, e esse mistério assustava-o.

– Tendes aí, debaixo dos nossos narizes, a recente rebelião de Shimabara. Alguém o imaginaria há dois meses? – Virou as costas ao general, a pergunta retórica servia também para o calar.

O general compreendeu na íntegra e começou a raciocinar à velocidade da luz para encontrar a frase certa, a frase útil, que tornasse válida a sua voz para Iemitsu.

Ninguém conseguia perceber quais as deambulações mentais do xogum enquanto se dirigia à janela com os passos arrastados dados pelas pernas bojudas. O cristianismo, depois de expulso, insistia em voltar sem autorização. Este era um momento crucial da história do Japão.

Uma coisa surgia agora, evidente: a necessidade de se livrarem dos cristãos encontrava na Revolta de Shimabara a sua categórica justificação.

– Quando o reino está em guerra, os cristãos não perdem a oportunidade, invadem-nos – disse por fim o xogum, no tom grave de quem já concluía a conversa.

– Quando a terra está unificada, o exótico é banido – corroborou o general.

– O budismo é também uma doutrina perigosa. Tem muitos seguidores e ainda por cima os seus templos têm sido controlados pelos cristãos. Quando acabarmos com todos eles, estes locais serão transformados em santuários xintoístas.

– Dizeis assim, nobre senhor, que todos os cristãos que conseguirem entrar devem ser mortos?

– Todos.

– Vou pôr essas ordens ao comando.

– E todos os que trazem livros cristãos têm de ser mortos. – O general olhou-o com severidade – E todos os que não denunciem estas situações... todos mortos.

Hara-jo

O castelo de Hara fora abandonado em 1618, quando acabara a construção do castelo de Shimabara.

Ao entrar neste recinto, Jana sentiu uma grande ansiedade: como conseguiriam encaixar-se todos ali dentro? A multidão ali reunida era o dobro

ou o triplo do que julgava ter visto arrastar-se pelas ruas de Shimabara. Ferreiros, entalhadores, ensambladores, serventes, soldados de infantaria e cavalaria, camponeses e muitas crianças entravam em grandes grupos em Hara.

As famílias, cansadas, abriam um sorriso ao percorrer o segundo patamar.

Quando a revolta se concentrara no castelo de Shimabara, devido à ausência do dáimio – encontrava-se em Edo nesse momento –, os camponeses deitaram fogo a tudo o que conseguiram para alcançar o controlo dos celeiros de arroz. Muitas provisões – arroz, pasta de feijão, sal e pólvora – foram carregadas em sacas às costas de homens e mulheres para Hara. Os víveres desses armazéns acumulavam-se logo junto à segunda muralha e os recém-chegados viam estas provisões duradouras ao alcançar o interior do recinto, sentindo-se duplamente aliviados.

Um homem com o lado esquerdo da barriga tumefacto padecia encostado a uma rocha, tentando encontrar algum calor e consolo no fraco sol que rompia o cinza das nuvens.

Jana desviou o olhar; o pobre homem tinha, além de tudo, de lidar com o nojo e a piedade que provocava nos outros. Observava também os trabalhos a decorrer: a muralha erguida a toda a brida, casas construídas pelos mais novos, bambu cortado para elevar torres de vigia... e já se alicerçavam duas delas.

Fugiam todos do mesmo inimigo, seria isso suficiente para conviverem em paz?

O ambiente de imensa preocupação não se notava, havia, aliás, uma certa organização, tarefas distribuídas ao pormenor, e até os que nada faziam, por invalidez ou já provecta idade, sabiam permanecer em locais onde não estorvavam, lançando palavras de ânimo aos que trabalhavam.

Formigas obrando afanosamente para um bem comum, para um Inverno que se declarava já duríssimo. Tago chamou a atenção da mãe e apontou para uma torre de bambu erguendo-se pela força braçal de vinte homens. Jana reconheceu entre eles o *ronin* que lhe tinha trazido o filho e observou-lhe os músculos encrespados pelo esforço nos braços nus. Ele atraía-a, mas não queria sentir nada por ninguém naquelas circunstâncias. E lembrou-se do marido, inundando-a uma tristeza enorme; as luzes da sua consciência admoestavam-na por tantas más decisões do passado. Porém, sempre que esta recordação em si ardia, olhava para Tago e dizia, apaziguando-se, «todas as más decisões foram para te encontrar».

Haru causticava a madeira, imprimia-lhe uma forma côncava, e esta rangia, queixava-se, mas deixava-se moldar, entregava-se ao guerreiro.

Limpou o suor da fronte sem levantar os olhos, sem reparar que alguém o observava. Havia tudo para fazer e, acreditando nas profecias, a vitória dos *kirishitans* era certa. Como todas as guerras, cada luta significava dar o melhor do corpo, dar o melhor da alma e morrer, se necessário fosse, como Cristo; ressuscitando depois; dar a vida era o culto em que acreditavam os homens de coragem. Morrer era a etapa mais fácil. Esperar revelava-se o mais difícil dos tormentos.

Sentiu os pés gelados e só agora os reparava encharcados depois de ter andado a trabalhar à beira do rio. Seria melhor descalçar-se e tentar que secassem com a aragem. Ao concentrar-se de novo no corte do tronco ouviu o estômago praguejando, só assim alcançava a sua atenção. Não se lembrava da última vez que tinha comido. A marcha começara havia cerca de dois dias e logo fora chamado para a encabeçar lado a lado com os outros ex-samurais. Ainda não trocara nenhuma palavra pessoalmente com Amakusa Shiro, o outro nome de Jerónimo, o jovem de dezasseis anos que era líder desta revolta.

De acordo com o Bushido Shoshinshu – o Código de Conduta do Guerreiro – um samurai, se ficasse sem mestre, cortaria a sua barriga até às entranhas, partindo deste mundo acompanhando o seu superior.

Na decisiva batalha de Sekigahara, em 1600, despoletaram-se grandes mudanças no Japão. Pelo reino confiscaram-se milhares de terras aos daimios perdedores. A partir desse dia, como um tabuleiro de xadrez sacudido com violência, as peças já não seguiam as regras do jogo. Vendo aos seus senhores ser retirado todo o poder, muitos samurais transformaram-se *ronins* da noite para o dia. Muitos destes combateriam pelo imperador Toyotomi Hideyori no cerco de Osaka, em 1614, mas este, quando viu o seu castelo invadido, suicidou-se juntamente com a mãe, terminando com a era dos imperadores com poder real. O número de *ronins* atingiu assim meio milhão, vagueando pelo reino, como cães danados, enganando a pobreza, buscando onde ganhar a vida; compunham largas fileiras de jovens, enérgicos e fortíssimos samurais, ansiosos por provar o seu valor e conseguir ascensão social.

A Haru, quando em plena batalha correu a notícia da morte do daimio, surgiu, porém, outro alento: escolher o caminho da vida. E, ao encontrar uma oportunidade, esgueirou-se para o bosque, onde viveu muitos dias comendo bagas e raízes. Vira vários samurais cometerem *seppuku*, seguindo à risca o costume. Ele, de acordo com a sua conduta, caíra em desgraça, votado a viver uma vida degredada: a honra não é bem comerciável e a vida sem ela é como uma voragem de maldições.

Quem caíra em desgraça, afinal, fora o seu daimio, Senhor do clã Arima, a quem retiraram o castelo e enviaram para outro território – a notícia da sua morte veio a provar-se um boato infundado.

Quando Haru o soube, já a fatalidade das circunstâncias tinha mudado a

sua vida para sempre. Agradava-lhe mais a degeneração como destino certo do que a morte aos dezoito anos, ou seguir um dâimio por quem perdera o respeito. Havia qualquer chamamento no mistério da vida que não podia ignorar. Tornou-se *ronin* e cedo veio a lidar com o desdém dos samurais e, pior, com o remorso da decisão. No entanto, vendo as suas formas de subsistência reduzidas, não lhe faltou iniciativa para dar uso à espada, a sua mestria. E assim, buscando não morrer à fome, juntou-se a mercenários, ofereceu o seu apoio a caravanas e a sua protecção a tempo inteiro a comerciantes abastados.

Viveu evitando o destino de outros *ronins* seus conhecidos, os que abraçavam a vida de bandidos ou juntando-se a grupos de salteadores nas cidades. Não os julgava, apenas gostaria de evitar encontrá-los no fio da espada. Sabia bem quem eram: *ronins* protectores dos donos de bordéis, de circuitos de jogo, de pequenos burlões, de assaltantes. Vistos como vagabundos, constantemente à espreita de uma oportunidade para roubar, estes *ronins* viviam num mundo à margem, já não eram samurais e nunca voltariam a ser cidadãos honestos.

Passaram-se oito anos até voltar a sentir-se escolhido para uma missão essencial, chamado por Jerónimo para proteger os *kirishitans* das vilanias do xogum.

A tontura de fome lembrou-o da sua mortalidade, o seu corpo fraco impedia-o de focar a visão. A quem entregar a tarefa que ainda necessitava de várias horas para ser terminada? À sua volta só viu homens assoberbados, sem conseguir captar o olhar de nenhum deles. Uma mão pousou no seu ombro. Olhando de esguelha, viu uma mão de mulher.

Com os pensamentos mais velozes do que flechas, dificilmente controlou o impulso de a agarrar com força, à defesa. Mas encontrava-se entre amigos, chegaria o dia de disparar a matar, por agora, refreava impulsos, adia a voracidade de abater adversários. Quando os seus olhos encontraram os de Jana, surpreendeu-se.

– Tomaí, brindai o vosso estômago com esta malga de arroz. Estavam a cozinhá-lo e a distribuí-lo ali junto às barracas.

Ele tomou a taça e levou-a à boca como quem engole líquido. Ingeriu todo o arroz num ápice.

Jana recebeu a taça sem esboçar o sorriso que criara dentro de si. Fome tinha também.

Ele queria agradecer e expressar a educação que recebera, mas absteve-se de reagir, algo o impediu de ser cortês. Comera imitando um animal e agora, tartamudo, não exprimia de forma perceptível qualquer agradecimento. Agarrou de novo no machado e fez voar lascas de madeira, concentrando-se no trabalho e ignorando-a. Algumas acertaram nas saias de Jana, que se moveu imediatamente para não ser atingida e arrepiou caminho, virando-lhe as costas. Já não sentia dever-lhe nenhum favor e, de preferência, no meio daquelas trinta mil almas, gostaria de não se voltar a cruzar com este estranho

Jerónimo – a criança escolhida

Pensamentos desgovernados deram-lhe uma tontura, abriu os olhos e respirou fundo. Que havia de sagrado em si que não havia nos outros?

Sabia que nada. Todavia não lhe ocorria fazer esta pergunta em voz alta, na presença dos demais. Depositavam tamanha fé em si que seria uma traição negar-lhes o esteio espiritual.

A verdade é que Jerónimo era uma dessas crianças que hipnotizava pela franqueza do olhar. Cativava pela inteligência, nunca disfarçando a sua curiosidade pelo mundo. Para a sua idade, era um orador brilhante e naquele momento dirigiu estas palavras aos seus generais, reunidos em conselho por ele convocado:

– Sei que, como consequência da nossa revolta nos castelos de Shimabara e de Tomioka, o comissário imperial chegou, reunindo com os príncipes do Oeste, e nos vão atacar em grande força. Por isso é fácil de ver que, nas condições em que nos encontrávamos, os soldados poderiam rapidamente esmagar-nos. Fortificar-nos neste castelo e manter a resistência durante tanto tempo quanto possível é a nossa estratégia. Nós somos mais de dez mil homens habituados às armas. E, como decidimos sacrificar as nossas vidas em nome da nossa religião, não nos vão conseguir derrubar facilmente. – Perante os olhos ansiosos dos seus guerreiros, acrescentou: – A resposta à rebelião demorará cerca de vinte dias a chegar a nós. Nessa altura, também os senhores locais obterão autorização para nos invadir. Até este momento a rebelião cresceu continuamente.

– Com a ajuda de Deus continuará a crescer – interrompeu-o o sempre atento general Yamada Emosaku.

– Não receberemos qualquer apoio de Nagasáqui e Konoura, e por isso somos obrigados a repensar os nossos objectivos. Desde meio de Dezembro, apesar de não vos haver comunicado, luto para encontrar uma posição fortificada.

Muitos seriam os que se juntariam à rebelião, vindos de Nagasáqui, o centro da cristandade japonesa, mas o avanço da rebelião foi ali travado eficazmente.

Primeiro cercaram o castelo de Shimabara, por lá impondo pesadas baixas, depois o de Tomioka, mas, inesperadamente, os *kirishitans* optaram por uma evasão.

Naquele tempo Hara nem sequer aparecia nos mapas governamentais como um castelo. Porém mantinha-se como um forte natural. Vários milhares de pares de mãos podiam fazer o trabalho de restauro da muralha.

Nesse momento Jerónimo a todos pediu para retirar. Vestido com roupas ocidentais, de rabo-de-cavalo exibindo um rosto livre, inclinava-se sobre os mapas ocupando toda a mesa de cedro. Nunca se encontrara sozinho desde que a revolta começara, a rebelião era uma intensa experiência de vida comunitária. Ordenara a evacuação da sala, queria meditar, ouvir apenas os seus pensamentos e rezar durante algumas horas. Aquela casa-quartel, a ser reconstruída avidamente pelos seus homens, situava-se no ponto mais alto do recinto de Hara, era a mais longínqua de todo o perímetro da muralha, a mais próxima do rebentar das ondas contra o promontório. A continuidade de uma série de outras pequenas casas formava um pequeno bairro e, no seu conjunto, um quartel-general ou, como se pretendia, um pequeno castelo.

A sua catana descansava junto à lareira, como se fosse uma tocha de fogo a alumiar a divisão. Normalmente Jerónimo transportava-a sobre os dois ombros, demasiado grande para ser usada à cintura de um rapaz ainda em fase de crescimento. E a missão de ser o líder espiritual dos *kirishitans*, dirigindo generais que outrora tinham sido samurais, *ronins* como Haru, todos mais velhos do que ele, não seria também demasiado pesada?

Ninguém explica como nascem os mitos, nem como se propaga um incêndio. Durante o motim, muitos acreditavam que Jerónimo conseguia estar em três locais ao mesmo tempo. Autoridades em Nagasáqui passaram a pente fino as docas depois de relatos da sua chegada, não o encontrando. Entretanto, nas ilhas de Amakusa, um senhor local enviara-lhe cartas escritas por pessoas cativas em condições degradantes, e jurava tê-lo visto a rondar a sua propriedade enquanto, simultaneamente, um oficial de justiça tê-lo-ia visto em Shimabara, a liderar o primeiro ataque ao castelo local.

Em carne e osso, Jerónimo observava o mapa do castelo e arredores e os seus olhos construíam linhas defensivas, uma após a outra. Visualizava três anéis. A unha suja do indicador direito passava por cima do papel rijo, contornando algum rochedo de grande dimensão, trazendo-o para dentro da linha defensiva. Deslocou-se em círculos na sala. Depois de várias voltas, sentou-se no chão de pernas cruzadas junto à sua catana. Fechou os olhos e pôs as duas mãos no peito, uma sobre a outra, sentindo a respiração.

Encontrara o último refúgio – Hara – um castelo onde iria entregar o seu coração.

De cercantes a sitiados

Hara já albergava cerca de trinta mil pessoas. No seu cume mais elevado, o «castelo» – o quartel-general e as casas a si acopladas – estendia-se deste ponto cimeiro até ao extremo norte do promontório, onde as vagas do mar Ariake se estatelavam na base dos seus penhascos, ou seja, uma torre de

vigia natural.

A circunferência total das várias cidadelas era grande o suficiente para ter o seu próprio poço, dois lagos e uma praia protegida, ou seja, acessível apenas para os do castelo. Dentro das suas vedações existiam ainda campos onde algumas colheitas alimentariam os refugiados. Sobrava algum espaço para gente que, numa marcha constante, continuaria a chegar nos dias seguintes.

De um momento para o outro, os *kirishitans* passariam de atacantes a defensores, de cercantes a sitiados.

Hara não tinha o esplendor do castelo de Shimabara, um castelo branco de cinco pisos, novo, inabalável, construído com o dinheiro da espoliação dos camponeses da zona. O castelo de Hara mantinha alguns madeiramentos nos edifícios decadentes e nos muros não existia ornamentação.

A revolta era a única conversa na cidade e centro de imensa especulação por parte dos nobres. Mas todos concordavam: deveriam aproveitar esta oportunidade para acabar com os cristãos, podiam arrancar aquelas ervas daninhas da forma mais brutal, como uma ferida infectada.

Jana descansara um pouco, adormecendo com o filho ao colo. Ele, assim que a viu dormindo, desenhenciou-se dos seus braços e foi percorrer o recinto. Sabia que não tinha muito tempo até ela acordar, mas a sua curiosidade ardia. Por esta altura, todo o movimento era caótico. Cada família, cada cidadão, cada soldado, tentava encontrar o espaço onde encaixar os bens que tinha podido carregar, distribuindo-se pelo território de Hara, repovoando-o. Tago era uma entre muitas crianças à solta, quer brincando, lançando inocentes versos ao ar, quer deambulando, perdidas dos pais. Tago observou o levantamento da segunda torre de vigia e o lugar onde a mãe dormia – um ponto entre as duas torres já erguidas. Durante algum tempo caminhou de costas, para ter a certeza de que não se esquecia daquele lugar. Nesse instante embateu em alguém e, ao virar-se, reconheceu o estrangeiro caído no chão que tinham encontrado no caminho para o castelo. Intrigado, reparou nas suas patilhas e na barba a cobrir-lhe o rosto.

– Hoje de manhã, haveis desmaiado ali nos montes.

O missionário fitou-o com apreço. Reconhecia-o, sim, apesar de o ter visto entre o desmaio e o recuperar da consciência.

– Já está tudo bem, haveis sido o meu salvador! Como precisava de água naquele momento!

– Porque tendes todo este cabelo?

– Somos assim na terra de onde venho.

– Essa terra tem muito cabelo? – Clarimundo riu-se, mas após a alegria surgiu-lhe a apreensão. Relacionava-se com a pergunta seguinte: – De onde sois?

Evidente no seu aspecto e mais claro ainda no sotaque, Clarimundo era missionário e português. Um banido. Poucos restaram depois do édito de expulsão, em 1597, e os que, como ele, ficaram ou haviam sido martirizados,

ou conseguido milagrosamente escapar... Sempre dissera preferir a morte a fugir da verdade de Cristo.

Os japoneses do Norte – aqueles que nunca os haviam visto – imaginavam os estrangeiros como gigantes, com olhos enormes e salientes, mãos como garras, dentes protrusos. Alguns com o cabelo branco, outros vermelho, como demónios. Os seus narizes, longos de não se acreditar, quase como os bicos dos corvos, eram o ponto central da chacota, comparando-os aos *tengu* – criaturas lendárias, pássaros-possessos.

Na verdade, estes *bateren* – assim chamavam aos padres, pois os japoneses tinham dificuldades em pronunciar as consoantes estrangeiras – eram homens, não alegorias. Durante este século haviam fundado dois seminários em Shimabara e Amakusa e um terceiro em Nagasáqui.

– Vim de longe, mas sou de Deus.

– E Deus sabe porque temos de fugir para aqui? – insistiu a criança.

– Deus sabe tudo. – A previsibilidade da fuga à pergunta.

– E falais com Deus?

– Todos podemos falar.

– Então porque temos nós de abandonar as nossas casas? A minha mãe abandonou a família, não sabemos se acabarão por aqui chegar. Foi Deus que nos trouxe para aqui?

– Certamente. Meu filho, são questões muito complexas. – E ensaiou pegar na sua trouxa para continuar a percorrer o recinto. Ainda não tinha encontrado lugar onde montar o seu acampamento, as bolhas nos pés e a fome começavam a tornar-se duras de suportar.

– A minha mãe também não me responde. Achem que eu não compreendo. Mas eu compreendo muito mais do que imaginam. Por exemplo, eu sei que o Senhor Matsukura se diz cristão, mas na realidade não é.

Espantado com esta afirmação, Clarimundo voltou a pousar a trouxa: o miúdo resumira, em palavras simples, a duríssima política de impostos executada por um senhor cruelmente ambicioso.

Matsukura Katsuie, governante de Shimabara, sabia que uma colheita de arroz produziria cerca de 60 mil *koku*. Arbitrariamente, estipulou 120 mil *koku* como imposto mínimo, retirando aos camponeses tudo o que tinham. Ano após ano, os camponeses ficavam sempre mais exaustos, já não conseguindo alimentar sequer as crias do seu gado e os cavalos.

Clarimundo sentou-se, dando descanso ao ardor dos pés. Gemeu enquanto encontrava posição. Nos seus quarenta e muitos anos, a vida e as suas preocupações envelhecera-no com rapidez. Vestia o *kosode*, traje japonês, que lhe caía para os lados, bastante sujo. Sentado, ficava quase ao nível da cabeça do garoto e assim lhe falou olhos nos olhos:

– Meu filho, és valente por estares aqui e és valente por perguntares. Deves obedecer à tua mãe, que tem em ti o maior tesouro. Olha em volta... esta não é apenas uma revolta de cristãos. Quantas pessoas já aqui estão? Quantas pessoas já sofrem injustiças e há quanto tempo? Eu aqui vejo

samurais ansiando por justiça, agricultores oprimidos e, sim, também cristãos perseguidos...

– Há estrangeiros.

– Pois... eu sou estrangeiro...

– Já vi mais alguns...

Clarimundo semicerrou o sobrolho.

– Viste? Não estás a confundir? – Convencera-se de que naquela província já só sobrava ele e mais dois ou três. Nenhum dos outros teria vindo a tempo de se juntar à horda. – Se calhar, viste-me várias vezes.

– Não, não. Há mais *baterens* como o senhor.

O missionário calculou que para o miúdo todos os estrangeiros fossem padres. Se realmente existissem por ali mais forasteiros, isso era inquietante. Entre a turba, homens e mulheres foram arrastados pelas circunstâncias, inclusivamente não-crentes ou não apoiantes da causa, ameaçados de morte se não se lhes juntassem.

– A Revolta de Shimabara não é apenas uma revolta contra um senhor feudal. É uma revolta contra as injustiças deste senhor, sim, mas é contra os senhores que mandam neste senhor.

– Não compreendo.

– Eu avisei que são temas complexos. Como te chamas?

– Tago. Ao seu serviço – e fez uma vénia.

O miúdo tinha piada. Como explicar-lhe que tudo se renegava: o domínio do xogunato e o sistema dominante ali conhecido como *bakufu*? Como explicar-lhe que estes adultos preferiam morrer à fome e ser lembrados pelas futuras gerações como resistentes a lutarem pela sua dignidade?

– Escuta, a tua mãe deve estar preocupada, não devias estar junto dela?

– Ah! A minha mãe! Esqueci-me dela!

– Gostei de te conhecer, vai lá.

– Até logo.

Clarimundo via as cores do dia acentuarem-se e a poeira, agitada por tantos transeuntes, empastar os tons de Inverno nas árvores, nos rochedos, até no relvado.

O xogunato, nas conversas dos homens poderosos, já apelidava de revolta cristã este grupo de pessoas e convencia-se também de que a cristandade iria desestabilizar o país. Assim, o édito que existia contra os cristãos, sabia bem Clarimundo, seria reforçado.

Não é surpreendente, portanto, que em Arima e Amakusa a rebelião de camponeses ostentasse as cores e as bandeiras da religião proscrita. Na viagem para Hara, Clarimundo passara por muitos estados de ânimo – da esperança convicta ao desespero mais degradante. Agora, chegara ao promontório final. Não havia outro sítio para onde ir.

Jana acordara estremunhada e, logo depois do consolo de uma sesta em sono profundo, a vertigem de não saber do filho tomou-a de assalto.

Por sorte, ele não demorou a reaparecer, saltitando com outros dois garotos, já com paus e físgas inventadas.

– Onde andaste? Não te dei autorização para saíres daqui. Temos de nos manter juntos!

Os outros dois miúdos aperceberam-se da reprimenda e retornaram pelo mesmo caminho, voltando à alegria da inocência. Tago acenou-lhes, mas já não fazia parte da brincadeira, nenhum lhe acenou de volta.

– Mãe, são todos nossos amigos. Estamos aqui pelo mesmo motivo, ou não?

– Ah sim? Tens andado a falar com outras pessoas?

Jana não pôde deixar de se lembrar das palavras da avó quando discorria sobre amizades e inimizades: «Não tendes elo mais poderoso com as pessoas do que o seu ódio em conjunto por outras.»

– Encontrei um sítio para dormirmos. – Mentia, Tago só queria mudar de assunto, mas resultou. E, de qualquer maneira, sempre observara algumas possibilidades.

– Sim?

– Andei à procura de um sítio para nós, precisamos de nos abrigar antes de anoitecer.

Ventos cortantes apareciam sem aviso, alvoroçando as árvores e os cabelos. Depois, paravam de repente, como que arrependidos do rumo, voltando ao mar Ariake.

– Vamos lá ver então por onde andaste... – Decidida a não fazer deste assunto tema de conversa, agarrou na grande trouxa. A intensidade dos acontecimentos era de tal ordem que a noite lhe parecia tardar muito, mas faltava apenas um par de horas.

Atravessaram uma grande rampa de onde se observavam claramente os três fossos no recinto, dois já cheios de água, outro a ser escavado por muitos homens, fazendo da lama e da terra a sua guerra daquele dia. Jana não comentou a desobediência do filho, mas espantava-se como se podia ele ter afastado tanto, surpreendendo-se com o tamanho de Hara. Bordaavam a costa e, à medida que subiam, alcançavam uma vista mais ampla, vendo o ilhéu Yu e, para lá da baía, as ilhas de Amakusa, viradas a sul.

Esta fortaleza, à semelhança de um palco, tinha vantagem de observação para uma vastíssima região. Porque a teriam abandonado?, questionou-se Jana.

Tago tremia por dentro ao compreender que prometera algo à mãe impossível de cumprir e porque evitaria a todo o custo desiludi-la; olhava em volta procurando uma saída, um sítio para onde apontar, qualquer coisa que servisse de abrigo para se recolherem.

Jana dava sinais de impaciência. Pousou a trouxa e olhou obliquamente para Tago. Ele conhecia bem o significado daquela expressão. Deitou uma olhadela em redor e só viu casebres apinhados de famílias. Mais em cima começava uma fileira de casas de pedra, aninhadas umas nas outras, que antecediavam o quartel-general.

– É ali.

– Ali? – desconfiou a mulher.

– Ali há uma casa vaga. – E correu para lá chegar com vantagem.

Quando a mãe o alcançou, ele apontava para uma casa cuja porta entreaberta rangia com o vento.

Jana estava cansada, tinha fome, sentia-se suja, tremelicava de frio. Por momentos, por mais irracional que fosse, entregou o comando ao filho, confiou ser aquele um lugar seguro, comprou a ilusão de que o filho já teria apalavrado a estadia. Bateu à porta com o mesmo respeito que demonstraria ao portão de um palácio; no entanto, aqui só existiam paredes, o telhado voara.

– Peço permissão para entrar. – Não houve resposta. Empurrou a porta e viu várias mantas, bancos de bambu feitos recentemente, bem como uma mesa. Existia gente a ocupar aquele espaço, mas só se ouviam vozes abafadas das casas contíguas, nesta não se ouvia ninguém. Olhou para Tago pedindo explicações. Ele, para lhe fugir, entrou pela casa adentro e disse, pouco depois:

– Está aqui um senhor, minha mãe.

Jana voltou a pedir autorização, desta vez mais alto:

– Podeis autorizar-me a entrada? Procuo abrigo nos vossos aposentos.

Um grunhido de alguém, como que adormecido, indicou onde o procurar. Um homem deitado numa esteira endireitou-se a custo e manteve os olhos fechados.

– Quem está aí?

– O meu nome é Jana e este é Tago, meu filho. Sei que já falou consigo.

O homem inclinou a cabeça na sua direcção:

– Quem está aí? – insistiu.

Ela repetiu os nomes e a intenção da visita. Mas o homem de idade avançada não abria os olhos, embora tenha respondido:

– Podeis falar com o meu filho, ele não se importará, creio. De onde sois?

– De Unzen. Chegámos hoje a Hara.

– Nós também chegámos hoje. Eu não sei onde estou, será belo este lugar? A minha cegueira não me permite concluir grande coisa. Mas agrada-me o som das ondas contra as rochas. Unzen... – O homem ficou a meditar naquele lugar.

Unzen era conhecido como local sagrado desde a antiguidade.

Depois de Matsukura Shigemasa – o pai de Matsukura Katsuie – se assumir como novo Senhor de Shimabara e perseguir a cristandade, começou

a ser conhecida a tortura no vulcão de Unzen, por volta de 1627: cristãos capturados na península de Shimabara e em Nagasáqui eram enviados para lá e atiravam-lhes água fervente dos poços exigindo-lhes que renunciassem à sua fé. Os que recusassem eram atirados sem piedade para dentro do vulcão, entretanto conhecido pelos peregrinos como «o Inferno».

– Lamento a sua condição. Não queríamos perturbar. – Jana olhou para Tago revirando os olhos. Ele ajoelhou-se junto do homem, pegando-lhe nas mãos.

– Meu senhor, podemos ficar aqui, em algum canto? A minha mãe e eu estamos sozinhos.

O velho passou a mão pelos cabelos do miúdo e suavemente contornou-lhe o rosto. De voz grave anunciou:

– Ninguém deve estar sozinho neste momento, mas tereis de perguntar ao meu filho. Ele só deve voltar à noite. Ainda vai o Sol muito alto?

– Ainda falta algum tempo para anoitecer – afirmou Tago.

– Pois acomodem-se até ele aparecer. Também a minha filha está aqui connosco. Saiu há pouco para nos ir buscar comida.

Jana cobriu o rosto com as palmas das mãos. Não sabia o que dizer.

– Obrigado, sois muito generoso. – O garoto tomou a iniciativa, puxou a mãe para si e segredou-lhe: – Ele não se importa e este sítio é afastado da muralha, é o mais seguro que encontrei, ficamos aqui. – Jana olhou-o, admirada como o seu pequeno se desenhava com tanta dedicação.

– Vamos esperar pelos filhos do senhor e perceber se podemos ficar – atalhou.

A área era composta por três divisões e uma entrada desafogada. Seria possível encontrar um pequeno espaço para eles, pensou, desde que houvesse boa vontade. Fitou a troucha que já carregara até ali e desejou que o filho estivesse coberto de razão.

Nunca mais

A espera não seria longa. Sentaram-se à porta depois de avisarem o velho de que assim preferiam. Ele apareceu pouco depois. Cederam-lhe o banco de pedra e ele aceitou.

– Chamo-me Nishi Kukita.

Repetiram os seus nomes respeitosamente e instalou-se um silêncio injustificado.

– É um sítio bonito para morrer. – Nishi calou-se, arrependido. Falava de si, mas falava com uma jovem mulher e uma criança, antónimos da morte.

A verdade é que não havia nada a dizer. Que palavras escolher perante uma guerra a caminho? Nishi sentia uma grande alegria por ter esta inusitada

companhia. Para quê disfarçá-lo? Há uma alegria perversa num local sitiado. Ergue-se uma comunhão entre os seres humanos: ao mesmo tempo que se constroem barricadas contra o inimigo, homens e mulheres voltam ao primitivo prazer de pertencer a um clã.

– Gostaria de vos ajudar.

Jana agradeceu e voltaram a calar-se todos. Ela fechou os olhos por alguns segundos, tentando pôr-se no lugar do cego. Ouvia-se o bambu a ser serrado, os machados cortando madeira, bigornas enfadadas pela força bruta do ferro, vozes de homens fazendo esforços em grupo, e as gaivotas entrecortavam estes sons com guinchos vindos do céu.

Jana permitiu aos músculos amolecerem enquanto durava aquele silêncio. No momento mais meditativo do seu dia, ouviu a pergunta mais indesejada:

– E onde está o pai da criança?

Jana abriu os olhos como se a tivessem magoado. Tago levantou-se do chão para a auxiliar.

– Já não é vivo – respondeu a criança –, morreu no mar.

– Era pescador?

– Sim – responderam os dois.

– De santa memória seguramente. Lembras-te dele, meu filho? – Nishi falava sem reservas, assim são os homens que já contemplam a vida de fora, quase de saída, nada se lhes afigura como assunto delicado ou proibido.

– Eu ainda não era nascido, não me poderia lembrar.

Jana mantinha-se hirta, mas o seu silêncio não a livrava dos pensamentos. Quais eram os piores, os pensamentos ou as memórias?

Nishi começara, entretanto, um diálogo com Tago sobre a sua viagem até Hara com os dois filhos. Ela não prestava muita atenção, até Tago pedir a sua presença por inteiro:

– Mãe, escuta isto, o senhor Nishi é cego por causa da maldade dos soldados de Sua Senhoria.

– Como assim?

– Eu era cego de um olho desde os 12 anos, uma doença que me levou a visão do olho esquerdo. Quando há alguns anos eu e o meu filho não conseguimos pagar os impostos, à primeira vez avisaram, à segunda agiram, simplesmente. Mesmo eu sendo samurai, não me pouparam.

Jana mostrou a aversão, porque a cada novo horror se renova a indignação, mas ela já tinha sabido e assistido a actos violentos, abusos, maus-tratos e ataques. Cada uma das pessoas dentro do recinto de Hara teria as suas histórias para contar. E, no entanto, este não era um momento de recordar injustiças.

– Este é o momento em que dizemos: nunca mais.

Jana tocou no ombro de Nishi, amparando as suas palavras. A sua voz embargada apenas lhe permitiu este gesto. A maldade do mundo esmagava-a por dentro.

– Se o seu filho não conheceu o pai, quer dizer que já estava grávida quando ele morreu. Cada um tem as suas dores, as suas perdas. A senhora é muito corajosa. Deus lhe dê o consolo que merece.

Ela respondeu que sim. O vento parara por completo e agora o som das ondas contra as rochas chegava até eles mais puro, articulando ruídos estranhos, palavras inacabadas, mensagens do futuro.

Teria reconsiderado fazer o que fez se soubesse que estava grávida? Jana já se tinha feito mil vezes essa pergunta. Nunca conseguira encontrar uma resposta convincente. Quando se está ferido de morte, ergue-se uma coragem irracional.

Caminhos cruzados

– Quem se esqueceu de pintar as nuvens? – perguntou a criança ao ancião.

– Como assim? – tentou esclarecer Nishi.

– Tudo tem cor menos as nuvens brancas. Foi Deus que se esqueceu?

– Seguramente – sorriu Nishi e, de repente, acrescentou: – O meu filho aproxima-se. – E apontou na direcção de um soldado abeirando-se da casa.

Vinha suado e cheio de lama, a cara toda manchada, a rudez personificada. Jana não compreendeu como podia Nishi saber que se tratava do filho, se esse homem vinha a uma distância considerável, mas levantou-se do chão e endireitou-se dignamente para lhe fazer o pedido.

Nishi sentiu o filho perto e começou logo a falar:

– Temos a visita desta senhora e do seu filho. São gente honrada – intercedeu em seu favor, fazendo ver ao filho a sua garantida aprovação.

Jana ia falar, mas ficou confusa com aquela cara familiar. De novo foi o seu filho quem o reconheceu.

– Mãe, é o senhor soldado...

Jana engoliu em seco; era o mesmo *ronin* das primeiras horas da manhã, que lhe trouxera o filho e a quem ela já oferecera de comer.

– Não podia imaginar que vos encontraria aqui – disse ele.

– Os nossos caminhos cruzam-se. Apesar das nossas cóleras – acrescentou baixinho Jana.

Os dois sentiam o mesmo: detestavam ter de falar um com o outro. Havia um desconcerto interior, como se não conseguissem ser eles próprios ou firmar os passos sem cambalear.

Jana olhou para Tago, indecisa entre desistir e pedir-lhe que fosse ele a formular o pedido. Ele deu um empurrão:

– A minha mãe quer fazer-lhe um pedido importante.

Ela encheu-se de coragem, procurou palavras, mas não lhe apetecia pedir

favores.

– Chamo-me Haru Kukita – disse o *ronin*, quebrando ele o silêncio.

– Somos Jana e Tago Taguchi. De uma aldeia perto de Unzen. – E fez uma vénia discreta.

– Por favor, podeis dizer que pedido é esse?

– Foi o meu filho quem me trouxe à vossa casa. Não sabia que vos encontraria aqui com o vosso pai.

– E a minha irmã. Onde está a Emi? – perguntou Haru, surpreendido por não a ver.

– Eu pedi-lhe que fosse buscar mantimentos.

Já se contavam três pessoas a viver ali. Jana viu-se obrigada a perguntar:

– Não sabia que a casa estava ocupada por três pessoas, seguramente quatro contando com a vossa mulher...?

– Não tenho mulher. Procurais abrigo, é isso?

– Sim.

– Para vós e para o vosso filho?

– Precisamente.

– Ficai no quarto da minha irmã, ela apreciará companhia.

– Eu posso ajudar na reconstrução, para pagarmos a nossa estadia – disse Tago, impetuoso.

– Sois corajoso. Haverá tarefas mais adequadas para crianças, com certeza. Instalai-vos. Sabeis cozinhar, Jana? – atirou Haru, seco.

– Sei.

– E sois *kirishitan*?

– Sou...

– Então podeis orientar minha irmã na cozinha, que tem pouco jeito para nos alimentar. – Desapareceu para dentro da casa com o seu cheiro forte pairando no ar.

Jana respirou fundo, era a última coisa que esperava, vir a encontrar um companheiro de casa que dispusesse e tivesse poder sobre si. Havia seis anos que não tinha quem lhe desse ordens e não sentira falta disso.

O sol enfraquecia. A temperatura, suportável por algum tempo, voltava a cair, ameaçadora. Tago não podia passar outra noite ao relento. Engoliu o orgulho e uma certa repulsa e disse alto, para que ele ouvisse:

– Fico muito agradecida com a vossa bondade.

Ao fundo da rampa, uma mulher vinha carregada com duas sacas. Haru reapareceu à porta de casa com um trapo lavando a cara e fez sinal.

– Aquela a subir a colina, tão carregada que parece não se aguentar nas pernas, é Emi. Ide ajudá-la.

Jana dirigiu-se à rapariga imediatamente, mais por desejo de sair dali do que por obediência. Em que enredo se estava a meter?

– Vim para a ajudar a carregar estes pesos enormes.

– Oh, muito lhe agradeço! Vou para aquela casa ali adiante, mas já estou exausta.

– Eu sei, com a permissão do seu pai e do seu irmão, pernoitaremos convosco.

– Ah sim? Mas quem sois vós? – A pergunta saiu com indisfarçável desdém. Jana apresentou-se e ao seu filho. – Estou espantada, pois o meu irmão deu-me ordens claras de que eu não devia dizer a nenhum dos nossos familiares presentes no castelo para se instalarem connosco.

– Foi uma bondade – disse Tago, antes que a mãe se decidisse ir logo embora.

Alcançaram a ombreira da porta. Tago tentou levantar as sacas do chão, mas nem um dedo se elevaram.

– Como estamos de provisões? – perguntou Nishi.

– Temos arroz e beringelas para algum tempo. Também tinham pescado peixe bastante para distribuir. Trouxe algum. Correu melhor do que estava à espera. Sim, a comida está bem acautelada. Mas não param de chegar pessoas. Todos sabem que os portões vão fechar daqui a um dia ou dois, todos se apressam a entrar.

– Deus há-de providir a todos – apaziguou Nishi.

– Assim seja. Como tendes passado, meu pai? Haveis tomado o chá que vos deixei? – perguntou Emi.

– Esqueci-me, minha filha. Estive entretido com os nossos hóspedes.

– E como quereis que vos passe a maleita do estômago?

– Vamos lá entrar e acomodá-los. – Nishi levantou-se do banco.

Tago amparou o cego. Jana agarrou nos seus pertences depois de pousar a saca de Emi junto à porta. Tremeu com a perspectiva de viver naquela casa; criada de Emi, cozinheira do samurai, dama de companhia do cego. Sentiu o mesmo arrepio que já sentira ao entrar nos portões de Hara. Ou seria o vento a entrar pelo céu aberto sem telhado naquela cozinha? Olhou para as primeiras estrelas que piscavam no céu azul escurecido. Encurralava-se mais ainda?

Tago, pelo contrário, parecia ter encontrado a sua família. Mal conseguia conter a excitação.

Na primeira divisão – usada como cozinha, a *doma*, uma área de serviço com chão resguardado por cascas e palha –, além dos bancos de bambu, estava uma mesa com várias jarras, bacias e uma arca. Emi começou a distribuir as tarefas para o jantar e ia ditando as suas regras sem olhar, sequer, para os novos inquilinos.

– Deveis ficar no meu quarto, ainda temos de perceber como ides dormir, o tapete de tatame que lá está serve apenas para mim. O quarto em frente é o do meu pai e o último, o de meu irmão.

Os quartos mantinham o antigo chão de tábuas de madeira, embora muito velhas e com algumas falhas. Já o quarto de Haru tinha um recente tapete de bambu. Todas as divisões interiores mantinham o telhado original, excepto a cozinha.

No quarto de Haru, uma parede desabara quase por completo. Ele ficara com o pior abrigo, tendo cedido os melhores espaços à irmã e ao pai.

Jana foi entrando e espreitando até onde o seu olhar alcançava. O *ronin* lavava-se junto a uma bacia, de tronco nu e de costas. Ela agarrou no filho e conduziu-o ao quarto indicado, mas atrasou a sua entrada fixando o porte do homem assim frágil, desnudado.

– Encostai as vossas coisas junto à prateleira – disse Emi.

Essa tábua servindo de prateleira era a única coisa semelhante a um móvel naquele quarto. Jana falou alto:

– Não vos preocupeis, eu carreguei mantas que nos servirão de tapetes, vou estendê-las deste lado.

Emi manteve-se na cozinha e disse qualquer coisa imperceptível.

Não se compreenderam mutuamente e por isso Jana veio à porta, espreitando para a cozinha. Nesse momento Haru caminhava nu pelo seu quarto. Jana pôs a mão no peito e retraiu-se para o umbral da porta. Queria fugir dali. «Quem me dera não precisar desta gente», pensou. Apertou os maxilares e voltou à cozinha onde Emi, displicentemente, pegou na bacia e a empurrou para junto de Jana, dizendo:

– Depois de estenderdes a cama há muito cereal para escolher.

Era dia de Natal.

Amakusa Shiro, ou Jerónimo para os *kirishitans*

Em Nagasáqui avançava o plano para fazer frente à revolta. Ao governador juntou-se Nangatodono, Senhor das terras de Arima, que voltara à pressa de uma visita à corte em Edo.

A 2 de Janeiro de 1638 estes dois governadores partiram para a região de Shimabara, escoltados por uma força de 500 homens sob a sua insígnia. O tímido começo de um gigantesco acampamento que se montaria à volta de Hara. Não se enganaria Jerónimo. Depois da primeira, uma segunda vaga de reforços do xogum estaria prestes a chegar de barco, com um atraso provocado pelo mau tempo. Devido aos distúrbios de monta causados em Shimabara agora dirigia-se um contingente assinalável para o local. De Omura marchavam já 800 homens e duas grandes embarcações velejavam para patrulhar o rio em Nagasáqui; e chegavam a Isahaya mais 800 homens de Hizen. Todos, sem exceção, acreditavam estar perante uma revolta fácil de esmagar, uma questão de poucos dias, na pior das hipóteses.

Na verdade, todo o exército, incluindo os seus generais, pouco ou nada sabiam de Jerónimo Amakusa, de Amakusa Shiro ou os outros tantos nomes por que era conhecido o líder improvável, um garoto com a fama de ter dotes sobrenaturais em toda a ilha de Kyushu.

Ouviam-se testemunhos reais tão detalhados que chegava a haver registo de como eram os bordados do seu quimono branco, da coroa de folhas que

usava na cabeça, ou da cruz pintada na sua testa. Sabia-se que tinha sido recebido por uma multidão em festa quando aportara em Shimabara. Corria o rumor de ser muito feio, com problemas de pele graves, não se conseguindo olhar fixamente para o seu rosto. Corria o rumor de que era belíssimo, até andrógino, intimidante. Teria sofrido de uma doença de pele, doença essa que servira várias vezes de desculpa para ser autorizado a estar fora do seu local de residência.

Dizia-se de tudo, mas, independentemente do seu aspecto físico, conseguia que nele depositassem uma fé cega. Entre a multidão que o esperava, existia um exército unido pronto para enfrentar a morte certa, e esse facto sobressaltava o xogunato, mais do que a sua mística cativante.

Com apenas 15 anos já existiam várias lendas à roda de Jerónimo. Havia quem dissesse ser filho de Michael Chijiwa, um dos quatro japoneses enviados por Valignano a visitar a Europa.

Mas não correspondia à verdade, era sim filho de Pedro Masuda, cristão, e não espantaria ser Pedro um conhecido de Miguel, uma vez que privava com o seminarista de Valignano, o missionário encarregado da evangelização no Japão.

O pai de Jerónimo nascera com o nome de Masusa Yoshitsugu em 1581, um ano depois da doação de Nagasáqui aos jesuítas por Omura Sumitada e da entronização de Filipe II de Espanha enquanto rei de Portugal.

Na pequena ilha de Oyano, em Amakusa, um conjunto de ilhas no mar de Yatsushiro, a Sul de Shimabara e Nagasáqui, Pedro recebeu o baptismo. Já tinha perto de vinte anos quando a deixou, no ano de 1600, para integrar o exército do Senhor Konishi, sobrevivendo à grande batalha de Sekigahara. O seu Senhor perdeu a vida. Depois de Sekigahara não se avizinham mais batalhas, o xogunato fora claro nos seus termos, Pedro e muitos outros abandonavam forçadamente a carreira de samurais. Sem mestre, tornou-se então chefe de uma aldeia e pai de família perto de Uto, onde cultivava a terra.

Enquanto Jerónimo crescia ainda em Uto, ouvia frequentes vezes os pêsames a serem transmitidos em surdina aos familiares dos mártires, as lágrimas correndo juntamente com o orgulho de os saber no esplendoroso reino dos céus.

O período das perseguições intensificara-se à medida que os anos passavam. Em casa, sempre ouvira que era um dos escolhidos, um dos poucos, e, mesmo que clandestinamente, tinha a sorte de acreditar na verdadeira fé. Desde muito pequeno, da idade das primeiras memórias, lembrava-se dos sermões do seu pai aos pescadores e baleeiros. Existia entre os pescadores a crença de que se rezassem a Francisco Xavier a faina atingia sempre maiores quantidades. Ele próprio dizia umas palavras no fim, acrescentando-as às do pai.

Com uma prodigiosa capacidade de aprender, logo aos quatro anos, Jerónimo começou a dar nas vistas quando se sentava no cadeirão a ler em

voz baixa. Baptizado em Nagasáqui, terá passado ali algum tempo a aprender caligrafia e a arte de boticário.

No início da sua adolescência acompanhava o seu pai às ilhas de Amakusa e a Nagasáqui. A coberto das visitas de «estudo» do filho, Pedro Masuda iria pregar a estes locais sob o disfarce de tutor, ou para intervir junto de cristãos em apuros. Nessa altura terá ficado doente e, devido à quarentena, não conseguiu voltar a casa quando previsto. Também se suspeitou ser apenas uma história para manter as autoridades longe dele, deixando a suspeita de que podia ter lepra.

Em Hara, na casa a ser muralhada com reforço de pedra, acorçado na esteira, Jerónimo lia a Bíblia em voz alta, lembrando a coragem do pai. Sabia ser ouvido e, enquanto o ouvissem, provavelmente não o interromperiam. Sentia sede de meditação, de silêncio e, se pudesse admitir, de descanso.

– Senhor... – Um *ronin* pedia permissão para entrar.

Fechou os olhos e puxou os cabelos para trás. Tinha-os mantido soltos enquanto rezava.

– Passai. Que tendes para me transmitir?

– O povo, Senhor... O povo não cessa de chegar.

– Esplêndido, é sinal de que estão do nosso lado – disse Jerónimo calmamente.

– Não me leveis a mal, podeis carecer da informação: daqui a pouco superamos o número de mulheres, crianças e velhos ao número de soldados. Há a preocupação do espaço. Haverá mantimentos para todos? – perguntou hesitante o *ronin*.

– Certamente. Deixai-os passar! A ordem continua a ser a mesma: portões abertos até se tornar demasiado próximo o ataque do xogum.

– As provisões que angariámos são, sem dúvida, suficientes para bastantes dias. Mas não sabemos quanto tempo teremos de permanecer aqui. Há generais inquietos...

– Se a preocupação é dos generais, e não vossa, mandai-os vir aqui dizer-mo pessoalmente. Por ora vamos receber todo o nosso povo *kirishitan*, que nos merece respeito e jurámos proteger.

O *ronin* ficou sem resposta, confrangido entre a vergonha de o ter mencionado e a atracção por aquela forte coragem.

Esta missão suplantava todos os desejos de Jerónimo, oscilava entre a alegria por ser o líder deste movimento e o medo de falhar. No mesmo coração onde morava a fé sem fim, vivia um menino desamparado.

– Como está a construção do terceiro fosso? – tornou Jerónimo.

– Em bom progresso.

– E as barreiras junto ao pântano?

– Temos bambu que chegue. O trabalho progride bem.

– É uma boa nova que me trazeis. Preparai um correio a cavalo que circule por todo o castelo anunciando que vou falar publicamente ao fim no dia, na torre principal. Peça-se ao povo que se junte a nós.

Conversas de taberna

Entretanto, sem o deixar transparecer, o xogum aguardava com ansiedade o enviado especial de Okamoto Shinbei, o homem que contivera o ataque a Shimabara. Fora pedido com urgência, mas Ren Jun tardava em chegar. Só quando lhe explicasse detalhadamente o que ali se passara, o xogum teria a noção da gravidade dos acontecimentos. Por agora, apenas sentia acesa a curiosidade. Entre as preocupações de governar o grande Japão, os desacatos no Sul ocupavam um lugar vago nas suas prioridades, no entanto, queria ouvir esse relatório o mais cedo possível.

– Onde anda o mensageiro de Okamoto?

– Por esta altura, Sua Senhoria, deve estar a chegar a Osaka. Em dois dias tê-lo-emos neste salão...

– Alimentem-no assim que chegar, mas quero que venha à minha presença mal termine essa refeição.

– Mesmo que chegue de madrugada?

– A qualquer hora do dia ou da noite...

*

Ren Jun cavalgava há tanto tempo seguido, coisa pouco consentânea com a saúde dos ossos que, naquela noite, decidiu acampar junto a umas tropas de Nagóia. Mostrou a documentação que asseverava vir sob incumbência imperial e ser esperado pelo homem mais temido do país.

– Vou em missão para pôr fim a toda a espécie de atropelos à lei.

Ofereceram-lhe tenda para ele e para o seu criado, bem como comida e água para ambos e para os seus cavalos. Depois de descansar um pouco, percebeu que não conseguiria dormir. Sentia as pernas dormentes do esforço, a digestão pesava-lhe, já não comia assim desde que partira de Shimabara. Mas, acima de tudo, ouvia os homens na algazarra, e teve vontade de experimentar o *sake*, afinal faltava menos de um dia para chegar ao seu destino.

Quando procurou, aproximando-se no escuro, entendeu tratar-se de um grupo pequeno, mas barulhento; encontravam-se distantes da sua tenda, mas as vozes ouviam-se tão bem por já estarem muito alterados, gritavam e escutava-se perfeitamente o teor das conversas.

Alguém o viu e mandou-o entrar servindo-lhe um copo farto, sem ele ter pedido coisa nenhuma.

– Ora contai de onde vindes e que novas levais ao imperador! – O homem falava de ânimo leve, sem se concentrar no que dizia, ora arriscando ser inconveniente, ora entornando *sake* sobre o mensageiro.

Ren Jun respondeu evasivo, sem vontade de encetar conversa, mas sedento por mais daquele líquido que lhe aquecesse a alma, trazendo-a a casa. Não era um samurai comum. Cronista, ganhava a vida a escrever, o que em

sede do corpo militar japonês correspondia a fazer relatos exaustivos das táticas necessárias a cada movimentação do exército.

Escrever e beber já tinham sido sinónimos muitas vezes.

Dali a uma hora já tudo era neblina, a noite leve e excitante. O tipo que o convidara mantinha presa a sua atenção e queria saber mais da situação do motim a que ele aludira. Quanto mais Ren Jun contava, mais lhe era oferecida bebida, e assim a língua se foi soltando, numa troca inconsequente.

– E como sabeis tudo isto? E porque só agora é que enviam notícias ao xogum?

– O mensageiro já seguiu há mais de uma semana. Eu não sou correio. Eu sou cronista. De mim esperam um relatório minucioso. Além disso, o castelo de Shimabara é uma torre de cinco andares com uma vista imbatível para toda a zona de Unzen. Do outro lado, as ilhas de Amakusa vêm-se ao longe e um vigia, num dia límpido, consegue observar a toda a volta, pode até avistar Hara e Kutchinotsu, controlando tudo.

– E vossa mercê, é vigia?

– Não, já disse, sou um cronista.

– O que se passa nesses lugares e porque começou esta revolta? Isso parece um desacato de mendigos...

– Também assim o pensou Okamoto Shinbei, até ao dia 11 de Dezembro – indiciou Ren Jun.

– O que aconteceu nesse dia? – perguntou o soldado.

– Começou a encarar as notícias seriamente. Decretou um confinamento em Shimabara.

– Ninguém entra, ninguém sai. Isso já são medidas desesperadas.

– Oh! Só lá estando se acredita, ver os soldados japoneses de Okamoto, Senhor todo-poderoso, irem à pressa buscar mantimentos para se barricarem dentro do castelo, fechando os portões interiores e exteriores. – Ren Jun envolveu o copo com as duas mãos.

– Fecharam-se dentro do castelo? Mas quem eram esses rebeldes?

– A pergunta é: quantos? – Ren Jun abriu muito os olhos. – Okamoto, Senhor de Shimabara, não estava prestes a enfrentar um pequeno grupo de camponeses contra o qual tanto queria arremeter, mas uma carga de milhares de inimigos. – O companheiro da noite puxou do caneco e serviu mais uma taça. Aquilo estava a tornar-se interessante. – Enviou uma força que lhe parecia mais do que suficiente para lidar com a insurreição – tornou Ren Jun. – Trezentos soldados acompanhados por quinze samurais e oitenta espingardeiros.

– Não é um grande exército – disse outro dos soldados, que se posicionara na fila dianteira de cerca de uma dúzia que o escutava atentamente.

– Cerca de um quinto da cavalaria total do castelo. – A voz entramelava-se, mas Ren Jun tinha um raciocínio lógico, matemático, não falhava. – Okamoto tinha um ataque surpresa planeado; saíram do castelo à

noite, marchando algumas horas até Fukae, onde julgavam localizar-se o campo dos rebeldes, a tempo de um ataque ao amanhecer. Os cavaleiros tinham ordem directa para matar todo o conspirador que encontrassem.

– Vem aí matança.

– Os comandantes terão pensado algo semelhante: «Isto é uma escaramuça com os camponeses e não durará muito a acabar. É matar todos sem misericórdia.» Não eram apenas as tropas de Okamoto a mover-se pela calada: ao mesmo tempo, aldeões do Sul de Fukae também se juntavam aos rebeldes. – Olhou para o copo quase vazio, nada disse, mas não era necessário. – Antes de os samurais estarem posicionados já se ouvia um grito de guerra avançando sobre eles, para sua surpresa, um grito de guerra que já não ouviam há muitos anos.

– Algum canto cristão?

– Sois sagaz como uma águia. Santiago! Santiago! É um santo espanhol, e ouvia-se muito, muito alto.

– O xogum achará isso imperdoável – disse um homem ao canto que ainda não havia participado na conversa.

Os presentes aguentaram o fôlego das perguntas, deixaram-no saborear a bebida enquanto ele deixava que germinasse mais atenção à sua história.

– Vestiam-se de forma estranha, vestimentas brancas que se usam no baptismo cristão, muitos com cruzeiras nas suas cabeças rapadas. – Ren Jun falava com o tom inebriante dos grandes contadores de histórias.

– Contais ao detalhe – comentou o soldado.

– Vi tudo o que descrevo da torre do castelo. E depois ouvi os relatos. O que se via do topo do castelo de Shimabara eram grandes fogueiras ao longo de toda a costa e colunas de fumo na mais longínqua Amakusa. Ouviam-se armas a disparar por entre as árvores e samurais entrando aos berros na morte.

– Não gostais do som da espada a quebrar os ossos? É a sensação mais maligna do mundo e a mais viciante.

– Não manobro bem a catana – respondeu o cronista.

– A vossa espada são as palavras, estais bem equipado com elas.

Ren Jun sorriu. Já tinha uma década ao serviço a Matsukura Katsue, mas sem dúvida nunca imaginou estar a caminho de Edo para proferir o relato solicitado pelo próprio xogum. Nenhum nervosismo o atacara, só orgulho e brio.

– Continuai!

– Os espingardeiros de Matsukura fizeram pontaria à primeira fileira de rebeldes que se aproximava. Quando a fumarada se dissipou, cerca de vinte camponeses estavam mortos ou definhavam, os restantes tinham-se atirado ao chão para se protegerem.

– Como seria de esperar.

– Se os rebeldes tivessem ficado na linha de costa ou no caminho que a bordejava, seriam rapidamente dizimados. Mas agora arrastavam-se pelo chão e encontravam escudo nas árvores.

- Bebei mais um pouco pois já percebi... estamos longe do desfecho.
- Uma coisa se constatava, os camponeses não fugiam como cordeiros. Nem estavam só armados com foices e pás. Alguns dos veteranos de guerra haviam guardado as suas espingardas e outras armas de caça.
- Bela surpresa...
- Sim... Acima de tudo, os cabrões eram experientes.

Crónica de guerra

Nem a possibilidade de um banho fora oferecida a um viajante de mais de uma semana nos caminhos estafados do interior do Japão. Viu biscoitos manju na mesa e a ordem expressa para que os comesse sem demora para se restabelecer.

Desde que entrara nos portões imperiais, como mosca enxotada, Ren Jun não tivera tempo de se preparar mentalmente para a presença de tão nobre figura.

Porém, quando chegou junto dele, as perguntas sucederam-se sem pressa, o xogum queria entender detalhes e, para seu espanto, recolher a sua opinião. O grande contraste acontecia entre o seu cheiro a cavalo e o perfume a lavanda do Senhor Iemitsu.

- Havia suspeitas da organização de uma revolta destas?
- Shimabara é um local de concentração de crenças proibidas, onde vivem contrabandistas e pregadores de religiões estrangeiras, por isso não é de espantar que ali ainda haja muita desobediência à lei.
- Do modo como falais parece que se estimulava essa desobediência.
- Permiti-me a clarificação, Senhor. O xogunato encorajou fortemente que as armas fossem entregues às autoridades depois da guerra civil. Os dáimios de Shimabara e de toda a ilha de Kyushu implementaram essa política. As armas estrangeiras foram destruídas juntamente com os estrangeiros expulsos, mas muitas armas foram guardadas como objectos importantes de família. A desobediência foi desencorajada e punida, mas, para estes samurais, manter o seu armamento era uma questão de honra.

O xogum suspirou com desprezo, como quem se depara pela primeira vez com a incompetência dos outros.

– Isso não responde à pergunta. Mas continuai, já me haveis contado do grande número de camponeses que cercaram o castelo...

– Dia 11 de Dezembro, quando Okamoto Shinbei encarou as notícias seriamente, ordenando um confinamento em Shimabara, os seus homens foram à pressa buscar mantimentos para dentro do castelo, fechando os portões interiores e exteriores.

E, lendo as raras expressões faciais não contidas do xogum, Ren Jun

percebeu que era altura de abonar em favor de Okamoto – e, consequentemente, do seu amo Matsukura Katsuie – para que o retrato que pintava dele não o desfeiasse de todo.

– Premeditadamente, arrastaram também muitas pessoas das redondezas, pensando que podiam servir de reféns, podendo ser aparentados com os rebeldes.

– Hummm – roncou Iemitsu.

– Okamoto enviou uma força que lhe pareceu mais do que suficiente para lidar com a bizarra insurreição: cerca de um quinto da cavalaria total do castelo. As fatalidades no lado dos rebeldes aconteceram sobretudo no primeiro ataque, quando os espingardeiros estavam a postos para disparar. Mas poucos espingardeiros de Matsukura conseguiram acertar nos alvos, e não teriam oportunidade de carregar a arma atempadamente.

– Dando a oportunidade de os rebeldes saírem do campo de visão e se posicionarem...

– De facto. Atrás de árvores, rochas ou simplesmente deitados na areia da praia, escondendo-se atrás de erva alta, os rebeldes fizeram pontaria certa. Os cavaleiros eram o alvo mais óbvio, cinco ou seis foram mortos imediatamente. Os soldados tentaram manter as suas posições, mas estavam demasiado expostos e foram atingidos sem escapatória.

O xogum desviou o rosto, escondendo uma certa vergonha provocada pelo que ouvia.

– Cerca de cem soldados da infantaria caíram mortos antes de os restantes começarem a recuar apressadamente na direcção da estrada de Shimabara – o cronista fez uma pausa, como para moderar o humor, intuindo ter ele próprio o pescoço em risco, como reacção às palavras que oferecia.

– Continuai sem medos, quero todos os detalhes. Essa é, pois, a vossa missão.

– Quando fugiam não tinham tempo de olhar para trás, para o longo estreito da costa de Amakusa. Ali, à distância, primeiro uma, depois outras, depois dezenas de fogueiras, tornavam vermelho o céu da manhã. Os templos budistas de Amakusa estavam a arder, vi-o eu do topo da torre do castelo de Shimabara.

– Calculo não ser este o resultado que Okamoto esperava – interveio o xogum, irónico.

– Eram três da tarde e conseguíamos ouvir os sons dos disparos da batalha. Pouco depois assistíamos aos nossos soldados batendo em retirada, notando a ausência da cavalaria, todos correndo, enquanto os espingardeiros tentavam cobrir a retaguarda, refugiando-se no castelo.

O xogum não queria acreditar no que ouvia. Okamoto tinha sido protagonista de um desastre.

– E que ordens deu Okamoto nesse momento?

– Inicialmente tinha pedido às tropas restantes para se manterem fora dos portões do castelo. Só então, assistindo à chegada de mais e mais

rebeldes, percebeu que os seus homens não mentiam quando diziam serem aqueles muitos. Seriam mais de 1500, apesar das mortes já infligidas. Também se teriam juntado a eles homens vindos do Sul.

Okamoto vira-se forçado a admitir a derrota: ordenara aos seus homens que viessem para dentro do castelo, fechando o portão com estrondo. Mas estas palavras não as verbalizou o cronista porque estava tudo demasiado claro.

– Aproveitou a confusão para mandar um mensageiro, esperando fazer chegar o pedido de ajuda ao governador vizinho, avisando que o castelo de Shimabara estava cercado.

– Que mais estragos e ataques ocorreram em Shimabara?

– Com as nossas tropas presas lá dentro, sem munições, os rebeldes dirigiram-se para o centro da cidade, com a prioridade de atacarem dois templos budistas, logo incendiados. Também lançaram fogo a casas e aterrorizaram a população local. E com isto, apesar de não serem crentes na fé de Cristo, para tentarem fugir à morte, muitos juntaram-se com relutância, e o número rapidamente aumentou para oito mil homens.

O xogum esmurrou a mesa que tinha à sua frente. Aguentou a raiva entre os dentes, mas olhou furioso para Ren Jun, como se ali estivesse o líder dos rebeldes, e não um súbdito humilde.

Dentro do castelo, também não fora fácil gerir os ânimos, Okamoto tentava freneticamente manter a ordem, mas tornava-se evidente que muitos da soldadesca eram parentes ou até simpatizantes dos rebeldes. Em vez de defenderem o castelo, bastantes tentavam escapulir-se, levando consigo boas espingardas, armaduras e outros tesouros. Apesar de ser esta a continuação do relato cronológico, Ken Jun não arranjou coragem para o incluir no seu discurso. Optou antes por acrescentar:

– E assim continuou durante dias, os rebeldes conseguiram furar o portão exterior; continuavam relativamente mal-armados, sem armamento pesado, nem sequer armaduras, daí tantas baixas nos primeiros confrontos. A frente do castelo é coesa, não cede com facilidade, mas o mesmo não se pode dizer do avanço das forças rebeldes ao longo das ilhas de Amakusa, Senhor, alguns destes lugares são muito vulneráveis.

– Como assim?

– Como sabeis, saí do castelo e cavalguei noite e dia para aqui chegar. O que se passou a seguir à minha partida do castelo, pelos arredores de Shimabara e nas ilhas de Amakusa, são apenas ecos, rumores, histórias que recolhi ao longo do caminho.

– Dizei tudo o que ouviste.

– Em Sumoto...

– Onde fica Sumoto? – gritou o xogum, e logo entrou um criado carregando um grande mapa, que estendeu no chão, e se colocou em sentido.

– Indicai!

Ren Jun pousou o indicador num local sem nada escrito, fazendo pontaria numa ilha entre Emi e Kagawa.

– Há a história de um homem *kirishitan* que ao entrar em Sumoto, aparentemente sozinho, disse aos aldeões que o tempo de Deus chegara. O fim do mundo estava próximo, e deviam todos renunciar às falsas religiões e deixar Cristo entrar nos seus corações. Continuou o seu monólogo até um magistrado tirar a espada e o matar de um só golpe.

O xogum riu-se desprevenidamente até se recompor e dizer:

– É o que merecem esses cães.

Ren Jun tinha a capacidade de equilibrar cada capítulo para que, apesar de contar a verdade, não revelar o tamanho do desespero do seu amo. Era mestre em ler emoções e, quando possível, em conseguir manipulá-las, e toda a sua atenção, neste momento, estava em manter-se vivo e granjear a simpatia – e, com ela, o apoio – das tropas da corte imperial.

No entanto, se contasse apenas os factos, provavelmente não diria mais nada nesta vida.

– Entretanto chegou um provimento de arroz ao castelo, o que ajudou o moral, enviando também um sinal aos rebeldes de que mais ajuda podia estar a caminho. Foi o acontecimento mais importante até à data e até eu partir de Shimabara, pois vimos os rebeldes a fraquejarem e por fim e retiraram-se para o castelo de Hara. Do resto, creio que já tereis mais informações, por correios que sei que partiram dessas bandas.

– Confirmais a minha suspeita de que Okamoto foi inútil para lidar com este levantamento. Tomarei providências. Algo mais a acrescentar?

O cronista guardara a pérola para o final.

– Estais ciente, por esta altura, de que o líder é Amakusa Shiro, a quem também chamam Jerónimo?

– Tratais-me por parvo?

– Jamais, Senhor, apenas queria declarar que me foi contado os nossos já terem capturado a mãe de Jerónimo, Marta, as suas irmãs Regina e Marina, bem como o tio, irmão do seu pai, todos foram presos.

– Isso é bom, isso é muito bom...

Aprovisionamento

Jana lavou a roupa suja que trazia consigo. Quando terminou, logo a irmã do *ronin* a encarregou de lavar a roupa dos três outros habitantes da casa

muralhada. Entre ajudar Tago solicitamente e lavar esta porção de roupa no alguidar, Jana esteve duas horas sem respirar fundo, empreendeu as tarefas com os olhos no seu concluir, sem fome que a atrapalhasse, sede, ou outras carências.

Mas, quando acabou a trabalhadeira solitária, veio à tona o cansaço e sentiu uma intensa vontade de sair daquele lugar. Pediu então a Tago se podia ficar em casa enquanto ela se dirigia ao local onde distribuíam mantimentos.

– Mãe, se não vos posso acompanhar para nos alimentares, de que sirvo eu como filho?

– Ó querido Tago, não me voltes a perguntar tal coisa. Agora ouve-me, por favor: esta gente que nos acolheu é gente honrada. Devemos também a eles rectidão. Ficas perto de Nishi e da sua filha, ajudando no que te pedirem enquanto me ausento?

– Por quanto tempo?

– Apenas vou buscar as provisões que nos atribuírem, não podemos pesar com mais duas bocas neste lar. Imagino que antes do cair da noite já esteja de volta.

– Farei como me pedis.

Jana sorriu. Agarrou-lhe as mãos de forma ternurenta, gesto do qual ele se desenhenciou, gravitando à sua volta aos saltos.

Quando começava a descer a grande encosta, Jana compreendeu que algo sucedia no recinto: Hara congregava-se num só ponto, as pessoas, como formigas ordeiras, seguiam os mesmos carreiros a caminho da torre principal. Ela fez uma parte desse carreiro até ao ponto em que abandonou a rota de todos os outros e se dirigiu ao espaço onde distribuíam mantimentos, junto à muralha em reconstrução.

Havia uma pequena fila chegando à tenda improvisada dos víveres, e avançava velozmente. Esperava tudo menos receber a ração estipulada em menos de dez minutos. Mas todos fugiam para algo que ela não sabia estar a acontecer e por isso mesmo, tocando ao de leve no ombro do homem que se situava à sua frente, perguntou:

– Sabereis dizer-me porque todos se dirigem à torre?

Ele virou-se e irradiou um sorriso benévolo, como quem encontra um amigo numa parte distante desse mundo imenso.

– A senhora!

– O senhor, aqui?

Era o estrangeiro a quem Jana prestara auxílio. E reparou imediatamente no estranho objecto que usava na cara.

– Já está na altura de vos perguntar educadamente: qual a vossa graça?

– E eu a vossa.

– Clarimundo Céu.

Ela repetiu com dificuldade.

À terceira conseguiu pronunciar o nome, como era hábito dos japoneses que se esforçavam por dizer correctamente todas as palavras portuguesas

usadas entre si.

– Perfeitamente.

Ela conteve um atropelo de perguntas. O que estava um estrangeiro ali a fazer? De que país? Portugal? Espanha? Itália? Porque não saíra do Japão enquanto a perseguição não chegara a este extremo? Que pensava ele desta rebelião? Porque se apresentava tão andrajoso? Que estranhos aros metálicos eram aqueles que usava à frente dos olhos? Jana engoliu em seco. Esperou que ele próprio começasse a resolver o enigma que apresentava.

– Espero que já tenhais encontrado abrigo.

– Felizmente já estou alojada.

Clarimundo ia perguntar-lhe onde conseguira casa, mas percebeu a inconveniência da questão. Pensou rapidamente no que dizer a seguir.

– Querendo Deus, também eu hei-de encontrar onde dormir. Vim buscar mantimentos primeiro, mas só agora me apercebi do sermão de Jerónimo. Sinto culpa por estar a dar prioridade aos meus instintos primários em prol de escutar o enviado do Senhor na Terra. Mas, como bem sabe, eu senti-me mal e não há outro motivo, creio, do que o simples facto de não me alimentar há cinco dias.

Jana prestou atenção à sua figura. Devia ser um homem robusto, pois a fome não lhe retirava o ar roliço e até a cor nas faces.

– Acreditaís no poder divino de Jerónimo?

– Não sou o único – contestou, avaliando o que estaria por detrás desta pergunta. – Desde que parti de Portugal sempre soube que esta missão não ia ser fácil, mas que conseguiríamos trazer a luz ao Japão. Afinal, encarnou num filho deste lugar. Deus sabe o que faz.

Jana não podia deixar de reparar que, por detrás de um sotaque cerrado, ele falava um japonês sem erros; tão pouco no seu aspecto jovial, embora fosse mais velho do que ela.

– É um homem de fé, admiro-o por isso – foi o único comentário que Jana ofertou.

– Eu sei o que está a pensar. Porque é que não embarquei enquanto era tempo e não regressei a Portugal?

– Já pensou que pode nunca mais sair de Hara? Quem virá em nosso auxílio? Estamos encurralados... – disse hesitante.

– Quem tem Deus do seu lado pode enfrentar mil espadas sozinho.

– Há quanto tempo está no Japão?

A fila diminuía até chegar a vez de Clarimundo ser atendido. Começou então a falar com o *ronin* que distribuía comida. Um outro aproximou-se de Jana, começando a juntar o arroz, a cevada, a soja e as algas para lhe atribuir. Ao longe ouviam-se clamores, reacções da multidão ao discurso de Jerónimo. Receberam a ração que lhes cabia, surpreendidos com uma certa abundância, agradeceram e despediram-se. Os dois *ronins*, ao perceberem que já ninguém se aproximava, recolheram as sacas para dentro do casebre e fecharam as portas, deslocando-se provavelmente para a torre de vigia. Num local onde, de

forma frenética, circulavam milhares de pessoas, agora só viam um aglomerado de gente numa massa única, pululante, ao longe, junto à estrutura venerada. Jana e Clarimundo ficaram, assim, estranhamente sós.

– Bem, vou andando – Jana distanciava-se quando ouviu o missionário.

– Cheguei ao Japão no ano de 1606, o ano em que o sistema anticristão se organizou e implementou.

A boa educação impedia-a de continuar, não havia nenhum bom motivo para não reatar a conversa.

– Quando chegou, já a região de Kyushu contava com três gerações de crentes.

– Crentes esses que tudo fizeram para proteger os missionários. Como os podia abandonar? Envergonho-me, aliás, dos meus irmãos que fugiram.

– Foi o único que ficou?

– Não, há vários, talvez algumas dezenas.

Não menos do que quarenta e sete missionários se recusaram a fugir, incógnitos; outros chegavam de fresco desembarcando das naus. O *bakufu* assegurava assim a sua superioridade, usando a desculpa de escrutinar todas as réstias de cristianismo, um importante instrumento de controlo social pelo país.

– Há muito tempo que se usa a desculpa do «perigo cristão», como se fosse a pior praga do Japão. Como se os cristãos fossem contagiosos – disse Jana.

– A fé espalha-se, lá isso é verdade – sorriu Clarimundo –, mas é um contágio impossível de travar. E a senhora, por que tormentas também já terá passado? Não posso cair na tentação de me vitimizar, a minha vida é fácil comparada com a de muitos dos meus irmãos.

– Não tem sido fácil para ninguém. – E Jana baixou o rosto tentando encontrar um fim para este diálogo, retirando-lhe o alimento.

– O seu marido... – Clarimundo tentava adivinhar a dor de Jana. – Eu sei que não foram só os padres a sofrer... Os crentes deviam ser caçados, renunciar à sua fé, ou seriam executados. Os seus simpatizantes ou cúmplices, os portugueses, deviam ser banidos. – E agarrou na mão de Jana. Ela, petrificada, sentiu-se presa numa armadilha. – A maioria dos cristãos é levada à apostasia ou tornam-se cripto-cristãos, mas o seu esforço será recompensado por Deus. Suspeito ser essa a mensagem que está a ser passada ali em baixo. O seu marido está no Céu e não deixará que nada de mal lhe aconteça.

Jana queria puxar a mão e fugir daquela conversa que entrara no domínio das areias movediças. Sem verdadeira vontade de ajudar, mas por ser a única frase que lhe ocorria para se desembaraçar daquele momento, atirou:

– Na casa onde estou há um *ronin* influente. Vou perguntar-lhe se há em Hara algum lugar para um homem de Deus.

Uma multidão aos pés de Jerónimo

À hora marcada, milhares de pessoas amontoavam-se junto à torre principal com conversas em surdina que se transformavam numa voz única zurzida pelo vento. Acorreram em massa, poucos seriam os que não estavam presentes, apenas os prostrados em camas ou moribundos e a maior parte dos *ronins*, que não comparecera. Circulara a ordem de que os trabalhos não podiam ser abandonados e por isso não estavam convocados para esta prédica. Em toda a extensão da pradaria havia cabeças e olhares deslumbrados à espera da chegada de Jerónimo, o jovem místico. Chuviscava e o céu azulava de seguida, dando lugar ao sol e depois à nova dança de nuvens, criando efeitos coloridos na iluminação zenital.

Jerónimo apareceu cavalgando, vindo da parte cimeira do castelo. Quando se aperceberam da sua aproximação fez-se um silêncio incontestável e alguns ajoelharam-se, baixando o rosto.

Ele subiu à torre com destreza e, sem expressão identificável, encarou o seu povo. Via neles o desespero, depois de anos de perseguições, privados de padres que os motivassem como guias espirituais.

Nem para ele era claro: cruzada religiosa ou um levantamento de camponeses?

O coração de Jerónimo acusava o peso de uma organização espontânea poder ter chegado tão longe. Tremiam-lhe as mãos e deixou-as atrás das costas, como um professor paciente.

Do cimo da torre principal havia uma vista impressionante: banhado pelo mar em três dos seus lados e protegido por um fosso, Hara fortificava-se com robustez. De fora apenas se avistavam umas quantas cavernas rochosas prosseguidas por muros de rocha, mas pelo lado de dentro soberbas linhas defensivas alçavam-se da noite para o dia, num esforço de equipa milagroso.

Jerónimo compreendia melhor agora o alerta do *ronin* que o visitara. Havia uma fila humana a entrar ininterruptamente e a perder de vista ao longo da estrada de Unzen.

Começou a fazer uns gestos imperceptíveis e sons imitando chilreios. Chamava um pássaro. Pouco depois um milhafre-de-orelhas-pretas pousava no seu pulso, olhou-o profundamente e pôs um ovo na palma da sua mão. Para gáudio da assistência, Jerónimo quebrou o ovo e de lá retirou um pequeno pergaminho com uma citação da Bíblia. Leu em voz projectada com potência.

«Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vos teria dito. Vou preparar-vos lugar.» (João 14:1-2)

Reagiram com um «ohhhh» prolongado e profundo. Houve quem se benzesse.

Jerónimo não hipnotizava só animais: quando se concentrou no povo, conseguiu de cada um toda a atenção, quase suspendendo a sua capacidade de

piscar os olhos.

Os seus generais encontravam-se à beira das escadas da torre, observando ao redor e quase não acreditando como podia a devoção por Jerónimo chegar a este grau. Sorriam, assegurados por uma evidência: a Jerónimo, quase nem era necessário falar para ter a afeição do povo. Todos aguardavam o seu discurso e houve um certo inebriamento quando da sua voz surgiram estas recordações.

«Queridos amigos, crentes em Deus, irmãos de fé,

Vivemos a mudança dos tempos prometida pelo Pai. Já lá vai o tempo em que nos perseguiam e humilhavam. Piedade aos que morrerão às nossas mãos, mas o reino dos Céus é nosso.

Triste tempo esse em que as autoridades perseguiam todos, ricos e pobres.»

À mente de todos surgiu o episódio recente em Kuchinotsu, quando as autoridades perseguiram o agricultor mais rico, Yosaemon, para que servisse de exemplo à comunidade.

«Não toleraremos mais que entrem em nossas casas com exigências impossíveis de cumprir.»

Jerónimo referia-se à gota de água que despoletara a rebelião, quando o oficial quezilento Tanaka Soho e os seus fiéis sequazes entraram à força na casa deste agricultor, exigindo taxas que nem ele conseguia pagar. Quando o oficial se recusou a conceder uma extensão do prazo, ordenou aos seus homens que agarrassem na filha de Yozaemon, grávida de muitos meses, e prenderam-na numa jaula parcialmente submersa no rio. O pai implorou que a substituíssem por ele, mas o oficial foi imperativo: «Será libertada quando nos entregar as trinta sacas de arroz.»

Jerónimo fechou os olhos uns instantes e pousou a mão no peito.

– Oremos por esta mulher e pelo seu filho.

Em uníssonos rezaram uma Ave-Maria.

A jovem conseguiu resistir à tortura seis noites e seis dias, sem dormir, até entrar em trabalho de parto e morrerem mãe e filho.

– Foram longe demais. Tudo terminou naquele momento e já devia ter terminado muito antes.

Os presentes urraram de êxtase. A raiva, a vergonha provinda da humilhação, a sede de viver e de dar uma vida ou, pelo menos, uma morte digna para si mesmos e para os seus, vinham em doses iguais naquele bramido animal.

O que acontecera a Yozaemon já acontecera a todos eles e às suas famílias. Mas para este, além da perda irreparável, significava também o fim da sua descendência, o fim do futuro. Num ímpeto colérico, mas com olho estratégico, apelou aos outros agricultores veteranos da batalha de Sekigahara para que se lhe juntassem e cerca de setenta prometeram-lhe lealdade.

Kuchinotsu foi o palco da primeira revolta, mas logo de seguida deu-se outra, em Amakusa, onde decorreria um episódio semelhante em horror. Em

finais de Novembro já a força se multiplicara por dez com sede de vingança. Tanaka Soho, determinado a fazer cumprir o pagamento das taxas, viu a sua casa em chamas e fugiu para perto do castelo de Shimabara. Ele pensava ser um ataque isolado, como o de Kuchinotsu, mas outros ataques ocorreram simultaneamente a oficiais do regime de Matsukura, em várias aldeias da Península. O filho de Matsukura, Katsuie, no poder desde 1630, estava ausente em Edo, e por isso fora um grande latifundiário da zona, Okamoto Shinbei, quem, sem grande eficácia, rechaçou os ataques.

– Chegámos aqui porque é aqui que devemos estar. E Deus guiou-nos o caminho. Coragem, meus irmãos! Vamos viver em Hara o tempo que for necessário. Enfrentaremos todos os ataques, receberemos todos os irmãos *kirishitans*. Tende fé. Aguarda-nos a vitória. – E agarrou em duas canas de bambu ali pousadas, ergueu-as acima do seu rosto formando uma cruz. O público rejubilou como se aquele gesto pudesse mover mares e montanhas. Quando se calaram, um pássaro pousou nas canas que continuavam a ser mostradas como cruz. Jerónimo olhou-o fixamente e, cada vez mais próximo, ficando a milímetros dos seus olhos, o pássaro não voou. Depois Jerónimo sacudiu levemente o bambu. O pássaro manteve-se imóvel. Sacudiu então com força, tentando enxotá-lo. O pássaro parecia uma estátua de pedra ligada à cana. Uma cena impossível de acreditar. O pássaro não saía do seu lugar.

Então, Jerónimo desenhou com ardor o gesto de desfazer da cruz: cada cana seguia em sua mão e estas afastaram-se no ar. O pássaro abriu as asas e levantou voo, pousando no topo da torre como para recobrar da sua hipnose. A multidão estalou em uníssonos um berro de assombro e satisfação.

Contra a parede

Cansada, Jana contemplou a pequena casa agachada entre as rochas para onde agora voltava como a um lar. Não tinha qualquer intenção de ajudar o missionário, e ter-lhe oferecido auxílio para que ele lhe largasse a mão parecia-lhe agora um absurdo.

Os seus braços doíam-lhe do peso dos mantimentos transportados. Entrou no silêncio da casa para dizer ao filho que já chegara. Não viu ninguém na cozinha e avançou sem fazer ruído. As vozes do filho e de Nishi segredavam qualquer coisa, como se já fossem cúmplices de várias vidas. À porta tentou perceber o que diziam, mas algo chamou a sua atenção no quarto do *ronin*. Avançou silenciosamente e espreitou, averiguando se lá se achava alguém. Viu um *kosode*, o traje do *ronin*, a esvoaçar.

Sentiu uma tontura, como se visse tudo pela última vez. Olhou em redor e pôs os olhos na besta pousada em cima da mesa de cedro. Tocou-lhe de imediato. Os dedos percorreram com respeito o objecto, retirando dali uma

lembança. Sem querer, já tinha baixado a guarda, já não atentava à retaguarda. Uma arma à sua frente bastava para se sentir protegida e, quando deu por si, acordando de um transe de segundos, tinha-a nas mãos e escolhia um alvo imaginário, para lá da janela, apontando a mira ao infinito.

O queixume das madeiras a serem pisadas acordou-a e já não teve tempo senão de virar a besta para a porta, onde acabava de entrar o *ronin*. Ele estacou surpreso e levantou as mãos devagar para que não ocorresse subitamente uma fatalidade. O seu semblante carregou-se à medida que ela baixou a arma, envergonhada. Não bastava estar em casa de estranhos, entrar num quarto alheio e pegar numa arma, como ainda a apontava sem hesitação ao seu dono. Mais motivos não conseguiria juntar para se sentir totalmente desajustada e intrusiva.

– Peço desculpa, virei-me para a porta, não sei porquê. – Pousou a besta onde a encontrara. Haru, fascinado, assustado e surpreso para lá da sua imaginação, deu uma passada larga para o interior do quarto, alongando o pescoço e inclinando a cabeça com o peso das suas perguntas. Queria que ela continuasse a falar. Mas ela deu um passo furtivo para trás, batendo atabalhoadamente contra a parede e ali se detendo. Calou-se como quem tranca uma porta. O silêncio também pode ser uma arma.

– Sabeis que prefiro que não entreis neste quarto? – Ela assentiu. – Reconheço que sabeis pegar numa besta, pergunto-me como pode uma camponesa ter esta destreza a pegar numa arma?

Jana olhou para a janela. Depois na direcção da porta, já ensaiando uma saída. Mas Haru deu mais uma passada larga em frente e não se coibiu de a trancar entre o seu corpo e a parede. Ela sentiu a pedra fria e húmida nas costas e o corpo quente do *ronin*, o sexo dele roçando-lhe a linha do ventre, tal a proximidade. Continuou a olhar para a porta, respirando aceleradamente.

– Como sabeis manejar assim uma besta e porque vos interessais em pegar nesta?

Mais uns segundos de silêncio. Os seus corpos estavam quase colados e sentiam o hálito um do outro. Jana imaginou com ardor alguém a entrar naquele quarto para a salvar da situação, mas nada acontecia, nenhuma palavra lhe assomava aos lábios.

Ou dizia a verdade – fora de questão; ou tinha de inventar uma mentira decente – mas ausentara-se-lhe a capacidade de raciocínio com o corpo dele em contacto com o seu: um leve movimento no seu sexo masculino, que endurecia.

Ele separou-se dela imediatamente, mas os braços estendidos apoiados nos punhos cerrados ergueram-se contra a parede. Deu-lhe espaço para que se conseguissem olhar nos olhos e essa prisão pareceu ainda mais difícil a Jana, que começava a esquecer-se de inspirar. Olhou-o então profundamente, vulnerável e, sem querer, com desejo. O *ronin* percebeu e pôs-lhe a mão à volta do pescoço, subindo-a depois para o rosto. Aproximavam-se perigosamente – naquilo que parecia o baile para um beijo ou os instantes que

antecedem uma violação.

Jana manteve o olhar desafiante e ensaiou o início de uma frase, mas desistiu. Ele aproximou-se mais, de novo com todo o corpo, numa batalha de sentimentos antagónicos. Perdera a noção do tempo e do espaço e só ela podia trazê-lo de volta à razão.

Jana sentia um torpor no corpo, uma imobilidade vinda daquela mão que lhe agarrava o rosto, magoando-a. Clarimundo surgiu-lhe no espírito e com essa imagem pronunciou a sua defesa:

– Vim ao vosso quarto em busca de ajuda para um homem de Deus que está presente em Hara.

– Homem de Deus? Em Hara? – A menção deixara-o baralhado e imediatamente se afastou um pouco, deixando de novo a distância apropriada entre dois estranhos.

– Fui buscar mantimentos e vi um estrangeiro de Portugal. É missionário, encontra-se doente e juntou-se a nós, decidindo entrar em Hara.

– Que posso eu fazer por ele?

– Como soldado, podereis falar com os generais e talvez ajudá-lo a encontrar onde pernoitar – Jana falava de uma assentada, não dando praticamente tempo aos vocábulos para serem apreendidos. – Precisamos de quem se empenhe em manter a fé viva – aquelas palavras não sabia de onde as tirara –, a moral do povo alimentada.

O *ronin* deu outro passo atrás, perdido na falta de lucidez dos seus actos. Abandonou a pele de dominador, não pediu desculpas nem fingiu não ter sentido o apelo do corpo da mulher que tinha à sua frente, mas respirou fundo e deu espaço a Jana para se recompor.

– Prometo falar com o meu general. Assim que possível. – Indicou o caminho da porta, virando-lhe as costas. Jana, perplexa, deu um passo fugidio, como peixe arpoado a querer fugir do anzol.

– Esperai – interrompeu o *ronin* –, ficais proibida de entrar neste quarto.

– Prometo que não voltarei a fazê-lo. – Já cruzava o corredor quando ouviu:

– Apenas quando eu vos chamar.

Uma casa cheia de armadilhas

A noite caíra com o peso do frio cortante. Parara de chover, mas as poças tremeluziam com o vento.

Jana sentia a humidade nos ossos e agradecia poder ter o filho debaixo de um tecto entretanto reconstruído em toda a extensão da casa, onde uma fogueira ardia, retemperando o espírito.

Tago, pelo menos, revelava-se animado, trazendo alegria aos habitantes

da casa, conseguindo resgatar Nishi de um silêncio que lhe era tão habitual. Emi sorria-lhe simpaticamente, não fazendo o mesmo esforço com a mãe. Quando o jantar foi servido, Jana perguntou por educação se não aguardavam por Haru.

– Ele esquece-se de comer durante dias, parece ser feito de um corpo diferente do nosso.

– A verdade é que o seu estômago armazena tudo o que precisa e numa refeição farta acumula energia para muitos dias de batalha. Foi treinado para isso. – Nishi falava com orgulho. – Também eu já consegui ser assim.

Emi passou-lhe a mão no ombro e disse:

– Sim, ele quase de certeza não vem hoje a casa. Se calhar, é melhor assim, que quando chega com maus humores ninguém lhe consegue falar.

– E eu já te disse para não lhe fazeres frente – tornou o pai.

– Ninguém lhe faz frente. Ele é que leva tudo à frente!

– Contai-nos a vossa história – impôs Emi, fugindo à reprimenda do pai, dirigindo-se a Jana.

Esta começou a filtrar os pensamentos, a decidir que história contar, qual a versão conveniente.

– Sou filha de agricultores, avós e pais convertidos *kirishitans*. E desde que me casei passei a vida a amansar peixe.

O resumo deixou-os silenciosos. Mas não por muito tempo, pois Emi tinha uma desconfiança indisfarçável e estava decidida a fazer Jana falar.

– Amansar peixe para quem?

– Para aqueles que nos obrigaram a fugir das nossas casas.

Nishi quis intervir para amenizar o ambiente.

– Quando o meu pai era um jovem, o Senhor Bartolomeu de Omura tornou-se um convertido tão fervoroso ao cristianismo que ordenou aos que não aceitavam o baptismo saírem dos seus domínios imediatamente. Lembrome bem de o meu pai falar desse edital! Era uma região com cerca de 60 mil habitantes e, de repente, os cristãos eram a maioria.

– Mas essa paz não durou muito...

– Quando Tokugawa Ieyasu se tornou o daimio mais poderoso do império japonês, depois da batalha de Sekigahara, e promulgou o édito de expulsão dos cristãos, começou uma crueldade lendária para connosco, os *kirishitans*. Numa terra onde entrar com os sapatos dentro de casa é uma ofensa enorme, pisar uma imagem de um santo passou a ser o castigo imposto àqueles obrigados a renunciar à sua fé.

– O senhor Nishi também é um mártir – disse Jana.

– Oh, nada disso. Vi muitos a avançar com coragem. Se eram obrigados à renúncia, chegara a hora do seu santo martírio. Não foi o meu caso.

– Tenho dúvidas de que o martírio o tornasse mais cristão... – deixou escapar Jana.

Emi ficou escandalizada. Nishi já não se escandalizava com nada e continuou:

– Para muitos esse era o sinal de Deus. Como disse, admiro quem teve essa coragem. Mas não foi essa a minha história. Quando me dediquei à plantação de tabaco só queria alimentar a minha família. Era aprender tudo pela primeira vez, mas os portugueses explicaram como se fazia e toda a gente queria as plantas. Durou duas belas colheitas. Assim que os cobradores de impostos perceberam que aquilo dava lucro, começaram a levar as melhores folhas.

– Na minha terra, um agricultor que só tinha conseguido produzir uma beringela, sim, uma única beringela, viu-se numa grande discussão com o colector de impostos que decidiu tirar-lhe uma fatia – acrescentou Jana.

Nishi pôs a mão na cabeça.

– O meu pai disse-me que vindes de Unzen – voltou Emi, enquanto servia um caldo fumegante. – Não vindes de longe. Costumamos dizer as nossas orações antes de jantar – avisou Emi quando viu Jana a pegar na taça.

– Perdoai as minhas maneiras – e fez o sinal da cruz para depois juntar as mãos à testa. Olhou para Tago para que ele a imitasse.

– Podeis honrar-nos com as vossas orações, Jana? – Emi insistia.

Jana começou a rezar o Pai Nosso, mas logo foi interrompida.

– Gostamos de rezar a Salve-Rainha em dias especiais como este.

Jana olhou para Nishi à espera de ter uma qualquer surpresa, uma palavra que o desmentisse, mas ele, de rosto recolhido, aguardava a oração com um sorriso. Olhou então fixamente para a caixa de charão ao centro da mesa, peça preciosa da família que a carregara até ali.

Jana não sabia a oração de cor e, na prática, tornava-se difícil omitir o facto de ter sido arrastada com relutância para a rebelião. Temia ser expulsa da casa se um dos mais importantes *ronins* o soubesse.

Aguardou uns segundos inspirando fundo e fechando os olhos. Ironicamente rezou por algo que a salvasse daquele embaraço. Emi tossiu.

Nesse momento Haru entrou na *shoin*.

– Oh, vindes cear? Havíamos-nos convencido de que não viríeis.

– Ficarei de vigilância pela madrugada. Vou dormir um pouco e volto à construção da muralha.

– Deus vos conceda forças, meu filho.

– Obrigado, pai.

– E não quereis alimentar esse estômago? Quando caís na cama nem a maior tormenta vos pode acordar – disse Nishi.

– Não, bom proveito para vós.

Retirou-se da sala sem olhar uma única vez para Jana.

Então Nishi voltou a juntar as mãos junto da testa para a oração de agradecimento. Emi fez o mesmo, fixando Jana.

– Podeis começar – disse-lhe.

Ela sentia a batida do coração a alterar-se. Que fazer? Que dizer?

O *ronin* apareceu à porta do seu quarto e disse com voz forte:

– Tenho novidades para o missionário que haveis encontrado.

Jana levantou-se da cadeira de imediato.

– Dizei, por favor.

– Aproximai-vos, explico-vos como deveis proceder.

Haru chamava-a para o seu quarto. Tago perguntou:

– Podemos comer?

– Rezemos então, para que possais terminar com essa fome.

Foi ao som de uma Salve-Rainha que Jana entrou no quarto do *ronin*.

Aquela casa era uma armadilha, palmo após palmo.

Jana manteve-se junto à entrada do aposento, por deferência, mas ele fez-lhe sinal para que se sentasse na cama. Ainda sentiu mais desconforto, a cada respiração sentia-se mais aquartelada.

– Os generais acolheram com agrado a notícia de um missionário em Hara.

Ela sorriu, nervosa.

– Deveis encontrá-lo amanhã e pedir que se apresente na casa de Jerónimo.

– Maravilhosas notícias, fico-vos imensamente grata – e levantou-se da cama ensaiando a saída.

Ele agarrou-a pelo pulso e carregou-o para baixo, para que se sentasse de novo.

– Compreendei que é necessário indagar primeiro as suas origens. Há receios de haver algum infiltrado que nos poderá prejudicar. Entre os europeus, com as rivalidades que trazem uns pelos outros, temos de compreender primeiro quem é este estrangeiro aqui chegado tão de surpresa.

– Que perguntas devo então fazer?

– Perceber a que Ordem pertence, qual o seu percurso no Japão, há quantos anos aqui trabalha.

– Tarefa que farei com muito gosto – disse Jana, sabendo aliás já bastantes pormenores da vida do missionário. – Seguramente será fácil de compreender se omite algum detalhe importante. Logo pela manhã volto àquela parte do castelo. Posso retirar-me agora?

– Ainda não.

O samurai virou-lhe as costas e despiu os seus abrigos, ficando em tronco nu. Ela olhou para a parede em ruínas, fixando a escuridão do exterior.

– Não, a vossa missão não acaba aí. Aliás, apenas começa. Os generais acham que a forma mais eficaz de perceber se é um homem de Deus ou não é pondo-o à prova. – Aproximou-se e ajoelhou-se junto das pernas de Jana, num movimento inusitado. – Deveis tentar seduzi-lo.

– Seduzi-lo como? – E arrastou-se para sair daquela posição descabida.

– Estou seguro de que terás artes de sedução, já não sois inocente, não espereis que vos trate como tal.

As pernas de Jana tremiam, nervosas.

– Se vos resistir é sinal de que é um padre verdadeiro, caso contrário, já teremos a nossa resposta. Não duvideis de vós, esta é uma missão importante.

De uma falsa identidade podem decorrer consequências fatais. A vida de muitos de nós.

– Creio não ter escolha em prosseguir tal missão...? – inquiriu Jana.

– Tereis sempre escolha, mas também aí ficaremos nós com a resposta de quem é nosso traidor.

– Estou com todos os *kirishitans* de alma e coração – sussurrou-lhe Jana, pois notava uma desconfiança perigosamente crescente sobre si.

– E quereis que vos relembre como animar um homem? – perguntou-lhe Haru.

Jana queria esclarecer cabalmente que, sendo este o preço a pagar, preferia estar ao relento, mas ele beijou-a ofegante, e ela, surpreendida, não granjeou forças para o afastar.

– A uma palavra vossa pararei de vos tocar.

Esta frase atingiu Jana como um bloco, devolvendo-lhe a consciência, a sensatez, fazendo-a entender as circunstâncias.

– Parai.

Ele afastou-se um pouco, visivelmente confuso, como que demonstrando que nunca fora sua intenção atacá-la.

– Levarei a cabo esta missão. Mas apenas e só desta vez. Não me podeis recrutar como prostituta, é injusto.

E saiu do quarto recompondo a roupa e os cabelos.

Enquanto a ouvia trocar comentários com o filho, o *ronin* mordeu a mão sem cuidado. Ardia de desejo. Não conseguia perceber os seus próprios instintos.

Jana e Clarimundo

Amanheceu um dia esplendoroso em Hara: a temperatura subiu, dando mais alento aos corpos.

Jana acordou com a cabeça pesada, sem entender onde estava, apenas agarrando-se com mais força ao filho que dormia placidamente ao seu lado na cama improvisada. Viu Emi já de olhos abertos. Percorreu em pensamento todos os acontecimentos do dia e da noite anteriores. Num relâmpago lembrou-se dos objectivos que lhe tinham sido impostos e teve vontade de adormecer de novo. Virou o corpo para a parede, incomodando Tago, que resmungou. Ainda só estava há quarenta e oito horas em Hara e a intensidade vivida hora a hora reformulara toda a sua noção de tempo.

– Mãe, tenho fome. – Tago obrigava-a a não negar mais a saída do leito.

– Vamos, vamos ajudar no que for preciso. Bom dia, Emi, espero que tenhais descansado.

– Sim. – Olhou-a atentamente, como apreciando as suas medidas. – O

meu irmão pediu-me que vos emprestasse um traje mais apresentável, parece que vai conferenciar com gente instruída.

– Será muita generosidade da vossa parte. Eu só tenho dois *kosodes*, é verdade, foi tudo o que pude carregar, além dos meus cobertores e de uns agasalhos para o Tago.

– Vamos dar-lhe de comer e já vejo o que lhe serve.

A família de Nishi era abastada, notava-se na forma como falavam entre si e nas roupas que usavam. Tinham uma arrogância característica dos terratenentes, mas ali em Hara viam a sua condição pouco destacada. De qualquer modo, nos pertences que fizeram entrar no castelo, demonstrando o número de animais de carga usados, encontrava-se a grande diferença entre eles e pessoas do povo como Jana: na cozinha viam-se quatro baús empilhados.

Depois de comerem uma pequena taça de arroz com cebolinho, Emi declarou as incumbências para o dia, elucidando Jana para não demorar a fazer o que havia acordado no dia anterior e vir a juntar-se às tarefas domésticas.

– Ficarei a tomar conta de Tago, que me vai ajudar a descascar feijões e depois pode entreter-se com a lida dos animais. – Piscou o olho ao miúdo. – E nós vamos então escolher o que vestir.

*

Dali a pouco Jana percorria os trilhos lamacentos, tentando não arrastar o quimono elegante que forçadamente usava para a missão mais desconfortável da sua vida.

Magra, de estatura mediana, ancas generosas, peito curvilíneo, Jana fez por arrastar o passo, tentando adiar ao máximo o encontro com Clarimundo. Para voltar ao local de distribuição de mantimentos, optou por ir pelo caminho mais longo, subindo ao ponto mais alto. Observou o afã dos homens que a toda a volta enchiam e colmatavam as falhas nas muralhas, obrigando-se a acartar pedregulhos com carretas demasiado frágeis para o serviço. Grandes molhos de bambu, colhidos recentemente, repousavam no chão para de seguida se erguerem torres de vigia e telhados onde não os havia. Nas ruínas do edifício principal, Jana viu como vários samurais em posições de comando construíam as suas casas, refúgios entre dois muros de pedra, onde colocavam um telhado suportado por pilares de bambu e depois coberto com uma camada de colmo espesso. Comparando este trabalho com a casa onde fora acolhida, ficou sem dúvidas de se haver alojado numa das casas em melhor estado de Hara.

Demorou-se também na observação geográfica. Hara, sendo uma península – uma grande rocha a sair do mar acompanhava toda a sua parte costeira e o terreno, em grande parte da sua extensão, era rodeado por um istmo de lodo –, quase parecia uma ilha. Ou seja, a Leste o mar rugia feroz, a Oeste um pântano inundava-se sistematicamente pelas marés.

Talvez os líderes da rebelião não fossem tão loucos como ela primeiramente calculara: ao Norte e ao Sul, duas grandes torres formadas por falésias rochosas completavam o ângulo defensivo. À distância parecia um local abandonado pela sorte, mas ali dentro palpitava um coração em unísono, uma posição defensiva a ser reconstruída com garra.

Muito antes de Jana chegar junto da barraca de distribuição de comida, já se observava a longa linha de pacientes mulheres e não tão pacientes crianças aguardando pela sua porção. Havia um ambiente diferente desde o discurso de Jerónimo, uma energia vital só encontrada nas épocas históricas prenhes de esperança.

– Só ontem tivemos menos trabalho – disse o homem a quem Jana conseguiu chamar a atenção, numa dança constante entre sacas de arroz, beterrabas e beringelas. Mal olhou para ela, falava enquanto executava a distribuição.

– Já não deve faltar muito para fecharem os portões definitivamente. Certo?

– Disso não sei. Mas durante a noite pouca gente entrou, só agora começam a chegar de novo.

– Sabereis informar-me do paradeiro de um estrangeiro? Ontem... não sei se vos recordais... só ele e eu, praticamente, vos pedíamos víveres, enquanto Jerónimo discursava.

– O português?

– Sim.

– Dormiu aqui perto, debaixo daquele telheiro. Eu ofereci-lhe abrigo. Ele respondeu que não queria incomodar e fazia o sacrifício para se redimir dos pecados.

– E agora, onde o posso encontrar?

– Vi-o esta manhã. Não deve andar longe.

Jana agradeceu e começou a rondar com o fito de o encontrar. E não demorou muito até ver um homem agachado junto a um cântaro fazendo a sua higiene atrás de um muro em ruína, do qual apenas a sua cabeça sobressaía. Tinha uma cabeleira farta que lhe caía pelas costas pingando. Estava frio para envergar a roupa assim molhada, e Jana considerou ser esse um bom momento para começar a conversa, falando atrevidamente com ele.

– Cuidais de vós? Peço desculpa pela interrupção, talvez vos possa ajudar...

– Bom dia, senhora. Não vos preocupeis comigo, o corpo serve para temperar o espírito. Com a minha idade sou versado em desafiar a matéria para melhor ascender ao dom de Deus. – E tentou resguardar-se do olhar dela.

– Trago boas novas. Aguardam-vos junto ao nosso líder. Gostariam de vos receber e de vos conhecer melhor.

– Ó boa Jana, tereis entrado em trabalhos para me ajudar. Não era necessário. Eu sou um homem comum. Sinto-me bem junto de todos estes irmãos que nada têm. E junto deles irei continuar.

– Não aceitareis ajuda? Mas é o próprio Jerónimo quem pede a vossa presença, ou o faz por intermédio dos seus generais. – Jana aproximara-se dele, revelando mais entrega ao assunto do que ele supunha.

Clarimundo olhou-a como que pela primeira vez, inquirindo o seu interesse, solicitando às forças invisíveis que se mostrassem. Ela retrocedeu um passo, desagradada com o seu próprio desempenho. Agarrou o traje e recompôs o decote que a revelou um pouco mais.

– Sois uma boa amiga, não contava com bondade tamanha, mas tendes de saber já algo sobre mim: só devo contas a Deus e não entrei em Hara à espera de privilégios.

– Mas é a sua missão de padre que é requerida! Como se pode furtar a essa missão?

– Vejo que este assunto é importante para vós.

Clarimundo acabou a higiene e, um pouco atrapalhado, disse:

– Desculpai a falta de decoro, vou ter de retirar estas roupas.

Os «banhos públicos», os *yuya*, existiam nos burgos japoneses desde o século xiii. Homens e mulheres banhavam-se juntos com normalidade, e com essa mesma naturalidade se encarava a nudez de ambos os sexos.

Jana arranjou coragem para ser mais assertiva e avançar com a estratégia que lhe fora exigida. Virou-se de novo e viu-o de tronco reluzente com a pele eriçada pelo frio. Aproximou-se e pousou-lhe as mãos nas omoplatas, engolindo em seco, como se pusesse as mãos em brasas.

– Meu senhor, posso ajudar-vos a vestir. Posso ajudar-vos no que quizerdes.

Ele ficou como estátua, sem se mexer, um eremita abismado. Jana desceu uma das mãos para a sua cintura, detestando o que estava a fazer e sem palavras para acompanhar o gesto. Rodeando o corpo aproximou a sua mão da púbis. Clarimundo agarrou-lhe no pulso, trémulo.

– Nada de bom pode a sua oferta de ajuda acrescentar à sua reputação ou à minha. Não sabereis que padres abdicam do aconselhamento feminino durante a sua higiene?

Jana tinha a sua resposta e, aliviada, afastou-se dele num ímpeto. No entanto, a mão continuou presa a Clarimundo, que a olhava com uma extrema curiosidade. Em segundos, Jana ficara refém do seu próprio ardil.

– Não sabeis que fiz um voto de castidade? Por quem me tomais?

– Apresento-vos as minhas sentidas desculpas, não sei o que me passou pela cabeça. Perdoai-me, padre Clarimundo.

A mão continuava firmemente presa e a tensão entre os dois, com ou sem votos de castidade, erguia-se irracionalmente.

– Escondeis-me algo – disse ele, não conseguindo evitar olhar para o seu colo. Ele negava-a mas sentia uma pulsão. Ela provocava-o, mas sentia repulsa pela situação.

– Por favor, perdoai-me – disse Jana ajoelhando-se.

– Se vos arrependestes, Deus já vos perdoou, quem sou eu para não o

fazer?

Clarimundo olhou para as roupas muito sujas sobre o corpo limpo e rezou uma oração curta.

– Ireis encontrar-vos com Jerónimo? – perguntou Jana.

– O nosso líder merece a minha total lealdade, mas seguramente tem bem mais com que se ocupar nestes primeiros dias. Irei ao seu encontro quando os portões fecharem.

Jana sentiu o falhanço do seu encargo. Levar esta resposta seria equivalente a soltar sobre si e sobre o missionário todas as suspeitas. Ninguém acreditaria que, oferecidas melhores condições de alojamento a um padre e sendo este chamado a cumprir a sua missão, adiasse simplesmente a visita.

– Insisto em levar-vos à casa dos líderes, é demasiado importante – teimou Jana.

– Quem o diz? – Ela não respondeu. – Não sei se conseguireis compreender... muitos dos meus irmãos sacrificaram as suas vidas como mártires. Não hesitaram um segundo em consagrar a vida à causa cristã no Japão. Eu andei foragido. Sou um cobarde. Só Deus sabe quanto. Ter conseguido chegar aqui vivo, depois de tudo aquilo por que passei, é o sinal para perceber que devo ajudar os que aqui sofrem tanto ou mais que eu. Neste momento não procuro conforto, nem o apanágio dos líderes temporais. São tentações que prontamente rejeitarei. Delas não necessito para alimentar o meu anseio de transcendência.

Clarimundo não era um homem santo, tão-pouco atravessara meio Japão sem achar ter cometido grandes pecados que o atormentavam todas as noites. Talvez por isso preferia pernoitar ao relento, sem nunca adormecer plenamente, pois tinha medo dos seus incontroláveis pesadelos, enquanto nas suas insónias, nos seus pensamentos, ainda exercia alguma soberania.

Em sonhos aparecia-lhe Duarte Correia, um missionário português capturado por permanecer ilegalmente no Japão. Enquanto este esperava a execução em Omura, escrevia cartas que Clarimundo nunca viria a receber por andar foragido. Entre as cartas que circulavam no Japão, há o registo desta, enviada a um companheiro jesuíta em Macau:

Para José Fernandes,

«Caro Irmão,

Aguardo a morte sem dúvidas quanto ao esplendor de Deus e de que em breve me acolherá na sua Santa Glória.

Perguntaste-me como foi possível acontecer tal motim em Shimabara e apenas posso relatar o que vi, rebeldes na estrada a percorrerem distâncias enormes para se juntarem num só lugar e praticarem a justiça pelas próprias mãos. Também ouvi relatos de violência, tanto dos meus captores como de transeuntes. Estou convencido de que a rebelião se deve à injusta cobrança de

impostos, e não tanto às convicções cristãs. Já com uma longa tradição cristã nesta zona Sul do Japão, inclusivamente com capitães importantes convertidos, nunca houve uma revolta, isso posso eu atestar.

Omura, Janeiro de 1638»

Um vento cortante levantou-se de repente, e Clarimundo arrepiou-se de frio.

Jana suspirou desesperada. Tinha perdido a batalha, o homem era inflexível.

Começou a afastar-se, sentindo-se ridícula, ocorrendo-lhe uma frase repetida pela avó: «Quando não souberes o que fazer, pede ajuda ao Espírito Santo.»

Ele ficou perplexo a olhar para aquela mulher.

Até que ela o ouviu, agora com um tom quase autoritário, ao contrário da forma complacente que até então tomara:

– Estou disposto a ouvi-la em confissão!

Jana estacou. Abriu e fechou as mãos, ajudando à rapidez dos raciocínios. Virou-se já decidida.

– Senhor *batteren*, nada me ajudaria mais a tranquilizar a minha alma.

– Encontremos um sítio mais isolado – e Clarimundo apontou para um pedregulho que se encontrava ali perto, longe dos caminhos por onde circulava sempre gente. – Sentemo-nos ali.

Desde a morte da avó, quando se desligou dos rituais *kirishitan*, que Jana já não se confessava. E, no entanto, esta confissão surgia como bênção. Depois de se benzer, de pedir perdão a Deus porque pecara, Jana abriu os olhos negros e convidou Clarimundo a fazer uma visita ao seu íntimo, contando-lhe a imposição do *ronin* e as razões por que se comportara daquela forma. Mas não foi uma confissão sincera, não incluiu o que realmente lhe ferrava a alma. Havia coisas que era melhor não relembrar a Deus.

General Itakura Shigemasa, o escolhido

Em Janeiro de 1638 já o importante mercador holandês Nicholas Couckebacker enviava uma missiva a um seu conterrâneo encarregado da alfândega de Hirado, nela se contendo palavras que nunca se atreveria a dizer ao xogum:

«Caro Andries De Vries,

Acompanhamos com alguma preocupação os acontecimentos em Shimabara. Mentiria se vos dissesse estarmos muito surpreendidos com esta revolta.

A meu ver, o grande problema são os actos do jovem governante Matsukura, deixando os camponeses tão espoliados que assim nada têm a perder. As pessoas aguentaram o tratamento imposto pelo seu pai, mas o filho passou a cobrar um valor em taxas que ultrapassa a própria produção agrícola, deixando à fome uma população inteira que subsiste de legumes e raízes. As pessoas decidiram não suportar mais esta humilhação, é preferível uma morte certa do que uma morte lenta, dia após dia.

Por favor, não vos chocais com este pormenor, mas há notícias de que a situação se revelou de tal modo desesperada que alguns mataram com as próprias mãos as mulheres e os filhos, para evitarem ser vexados pelas autoridades ou morrer de fome.

Atentai, todavia, que podem existir motivos religiosos por detrás da rebelião.

Não temos a certeza se fora ou não planeada esta revolta, apesar de haver um dado relevante, a meu ver: a decisão, há vários meses, de neste ano não cultivar trigo, antevendo a morte certa.»

*

Entretanto, com a fúria de um tufão, Itakura Shigemasa dava as esporas ao seu pobre cavalo. O xogum escolhera-o para liderar o contra-ataque aos rebeldes.

Apesar de ter estado no cerco de Osaka ainda jovem, Shigemasa não encontrara glória como militar. O castelo de Hara era a sua grande oportunidade. As fronteiras estavam fechadas para os estrangeiros e o Japão não encabeçaria mais campanhas no exterior, ordens do *bakufu*. Não havia grandes dúvidas: estava perante a última grande batalha a acontecer no Japão.

Shigemasa era um burocrata de cinquenta anos que fizera parte do círculo próximo do avô do xogum actual, um homem em quem o regime depositava toda a confiança para acalmar os ânimos no Sul do Japão, apesar de não ser o mais reputado estratega militar. Um homem inchado e bexigoso, com um bigode fino rodeando o lábio, com uma saúde débil, que só recentemente recuperara de uma doença que o apoquentara havia vários anos. Mas o desejo de ficar para a história falava mais alto do que qualquer convalescença: queria tomar o castelo antes de reforços de outras zonas do Japão aparecerem. E sabia que não faltava muito.

Jana voltou a casa com um enorme alívio. Até a passada estava mais leve, aquela conversa, a que ambos chamaram confissão, acabou por ser o primeiro selo entre amigos.

Uma comprida linha de casas rodeava a maior edificação de Hara, onde se montara o quartel-general, no ponto mais alto, com direito a pátio, átrio e dois pisos bem estruturados – o castelo de Jerónimo.

Quando passou junto a esta casa maior, Jana reparou no corrúpio dos *ronins* e em três generais a aproximarem-se da entrada. Em breve ali decorreria um Conselho de Guerra e sentiu-se atraída para aquele acontecimento. Conteve-se a custo para não subir a um muro e tentar escutar alguma coisa. Mas Tago aguardava-a e Jana corria o risco de se cruzar com Haru, embaraço maior a evitar.

Com relutância, afastou-se daquele antro a fervilhar de deliberações, decisões de vida e de morte.

– Como está a decorrer a chegada das armas? – Jerónimo falava sem arrogância, até com um tom doce, mas a sua «corte» encarava-o com o respeito que se vota a um ancião ou a uma antiga divindade. Todos reflectiam pausadamente antes de responderem e ninguém se atrevia a dar uma resposta sem ser especificamente convocado.

– General Mori Soiken, quantos arcabuzes já entraram em Hara?

– Com vossa licença, Senhor, a última contagem, ontem à noite, era de quarenta.

– Não é suficiente – reagiu Jerónimo. – Não estais de acordo?

– Sim, estou de acordo. Precisamos de mais, e mais estão efectivamente a caminho – certificou Mori Soiken. – Os nossos homens construíram paliçadas com a madeira dos barcos usados na travessia do mar Ariake e conseguiram organizar mais um assalto aos armazéns de Matsukura Katsuei, no castelo de Shimabara, trazendo munições, armas e mantimentos.

– Engenhosos...

– Os nossos homens também foram eficazes a «convencer» muita gente do povo a carregar provisões, sob pena de morte – ironizou o general Soiken.

– E que rumor é esse de que há entre nós samurais que se recusam a usar arcabuzes?

Todos estremeceram com esta questão; como poderia Jerónimo saber de algo que acontecera dois dias antes, num pequeno grupo que construía as trincheiras? Teria o dom da ubiquidade?

Neste conselho estavam presentes três generais e ainda dez *ronins* posicionados numa segunda fila, dos quais não se esperava intervenção. Apresentavam-se com uma cruz num cinto e um medalhão no capacete, além do fio ao peito, como amuleto. Entre eles, Haru mantinha-se espectral, direito e atento.

– General Yamada Emosaku, respondei, que rumor é esse? – inquiriu Jerónimo.

– Meu Senhor, não estive presente, não sei como vos elucidar.

– Se não conto com o meu braço direito para me esclarecer uma querela no meu castelo, com quem mais posso contar?

– Peço autorização para ouvir os esclarecimentos de Haru Kukita, presente à hora dos acontecimentos – atalhou Yamada, remediando a sua falha.

O *ronin* não contava abrir a boca, mas deu um passo em frente em sinal de respeito.

– Falai.

– Meu Senhor, bem sabeis que a elite dos samurais nunca gostou de armas de fogo.

– Gostassem ou não, a vitória, passados quase cem anos, pertenceu sempre a quem as possuiu! O tempo dos guerreiros digladiando-se com espadas já acabou. Mas porque é esse um tema de conversa entre as minhas tropas?

– Meu Senhor, não é, posso asseverar-vos que todos os seus guerreiros são homens que sabem manobrar armas de fogo. Houve apenas uma rixa, com ânimos exaltados, entre dois homens. Um dizia que continuava a achar que homens civilizados deviam passar anos a aprender como usar o arco e flecha. E a conversa derivou em discussão. Eu presenciei. Nada mais foi do que uma luta de palavras. Obviamente todos sabemos que, sem armas, nas condições em que nos encontramos, não temos forma de nos defendermos.

– Um camponês pode ser treinado a usar um canhão em poucas semanas. Um facto que ameaça a elite e esta tradição militar japonesa velha de séculos. As armas de fogo são a nossa vantagem, todos deveis orgulhar-vos disso. Os arcabuzes nada mais são do que instrumentos enviados por Deus. – Jerónimo aguçou o tom da voz.

– Dou a minha vida para vos servir – assegurou o *ronin*.

– Eliminai imediatamente esse soldado, quem não acredita no bom sucesso desta revolta não tem lugar em Hara – sentenciou Jerónimo.

– Sim, Senhor – exclamou Haru sem pestanejar.

– Tarefa a executar imediatamente – e indicou a porta do seu salão.

Haru agarrou no capacete de bronze e pôs a mão na catana, abandonando prontamente o Conselho de Guerra.

A combinação de duas espadas, a arma do samurai por excelência, era usada numa faixa presa ao quadril, o daisho. A espada longa (catana) servia para lutar, enquanto a outra, com uma lâmina mais curta (*wakizashi*), servia para o ritual de suicídio.

– Não haja dúvidas sobre a lealdade de cada um dos meus samurais. Ao juntarem-se ao motim, decidem por uma morte gloriosa numa batalha gloriosa. Em nada me oponho ao vosso antigo código de honra, e obviamente todos carregamos as nossas duas espadas, elas são a nossa alma – reforçou o líder.

– Sim, Meu Senhor!

– Digo mais – interveio o general Yamada Emosaku movido pela

emoção. – Nós veteranos, particularmente aqueles cujas famílias foram assassinadas ou rebaixadas pelas forças governamentais nas purgas cristãs, só no chamamento à revolta encontramos razão de viver.

– A luta de quem vai realmente controlar o poder vem daqui, do meio rural. Não vamos sair desta batalha apenas vitoriosos, vamos ser exemplo e chama acesa para todo o Japão – disse Jerónimo com uma certeza inquestionável. – E vós, samurais, estais destinados à glória final. Nunca duvideis disso. O imperador é o traidor do povo, apenas superado em vileza pelo próprio xogum. Os imperadores mais não fizeram do que ver-se livres das tarefas mundanas, delegando o «trabalho sujo» nos xoguns, implacáveis e eficazes na defesa do território – Jerónimo fechou os olhos e demorou um pouco na sua meditação. – Não devemos obediência senão a Deus, recordai-vos – acentuou.

Sem força militar relevante, o imperador perdera importância, tornara-se um símbolo, vivo, é certo, mas sem força na política japonesa. Descendentes directos do Deus-Sol Amaterasu, figuras imensamente obesas, com muito dinheiro, eram deixados em paz para prosseguirem os seus rituais secretos como figuras de Estado.

Com a sua hipnótica presença e carisma, Jerónimo encerrou o conselho lançando ordens:

– Hoje à noite trouxe-me de novo o relatório de quantas armas conseguimos fazer chegar e quero que se leiam todos os dias sermões *kirishitans* ao povo, incentivando à fé na vitória. Não vos esqueçais: renovai o vosso voto todos os dias. Só existe um imperador, Deus, e ele reina para nos salvar.

Clã Arima em marcha

Jana apressou-se a chegar a casa sem atentar nos mil universos que a rodeavam, as tarefas distribuíam-se com fervor: já havia um grande grupo de trabalhadores a lavrar os campos, em breve centeais; outro grupo explorava o juncal e montava canas de pesca; e outro descia à praia para conseguir peixe. Em cada recanto de Hara a vida marcava-se por diferentes actividades. Tago havia passado a manhã inteira com Nishi, de quem era impossível não gostar. Já por Emi, uma mulher que até agora só lhe mostrara rivalidade, o rapaz sentia um grande desconforto.

Reanimada, Jana entrou naquela casa com um trunfo na mão e decidida a não ser mais acoitada, nem por Emi, nem por Haru. Não seria fácil mudar de casa. Mas não permitiria ser tratada como uma serviçal.

Tago ajudara toda a manhã e, depois de comer algo, a mãe achou que ele devia ter tempo livre, com a reprovação de Emi. Ela não se deixou demover:

– Vai, filho, mas não te afastes, quero ver-te sempre que vier à porta.
– Mãe, prometi a Nishi mostrar-lhe as redondezas, guiá-lo num passeio, autorizais?

– Meu querido menino, és muito generoso. Quando fecharem os portões, creio que sim. Até lá, não é seguro.

– Porquê?

– Porque a um dado momento chegará quem nos queira fazer mal. Ide, distraí-vos com outras crianças.

– Não haveis acabado de me contar a vossa história – atacou de novo Emi. – E os vossos estranhos nomes de onde derivam?

– Jana e Tago derivam de nomes portugueses, difíceis de pronunciar. E os vossos?

A mulher surpreendeu-se com a pergunta e começou a estender pelo relvado a roupa que trazia na bacia presa à anca.

– Sereis vós afinal que tendes algo a esconder? – voltou Jana.

– Sabereis quem foi o clã Arima, deduzo.

– Se é uma das famílias que mais influenciou a história de Kyushu, era preciso estar morta para não saber. Todo o sofrimento que Arima Harunobu e Arima Naozumi provocaram jamais será esquecido.

Emi analisou ao detalhe quem lhe respondia assim, mas sabia como contornar.

– Para filha de pescadores, sois muito versada em História.

– Sou filha de camponeses. Jana Taguchi. Casei-me com um pescador, que Deus o tenha na sua santa glória.

– Paz à sua alma – acrescentou Emi.

Taguchi, nome raro no Japão, queria dizer entrada para o arrozal.

Os Arima, que haviam usado canhões pela primeira vez quando convertidos ao cristianismo, caíram então em desgraça, e depois de várias intrigas foram transferidos de Shimabara para outra região, Nobeoka, perdendo poder. O castelo de Hara pertencera precisamente ao clã Arima, antes de que este ser forçadamente transferido para o domínio de Nobeoka.

– Fazeis parte do clã Arima?

Ninguém imagina a história que está por detrás de cada rosto. Pensar que se conhece alguém às primeiras impressões é puro engano.

– Se pertencesse – Emi acentuou o verbo –, provavelmente não estaria aqui, mas o meu pai e o meu irmão foram seus vassalos.

Não eram os únicos vassalos de Arima dentro de Hara. Um grande número, muitos deles cristãos, revoltou-se contra o seu daimio. Por sua vez, àquela hora, os Arima punham cerca de quatro mil homens do seu exército em marcha para este local, enraivecidos por ter sido tomado o seu antigo bastião.

– Como correu a conversa com o padre? – quis saber Emi.

– Explicarei ao vosso irmão esta noite.

– Como sabeis que ele não está em casa?

Jana vira-o entrar no Conselho de Guerra, mas eis nova informação que

não queria compartilhar.

– Vou retirar esta roupa, para a lavar e vos devolver o vestido. Depois dissei-me como posso ajudar nas tarefas da tarde.

– É preciso ir à lenha – gritou Emi secamente. – É trabalho pesado, mas alguém tem de o fazer para não morrermos de frio.

Ancestrais de Jana

A morte é sagrada, certa, inegociável. Em tudo o resto pode interferir a boa vontade, a presença de espírito e o bom humor.

Jana só conhecera o esforço e o trabalho. A avó paterna nascera numa família de trabalhadores do arroz, com algum gado e um pequeno terreno. Quando se casou, dedicou-se à família com zelo e docilidade. Já tinham três filhos quando o marido começou a desaparecer à noite, não se importando de faltar ao templo ou em explicar à mulher o que fazia. Quando o interrogou, já desconfiada de o marido andar a arriscar a própria vida, ele respondeu que contaria um dia.

Chegada a hora, por entre um enorme secretismo, levou-a à reunião *kirishitan*. Era um dia gelado de Dezembro. A avó de Jana deixou-se conduzir pelas ruelas da aldeia, de seguida por entre o caminho que levava à montanha, fintando os arbustos num trilho pouco usado para, por fim, chegar a um casebre de madeira no ponto mais alto da região de Unzen. Quando entraram, viu uma sala com muita gente de todas as idades, até crianças.

– Estes são os meus irmãos, esta é a minha fé. E no meio de nós está Deus.

*

Ao centro do Japão chegavam, por esta altura, relatos do abandono dos costumes que tinham prevalecido entre os samurais desde que havia memória: «Rezar aos deuses e aos budas», mantendo-se no caminho certo, e nele, de seguida, «tomar o arco e a flecha». Desde 1585, o cristianismo fora proibido, mas a proibição não era aplicada à força. Pelos corredores do castelo de Quioto sussurrava-se, sem grande precisão nos detalhes: «Jovens e velhos, homens e mulheres, aderem em massa a uma seita indiana, templos destruídos, imagens de budas deitadas ao rio ou consumidas pelo fogo.»

Em Bungo, os jesuítas cativavam a atenção dos camponeses devido aos seus trabalhos de caridade entre os mais necessitados, como os leprosos no hospital de Funai.

E, no entanto, nada podia ser mais malvisto pela classe alta japonesa. O que repugnava uns, tocava no coração de outros, como o do avô de Jana, que

perdera uma irmã para a terrível doença. Ao aproximar-se deles, pedindo ajuda, ficou seduzido pelas ideias cristãs. Um deus acima do imperador do Japão?

A avó de Jana também se sentiu tocada pela mensagem do amor divino acima de tudo e de todos e, aos poucos, começou a substituir as imagens em casa. A conversão do dáimio Otomo Sorin, da região de Bungo, baptizado em 1578 como «rei Francisco», gerou um optimismo compreensível: podiam professar livremente a sua fé. Até onde podiam perceber, este dáimio estava no auge do seu poder, figura eminente em Kyushu, um dos maiores senhores do Japão. Nunca poderiam imaginar que o seu triunfo era o anúncio de uma desgraça.

A sua avó converteu-se de alma e coração e todos os seus filhos foram educados na palavra de Cristo, sobretudo o mais novo, o pai de Jana, que a educou, por sua vez, nesses princípios.

– Toda a vida sempre pensei que a fé é o maior dom – dizia-lhe a avó, preparando-a para o desconhecido, suspeitando não ser compreendida pela neta. – E não precisas de pôr esse ar sério, a fé ajuda-nos a imaginar o futuro.

– Que interessa o futuro? O futuro vai ser igual ao presente, que já é igual ao passado.

– O futuro é sempre melhor, porque nele colocamos a esperança.

Jana gostava de falar com a avó porque as conversas nunca acabavam, a avó nunca o permitia, via nela um oráculo – tinha demasiados sonhos e uma fé comovente, tanto no divino como nos homens.

Não raras vezes concretizava assim uma ideia: «Preparai um chá e já verás como eu tenho razão.»

Se a neta tomava um chá e depois a provocava com «ora, vede bem, nada se resolveu», a avó habilmente retorquia: «Não é o tempo da água em fervura a que me referia, mas o tempo da maturação das plantas.»

Jana nunca a vira a perder o porte e, no entanto, a avó sempre firmara as suas ideias, eficaz como um rio a contornar obstáculos.

*

Jana conhecera o marido depois de uma tarde em que o vento Norte amainou subitamente; era o segundo ano em que se realizava uma romaria com as frágeis embarcações, pedindo a Deus protecção para os dias de faina. Nem todos os pescadores eram cristãos, mas uma grande maioria sim. A avó tinha morrido nesse ano e Jana compareceu mais em busca de distração do que por devoção a Nossa Senhora. Além disso, toda a contemplação do divino neste momento significava uma homenagem à avó, uma maneira de a ter mais perto. Quando um pescador se lhe dirigiu e se sentou próximo, sem nada dizer, Jana sentiu-lhe o cheiro amargo, o cheiro a solidão do mar que arrasta as redes até às profundezas e a custo as arranca de lá.

Este homem deslocava dissabores, mistérios, atropelos. Fragilizada pela morte da avó e com o grande entusiasmo do pai, que a considerava há

demasiado tempo solteira, Jana deixou-se convencer pelo casamento, não tanto por encontrar muitas razões a favor, mas por não encontrar uma boa razão contra. A verdadeira personalidade do marido não revelaria apenas mau feito ou estranhos humores, mas também um traço marcadamente perverso.

Jana percebeu que não teriam uma vida pacífica, pois ela não se habituaria jamais ao seu carácter imprevisível, rude e agitado, violento por vezes.

Ele desaparecia solitário no seu barco dias a fio, não acompanhando os outros pescadores, fazendo incursões longínquas da costa. Quando voltava, colocava o peixe na mesa e, entre as poucas palavras que se lhe ouviam, gritava ordens. Jana não entendia que mau espírito o possuía, ou se fora sempre assim e apenas não tivera tempo de o decifrar.

Não teriam mais de um ano de casados quando a violência física apareceu para instituir a guerra naquela casa. Jana sofria calada, mas planeava como ripostar. Não sabia o que era o amor, mas aquilo seguramente não podia ser.

Só a morte a poderia libertar deste jugo. E a ela jamais lhe ocorreram ideias de acabar com a própria vida.

Aprender a matar

Em finais do século xvi, já se observava a prática do divórcio no Japão: qualquer homem podia repudiar a sua mulher, e vice-versa, simplesmente escrevendo uma carta.

Nem seria de esperar burocracia, uma carta escrita pelo marido a explicar as razões que o levavam a repudiar a mulher tinha força de lei perante as autoridades judiciais. A mulher não perdia a honra ou a possibilidade de voltar a casar-se4.

Se o marido de Jana não gostasse dela, talvez lhe conviesse o divórcio, mas a obsessão tem assento no banco dos culpados e esta nunca se revelou uma possibilidade. Ele gostava de a dominar.

Jana podia divorciar-se por iniciativa própria, e como o desejava... Na sua aldeia não havia memória de um caso assim, porém existiam inúmeros exemplos, sobretudo no meio urbano. Se uma mulher abandonasse o domicílio conjugal para reintegrar uma nova família, obrigava deste modo o marido desprezado a redigir o bilhete. O problema de Jana consistia em algo muito simples: não planeava casar-se de novo, ou seja, formar um novo lar. Não se permitiria o risco. Nem a fuga para parte incerta se revelava uma boa hipótese, a vida já era um bailado suficientemente complexo quando se tinha família, quanto mais se se fosse recomeçar todo o caminho. Não reunia coragem.

Conhecia-o. Ele jamais escreveria a carta pelo seu punho e de livre vontade, gostava daquele inferno pois fora ele que o criara, ávido de maldade.

Desde os tempos galantes da corte imperial de Heian até aos bairros de divertimento da era Edo existia a cultura do sexo, até nos meios rurais se cultivavam relações íntimas, se possível onde existia amor, onde o culto estético dos momentos simples, à semelhança do preciosismo de uma cerimónia do chá, estimulava o prazer sensual.

Jana nunca soube o que isso significava. A inocência de dois corpos descobrindo-se, a vulnerabilidade da nudez, o ser amada.

Amor tornou-se sinónimo de morte muito cedo, não conseguia tirar esse pensamento da sua cabeça, obcecada na morte como alternativa, como via elegível.

Sem levantar suspeitas, resguardando-se entre dois rochedos, observou horas a fio *ronins* a entreterem-se com as suas armas. Decorou cada gesto. E, quando eles se ausentavam, aproximava-se e agarrava a besta com algumas tremuras, aventurando um ou dois disparos.

*

Na noite em que Tago perdeu o pai, Jana sentou-se na cadeira rezando para que tudo corresse como esperado. Durante a tarde aproximara-se da embarcação do marido, que, com o mar picado pelo vento Norte, chocava contra o cais sem parar.

Tinha a certeza do que fazia, mas mesmo assim tremiam-lhes as mãos, o coração quase se ouvia nas veias do pescoço. Por mais que se premedite assassinar, nunca é um acto plácido.

Tirou da bolsa um martelo e um ferro afiado. Por baixo das redes havia uma manta, guardada dentro de uma caixa de madeira. Afastou cada objecto com rigor. Observou o casco do pequeno barco. Mirou à volta em busca de vivalma que subitamente tivesse aparecido. O ferro já estava apontado à madeira e Jana fez força no martelo. Com mais três marteladas perfurou por completo o casco e a água começou a entrar. Colocou um tecido grosso tapando o novo buraco, empapando e estancando a entrada da água. Teve o impulso de fazer um segundo estrago, mas refreou-se. Um orifício apenas seria o ideal para que só notasse a entrada da água quando se afastasse da costa.

Andava a treinar havia meses com a besta e afinal fora este o plano que conseguiu pôr em prática.

Repôs a caixa, pôs lá dentro a manta e por cima desta as redes de pesca. Saiu do barco de um salto e sentiu um mal-estar. Aqueles minutos a balouçar causaram um enjoo. Não olhou para trás. O mar picado desse dia tinha tendência a piorar. As correntes seriam fortes com a maré daquela noite.

Esta era a mulher que entraria no cerco de Hara, uma mulher que sabia matar.

As torturas a Marta, mãe de Jerónimo

A mãe de Jerónimo, Marta, o tio, irmão do seu pai, bem como as suas irmãs Regina e Marina, esta ainda uma menina, cada um na sua cela exígua, encontravam-se presos, sem luz, nos calabouços do castelo de Shimabara.

Antes de serem atirados para estas pocilgas, os samurais impuseram uns humilhantes interrogatórios chamados *fumie*, penosamente conhecidos entre os cristãos. Mandavam-se juntar todas as pessoas de uma certa aldeia e, para as identificar, exigia-se-lhes que proferissem uma ofensa à Virgem Maria ou a Jesus, provando assim que não professavam a fé.

O soldado trouxe uma imagem da Virgem Maria com os pés desfeitos e pô-la à frente do nariz de Marta.

– Chamai-lhe puta!

Marta fechou os olhos e enviou este pedido a Deus: «Perdoai-os que não sabem o que fazem.»

A exigência foi feita um a um. As mulheres nada disseram, mas o tio de Jerónimo respondeu:

– Nunca!

Acabou espancado antes de ser abandonado sem água durante um dia inteiro.

O pior ainda estava para vir, e dali a um dia, quando o sol amanheceu numa sala inundada de gente, sabiam que o martírio estava prestes a começar.

Naqueles momentos, a fé superou a energia dos torturadores e nenhum deles conseguia compreender como estas criaturas se podiam manter impávidas.

Enfiaram-nos cada um em duas sacas, as que são usadas para guardar arroz, aconchegados como insectos nos seus casulos, apenas com o pescoço de fora.

Cada um deles continuava murmurando: «Zensumaru, Zensumaru.»

Depois foram deixados em plena humilhação, espalhados por várias ruas. As pessoas que passavam zombavam e divertiam-se.

Os soldados aproximavam-se com água de vez em quando e alimentaram-nos uma vez em três dias. Débeis e saturados, ainda tiveram de suportar uma última humilhação. Ao tio de Jerónimo ataram as mãos atrás das costas e puseram-no pendurado pelas pernas. Às mulheres abriram-lhes as pernas e com pinças e espátulas devassaram as suas partes íntimas. Até as jovens, castas, aguentaram estas torturas e outros tormentos, com um incrível silêncio.

E, no entanto, era uma tortura comum. Se por um lado Marta e a sua família resistiriam até às últimas consequências, muitos renegariam a religião cristã assim que o estômago desse os primeiros sinais da fome.

Perante as sórdidas circunstâncias, haver muitos apóstatas não é

surpreendente.

Clarimundo e Jerónimo

Passaram-se dois dias. Gente continuava a ingressar continuamente em Hara, mas agora já se alinhavam numa única linha.

Clarimundo, pela primeira vez alcançando o topo de Hara acompanhado de Jana, admirou o castelo outrora situado no alto do promontório com vista nobre para todo o recinto muralhado e altaneiro ao mar. Em fraca condição, chegou ao cume sem fôlego, como se tivesse subido uma escadaria monumental.

Jana não mais se cruzara com Haru, mas fez-lhe chegar uma mensagem avisando-o da intenção de o missionário visitar Jerónimo, e dali a pouco tempo recebeu a autorização necessária.

Quando entraram no pátio da casa do líder, o *ronin* aguardava-os. E, ali, tornou-se inevitável ouvir a conversa acesa dos generais com o líder da revolta, no salão, sobre as notícias que chegavam de Amakusa.

– Não há barcos suficientes. Ou escolhemos trazer armas, ou escolhemos carregar mais pessoas para dentro de Hara.

– A deserção maciça, a meio de Janeiro, não tem maneira de abrandar, devemos fazer o possível para prestar auxílio. – Jerónimo estava genuinamente preocupado com a quantidade de *kirishitans* a tentarem encontrar refúgio em Hara que seguramente se deparariam com as forças governamentais a barrar-lhes o caminho e a ceifar-lhes a vida.

– Haveis pedido o meu conselho: não estou aqui para discutir o que fazer, e sim para cumprir ordens. Mas realço que temos dois, talvez três dias, para conseguirmos fazer chegar aqui mais algumas armas. Eu escolhê-las-ia porque conseguiremos resistir. Que interessa deixar entrar mais gente se depois vamos render-nos sem luta?

– Senhor, aqui está o *ronin* Haru com o missionário e a mulher que o encontrou.

– Façam entrar os dois homens.

A Jana não agradou ser deixada de lado, mas percebeu que, se continuasse ali sentada, poderia pelo menos escutar a conversa. Resolveu não se mostrar sentenciosa e apenas sorriu a Clarimundo.

Na sala, além de Haru e de Clarimundo, encontravam-se três homens: o líder dos rebeldes Jerónimo, o seu general Mori Soiken e Esteban Buliço, o «cardeal», como lhe chamavam sem pudor. Foi este que conduziu a conversa:

– Bem-vindo, irmão, não sabia da vossa presença em Hara – falava em português com sotaque castelhano.

– A honra é minha de ser chamado à vossa presença e à presença de

Jerónimo Shiro. – Pôs um joelho no chão em sinal de humildade. E repetiu a frase em japonês. Clarimundo mirava o líder dos rebeldes, não disfarçando o seu verdadeiro fascínio.

Jerónimo assentiu, continuando no seu matutar silencioso.

– Quando chegastes ao Japão, irmão? Por favor, conta-nos um pouco sobre vós.

Clarimundo olhou o «cardeal», que mantinha um sorriso pouco convincente.

Não tinha nenhuma ilusão sobre a sua ida ao quartel-general e de que aquilo não era mais do que uma inquirição.

– Cheguei ao Japão em Outubro 1606, com apenas dezoito anos. Animado pela fé, não podia imaginar, porém, que jamais voltaria a Portugal. Estes trinta anos foram de dedicação sincera, nunca me senti tão bem e tão útil em lugar nenhum como neste.

– Quem possui inteligência e sabedoria encontra aqui muito solo para lavrar – interveio o «cardeal» – e muitos ignorantes para doutrinar – acrescentou em português.

– Ignorantes não diria... Os japoneses são um povo imensamente dotado. Estimam mais a honra do que as riquezas, e é gente de muita cortesia. São discretos e por isso podem passar por ignorantes, mas guiam-se pela razão e é gente de boa conversação, não maliciosa, e curiosos de tudo.

– Continuei – tornou Esteban Buliço em japonês.

– Trabalhei em Kaga, com os que sofriam de lepra, sempre achei que sentir o corpo comido pelas feridas, cheio de pus caindo das suas dilacerações, deve aproximar estes pobres doentes de Deus. Muitos deles, aliviados dos males, convertiam-se e, depois, animados pela fé verdadeira, tornavam-se bons pastores.

Os doentes mais pobres não conseguiam pagar um tratamento; era comum então leprosos tornarem-se pedintes e vaguearam em busca das grandes cidades, como Miacos. Quando conseguiam resistir, normalmente encontravam refúgios miseráveis. Era aí que os cristãos os buscavam e conseguiam, no lapso de poucos meses, recuperá-los totalmente devido ao cuidado de especialistas e aos conhecimentos que já traziam da Europa. Em pagamento da sua imensa dívida de gratidão, muitos deles tornavam-se crentes devotos – e era esse o pormenor que mais horrorizara o xogum, bem como as vestes humildes que os jesuítas envergavam, ou seja, a forma como se misturavam com os mais miseráveis da sociedade japonesa.

– Lidei com estas e outras maleitas, naqueles asilos encontravam-se pessoas tremendamente doentes, umas com varíola, outras com lepra... – retomou Clarimundo.

– Irmão – interrompeu o «cardeal» com condescendência –, não vamos fazer o nosso líder perder tempo com os vossos conhecimentos de medicina – e riu.

Jerónimo estudava Clarimundo. A interrupção baralhou o missionário,

que começou a sentir a animosidade de Esteban, sem a compreender.

– Entre estes doentes humildes, por vezes encontram-se seres humanos surpreendentes, até pessoas que mostram uma intimidade com a filosofia tradicional. – Clarimundo não estava ao sabor do vento, podia ser um humilde servo, mas era perspicaz e culto, ágil a ler as informações que o rodeavam. E declamou: – «As montanhas não obtêm fama pela sua altura, mas porque nelas vive algum imortal. Os rios não adquirem renome por suas correntes, mas sim porque algum dragão torna mágicas as suas águas.»

A sua capacidade de citação dos clássicos chineses e textos budistas impressionava até os mais cépticos.

– Em 1606, quando haveis chegado, os missionários já não entravam de ânimo leve no Japão.

– Por isso não fui para a capital. Depois da expulsão decretada em 1587, os meus irmãos missionários encaminharam-se para a clandestinidade sob ameaça de perseguição. O édito de expulsão foi reafirmado logo após a grande vitória de Ieyasu, em 1600. – Clarimundo cumpria o exame na perfeição.

– Contai-nos mais. Ficastes em Kaga todo este tempo?

– Não. Apenas um ano. Depois percorri várias geografias até me juntar aos jesuítas estabelecidos em Kamigyo; como sabeis, era um ponto estratégico naquela altura, com tantos nobres de Quioto residindo ali. Tinha sido erguida uma igreja não havia muito tempo na parte Sul de Quioto. Aqui a missão florescia e precisavam de mais trabalhadores para a messe.

O «cardeal» não o queria demonstrar, mas estava impressionado. Este homem andara com os pés no terreno, tinha experiência, dedicação, uma história. E orgulhava-se disso sem ser arrogante.

– A questão é: como haveis conseguido chegar a Hara? Vivo.

Pouquíssimos podiam ter chegado a Hara por já enfrentarem muitos anos de acossamento e intolerância. Os que chegaram tinham seguramente uma história para narrar.

– Não foi há muito que ouvi falar pela primeira vez de Amakusa Shiro Tokisada, o filho de um Konishi *ronin*, e também de que havia muitos *ronins* entre os revoltosos. O meu coração, a minha fé, dizia-me que a força organizadora era claramente religiosa. E as profecias abundam!

– Quereis dizer que já estáveis no Sul do Japão no final do ano?

– Sim, refugiei-me numa pequena ilha, em Amakusa, fui acolhido por uma família *kirishitan*. Foi o filho dessa família que, uma noite, chegou a casa com uma profecia que se declamava de casa em casa: «Um anjo foi enviado e as instruções que ele trouxe serão transmitidas aos habitantes. As 66 províncias do Japão vão todas ser cristãs, disso não há dúvida. E Jerónimo que estes dias apareceu em Oyano de Amakusa é um anjo do céu.» A mim não me restaram dúvidas. Era o chamamento tão aguardado.

– E como resististes todo este tempo? Seguramente haveis passado grandes sacrifícios – retomava o «cardeal», insatisfeito com a fuga à sua pergunta.

– Com a ajuda dos irmãos *kirishitans*, ou haverá outra forma? – E disse-lhe em português: – Talvez quando se está no topo de uma instituição se esteja mais protegido...

– Estamos agradecidos pelo seu serviço. – A voz acriançada de Jerónimo arrepiou a espinha de Clarimundo, uma mistura de autoridade e inocência. – As atitudes do *bakufu*, a sua falta de honra e de palavra, envergonham-me a mim e a todos os japoneses.

– Os japoneses são «cristãos-novos», nossos mais importantes protegidos – tornou Clarimundo com o entusiasmo renovado, aquelas palavras eram as mais importantes dos últimos cinco anos.

– Somos muito ingênuos. Ou fomos. Como pudemos aceitar as taxas mais absurdas, tantas humilhações? – Jerónimo acrescentou.

Ao longo do período de repressão dos *kirishitans*, foram instituídas taxas sobre prateleiras ou janelas novas colocadas em cada casa, e até em cada nova criança que nascia ou no enterro dos mortos.

– Meu Senhor, permiti que partilhe convosco o meu conhecimento de anos e anos a observar a vossa situação – pediu Clarimundo.

– Concedida.

– Os *kirishitans* terão cometido alguns erros ao ceder às imposições dos seus adversários, mas num mundo controlado por tal animosidade relativamente aos cristãos não creio que pudessem agir mais correctamente. Deram a outra face.

Jerónimo ficou pensativo. Depois perguntou:

– Podíeis ter-vos escondido em qualquer canto, porque vos juntastes a nós, *batteren* Clarimundo?

– Os camponeses de Amakusa e Shimabara foram extorquidos e submetidos à fome. Nenhum deles procura o estatuto de mártir, cada um quer apenas sobreviver.

– Revelais uma compreensão profunda – Jerónimo não disfarçou a admiração.

– Mais vos digo: se uma revolução quer mudar qualquer coisa, uma rebelião é um acto do coração, uma tentativa de encontrar ar para respirar uma última vez. O meu coração vai para onde vai o coração de Deus. E Ele está convosco.

Lá fora, pelo tom da voz e a importância de certos silêncios, Jana percebia que Clarimundo se estava a sair bem.

– Só não entendo – tornou o «cardeal» –, como jesuíta que sois, a demora para chegardes a Kyushu, o vosso último refúgio.

– Os missionários, tal como os mercadores, só desejavam um porto seguro. Essa segurança já não era fácil de encontrar em Kyushu, aliás, em parte alguma do Japão. Vós sabeis, quando eu chegara, já a religião era perseguida? – respondeu Clarimundo, evasivo.

Fez uma pausa. Jerónimo escutava-o como quem ouve um professor fascinante, com um infundável labirinto de lógica para arremessar.

– Eu andei com as marés, onde podia ajudar, estendi a minha mão. Sei que agora é aqui o meu lugar.

– Vou pedir parecer ao «cardeal», mas não vejo porque não receber com agrado os vossos préstimos – e, com isto, Jerónimo dava-se por convencido, tratava de encerrar a conversa.

Clarimundo Céu, inflamado conhecedor da história do Japão, ou seja, a terra do vento divino pondo sempre em movimento narrativas heróicas, pediu autorização para acrescentar mais um conselho:

– Não vos esqueçais nunca, seja qual for o desfecho deste cerco. Daqui a cem, a duzentos anos, para sempre um acontecimento será mencionado: a Revolta de Shimabara.

Convidada a sair

Haru saíra do salão de Jerónimo e dirigiu-se a Jana, ainda sentada na sala de entrada:

– A vossa missão está cumprida. Deveis voltar a casa.

Ela observou-o desassombrada, achando-o ridículo no seu papel de a enxotar dali.

– Fico contente por ter sido útil a Jerónimo. Ele mandou-vos aqui para me agradecer, terei entendido bem?

Manteve-se calado. Jana não se moveu.

Lá fora vários pássaros chilreavam ruidosamente e vozes ao longe falavam, gritavam e até algumas gargalhadas se distinguiam entre esses sons.

Alguém tinha de tomar uma atitude, pois aquele silêncio e aquela troca de olhares assemelhavam-se a uma declaração de guerra. Jana suportara aproximar-se à força e em condições humilhantes de Clarimundo e agora esperava uma palavra de apreço, um simples gesto de agradecimento. Não o imaginava vindo de Jerónimo, mas de Haru, seria essencial para repor a sua dignidade e dali para a frente conviverem como iguais. Neste silêncio estavam todos os pensamentos de Jana, mas Haru não os lia nem os intuía.

Aproximou-se dela fazendo um gesto para que saísse.

Jana voltou a sentar-se. Incrédulo, subiu-lhe um rubor, desconcertando-o ainda mais. Ela, pelo contrário, olhava-o esperando o que lhe era devido, segura e sem sequer suspeitar de como ele reagiria. Quando se começaram a ouvir as vozes dos homens a sair do salão de Jerónimo, Haru agarrou no antebraço de Jana e levantou-a, quase a atirando para fora.

Jana olhou para trás, sentindo-se injustiçada. Ele fechou a porta nos seus modos surpreendentemente rudes, acrescentando apenas:

– A vossa missão está terminada e foi um sucesso.

Tropas do xogunato aproximam-se

Entre as muitas empreitadas em marcha, escavavam-se três fossos secos atravessando o interior do recinto de Hara, e faziam-se outras escavações na cintura da colina. Brechas para os mosquetes eram abertas na torre principal de três pisos, já erguida. Barricadas de terra, trincheiras feitas de árvores, bem como barreiras improvisadas de material metálico e de madeira estavam a ser alçadas. Os rebeldes chegariam, inclusivamente, a erguer e fortificar uma segunda, e até terceira, linha defensiva num plano cuidadosamente elaborado.

Quando as tropas do xogunato entraram finalmente nas ilhas de Amakusa, já bandeiras esvoaçavam nos torreões de Hara.

O exército progredia no terreno com mil cuidados, como se tacteasse. Os acontecimentos reportados recentemente obrigavam a acautelar o receio de embater contra milhares de revoltosos armados e evitavam a todo o custo cair numa cilada. As tropas governamentais demoraram a acreditar que o contrário acontecia: à sua passagem encontravam cidades-fantasma, aldeias evacuadas, todos tinham fugido para Hara-jo. Vila após vila, vazias. Os soldados deitaram-lhes fogo, inclementes à morte de animais, massacrando-os.

De Hara, Jerónimo observava o horizonte do topo da torre, juntamente com os seus generais.

– Podeis ver o avanço do inimigo pela progressão das colunas de fumo no horizonte – especificou o general Yamada Emosaku.

Jerónimo tinha uma ruga dividindo a testa. Um ruído incomodava-o sem saber de onde vinha. A vista grandiosa, apesar de atormentada pelos arrimos de fumo do fogo posto, dava-lhe a confiança em Deus, uma perspectiva de vantagem. Tremeram-lhe as mãos e agarrou-as para não demonstrar os nervos.

A sua confiança na vitória não impedia que naquele preciso momento, na parte Norte de Amakusa, muitos *kirishitans* se embrenhassem nas montanhas, fugindo a todo o custo dos samurais do xogunato. A minutos de alcançar o refúgio dos revoltosos, famílias corriam em desespero, mas algumas ficariam de fora, tendo nesses encontros com os samurais do Governo os seus últimos momentos de vida.

A Jerónimo doeu proferir a ordem, mas o fio do tempo acabara de se esgotar:

– Fechem os portões. Imediatamente!

1. «Nanban jin», como eram designados os portugueses (e os outros europeus, como italianos e espanhóis), significa «os bárbaros do Sul».

2. *Koku* é uma antiga unidade de medida japonesa correspondente a cento e cinquenta quilogramas, aproximadamente.

3. Regime político instaurado desde que o xogum concentrou o poder nas suas mãos, tornando-se o imperador uma figura de segundo plano.

4. Tal repúdio fazia-se normalmente por carta chamada *mikudarihan*, e acontecia em três linhas e meia. Na verdade, havia uma forma de divórcio resumida pela expressão popular «*tsuba no tobidashi rikon*», isto é, «quando a mulher se vai embora, batendo com a porta»...

5. Designação antiga de Quioto.

6. I Ching.

7. Quando os portugueses chegaram a Kyushu, esta região era uma arena entre dáimios de maior ou menor poder. Toyotomi Hideyoshi invadiu-a e conquistou-a em 1587 e, por isso, os missionários e comerciantes tiveram de mudar as suas bases de operação repetidas vezes em busca de refúgio e protecção, enquanto não obtinham o apoio claro de algum governante. Mais tarde usaram esta confusão interna em seu benefício, ao ponto de conseguirem o porto de Nagasáqui, até serem expulsos definitivamente, ao fim de quase cem anos.

CAPÍTULO II

Esperai, ó almas cercadas

General Itakura Shigemasa

2 de Fevereiro de 1638 – Alguns dias depois do fecho dos portões

Começara o cerco ao castelo de Hara pelas tropas aliadas de Itakura Shigemasa, alto-comandante do xogunato Tokugawa.

Dáimio em Fukozu han, a cerca de mil quilómetros dali, Itakura estava habituado ao vento gelado vindo do Pacífico em Fevereiro.

Cavalaria enfurecido. Com os seus ossos de cinquenta anos, as dores sentiam-se constantemente, porém, no dia 22 de Janeiro, chegara às imediações de Hara e, depois de dormir dez horas seguidas, não tardou a ir reconhecer o já montado acampamento.

– A Leste está rodeado por um mar bravio – pôs o dedo no mapa –, a Oeste existe um pântano que se alaga na maré cheia e não é viável na maré vazia – ergueu os olhos para os seus soldados –, ou seja, não há solo escorado para suportar uma única pata de cavalo.

– A Norte e Sul o castelo apoia-se em penhascos verticais – interveio o espadeiro Miyamoto Musashi, que ali estava como conselheiro e viria a tornar-se famoso pela escrita do «Livro dos 5 anéis» sobre a arte de ser um samurai.

– Chamai a nossa divisão: já decidi como vamos atacar. – A notória expressão de espanto dos presentes impeliu-o a reafirmar: – Ide! Reuni a divisão Nabeshima! O comandante fará uma declaração.

Os generais sussurraram que muito os surpreendia esta mudança de planos. No dia 22 de Janeiro o comandante dissera categoricamente que não atacariam enquanto a linha defensiva dos rebeldes não revelasse um ponto fraco.

Dos seus tempos de samurai da corte pessoal do xogum Ieyasu, não havia relatos de impulsividade, nem desobediência por parte de Itakura. Agora servia o neto do seu Senhor, o xogum Iemitsu, e talvez sentisse que a sua experiência devia falar mais alto do que a de um jovem ainda a treinar-se no engenho de governar. Além disso, tinha à sua disposição um invejável corpo militar de ninjas, especialistas em cavar túneis e usar catapultas. No passado já tinha actuado como negociador. Mas essa experiência era ali inútil, julgava. Não restavam dúvidas, deviam avançar e em força.

Quando a divisão Nabeshima se alinhou em sentido, fez este discurso:

– Ontem à noite cheguei à conclusão: quando consideramos as

motivações dos rebeldes, não é o tempo gasto a fazer um cerco. E pior, se não tomamos Hara rapidamente, não há dúvida de que os habitantes das vilas à volta se revoltarão; e convém-nos que as notícias enviadas ao xogum não sejam de nada termos feito. Ele ficaria furioso. Então, hoje à noite, vamos invadi-los de todos os lados, e observar como reagem; e, depois de quebradas as muralhas, todas as divisões devem entrar em força, como uma tempestade.

Um clamor de alegria e raiva – a sede de sangue – apareceu num só grito.

Por esta altura aguardavam-se ainda algumas companhias. Em vez de jogar pelo seguro, Itakura decidia dar aos seus homens aquilo que eles mais desejavam: a adrenalina da matança com a iniciativa da batalha.

A divisão de Nabeshima tinha a missão aparentemente simples de lançar um ataque surpresa pelo lado oeste, pela muralha reconstruída do castelo, assim chamando a atenção dos rebeldes. A seguir, surpreendê-los-iam noutra localização.

Itakura observava Hara e cismava no seu plano. Compreender aquela geografia passava por imaginar uma ilha, que o era, de facto, naquele tempo. Isolados, acastelados, recém-amuralhados, os rebeldes podiam lá manter-se protegidos durante bastante tempo, com auto-suficiência.

Em japonês, Hara significa o centro de tudo, o foco e a origem do movimento. De onde tudo pulsa. Um coração-castelo.

Uma catana entre Haru e Jana

Os dias passavam velozes apesar da tensão crescente.

Homens, mulheres e crianças, cada um à sua maneira, sentiam a fragilidade, a complexidade, a transitoriedade, a imperfeição e o equilíbrio da sua posição dentro de Hara.

Jana vira Haru poucas vezes nos últimos dias. Quando ela saía em busca de lenha e mantimentos, ele aparecia para dormir algum tempo e voltava ao trabalho nas muralhas quando ela subia a colina regressando a casa. Cumprimentavam-se de modo cortês e evitavam os olhos um do outro.

Jana esquivava-se aos inquéritos de Emi, sempre plenos de suspeita, mas a simpatia de Nishi mitigava esses momentos. Entre Nishi e Tago gerava-se uma cumplicidade que a criança nunca tivera com ninguém e os dois passaram a sair juntos durante a tarde, Nishi sempre amparado pela criança. Jana sentia-se descansada com aquela amizade.

A vida no castelo prosseguia, cada um com as suas batalhas, aflições e contentamentos. Quando Jana encontrou Clarimundo, ficou a saber que se alojara num casario não muito longe da casa de Haru, por insistência do líder dos rebeldes. Jerónimo interessara-se por Clarimundo e por vezes solicitava a

sua presença.

Todos os sitiados assistiram à ordem do fecho dos portões com emoção. Uma vida ficava do lado de fora daquele recinto, outra vida começava agora. Estranhamente, a luta pela liberdade levava-os a confinarem-se naquele último refúgio perante o mar.

Uma noite, Haru apareceu à hora de jantar. A irmã apressou-se a servir-lhe uma grande porção de repolho com arroz e caldo de cebola. De vez em quando, enquanto ceava, o *ronin* levava a mão à sua espada curta, que trazia extremamente afiada, como quem se assegura de que ela ainda lá está.

Tago, bem-disposto, contava o seu dia e alguns embaraços por que Nishi o fizera passar. O *ronin* tolerava-o sem fazer qualquer esforço para lhe sorrir. Saltava à vista como se sentia inadaptado à vida em família, peixe fora de água quando o retiravam do cenário de guerra.

– Ouvi dizer que Jana também tem competência política – provocou Emi. – O missionário agora tornou-se conselheiro de Jerónimo, e isso deveu-se às artes da nossa convidada.

Jana, que já não estranhava o ataque constante, ficou surpreendida, mesmo assim, com esta intervenção. Ia dizer que só fizera o que lhe tinham mandado, mas foi Haru quem pôs ordem na mesa.

– Irmã, os assuntos políticos, como lhes chamais, não devem ser para vós uma preocupação, e Jana não vos deve explicação alguma, nem a mim, mero soldado do nosso general. Apenas a ele devemos obediência, lealdade. E não vos esqueçais de que também Jana e Tago lhe devem lealdade, e a mais ninguém.

Emi levantou-se da mesa e retirou as taças dos convidados, abruptamente. Tago já terminara, mas a mãe ainda tinha uma porção que ficou por comer.

Jana espantou-se e logo de seguida preocupou-se. Não precisava de ninguém que a defendesse e muito menos de receber favores do *ronin*.

– Preciso que me acompanheis lá fora, observo que já haveis terminado de comer – acrescentou ele, irónico.

– Podemos falar aqui – preferiu Jana.

– Não são assuntos para conversar em frente do vosso filho – e levantou-se da mesa.

Nishi agarrou-lhe o pulso. A sua mão velha e, contra a sua vontade, trémula, não tinha força contra a mão de Haru, mas este estacou em respeito ao pai.

– Sê brando com ela. Já todos sofremos muito, não acrescenteis penas desnecessárias – ordenou o velho.

Haru deslizou a mão debaixo da do pai e fez uma vénia, para ele invisível. Saiu nervosamente e atrás dele foi Jana, não reparando no ar preocupado do seu filho.

Cá fora a temperatura cortava e ela teve de semicerrar os olhos para perceber para onde Haru se deslocava, acelerando depois o passo para o

acompanhar. Quando ele sentiu que Jana o alcançava, levou o braço ao pulso dela e puxou-a, levando-a velozmente: ele caminhava, ela corria, arrastada pela sua força. Pararam junto à frondosa criptoméria japónica, diante da casa de Jerónimo, debaixo das suas folhas, protegidos de quem os visse de fora.

– Sois muito veemente – disse Jana olhando para a mão agarrada pelo samurai.

– Tenho um pedido a fazer-vos. – Largou-lhe o pulso.

– Finalmente palavras com algum respeito – disse-lhe com insolência. Os cabelos longos presos desalinham-se e cobriam-lhe parte da face.

– Um ataque pode surgir a qualquer momento, mesmo esta noite.

– As tropas estão estacionadas, bem sei.

– Sim, já chegou a divisão Nabeshima, bem como a divisão Hosokawa e a Tachibana. Esperam-se mais.

– Muitas mais?

– Não sabemos ao certo, mas, sim, muitas mais.

Àquela hora, os 13 000 homens da divisão Nabeshima alinhavam-se na muralha centro-oeste.

Jana aproximou-se para tentar descortinar uma expressão no rosto de Haru, uma vez que a sua voz fria não transparecia agitação. A escuridão de uma noite carregada de nuvens, sem vislumbre da lua, tornou-se mais enigmática ainda com a queda dos primeiros flocos de neve. Tão próximos que sentiam o ritmo das suas respirações e, no entanto, sem qualquer indício de se compreenderem mutuamente, Jana lançou a mão à catana que ele usava e sacou-a num segundo, o movimento mais surpreendente da história do *ronin*. Sem o ter nunca previsto, Haru tinha de repente a catana junto à sua maçã de Adão.

– Dizei o que quereis de mim. Apenas gostaria de esclarecer que sei manejar uma catana.

Haru levantara as mãos e agora movia-as devagar para junto da mão que empunhava a sua espada.

– Todos os homens, e mulheres, são poucos para a defesa de Hara. O meu pedido é para vos juntardes às mulheres sadias que estão a reunir-se para fazerem plantões e patrulhas nos portões e muralhas – e tocou a mão de Jana. – Podeis retirar agora a catana do meu pescoço?

– Obediência e cortesia não são o meu forte. Pousai as mãos atrás do pescoço – e acentuou a força na catana – agora!

As pupilas de ambos dilatando-se, pareciam gatos furiosos, almas sem medo de tocar a morte.

Ele obedeceu com dificuldade.

– Se me pedis para participar na defesa de Hara, considero-me honrada. Obviamente aceito. Darei a minha vida para defender a do meu filho. Mas agora sou eu que vos faço um pedido.

– Podemos falar sem esta lâmina bastante incómoda apontada à minha garganta?

– Seguramente desconfiareis, mas agora vo-lo confesso: sou exímia arqueira. Se quereis a minha ajuda, ajudai-me a combater com os samurais. – O *ronin* ia dar uma gargalhada, mas a catana estava no percurso do seu espasmo natural e apenas fez um sorriso.

– Não compreendo o motivo do riso. Quero uma resposta, ajudais-me a entrar nas fileiras dos samurais?

– Para isso tendes de dar provas de habilidades de batalha inquestionáveis. Tendes de obedecer ao código *bushi*.

– Não há tempo para provas. Há a minha inabalável vontade. Ajudais? – Jana premiu a catana até sair uma linha de sangue num corte direito e superficial.

– As mulheres têm as suas tarefas, atirar água a ferver...

– Não tenho interesse nessas tarefas. Quero estar na linha da frente. Quero combater.

– Vou tentar – afirmou, de tal modo se encontrava acochado.

– Tenho a vossa palavra? – Jana retirou a lâmina do contacto.

– Tendes a minha palavra de honra.

Nesse momento, Jana deu uma volta à catana em frente ao seu rosto, cortando o ar que os separava, e acertou na bainha sem haver qualquer iluminação.

Deu dois passos atrás e depois virou as costas. Afastou-se como uma música de harpa que se dissuade num temporal.

Haru levou a mão à garganta e provou do seu sangue. O embaraço do momento pregava-o ao chão.

Já não a via, já não sentia a sua presença. Foi a primeira vez que a achou surpreendentemente bela.

O ataque de Itakura

3 de Fevereiro

Não demorou muito até ser dado o alerta. Algumas horas depois, Jana era agitada na cama. Fitou o vulto e distinguiu Haru pondo a mão na sua boca a pedir silêncio.

Saiu da cama devagar, aconchegando Tago. Juntou ambas as testas num adeus simbólico com esperança de o não ser.

– Já estamos a ser atacados. Todos devem assumir de imediato as suas posições – sussurrou-lhe.

Jana reparou na ferida a fechar no pescoço de Katsuo.

– Para onde vou?

– Vesti esta armadura, e nunca deixeis cair o capacete, é a única maneira de eu vos poder fazer passar entre os samurais.

Jana agarrou na vestimenta e retirou de imediato a sua roupa. Ficou apenas com um quimono que lhe deixava as pernas descobertas. Arrastou todo aquele equipamento com dificuldade para a rua, porque tilintava e não queria acordar os que dormiam.

– Ajudai-me a colocar isto, será mais rápido.

Jana parecia um autêntico samurai e Haru teve vontade de a admirar por momentos. O pensamento confundiu-o e trouxe a si toda a concentração e frieza necessárias para a arte do combate.

– Estou pronta. – E ia começar a descer o trilho gelado e escorregadio quando Haru a impediu:

– Calma, escutai as instruções. Estão reunidos cerca de 35 mil soldados em Hara. Entre eles, há seis mil besteiros com capacidade para atingir até o buraco de uma agulha e cerca de seiscentos espingardeiros que não falharão um javali em fuga, nem um pássaro a voar. – Jana concedeu-lhe um sorriso indulgente. – Aqui está a vossa melhor amiga. – E estendeu-lhe uma besta. – Estais segura de que pretendeis assumir a posição de besteira?

– Seguríssima. Dai-ma com toda a confiança. – Jana pegou-lhe e fez pontaria ao mar, imaginando vários corações perfurados. – Que dúvidas podeis ter? Se temos mais bestas do que besteiros e esta é a minha vontade!

Haru arrepiou-se perante a ânsia de matar que Jana revelava. Esta mulher não era apenas corajosa ou incomum. Havia nela uma sede qualquer de vingança. Temeu-a ao de leve.

– Segurai-a bem. – E dirigiram-se aos postos que os aguardavam, ela tentando ganhar o jeito de envergá-lo o traje.

Quem visse de longe, não percebia o que acontecia em Hara, mas um súbito silêncio, àquela hora da manhã, quando já normalmente havia movimento e vida, apoderara-se de todos os recantos. O estado de alerta deixava a todos suspensos.

Primeiro, com grande estardalhaço, os homens de Itakura atiraram-se à muralha centro-oeste do castelo, situada numa inclinação pejada de pinheiros. Por entre essas copas, os rebeldes podiam entrever um trilho tão estreito que só um punhado de homens podia ir de cada vez.

Posicionavam-se na muralha deixando cerca de dois passos entre si e os seus narizes apontavam ao infinito, os olhos perscrutavam qualquer movimentação, até uma brisa empurrando levemente um arbusto podia ser um alvo a abater. Jana estava ao lado de Haru, ambos empunhando bestas, assim como mais algumas centenas naquela secção.

Todos se mantinham no respectivo posto ordeiramente, sem uma única falha de comunicação.

O ataque surgiu com tanto barulho que logo se fez ouvir por cima da água do mar, o eco devolvido de Kumamoto. O ribombar das armas soou com o despertar da manhã.

Na muralha dos besteiros, aguardava-se com expectativa, mas depois do estrondo inicial o local do conflito ficara completamente silencioso, com

chamas a verem-se no horizonte.

Haru gritou:

– Agora!

Os besteiros rebeldes apontaram ao alvo e começaram a ver cair soldados inimigos, primeiro uma dezena, depois outra, depois outra. Uma súbita alegria percorreu o contingente.

Nos parapeitos térreos haviam sido montadas catapultas para lançar grandes pedregulhos aos adversários que se aproximassem. Mulheres encarregadas de preparar uma pasta escaldante de areia e óleo fervente subiam ao nível médio da muralha e atiravam-na sobre os atacantes, assim como água fervente.

Também havia um grupo para lançar pedregulhos com as mãos aos invasores, mas esses ainda não tinham recebido ordem para actuar.

Jana abatera dezenas de samurais do xogum e Haru conseguia sentir o fervor da sua alma.

Os soldados de Itakura pareciam dar-se à morte, espantelhos a serem consumidos como fogo de palha. Viram definhar duzentos homens em pouco tempo e tal aconteceu porque os besteiros atingiram alguns dos que se mantinham quietos, esperando simplesmente para conseguir entrar no trilho. Como se tornou uma missão falhada, os soldados na dianteira começaram a retirar-se de forma atabalhoada e espezinharam os companheiros atrás deles. No entanto, o fogo dos rebeldes continuou sem parar.

Também os arremessadores de pedras se puseram em acção, sem piedade. No meio destes homens condenados encontrava-se Miyamoto Musashi, conselheiro de Hosokawa Tadoshi, Senhor de uma das divisões mais poderosas neste campo de batalha, que foi atingido por um pedregulho arremessado por um camponês e caiu do cavalo. Teve a sorte de sobreviver, mas a queda daquele homem importante, reconhecido como tal pelos rebeldes, levou-os ao rubro.

Quando o clamor amainou, Haru sussurrou:

– Não há um general que envie os seus soldados para a morte inútil no campo de batalha...

Jana mirou-o. Na sua adrenalina estonteante, perdera o sentido do tempo, a complexidade do espaço. Mas o *ronin* antevia o invisível. Algo não estava certo. Haru teve um pensamento perturbador e saiu da sua posição sem avisar ninguém. Vendo-o desaparecer entre os canaviais, Jana voltou a mirar o horizonte. Um soldado do xogum fora atingido no estômago e demoraria a falecer.

«Malgasto, este virote, mas por misericórdia acabo já com a tua dor», pensou ela.

Haru correu tão célere quanto pôde. Confirmava-se o seu pressentimento: já decorria o ataque surpresa do Senhor Tachibana quando alcançou o portão Hinoe.

A maior parte dos *ronins* de Hara situara-se na defesa da muralha centro-

oeste, mas o perigo materializava-se na forma de cinco mil homens do regimento Tachibana a infiltrarem-se naquele preciso momento, em total silêncio, pelo imponente portão Hinoe, na praia do Norte. Ao contrário do outro regimento, este levava uma linha da frente de escudeiros preparados para se resguardarem dos virotes arremessados pelas bestas.

– Qual é a gravidade da situação? – perguntou Haru exaltado e sem fôlego ao comandante desta secção.

– Acalmai-vos... Deus há-de proteger-nos – respondeu-lhe ele com uma estranha calma, apontando o dedo na direcção das várias fogueiras e tochas colocadas ao longo da muralha. – Foram acesas para que possamos vislumbrar a mais pequena formiga a mover-se no chão.

O *ronin* subiu por uma escada para observar a situação no exterior do portão. A investida começou então.

É certo que havia uma linha de escudeiros, mas entre o portão Hinoe e o mar não havia capacidade para muitos homens se movimentarem ou, pior ainda, aguardarem. Para espanto de Haru, observavam-se centenas de fileiras de guerreiros do xogum ali estacionados, prontos a atacar, todavia a maior parte indefesos. Aqueles que se aproximavam da muralha habilitavam-se a ser atingidos, pois a linha defensiva apenas podia resguardar um número reduzido de soldados.

Não demorou muito até que centenas de homens jazessem no chão, criando um tapete humano aos pés do pórtico, os moribundos gemendo como loucos. Era um quadro peculiar, pois os samurais vestiam trajes de guerra com cores garridas.

– A sua investida apenas durou uns minutos, já está sob controle – gritava o comandante rebelde visivelmente orgulhoso, mas também admirado.

– Zombais comigo?

– Crede em mim, Haru! – E sorrindo tirou do seu bolso um rosário feito de sementes. – Deus protegeu-nos imediatamente! São uns cobardes ridículos. Este ataque não foi planeado com cuidado.

Um grande número de soldados do xogum, ouvindo os sons do ataque do grupo junto à muralha centro-oeste, altamente fracassado, fugiram em retirada.

Haru olhou para a torre onde Jerónimo, de cabelos soltos sacudidos pelo vento, vigiava.

– Dentro em breve haveis de lhe levar as boas novas – afirmou esperançado o comandante, antes de regressar ao seu posto.

A maré cheia tornava o lado sul inexpugnável, as águas avançando pelo pântano. Mas o general Itakura talvez considerasse uma terceira fase, quando a maré descesse, e nessa altura, possivelmente, outro ataque por esse flanco. Porém, nunca chegou a acontecer.

O plano revelava-se votado ao desastre desde o início.

«A estratégia imatura é causa de dor», avisa um ditado japonês.

Das amuradas os rebeldes continuavam a disparar e a batalha ainda

duraria mais algum tempo – antes de os samurais desistirem, obedecendo à ordem de retirada proferida por uma voz irada e deixando para trás centenas de mortos.

Carta dos rebeldes

As tropas governamentais demoraram até ao final do dia para fazer a contagem das baixas.

As perdas de Tachibana não se revelavam tão pesadas como as Nabeshima – a divisão de Itakura Shigemasa –, mas mesmo assim eram imensamente desconfortáveis. No meio da confusão, as baixas do exército do Governo chegavam às quatrocentas, enquanto os rebeldes pareciam nem uma ter sofrido.

Durante os três dias seguintes os atacantes pareciam desencorajados pelo seu falhanço e por algum tempo continuaram a observar o castelo apenas à distância.

Amuados nas suas tendas, os samurais não comunicavam com o general ao serviço do xogum, Itakura, nem este anunciou uma declaração às tropas, o silêncio para não se assumirem os erros. Ele tinha sob o seu comando directo oitocentos homens, mas todos viviam um ruidoso torvelinho de pensamentos e o embaraço culminaria com uma carta enviada pelos rebeldes.

A tentativa de diálogo chegou numa *yabumi* – uma carta-flecha vinda do castelo e entrando no campo do Governo a 6 de Fevereiro, endereçada especificamente a Itakura.

*

Um samurai pediu autorização para entrar na tenda.

– Nego! Desapareçam-me da vista.

– Meu senhor, recebemos uma comunicação dos rebeldes...

– Deixai-a com os meus homens e arredai pé daqui – respondeu de maus modos o comandante.

Um samurai levava a mensagem longe do seu corpo, como se aquele objecto ardesse.

– Quem lê?

Perante a ausência de resposta, Itakura ordenou ao seu conselheiro principal que o fizesse.

*«Nós homens, tendo em comum a natureza e a origem... não
somos insensíveis como pedras. E, mesmo assim, somos vistos por*

vós como alvo a abater. Decidimos, no entanto, escrever-vos esta missiva.

Procedemos deste modo por causa da nossa religião, pela qual é difícil agradecer aos céus o suficiente. Em consequência das inúmeras e cada vez mais frequentes perseguições, e por amor de Deus imensas pessoas sacrificaram as suas vidas e deixaram os seus corpos nos solos destas montanhas.

Atentai: nós não somos guerreiros, não temos o desejo da fama.

Mesmo que queiramos defender a nossa causa junto do xogum, não no-lo permitis. Os ferozes soldados de nove companhias desfraldam as suas bandeiras e armas contra nós como se fôssemos criminosos. A nossa água é pouca, a comida e o combustível durarão pouco tempo. Os problemas estão a aumentar e a fome vai começar em breve.

Neste mundo sabemos que vamos encontrar o castigo da espada, mas, no além, sem dúvida seremos elevados ao infinito.»

Itakura não podia acreditar no que estava a ouvir. Arrancou a carta das mãos do conselheiro e leu ele próprio, em voz alta:

«A nossa petição é a de que o xogum diminua a sua raiva, fomenta um coração de misericórdia e perdoe as ofensas a mulheres e crianças. E se pudésseis dar-nos um pedaço de terra, apesar de nós estarmos ressentidos com a vossa conduta, deixaríamos que cortásseis as nossas cabeças aqui no castelo, e vós deixaríeis os vossos nomes para a posteridade. Fugirmos deste presente terrível e sermos enviados para o céu, é o nosso único desejo.»

Amakusa Shiro assinava.

– Este é o maior insulto! Ofereceram-se para se render!? Que tom conciliador é este?!

Depois de dias em silêncio, o comandante revelava-se enxovalhado e, sem pejo, demonstrava-o aos seus homens. Com a carta, Itakura parecia sair de uma curta hibernação e agora, revigorado pela cólera, finalmente convocava os seus generais.

Entretanto caía a noite e juntaram-se cá fora à volta da fogueira, iluminando obliquamente os rostos. Alguns generais avançaram com as suas próprias teorias sobre qual seria a estratégia dos rebeldes.

– Não vos deixais enganar, a natureza «cristã» dos rebeldes é apenas um embuste, a verdadeira intenção deles é atrair a atenção do inspetor governamental, conseguindo a cabeça de Matsukura Filho. – O próprio Matsukura Katsuie já estava presente em campo com as suas tropas, apesar de

não se encontrar nesta reunião.

– Para protestar contra os impostos, é bem sabido, esta é a única forma possível de o fazer – juntou outro samurai.

– Concorde. Revoltas não são assim tão raras no Japão desde a guerra civil – disse outro.

– Oferecer-se para morrer, poupando as mulheres e crianças, mostra a sua resolução – interveio Itakura, não disfarçando alguma desconfiança.

– Não sabemos para quanto tempo têm mantimentos – disse um general.

– Ora, um mês no máximo – disse outro.

– Não. Não se sabe, o assalto aos celeiros foi muito eficiente, já me chegaram informações – tornou o primeiro.

– Seja como for, não podem ter muito, quantas pessoas estarão ali dentro? – perguntou Itakura.

– Mais de vinte mil.

Itakura mantinha uma expressão sardónica. Queria esquecer o episódio da carta e mandou dispersarem. Ficou apenas com os seus homens de confiança. E disse, solene:

– Vou ditar uma carta, estais pronto para escrever? Pedido urgente ao Governo...

Nas comunicações oficiais há o registo de pedidos de grandes quantidades de bambu. É também pedido o envio de soldados de Amakusa para construírem paliçadas e barreiras defensivas. Tendo à disposição um exército aparentemente infinito, Itakura assistiu à chegada de mil canas de bambu e mil esteiras de junco num tempo recorde.

Mas também se contabilizava uma vergonhosa devastação: dois mil homens de Hizen, incluindo o seu governador e muitos nobres, já haviam tombado em combate.

A sombra do sugi

O júbilo tomara conta de Hara, havia de novo sentido para a vida.

Ao princípio da tarde a chuva voltou com intensidade durante cerca de uma hora e a festa foi abandonada para recolherem. Haru regressou a casa. Estava prestes a chegar quando a chuva parou, apesar de tudo pingar e brilhar com água presa aos ramos. Jana, tangendo uma energia de vitória, estava na rua com Tago. Os dois riam e conversavam. Jana deu-lhe a mão e rodopiaram. Viram o *ronin* subindo a ladeira com o capacete debaixo do braço e Tago correu para ele. Abraçou-lhe as pernas. Ele não teve reacção, nem sequer sabendo se lhe devia passar a mão pelos cabelos.

– A minha mãe disse-me que lutaste bravamente! – declarou o garoto ao *ronin*.

Entreolharam-se, Jana tomou a dianteira:

– O missionário disse-me que haveis sido incansável na frente de batalha.

– Que sabe o missionário? – perguntou Haru com menosprezo.

– Aceitai o meu elogio, não tenho dúvidas da vossa valentia – e Jana fez uma longa vénia.

Haru ficou confuso, dizia-o honestamente ou com ironia?

– A minha mãe disse-me que esteve com outras mulheres a lançar água escaldante aos inimigos! A minha mãe também é valente!

– É pois, eu vi – disse Haru fitando-a, e desenhou também ele uma vénia, mais contida, mas sincera. – Nós, os *ronins*, estamos gratos pelos vossos esforços que não passaram despercebidos, sois uma mulher com muitos predicados. Sois, vós mesma, uma batalha.

Tago perguntou logo o que queria isso dizer. E Haru pensou sem verbalizar: *não admira que vos sentísseis nas nuvens em plena luta.*

Tago aprofundou a sua dúvida, mas nesse momento Emi gritava da porta de casa que a ceia, tardia, estava servida, todos deviam juntar-se à mesa. Tago abandonou as inquirições e correu atrás da sua fome. Quando Emi entrou, Jana e Haru viraram as costas à casa e começaram a andar vagarosamente no sentido contrário. Jana disse:

– Com verdade vos digo que tendes a minha admiração na forma como vos haveis batido. Conheço muitos homens que tremem dos membros assim que o inimigo se aproxima. Não é fácil ver a morte de frente e afrontá-la.

– Também pude observar a vossa bravura, tendes particular efeito no moral dos homens.

Ela observou o que estava por trás daquelas palavras, como as tomar? Pelo que diziam, apenas?

– Para entrar numa batalha temos de subjugar o nosso ego lutando com excelência e aí, sim, influenciamos o ânimo dos que ao nosso lado pelejam – comentou.

– Talvez nos possamos respeitar mutuamente depois desta vitória – Jana aproximava-se dele e continuavam a fixar-se mutuamente como dois inimigos, apesar das palavras gentis.

Chegaram junto à criptoméria japónica onde no dia anterior Jana pusera a catana na garganta do samurai. Esse sugi, como no Japão é chamado, devido a uma copa espectacularmente larga, albergava os dois, escondendo-os da vista de Emi que continuamente os chamava para a refeição. Ninguém os podia observar ali, a árvore criando um biombo natural.

– Bem sabeis que a comida arrefece num instante – ouviram ao longe.

– O caminho da espada não significa apenas o treinamento no manejo da espada – provocou Jana.

– Nem existiria sem um código de honra característico da elite samurai – ripostou Haru. – Mas nunca vi uma mulher com a vossa motivação, sabeis encarar a morte como se ela fosse parte de uma rotina.

– Não é esse o significado da vida e da morte pela espada?

– Como assim?

Olharam-se tão intensamente que Jana deu um passo atrás para o evitar.

– Todo aquele que aceita a morte a qualquer momento da sua vida seria considerado um mestre da espada – disse Jana, enigmática, avivando o jogo entre eles, um jogo de vida ou de morte, enquanto falava de um princípio básico do «Ai Uchi»8.

Haru pôs-se de novo ao seu lado, olhando em frente; pousou-lhe a mão no fim das costas e depois subiu-a vagarosamente, ao mesmo tempo que tirava a catana e a *wakizashi*, de lâmina mais curta, e as atirava ao chão, evitando correr riscos sobre os implacáveis impulsos de Jana. Afirmou com um sussurrar meigo que nunca antes usara:

– No Zen não há elaborações nem misticismos: ele vai directo à natureza das coisas. – Insinuou.

– Talvez alguns rodeios sejam necessários, no entanto.

A mão de Haru alcançava agora o pescoço de Jana, acariciando-o numa intimidade inesperada, e adentrou os seus cabelos, agarrando-lhe a nuca com a mão ao de leve. Virando-se para ela, agarrou-lhe os cabelos até quase iniciar a dor no escalpe.

– A guerra é uma arte que implica o equilíbrio absoluto.

– E, como tal, a ausência de raiva – desafiou Jana, observando a ferida que ela lhe fizera no pescoço.

– O inimigo deve ser tratado como um convidado de honra. E o medo deve ser descartado.

– Então porque tendes agora medo? – provocou Jana.

Ela tinha razão. Não receava beijá-la, mas suspeitou que ela também usasse esta aproximação como uma técnica de ataque.

Com o olhar cativo nela, Haru hesitou mais uns segundos e deixou cair o capacete em cima da catana, que tilintou com estrilho.

– Onde haveis deixado a vossa armadura? – lembrou-se ele de repente.

– Guardei-a na casa do missionário.

O *ronin* ficou surpreendido e altamente desagradado com esta revelação. Largou-a puxando-lhe os cabelos para baixo, melindrando-a.

– Mas porque tem o missionário de participar deste segredo?

– No seu casebre há um alçapão e naquele momento todos estavam a festejar junto de Jerónimo, ninguém viu.

– Havíamos combinado que só nós o saberíamos. – Sentiu-se traído.

– Pois, mas como podia eu voltar a casa com a armadura, mesmo que Emi não estivesse? E o vosso pai é perspicaz, ouviria o ruído, perguntaria por vós, que faria eu, emudeceria?

– Esse estrangeiro, ao fim de contas, não é mais do que isso; não acho que se lhe deva dar essa confiança, é a minha honra que está em jogo!

Jana recompôs-se e desvalorizou:

– Já é tarde. A ele entreguei a armadura e Clarimundo sabe que me

tumfarcei de samurai. Não revelará nada a ninguém. Confio nele. Podeis fazer um esforço também para confiardes?

Não houve resposta. Haru voltou as costas a meio da frase, revelando o tumulto que lhe assomava ao espírito. Jana ficou a vê-lo afastar-se, genuinamente surpreendida por esta réplica, vendo-o entrar em casa como se fosse ele próprio agora a declarar guerra ao mundo.

Quartel-general

Sentados à mesa, já o arroz fumegava nas taças, todos se haviam reunido há pouco quando um homem esbaforido bateu à porta. Haru levantou-se e atendeu-o.

Chamavam-no para um conselho urgente no quartel-general. Olhou para a sua família e pediu licença ao pai para se ausentar. A taça ficou abandonada, enquanto os outros retomaram a conversa preocupados.

A noite pacificara-se, sem a mais leve brisa, mas aquelas temperaturas certamente antecederiam geada. À casa de Jerónimo chegaram ao mesmo tempo Clarimundo Céu e Haru. Aquele cumprimentou-o com felicitações, mas nada mais obteve do que a indiferença petulante do *ronin*.

– Convoquei-vos pois não há tempo a perder. Aguarda-nos uma guerra e temos de decidir o que fazer de seguida. General Mori Soiken, que dizeis?

– Julgo ser o momento de aguardar – respondeu cauteloso e pensativo.

– General Yamada Emosaku – pediu Jerónimo.

– Tenho uma opinião diferente, creio que devíamos enviar uma carta, por um enviado especial, a expor as nossas razões, explicar que é devido a uma enorme e contínua extorsão que nos revoltámos, e ... – hesitou – pedir o perdão ao Governo.

Haru não estava à espera daquela proposta e soltou um suspiro insatisfeito. Jerónimo também não a esperava, mas manteve-se imperturbável – afinal Yamada era o seu conselheiro mais importante desde o início e a sua opinião seria sempre levada em conta. Dizia-se que Yamada queria casar a sua filha com Jerónimo. A sua lealdade tinha sido indubitavelmente provada quando o governador o obrigara a pintar um quadro – à época era já um reconhecido pintor – com a cena dos camponeses envolvidos num fato de palha a arder, e ele se recusara, apesar de o torturarem.

– E o senhor «cardeal», o que achais?

– Acho que o perdão é um dom de Deus, o xogum não me parece habilitado a concedê-lo de bom coração. Estou contra tal ideia.

– Missionário Clarimundo?

– Pelo contrário, Senhor Cardeal, o dom de Deus manifesta-se nos homens nas ocasiões mais surpreendentes, Deus é de tudo capaz. A nós, seus

servos, cabe-nos apenas nisso ter fé. A vitória pode ser obtida através da calma e da brandura, está escrito há mil e quinhentos anos, nessa atitude de aparente fraqueza mostra-se uma força à qual ninguém pode opor-se...

– Senhor – interrompeu Haru, mais impetuoso do que o costume, sem conseguir aguardar que o interpelassem –, temos mantimentos para mais de dois meses, munições para um período considerável... Uma cedência assim demonstra fraqueza. Desonra-nos.

– Acalmai a vossa paixão, samurai Haru, todas as opiniões são válidas. Considero vossas palavras – alertou o líder.

– Porque havemos de pedir perdão por sermos homens livres? – voltou Haru. Tal como Jerónimo, não entendia o conselho de Yamada.

– A humildade, nas condições em que nos encontramos, não é uma humilhação, não façais essa confusão – respondeu-lhe Yamada.

– As revoltas de camponeses estão previstas na lei há algumas décadas, bem sabeis, seja qual for a parte do Japão onde nos encontremos, foram-nos reconhecidos direitos, entre os quais o direito de apresentarmos queixa formal e o direito de desertarmos dos campos, se necessário.

Silêncio na sala. Haru dizia a verdade. Com o decorrer dos acontecimentos, o *bakufu* veio a lamentar a sua magnanimidade, mas o princípio manteve-se e estava ainda em vigor.

O general Mori Soiken juntou-se ao apelo do samurai:

– O *bakufu* precisa dos camponeses e precisa deles relativamente saudáveis e moderadamente satisfeitos. Esta revolta é apenas uma forma de chamar a atenção, não um ataque ao poder. Um pedido de indulgência pode ser mal interpretado. Como diz o provérbio: os fracos são carne, os fortes comem-na...

Jerónimo deu uma volta ao salão, com as mãos atrás das costas e concentrado nos seus pensamentos. Um menino belo e fraco a querer ser homem apressadamente – pensou no pai e na sua coragem ao esconder missionários sempre arriscando a pena de morte, pensou em todos os mártires que haviam sofrido para agora recaírem em si as decisões certas para desatar este nó cego.

Entretanto, as conversas começaram entre os restantes. Tornavam-se evidentes as duas facções, vários *ronins* presentes declaravam apoiar ou rejeitar a ideia de Yamada. Entre aquele grupo de *kirishitans*, iniciavam-se já intrigas, e havia quem optasse por seguir a via da negociação ou pelo menos por não acreditar que estavam inevitavelmente condenados.

Jerónimo voltou para o centro da reunião e pediu silêncio:

– General Yamada, precisamos de um redactor. O Espírito Santo já me ilumina e estou pronto para ditar essa carta.

Ao sair da casa de Jerónimo, Esteban puxou a manga de Clarimundo:

– Irmão, concedei-me uma palavra em privado. – Clarimundo sentiu um calafrio que o acanhou. – Creio que não nos conhecemos o suficiente.

– De onde sois? – O missionário compreendeu que a melhor defesa é o ataque.

– Como sabeis, sou agostinho e nasci em Cáceres. Eles chamam-me «cardeal» porque há algum tempo, aliás, pouco tempo depois de conhecer Yamada, lhes disse que não havia cardeal ou papa que me conseguisse fazer mudar de ideias, que me fizesse partir do Japão. Acompanho Yamada há dois anos. Mas sou apenas um humilde sacerdote, como já haveis percebido.

– No entanto, não concordais com a ideia de Yamada em dialogar.

– Seria uma rendição. Mas Jerónimo decidirá com sabedoria. Acreditaís, irmão, no sucesso desta revolta?

– Acredito que Deus está do nosso lado – sintetizou Clarimundo. – O desfecho entrego-o nas Suas mãos.

– Gostaria de vos convidar para comigo celebrardes a missa campal, necessito de um acólito. Faço-o todos os dias pelas sete da manhã, haja chuva ou sol.

– Muito me honra o vosso convite, mas é precisamente a hora a que reúno com o nosso líder. Fazemos as orações em conjunto.

Esteban sabia-o perfeitamente. Sentia uma desmesurada rivalidade e não descansaria até conseguir retirar-lhe este privilégio.

Sobejamente conhecidas, até entre japoneses, as querelas existentes entre as várias ordens religiosas surgiram quando, em 1608, a Companhia de Jesus recebeu com surpresa a notícia papal permitindo às ordens medicantes pregar o cristianismo no Japão, acabando com a exclusividade dos jesuítas. Portugueses e espanhóis eram rivais, além das ordens a que pertenciam competirem avidamente entre si. Entre Clarimundo e Esteban havia um desfiladeiro de diferenças, bem como uma suspeita silenciosa; eram aparentemente «irmãos», mas na verdade disputando estatuto.

– Talvez depois da missa se possa juntar a nós. – Clarimundo sabia que no dia de Jerónimo não havia tempo livre, pelo que o disse com condescendência forçada e simpatia.

Esteban cantarolou uns versos em latim de um cântico religioso. Inesperadamente mudou o tom ameno:

– Sois vós o escolhido para amparar Jerónimo, mesmo estando eu tão próximo do seu homem de confiança máxima. A vós conhecem-vos há pouco... – e calou-se.

Clarimundo sorriu, interpretando as suas palavras como uma desistência.

– E, no entanto, não sou eu que escondo algo... – insinuou o «cardeal».

– A que vos referis? – indagou Clarimundo.

– Jesuítas são pestes encarnadas. Todos vós carregais o pecado original sem remissão e o triplicais em vida. Sois o pior que aconteceu a esta terra. Sem vós seríamos os senhores de Nagasáqui, os senhores de Kyushu, quizá do

Japão inteiro!

Clarimundo viu-lhe os olhos raiados de uma raiva muito antiga, um passado e uma experiência que ele não queria conhecer. Nada ganharia em ripostar e apenas disse:

– Devemos ser amigos, irmãos de fé e de esperança.

– A minha esperança há muito que está arruinada. E a vós... a única coisa que vos interessa é o poder. A vós e aos vossos.

– Enganais-vos. Sempre servi os pobres e os humildes. Se agora sirvo Jerónimo é porque Ele – apontou um dedo ao céu – expressamente mo solicitou.

– Tendes a cultura e a destreza dos jesuítas que aconselham os príncipes e servem nos palácios.

– Mero acaso. E, se não vos incomodais, vou agora recolher-me. – Fez-lhe uma vénia sóbria.

Esteban viu-o dirigir-se a casa, matutando quem seria este estranho jesuíta que em Hara lhe cobiçava o lugar. Sussurrava:

– Tendes pés de barro, sois frágil como folhas de Outono, não demorarei a ver-vos cair.

Flagelação e culpa

No dia seguinte, Jana foi recolher a armadura à casa onde se alojava Clarimundo. Levava uma grande saca com alguns mantimentos e nela haveria espaço suficiente para transportar a armadura sem ser notada.

Quando se aproximou da porta, como não viu ninguém, chamou para que dessem com a sua presença. Ouvia uns estranhos estalidos. Bateu de novo à porta, não obteve resposta. Espreitou: a cozinha, num sossego, banhava-se de luz àquela hora e a ausência de pessoas deu-lhe segurança para entrar, depois de se descalçar.

Foi-se aproximando sem conseguir deter a curiosidade; estava certa, todavia, de não estar a agir correctamente. De repente ouviu um silvo. Alguém estava a ser castigado. O ricochete do chicote calava-se com um grito surdo de dor.

Deu um passo atrás, não, não queria saber, este não era um assunto para chamar à sua vida – acontecesse o que acontecesse, não podia entrar na casa dos outros e interferir. Virou as costas e caminhou para a saída, mas de repente parou. E se fosse uma criança, alguém indefeso? Aborrecida consigo mesma, ouviu:

– Deus me perdoe. – A voz de Clarimundo.

Sem raciocinar, foi até ao quarto e viu uma sombra, era a figura do missionário a torturar-se, infligindo-se chicotada atrás de chicotada. E entre

cada uma a frase:

– Deus me perdoe.

– Padre Clarimundo – disse ela timidamente.

– Ah! Jana. – E começou a chorar como um menino desprotegido.

Ela fechou os olhos, não contava com este contratempo. Que fazer? Não o podia abandonar.

– Estais seriamente magoado? Como posso ajudar-vos?

Ele chorava convulsivamente. Jana aproximou-se. As costas do missionário estavam massacradas.

– Porque fazeis isto a vós mesmo? – perguntou horrorizada, estendendo-lhe a mão. Ele sentou-se num banco e continuou a chorar. – Por favor, acalmai-vos.

Clarimundo limpou as lágrimas. Escorria sangue das suas costas.

– Queria ajudar-vos mas não me posso demorar, vim agora, que todos saíram de casa. Vim buscar a armadura.

– Jana, não imaginais como valorizo a vossa confiança.

Ele levantou-se e foi até ao alçapão, onde guardava os seus pertences e onde Jana tinha pedido para esconder a armadura. Mas o alívio de Jana durou pouco, de lá Clarimundo trouxe apenas uma carta e voltou a sentar-se, pedindo a Jana que se sentasse junto dele.

– Eu guardo o vosso segredo com todo o cuidado, mas está na altura de vos contar o meu. Não poderei falar com mais ninguém.

E começou a ler a carta. Jana espreitou e reconheceu uma língua estrangeira, mas ele traduzia-a em simultâneo.

«Não podeis compreender o sofrimento das gentes até lhes ver os rostos. Magros e corajosos. Encurralados e cheios de esperança para que algo mude nesta vida de azares. Ao tributo anual de arroz, trigo e cevada, chegou-lhes a ordem de se vergarem a mais duas taxas: o nono, viram-se obrigados a entregar a nona parte de tudo o que produziam e ainda a entregar as melhores folhas de tabaco. E não terminam aqui os excessos. Os camponeses devem também entregar ao dâimio um número específico de beringelas, a produção mais abundante destas paragens. Ora, pedir para se dar o que não se tem, ou é delírio ou crava as garras na injustiça. Obrigados, além de tudo, a cortar madeira para os soldados aqui destacados e um rol de outros trabalhos, bem se vê que a regra se encontrava no não cumprimento. Não vos vexais com o vil castigo, mas cumpre-me mencioná-lo: às mulheres e filhas daqueles que não conseguiram pagar as taxas, mergulhavam-nas em água gelada e por vezes eram-lhe arrancadas as roupas à frente de um batalhão.»

Olhou para ela como se tivesse revelado o maior segredo do universo, esperando uma reacção.

– Mas... – começou ela. – Isso é o dia a dia dos habitantes de Amakusa... – Infelizmente, não era nada que ela não soubesse.

Ele comoveu-se de novo e ia começar a soluçar, mas Jana pôs-lhe uma mão no pulso.

– Quem vos escreveu esta carta? Porque ma mostrais?

– O meu companheiro Duarte Correia, missionário. Foi ele o responsável pela minha vinda para o Japão, foi ele quem me disse serem necessários homens de Deus nestas terras, ele tudo fez para ajudar.

– Porque chorais, está morto? Foi martirizado? E porque vos auto-infligis tamanho castigo?

– Não sei se já está morto, mas seguramente estará a caminho da morte.

Ouviram-se vozes lá fora, aproximando-se. Jana não escondeu a sua desilusão. Já não conseguiria concretizar o que a levava ali.

– Venha... aqui... ponha tudo aí dentro e fuja, por esse lado não há-de ninguém passar.

Ela hesitou, depois olhou pela janela, só ao longe se viam aldeões. Abriu a saca e ele pôs lá dentro a armadura.

Quando já saltava para fora olhou para ele e sussurrou:

– Não me contou o segredo.

– Depois, depois!

– Lave as feridas. E, por favor, seja lá o que o atormenta, não volte a fazê-lo – agarrou-lhe na mão –, prometa-me.

– Agradeço o seu cuidado, mas não, não o posso prometer.

Jana escapuliu-se e Clarimundo sentiu a sua ausência com um ardor indevido, como se a sua companhia fosse o único consolo que sentia na vida.

Más notícias para o general Itakura Shigemasa

Do lado de lá da muralha, chegava uma carta do sobrinho de Itakura.

«Respeitado tio,

Cabe-me avisar-vos de que o xogum enviará em breve mais tropas lideradas por Matsudaira Nobutsuna.

Se tiverdes uma oportunidade para atacar, fazei-o antes da chegada de Nobutsuna», escreveu-lhe o sobrinho.

Matsudaira Nobutsuna era filho de um seu antigo rival. E Itakura alvoroçou-se por ter a certeza de que não suportaria receber ordens de um jovem, ou seja, ser substituído enquanto general.

Na mesma carta também recebia a notícia da chegada de um samurai cronista, um observador de nome Ren Jun, enviado especial do xogum para

elaborar um relato de todos os acontecimentos e transmitir-lho pessoalmente.

Naquele segundo mandou sair toda a gente da sua tenda e determinou, sem hesitação:

– Tomarei Hara antes de os reforços chegarem.

Fazia um esforço para calar as palavras de raiva e desilusão. Tinha ido para Shimabara à procura de glória, chegara a pensar que seria fácil, e afinal acabava substituído por alguém mais novo. «Vou ser motivo de escárnio na corte do xogum, lembrado como o homem que nem conseguiu vencer um punhado de agricultores.»

Chamou os conselheiros. Sem preâmbulos, anunciou a nova decisão de ataque.

Nos seus rostos surgiu um rol de perguntas. E algumas foram feitas de viva voz:

– O pântano muda muito com as marés, mesmo que a água só dê pelo tornozelo, não será um tempo muito curto, mesmo no período da maré vazia? – perguntou um samurai.

– E de difícil progressão – respondeu de imediato o conselheiro.

– Não sabem os *kirishitans* precisamente quando nós podemos fazer uma tentativa de nos aproximarmos, por isso se mantendo altamente vigilantes? – acrescentou outro.

– Durante a maré cheia, os rebeldes têm garantidas longas horas de descanso ininterrupto. – Alvitrou novo interveniente.

– Não quero problemas, quero soluções! Vamos elaborar o plano que é ao mesmo tempo possível e infalível. A religião cristã é subversiva, tem de ser eliminada – e rodando nos calcanhares olhou para o alto, onde bandeiras adejavam ao vento com majestade.

Esteve assim algum tempo, sem acrescentar palavra e sem ouvir as respirações constrangidas dos que o rodeavam. Itakura não teria tempo, mas sabia perfeitamente que a vitória sempre advém de conhecer o inimigo como a si mesmo. E não tivera tempo para o fazer. Os escritos em latim, por exemplo, assim como os seus cantos, ininteligíveis aos não-crentes, arrepiavam-no, por não os compreender.

– Que pode ser aquela crença, pela qual tão grande número de pessoas está disposto a morrer? – questionou o general. Alguém, tentando dizer algo, arrependeu-se. E Itakura, que se encontrava de costas, virou-se, interpelando: – Quem falou? Que dizeis?

– Meu Senhor, mas não são apenas cristãos... formados samurais, agora *ronins* forçados a trabalhar nos campos – disse o samurai.

– Para que quereis alertar?

– Pensar neles como agricultores pode ser um erro. Eles... bem versados na arte da guerra, são altivos.

Os dias foram passando, já mais de dez luas haviam decorrido desde a discussão entre Haru e Jana e nove desde a estranha conversa de Jana com o missionário.

As linhas defensivas foram reforçadas e o samurai vinha a casa raramente, por vezes nem dormindo. Jana reparava nas rugas que lhe vincavam os olhos e, apesar de não dormir, no ânimo inquebrantável quanto às suas tarefas. Era um homem vulcânico, a sua força quase sobrenatural residia na disciplina. Todos o tratavam com deferência e o único que interagiu sem olhar ao seu carácter guerreiro era Tago, que se afeiçoava inocentemente, e o *ronin* notava-o.

Não ocorrera mais nenhuma circunstância propícia a que Jana e Haru conversassem.

Trabalho não faltava. Jerónimo e os generais ordenaram novas e cuidadas preparações. Montaram mais uma barricada, ergueram mais duas torres de vigia.

Depois de dois dias em constante labuta e cumprido o objectivo, chegou outra ordem: preparar para o ataque iminente, a falta de resposta à carta enviada não deixava margem para dúvidas.

Jana não sabia se o samurai mantinha apenas a distância, se de uma ofensa insanável se tratara. E, com os dias decorrendo sem oportunidade de lhe falar, sentiu-se ansiosa. Nova batalha estava para breve e ela queria participar.

Já era tarde, as temperaturas gelavam e todos dormiam quando ela ouviu Haru entrar. Esperou algum tempo, não corria o risco de adormecer, pois a sua insónia durava há muito.

Depois saiu da sua cama com extremo cuidado para não acordar o filho e sobretudo não correr o risco de despertar Emi. Pregou os olhos nela e moveu-se lentamente, tentando enganar a gravidade. O chão gelava os pés. Encostou a porta e percorreu o corredor. Espreitou para o quarto do samurai que dormia. Estava escuro, mas conseguia perceber-se que Haru sanava um cansaço profundo. Observou-lhe o contorno dos lábios e respirou fundo, ganhou coragem. Despiu a capa que permitia não perder calor abruptamente e ficou apenas com o quimono pousado levemente sobre a pele. Levantou a manta e colocou uma perna dentro da cama, sentindo o conforto de um leito quente, sentou-se debaixo da manta e deslizou lá para dentro.

O samurai dormia placidamente e ela foi-se aproximando, os dedos acompanhavam o seu rosto sem lhe tocar, num gesto enternecido.

Ele abriu os olhos de repente, fixando os dela, assustados.

– Arriscais demasiado – disse-lhe, inexpressivo. Jana sentiu uma lâmina entre os dois seios. – Pergunto-me, a troco do quê? – voltou ele, aliviando a ponta do punhal no corpo dela mas não o afastando muito.

– Só conheço o amor que magoa.

– Confundis amor com guerra, ou então tendes uma noção difusa de paixão.

Ela levantou as duas mãos, em rendição, e beijou-o devagar, um lábio de cada vez. Nenhum deles fechou os olhos. A lâmina continuava em contacto com Jana, mas os corpos acercaram-se.

Beijaram-se de novo, desta vez enovelando as pernas, as línguas. O punhal passou para as costas de Jana, que sentia o cabo frio e a mão que o cerrava.

Ela retirou-lhe o quimono e viu o peito sólido arrepiado pelo frio e pelo seu toque. Sentada no seu colo sentiu-lhe a força viril, e um fogo incendiou-os. A adaga lembrava-os do terreno perigoso em que se moviam, mas Jana não se coibia de nenhum movimento por ainda estar junto dela, como se ignorasse ou não se importasse com a dor do corte. A responsabilidade de a manejar deixava-a para ele, assim como os próximos passos no ritual de entrega ao prazer. Retirou o quimono que lhe caía já até à cintura e ele reparou nos seus seios. Eram belos e polposos, mas tinham duas cicatrizes que o intrigaram. Ela pousou as mãos, protegendo-os. Ele retirou uma das mãos e beijou-a. Depois afastou a adaga das costas de Jana. Vagarosamente levou o braço para fora da cama e deixou-a cair no chão.

Atiraram-se um ao outro com pressa de despirem as roupas completamente e já se encontravam nus quando ouviram:

– Senhor Haru! Senhor Haru! Vinde urgentemente à muralha.

Ela deitou-se de imediato e ele cobriu-a com a mantas.

– Queira Deus que não me maceis por leviandades! – disse Haru assomando à parede em ruínas.

– É a ordem do general, há um novo ataque em marcha!

Novo ataque de Itakura Shigemasa 14 de Fevereiro de 1638

Pelo calendário lunar o dia 14 de Fevereiro era dia de Ano Novo e o raiar do Ano do Tigre. Com a ajuda do seu pajem, Itakura vestiu a sua refinada armadura negra. Levou tudo muito a sério, pediu caneta e tinta e dedicou-se a escrever com recolhimento espiritual. Esta guerra era o âmago do seu orgulho.

Mas até os generais mais experientes podem ser surpreendidos – e, de qualquer modo, nenhum homem controla todas as variáveis; os seus guerreiros, assim deviam ser chamados pois estavam sob o seu comando, decidiram porém seguir os próprios planos. A divisão Arima, especificamente, sedenta de glória para si e sem outro desejo senão o de saborear a vingança

contra os que ocupavam o castelo outrora do seu amo, correu a atacar o castelo bem antes do nascer do Sol, ou seja, antes da hora marcada por Itakura.

Quando Haru chegou à muralha, a acção estava ao rubro. Soaram explosões de pólvora e ouviram-se gritos no portão Norte, para onde correu desalmadamente. Havia concertado com Jana que, desta vez, ela encontraria a sua armadura num paiol no segundo patamar do castelo. Deveria agir com toda a discrição, armar-se e juntar-se à batalha.

Haru tomou o mosquete e disparou. Juntava-se a um grupo de quinze *ronins* e rapidamente se reuniram outros tantos. Repelia-se o ataque da divisão Arima, com os métodos já antes usados: com rochas atiradas às cabeças dos soldados e os coordenados tiros de mosquetes. A soldadesca do xogum que não estivesse acordada despertava com a troada, de ambos os lados.

Jana juntou-se, entretanto, ao grupo. Um *ronin* apontou-lhe uma posição e passou-lhe um mosquete, mas Jana não sabia usar armas de fogo, seria um desperdício nas suas mãos, não podia sequer fingir por prejudicar a defesa. Haru apercebeu-se imediatamente e atirou-lhe a sua própria besta, retirando-a das costas e fazendo-a chegar num ápice às mãos dela. Antes que alguém se intrometesse, ele assumiu o comando e indicou-lhe a posição a tomar. Mandava-a para o portão Sul, seguramente o próximo a ser atacado.

A Jana não agradava ir para um local esperar. Mas refreou-se antes de usar a sua voz e levantar suspeitas.

O ataque tornou-se renhido, os samurais lutavam com garra e só passadas três horas se percebeu como se esgotavam as forças e vidas dos homens da divisão Arima enviados para o portão Hinoe. O Sol começava a despontar, iluminando um dia pardacento, cuja paisagem granulosa evidenciava o local da desgraça desta divisão. O cheiro a sangue pairava no ar, os moribundos estremeciam ouvindo os cânticos dos *kirishitans*. Um mantra propagado pelo ar: «Santa Mariya, Santa Mariya.»

Itakura chegou pontualmente e nessa altura o arrogante ataque de Arima já tinha terminado em retirada.

Haru e os rebeldes não queriam acreditar que o general Itakura Shigemasa atacava no mesmo portão. Do alto da muralha fixaram-no enquanto se aproximava, acompanhado das outras divisões, levava um enorme estandarte branco e usava um capacete fora do vulgar em cima da sua cabeleira desgrenhada.

Não haviam congregado um ardil ou uma estratégia militar mais inteligente. Talvez devido à maré cheia ou por incompetência, o portão Sul não era atacado. Em vez disso, todos os rebeldes, bem preparados e a postos, continuaram a lançar pedras e a usar munições contra o ataque do general.

Quando pouco faltava para alcançar a muralha do castelo e sentiam na pele a feroz resistência dos rebeldes, Itakura viu, para seu grande espanto, os seus próprios homens fugir.

– Vieram até tão perto para aqui desistir? Gente fraca, pensem no tipo de

inimigo que estão a combater, estão a fugir de agricultores de um pequeno castelo abandonado. Regressem e invadam este lugar! – admoestou-os amargamente.

A chuva começara a cair com força, diluindo com ela a valentia dos militares.

Os seus homens desertaram e Itakura tratou então de reunir um grupo pequeno de soldados.

– Vamos atacar!

Ainda durante o grito de guerra o seu porta-estandarte foi abatido. Novo soldado fez avançar a bandeira e também foi derrubado por um tiro. Outro soldado pegou no estandarte e teve o mesmo destino. Um cada vez mais reduzido número de combatentes conseguiu por fim fazer avançar a bandeira.

Rebeldes saíram então do portão, que se fechou imediatamente nas suas costas, e foram combater corpo a corpo. Entre eles ia Haru, que abdicara da bem mais segura posição na muralha para liderar o grupo que saía do castelo para lutar com catanas. Na escaramuça, a lança de Itakura foi partida e ele passou a combater com a sua espada. A bandeira foi arrancada do seu porta-estandarte e o mastro partido em dois. O número de rebeldes era semelhante aos dos soldados e Haru conseguiu trespassar a primeira linha de combatentes para chegar ao general. Com os olhos fitos na maior recompensa, a captura e morte de Itakura, o *ronin* arriscou, avançou sem ter coberta a retaguarda e, quando se apercebeu, estava rodeado por mais de cinco soldados que vigiavam pessoalmente o general. Encontrava-se sozinho. Desferiram-lhe um primeiro golpe no pescoço, mas a armadura impediu que a ferida tivesse gravidade. O *ronin* respondeu com dois golpes mortais sobre dois dos inimigos e ficou então exposto a três homens. Itakura constituía a quarta pessoa a enfrentar. Pelas costas, Haru sentiu um grande golpe na cabeça e caiu de joelhos, sem forças. Um soldado preparava-se para lhe enterrar a espada do pescoço à virilha, mas uma flecha trespassou-lhe o olho direito. De seguida outra flecha abateu o outro soldado e o terceiro protegeu-se atrás de uma árvore para evitar a morte. Haru recobrava os sentidos e viu os samurais serem atingidos por uma besta. Àquela distância era quase impossível acertar tão certeiraamente. Jana veio-lhe à mente e levantou-se cambaleando; depois, voltou a deitar-se no chão sem conseguir erguer-se.

A ordem veio dos rebeldes: todos os mosquetes deviam acertar no homem de armadura negra e dispararem de uma só vez. Itakura foi atingido no lado esquerdo do pescoço e caiu morto.

Haru foi erguido do chão e os restantes rebeldes retiraram-se para dentro do castelo.

Já se ouviam hurras e gritos de confiança. Matar o general é a glória excelsa.

Itakura não encontrara o fim da vida com total surpresa, pois escrevera um poema à morte – parte dele já sabia que não sairia vivo desta batalha.

«No dia de Ano Novo, no ano passado
Em Edo
Pus um chapéu para ir a tribunal
Hoje ponho um capacete para ir para a batalha
Quando do nome apenas sobra a flor
Que floresceu no anoitecer de um novo ano
Lembrem-se dele como o líder do ataque
Que com lealdade defendeu Edo até morrer.»

Entretanto o *ronin*, apesar do golpe, começou a recuperar e logo a dar ordens: onde ainda carregar, onde vigiar com especial zelo, quais as reposições de munições a levar a cabo.

Itakura chegara ao cerco com oitocentos homens directamente sob o seu comando. Nenhum lhe valeu. O seu substituto, prestes a chegar, teria sob a sua alçada mil e quinhentos samurais.

Mas por agora vivia-se euforia em Hara, uma exaltação inexplicável. Cantava-se, rezava-se, um clã unido e iluminado pelo sabor da vitória. Crianças, velhos, mulheres, saíam das casas e das tendas, congregavam-se à volta da torre de vigia congratulando-se.

Haru caminhou com dificuldade, observando a felicidade pela mão dos seus homens erguida. Doí-lhe a cabeça da pancada, mas a adrenalina activava-lhe os movimentos, os pulmões inchavam confiantes.

Chegou ao paiol e entrou sem fazer barulho. Jana acabara de chegar e olhou para ele com elevação pela primeira vez. Havia caixas de mosquetes, lanças, barris de pólvora, alguns fardos de palha. Ela queria livrar-se da armadura e ele ajudou-a, primeiro tirando o capacete, depois a jaqueta curta e solta, por fim as calças largas como uma saia.

Jana ia buscar a sua roupa, mas ele deu-lhe a mão e começou a retirar a pesada armadura. Os dois, em breve praticamente nus, perdiam o direito à arrogância.

- Haveis-me salvado a vida – disse o *ronin*, retirando a couraça.
- Haveis-me dado esse prazer. – Jana pousou o capacete dele no chão.
- Haveis-me desobedecido de novo.

– Não fazia nada no portão Sul. – Jana começou por tirar-lhe uma manga escudada e Haru tirou a outra.

– Começais a chamar a atenção, a vossa pontaria não é comum. – Ela ajoelhou-se e puxou-lhe os botins que subiam até meio da perna dele. Depois Haru libertou-se da estrutura que dava protecção às coxas.

– Ambos sabemos que ao conseguir derrotar um homem estamos em condições de derrotar qualquer homem no mundo. O espírito para se derrotar um homem é o mesmo que para se abater dez milhões de homens. – Jana pôs-lhe uma mão na cabeça, no lugar onde Haru fora atingido. Ele sentia-se leve sem aquele peso do ferro e do couro.

Abraçaram-se. Um abraço estranho, de gratidão. Haru pegou nela e elevou-a, sentando-a numa caixa. Deram um beijo longo, esquecendo-se de onde estavam, até Haru dizer:

– Não há como cerrar esta porta e a qualquer momento pode aparecer alguém.

– Mais um motivo para não demorarmos mais... – Jana tremia. O frio disfarçava a causa.

– É impressionante como tendes a mão firme na besta perante um contingente que contra vós dispara, e estais a tremer perante um humilde *ronin* a quem misericordiosamente salvaste a vida há pouco. – Penetrou-a sem um gemido.

– Talvez me seja mais fácil matar... – disse Jana.

– Mais fácil do que...?

Jana queria dizer «amar», mas pareceu-lhe uma vulnerabilidade pouco apropriada.

Ouviram um ruído junto da porta, Jana fez um movimento de retracção mas ele agarrou-a. Mantiveram-se quietos, vigilantes, um dentro do outro, arquejando, com a urgência de continuar, mas presos ao silêncio que se impunha. Ouviram então um grunhido, era um animal a farejar, talvez um porco à solta. Jana fechou os olhos e quis sussurrar-lhe, mas já o seu corpo imprimia mais força ao movimento das ancas e as palavras escapavam-se-lhe na sensação de estar a nadar para longe, para fora de pé. Haru mergulhava nela, esquecia-se por momentos de que a vida era uma guerra permanente, meigo e a sonhar de olhos abertos.

Fitaram-se mutuamente sem conseguir disfarçar este intervalo de comunicação espiritual, compreendendo como o desejo que sentiam um pelo outro era uma respiração conjunta, um apelo selvagem.

Jana voltou a imprimir força aos seus movimentos e deixou que lhe tomasse o forte, escancarou as defesas. No final, dominaram-se um ao outro.

A magia da vitória

Jerónimo rejubilava. Inundado de confiança, subiu à torre e agradeceu a deferência dos seus soldados que davam a vida por todos.

– Não tenhais dúvidas de que trilhamos o caminho para a salvação. Deus todo-poderoso é nosso aliado. Nem todos os Tokugawas do mundo nos dominariam!

Os *kirishitans* exultavam. Então Jerónimo pediu silêncio. Pegou numa toalha e dobrou-a contra o seu corpo. Depois amachucou-a até caber entre as duas mãos e atirou-a ao ar. A toalha puída foi-se desdobrando e criando várias formas, até atingir o chão enlameado e erguer-se, transformando-se num

cavalo que correu para longe das pessoas.

– Ohhhhhh!

O burburinho, os risos, o espanto, já começavam quando Jerónimo levantou de novo a mão pedindo silêncio e agarrou numa terrina que se encontrava aos seus pés. Daí retirou uma mão cheia de pó e atirou-o ao ar, transformando-o num bando de pássaros.

– Ohhhhhh! Deus seja louvado!

– Os *bateren* ensinaram-nos a sua magia – gritou o líder. – Se tendes fé em mim, tendes fé em que vamos sair daqui vitoriosos!

Jana chegara à multidão e procurava o filho, seguramente acompanhado de Nishi, que estaria a chegar, não perderia este espectáculo.

Haru já se encontrava junto de Emi e vira-a chegar, não disfarçando a sua agitação e o cuidado com as feridas do irmão.

– Não confio nela – disse entredentes.

O samurai percebeu que nada escapava à irmã, nem à sua língua viperina.

– Ninguém vos pediu a opinião.

– Vi-a sair da casa do missionário, pela janela, é dessas, uma mulher que se pode perfeitamente confundir com uma concubina.

– Ela que se deite com quem quiser. – Haru fingiu não se interessar. Sabia bem porque saíra Jana de casa do missionário às escondidas, o que não garantia, mesmo assim, que a acusação da irmã fosse falsa.

Olhou Jana de soslaio e ao mesmo tempo viu o missionário chegar e aproximar-se dela. Emi via a mesma cena e deu uma cotovelada ao irmão.

– Olhai para os dois.

O missionário, entusiasmado com as palavras de Jerónimo, com a vitória retumbante, abraçara Jana e fizera-a rodopiar, para surpresa desta.

Haru sentiu-se nervoso com aquela imagem, desviou os olhos e mandou calar a irmã.

Jerónimo, entretanto, apontava o dedo para um arbusto seco, mas outrora frondoso, aos pés da torre de vigia. Concentrou-se e flores brotaram daquela pequena árvore estéril, para gáudio dos assistentes.

Mas os milagres não terminavam aqui: de aglomerados de lama, sóis emergiram, voando de seguida e subitamente, juntando-se a nuvens que faziam chover localmente. De uma dessas nuvens começou a nevar.

Estalou um aplauso unânime e comovido.

Haru alheara-se do folclore e já só pensava em como se reaproximaria de Jana.

– Vem conhecer o missionário – disse ele. Grossoiro, puxou pelo braço da irmã e caminharam para junto deles. Não suportava a ideia de ver Jana com aquele homem. Ela ainda emanava o seu cheiro e já estava na companhia do outro. Desastradamente, aproximou-se de Clarimundo e puxou-lhe o braço também.

– Esta é a minha irmã e deseja confessar-se. – Com a sua força, pô-los

frente a frente, manipulando-os como se fossem dois bonecos.

Emi estava estupefacta com aquela atitude. Olhou Clarimundo e corou. Ele teve a mesma reacção.

Jana conseguiu ver finalmente que o seu filho não se encontrava distante.

– Vou para junto de Tago – avisou e correu dali, sem capacidade para ficar entre aquele conjunto de pessoas tão díspares, que lhe causavam sentimentos tão distintos.

O *ronin* não soube como interpretar a sua fuga, mas pelo menos conseguira o que queria, vê-la longe do missionário. Então decidiu dirigir-se para casa, precisava de descansar, ignorando a irmã que ficara ali sem saber o que dizer.

– Peço desculpa pelo meu irmão, não sei o que lhe deu – disse Emi ao missionário.

– Oiço-a em confissão com todo o gosto. Retiremo-nos para o efeito – e pôs-lhe uma mão no ombro.

Emi susteve a respiração e ruborizou-se excessivamente.

Matsudaira, o novo general

Em pouco tempo as restantes forças governamentais alcançaram Hara. A máquina vinha com força e avançaram com ganas de trepar os muros. Mas as evidências tornaram-se mais fortes do que o espírito do *bakufu*, pois viram-se forçados a recuar pelo menos setecentos passos, para a primeira área de solo firme que encontraram. Apesar de em grande número, os cavalos eram quase inúteis: qualquer investida ao castelo teria de ser feita a pé.

Encontravam-se agora completas as companhias enviadas para aplacar os rebeldes. Cento e vinte e seis mil homens distribuídos por doze companhias. O estudo do terreno levou-os logo a uma conclusão simples: à excepção dos soldados da divisão Hosokawa na praia do Norte, ou a divisão Kuroda no Sul, considerados os com mais sorte, a aproximação era feita pelo terreno pantanoso – a progressão lenta e cheia de dificuldades já sentida na pele por Itakura. Esta era a primeira informação transmitida aos dois novos generais, bem como ao magistrado especialmente nomeado para esta missão, o bem mais cauteloso Matsudaira Nobutsuna, que, depois de prestar homenagem ao anterior comandante, mandou reunir uma comissão que lhe fizesse um relatório pormenorizado do que acontecera e também do andamento dos trabalhos – construção de palafitas por sobre o lodo e torres para acossar a muralha. Agradou-lhe ouvir que o pântano estava a ser cruzado por paliçadas de madeira, ainda a mando de Itakura, o que providenciava cobertura às suas investidas.

– Sem isso apenas ingressamos num banho de lama – concluiu o

soldado.

Matsudaira revelou desde logo a prudência dos que pensam friamente. Reuniu-se com os outros generais e deu o seu parecer:

– Aquele castelo situa-se num desfiladeiro rochoso. Daqui, de onde o olhamos, é como olhar para um pagode de nove andares.

Mas os outros generais não se mostravam tão convencidos. Se, por um lado, as tropas estavam frustradas por atacarem um local assim, por outro, não compreendiam como doze divisões tivessem sido deslocadas e a espera – possivelmente longa – fosse a única estratégia possível.

E havia um outro detalhe constatado com horror à chegada pelo próprio Matsudaira: as forças do xogunato sofriam pesadas baixas com os rigores do Inverno pejando as estradas e campos em volta de corpos. Antes do ataque fatal de Itakura, muitas centenas de samurais haviam sido destacadas para os enterrar.

Ao todo, a divisão Hizen perdera já o inquietante número de oito mil homens para os rebeldes, muitos deles nem sequer haviam disparado um tiro.

Os generais passaram vários dias em conferência, sem conseguirem acordar em qual o plano a levar a cabo. Nessa altura chegou de Edo um correio e as instruções do xogum. O mensageiro, Ren Jun, entrava deste modo no acampamento e sentou-se imediatamente no canto da tenda, tomando notas sem entabular conversa.

Reunidos para fazer o balanço da situação, os generais pediram a palavra:

– Um ataque conseguiria fazê-los tremer e dispersá-los a todos: isso é óbvio. Mas seria lamentável perder vidas de samurais a combater camponeses, proscritos e pedintes – disse um.

– De qualquer modo, eles não têm mantimentos para se aguentarem muito tempo, estando entrincheirados. Vai faltar comida ou pólvora, e não há forma de que assim não aconteça – alvitrou Matsudaira.

– Para dizer a verdade, este castelo, apesar de composto por cavernas rochosas e muros pedregosos, mesmo que reforçados por uma folha tripla de ferro, não é mais do que uma assembleia de moscas e mosquitos a tentarem fazer disparar um trovão – disse outro deles.

Entrechocavam argumentos. Ren Jun fez estes primeiros apontamentos:

«Com que estratégias se organizam os rebeldes? Como conseguiram esta inesperada união? Nada se parece saber sobre quem são. Os militares não obtiveram, até agora, conhecimentos vitais sobre os inimigos e talvez esse seja o segredo da resistência desse adversário.»

A discussão prosseguia, eram necessários mais argumentos para convencer os comandantes e dáimios presentes.

– Esta é uma guerra para ganhar com a cabeça. – Matsudaira espetou o dedo indicador na testa. – Quem segue o apelo do coração está dentro daquele castelo.

Dor de consciência

Emi fez um exercício de introspecção nunca antes experimentado. Sabia o que era a confissão, mas nunca se confessara. Não havia padres disponíveis na sua aldeia no seu tempo de menina e adolescente; fugiram perseguidos, morreram martirizados ou encontravam-se longe. Mas, como *kirishitan*, sabia como devia agir. E, como primeira confissão, contou-lhe que era primeira vez que o fazia.

O missionário escutou-a de pescoço curvado e com os olhos cerrados. Ela falou observando todos os pormenores do seu rosto, a barba farta...

Nunca tinha visto um homem tão belo, apesar de já ter abandonado a juventude.

No fim, ele absolveu-a enquanto ela o mirava, fascinada. Pela primeira vez, Emi ficara na companhia de um homem, à exceção de um familiar, e falava com um estrangeiro.

– Vinde a nossa casa, convido-vos para jantar connosco.

– Temo que o vosso irmão não rejubile com a minha companhia.

– Oh, não podeis dar essa importância toda a Haru, sempre foi de humores volúveis. Que nos podia honrar mais do que a presença de um homem de Deus em nossa casa?

Clarimundo tinha vontade de ver Jana, embora Jana nem se lembrasse de Clarimundo. Emi, por sua vez, ansiava pela companhia do missionário. Uma triangulação propícia a agruras.

*

Levado pelo embalo, o missionário chegou à casa dos Kukita, onde foi recebido com a correria e o abraço do pequeno Tago.

– Não tendes frio? Está um frio que mói – perguntou Clarimundo.

– As crianças nunca têm frio – meteu-se Nishi.

– Bem verdade, mas já cai o sol, deveis agasalhar-vos – tornou o missionário.

– É o meu pai – disse Emi.

– Muito prazer em encontrar um sábio.

– Apenas um velho camponês – disse Nishi.

– Eu vou tratar do arroz. Podeis ficar à conversa. Tago, vem comigo, é bom que te agasalhes, sim – ordenou Emi, anuindo a Clarimundo.

Jana subia o monte com um grande carregamento de lenha e, quando a sentiu chegar, Nishi avisou:

– Jana aproxima-se.

Clarimundo voltou-se e viu-a, não percebendo como um cego podia ter-se apercebido àquela distância. Ele, com os seus olhos cansados, é certo, mas com os óculos funcionais, só com muito esforço reconhecia o vulto. Pediu desculpa por se retirar e assim poder ajudá-la.

Num acto de cavalheirismo, Clarimundo agarrou no molho de lenha e transportou-o a distância que restava. Quando já se abeiravam da casa chegou também Haru. Este, sem demora, agarrou no braço de Jana e levou-a até ao seu quarto, não disfarçando minimamente o seu desagrado.

– Não gosto da proximidade entre vós – sussurrou.

– Ora, quem diria? E largai-me o braço... Fostes vós que mo mandaste seduzir, não vos lembrais?

– Não fui eu, na verdade, e isso foi no princípio... A menos que tenhais apreciado a patranha e a queirais repetir.

– Não façais este papel ridículo que só vos envergonha. Não sois nem nunca sereis meu dono. – E saiu do quarto, dando uma volta à casa tentando acalmar-se.

Nem um dia durou a paz entre os amantes.

Por despeito e vontade de desafiar Haru, Jana sugeriu ao missionário sentarem-se sob o sugi, ao abrigo da copa e envolvidos por um nevoeiro bravo que de tudo se apropriava. Quando lá chegaram, disse-lhe ainda um pouco agitado:

– Não havemos terminado a nossa conversa no outro dia: porque vos tortureis, porque vos atormentais?

Ele ponderou como começar. Depois suspirou e disse:

– Após uma viagem tormentosa pelos oceanos Atlântico e Índico, cheguei a esta terra prometida. De início queria ir para o Brasil, mas já ouvira relatos do trabalho missionário neste lugar e por isso vim. O caminho é inexplicável, os homens estão cheios de desregramentos. Neste mundo, às vezes tenho a sensação de estamos todos contra todos. Apesar disso, e de haver profundo desacordo em como missionar no Japão, quer nas congregações que nos enviam, quer na oposição que vivemos desde a perseguição aos *kirishitans*, senti um chamamento muito claro e... nunca fui tão feliz. No dia em que aceitaram a minha ajuda na leprosaria de Kaga, senti a excitação da alma em festa.

O tom de homilia começava a saturar Jana, que ia espreitando pelo ombro para perceber se o *ronin* os espiava. Jana ia diminuindo a distância entre eles. O missionário via nisso um sinal de enorme atenção.

– Senti-me profundamente identificado com o trabalho dos meus pares. Ao contrário dos monges budistas, eles aceitavam as almas dos seus paroquianos como quem recebe ouro e prata. Foi a minha primeira missão, mandaram-me procurar na capital e arredores, nas capelas das montanhas e

planaltos, mesmo debaixo das pontes, por gente oprimida, os calcados desta sociedade. Congregávamos foragidos e pedintes, pessoas com aflições e doenças. Dávamos-lhes banho e limpávamos o corpo.

– Bem sei que vos devotais aos que nem roupa, nem socorro, nem abrigo têm.

– Ensinámos tudo o que sabíamos, os convertidos recuperaram a dignidade. O mestre desse trabalho era, na minha congregação, Duarte Correia, um homem bom. Foi ele que me ensinou: a autoflagelação nunca deve ser usada para nos livrarmos do peso da consciência, mas como forma de sentir as chagas de Cristo, as dores de Cristo, e assim podermos alcançar a redenção.

– Começa a ficar muito escuro – Jana queria abreviar a conversa, esta já tinha surtido o efeito pretendido.

Ele agarrou-lhe a mão e fechou os olhos.

– Jana, vou contar-lhe o que só eu e Deus sabemos. Ao homem que mais me ensinou nesta vida eu retribuí com uma traição. Sou como Pedro, que negou Jesus três vezes, e como Judas, que o entregou às autoridades. Só encontro consolo na dor. Sou um verme sem coragem que se deixou levar pelo medo da morte.

– Tereis tido razões para ter medo. E não creio que sejais o único a ter prescindido da coragem para salvar a vida.

– Não compreendeis. Trago em mim a marca da besta, vou arder no Inferno mais longo. Cedi a um interrogatório vil, denunciei a localização do meu mestre, dos meus irmãos. Por minha causa, mais de seis missionários perderam a vida.

– Compreendo o seu desassossego.

– É uma angústia terrível. Quero dedicar os dias que me restam a salvar a vida dos outros. A minha já nada vale. Se alguém acabasse com ela seria um acto de clemência.

– Não é verdade. Vós sentis culpa. Quem não sente? Só os mortos! A culpa faz parte da existência. Há culpas menos ofensivas à alma, há culpas devastadoras, mas também ela é um teste do Senhor para continuarmos a marcha.

– Sois uma boa amiga.

– Não volteis a maltratar-vos daquela forma, preferi a caridade, investi a vossa energia em alegrar a vida dos outros. Reparai como Tago vos estima. Já fala em aprender a falar latim, português... Há ainda muitos sonhos para alimentar.

Ele queria chorar, mas conteve-se. Ela pôs-lhe a mão no ombro.

– Deus deu-vos o dom do conhecimento. Eu ouvi como haveis falado com Jerónimo. Tendes dons raros.

– Mal empregues...

– Tende coragem, aguentai firmemente. – A compaixão não era o forte de Jana, mas havia que garantir que o missionário não soçobrasse nos seus

braços.

- Guardareis este meu segredo? – questionou ele, imbuído em modéstia.
- Assim como já guardais os meus.
- Assim como eu já guardo todos os vossos – disse ele sorrindo.

Jana indicou-lhe o caminho de casa, para se reunirem com a família, estava mais do que na hora de terminar esta conversa privada.

A estrutura criada pelos missionários fora eliminada após uma persistente perseguição. Mas também aos camponeses fora imposta a mesma intolerância. Por mais de uma década a apostasia era usada como disfarce pelos camponeses, como um tecido que se rasga e depois volta a ser costurado. Esses nunca imaginariam que renegar a sua crença não lhes garantiria a paz, não sabiam que para sempre seriam vistos como rebeldes.

À mesa não estava Haru, que desaparecera sem jantar e sem dar explicação à família.

Emi esforçou-se por manter Clarimundo bem servido, e este olhava para Jana procurando a sua cumplicidade. E não, o missionário não fazia ideia de quantos segredos ela tinha ainda por revelar.

A espera

Para encontrar uma forma de acordo, os comandantes deveriam saber engolir o seu orgulho.

A discussão acendeu-se entre os generais, mas chegou-se a uma conclusão: o portão Hinoe, o do Norte, seria o mais fácil de atacar.

Nos apontamentos de Ren Jun aparece este trecho:

«A primeira ordem de Matsudaira foi mandar os regimentos Kuroda e Terazawa assentar acampamento no lado Sul do promontório, nesse portão que parecia ser mais fácil de atacar, mas estava quase sempre protegido pelo avanço da maré.»

Matsudaira, ironicamente, tinha menos experiência militar do que Itakura Shigemasa. Filho de um vassalo do xogum Tokugawa Ieyasu, cedo se tornou um pajem do neto deste, o actual xogum Iemitsu, refinando-se essencialmente nas artes diplomáticas.

Aos olhos dos seus homens, desde o primeiro discurso, tornou-se evidente: era um operacional, um executor, não lhe interessava ficar para a história como estratega. No entanto, sabia bem qual era o desejo do xogum e tudo faria para cumprir o seu papel de verdugo exemplarmente.

Mais importante ainda: Matsudaira e Itakura não podiam ser mais diferentes. Com racionalidade fria, fez questão de que os seus homens o soubessem:

– Nasci num tempo de paz e não adquiri renome militar. Os meus planos podem divergir dos vossos, e vós julgá-los até inadequados; porém, para tomar o castelo, tendes de seguir as minhas instruções.

Os comandantes mantinham um ar desconfiado, a não acção entendida como um semifracasso.

– O malogro anterior explica-se porque os rebeldes dão a vida pela sua defesa... – corroborou Matsudaira. – Ora, isto não é um conflito ordinário. Não há aqui diferença entre soldados e agricultores, e sabem porquê?...

Ninguém quis arriscar dar a resposta errada, apesar de só poder haver uma resposta.

– Porque estão a ser usadas armas de fogo. – Matsudaira rodopiou nos calcanhares e pela primeira vez retirou os seus olhos dos olhos dos generais. Com esta frase havia concretizado um truque de magia e deixava os presentes com a intriga de a adivinhar. Caminhou entre eles mirando o chão, aguentando o silêncio, esperando a oportunidade certa para o quebrar e recolher o seu pecúlio.

As armas trazidas pelos portugueses para o Japão – e multiplicadas pelos japoneses, essa foi uma das reviravoltas mais extraordinárias da história deste país.

– Os rebeldes não foram facilmente aplacados nem o serão porque, na prática, os *ronin* fora da lei conseguem igualar-nos com as suas armas. Eles são nossos iguais. Traidores, mas iguais!

Matsudaira sabia que não bastava ter à sua disposição exércitos ou confiar em bons estratégias. No século anterior, a dois ou três senhores da guerra tinham sido entregues armas de forma massiva, evoluídas do protótipo que ficou conhecido como *tanegashima*, a ilha onde aportaram os primeiros portugueses munidos de arcabuzes. O jogo tinha regras muito diferentes desde então. Ignorá-las significaria insistir em que ainda se peleavam num Japão medieval, equipado com um arsenal obsoleto.

– Na minha opinião, desde que o castelo foi envolvido na contenda – Matsudaira voltou ao seu lugar inicial –, sabemos que não têm muitas provisões ali dentro. A comida acabará daqui a um ou dois meses, e nessa altura são eles que quererão sair. Podíamos atacar e invadir. Sem dúvida que perderíamos muitas vidas. Mais vale construirmos torres onde nos posicionemos para atirar e, quando chegar a hora, darei a ordem.

Usava como suas as palavras do xogum, cujas cartas, uma após a outra, trazidas por Ren Jun e os vários mensageiros a cavalo, repetiam: «As tropas não devem ser expostas a ferimentos devido aos ataques intempestivos. A rebelião prossegue e o seu precipício escarpado deve manter-se inatacado. Não importa quantos possam ser, nenhum deve ser subestimado como adversário. Cerquem, não ataquem.»

– Tenham isto em mente: enfraquecimento, medo e obediência. Não estamos aqui apenas para travar uma revolta. Estamos aqui para promover uma mensagem.

As ordens começaram a ser executadas. Com uma coordenação irrepreensível, começou a ser montada uma verdadeira cidade de bambu, com trincheiras e barreiras de terra nas imediações de Hara. Paliçadas e passadiços de madeira cruzariam a praia e parte do pântano mesmo junto ao castelo. As passagens para o castelo tinham sido cuidadosamente divididas em sectores. Aproximavam-se perigosamente da fortaleza e, a qualquer momento, podiam estar sob fogo. Mas confirmou-se a suspeita de que os rebeldes não gostariam as suas munições.

A única entrada plausível seria para a divisão Hosokawa, situados a Norte. Apesar de haver entre a divisão e o portão Hinoe uma certa distância, começaram a construir-se passadiços cobertos, possibilitando a movimentação de tropas sem serem visualizados. No espaço de uma semana havia guaridas e casas para se protegerem da chuva e do vento, e começava agora a contemplar-se a etapa seguinte. Também havia uma estratégia para o Sul: já se estava a construir um cais comprido e coberto ao longo do mar para evitar que os rebeldes se movimentassem ou fugissem pela praia de Oye, a sua «praia privativa», sem serem notados.

No mar, alguns barcos japoneses mantinham-se ancorados.

Matsudaira orgulhava-se das suas primeiras decisões:

– De facto, nenhum dos rebeldes consegue escapar, a menos que saiba voar.

Provar a lealdade

O xogum acabava de escrever um edital para a zona de Nagasáqui. Assinou com reverência. Deus proclamando as suas ilações.

Nosso Senhor da Radiância do Leste

Que fez ordem do caos

Restaurou o seu curso certo

As Armas perfeitas, as Artes perfeitas

Estabelecendo o fundamento da paz universal.

Vinte e quatro anos depois do édito de expulsão, e catorze após as demonstrações práticas para correr com a cristandade, o *bakufu* continha a custo o espanto de ter de lidar com uma rebelião de camponeses.

– Não, não é uma simples escaramuça! Para a aplacar enviei homens de dezasseis casas feudais diferentes. – O xogum falava com a solenidade dos reis e a assertividade dos samurais. À sua frente, Inoue Chikugo, enviado anos antes para a ilha de Kyushu a fim de inspeccionar a situação e reportá-la ao xogum, mantinha a calma enquanto tecia os seus comentários:

– Portugueses e espanhóis são cristãos virulentos sem remédio. Não são propriamente *tengus* como os imaginam os japoneses do Norte, mas quem os vê ao vivo compreende também que estas pessoas estão longe de ser recomendáveis. Os *batteren* atraem para si um mar de ignorantes e tolos, enganados com a ideia de que a sua alma é salva assim como o seu corpo é cuidado. Primeiro têm de aprender o mantra «Shigo Shoten Haraizo Zenzu Maro». Depois de sete dias de constante repetição, são admitidos no sagrado do sagrado. Todos são atordoados pelo seu esplendor e são convertidos.

– O que entendeis por tolos e ignorantes? Pelo que sei, até hospitais foram construídos, lugares para onde levavam pessoas e as tentavam curar – indagou o xogum.

– Ontem vagabundos, hoje vestidos com os fatos de Cathay! Ora, isto atraí os que nada têm para estes missionários, os ignorantes são incentivados a acreditar e a rogar para que as suas almas sejam salvas. Acreditam...

Novo silêncio sem conseguir encetar diálogo com o xogum, Inoue experimentava a repetição:

– Ontem um pedinte, hoje veste roupas de Cathay! Primeiro têm de aprender o mantra «Shigo Shoten Haraizo Zenzu Maro». Depois de sete dias de repetição constante são admitidos na igreja e convertidos ao esplendor de Deus, onde também aprendem a autoflagelar-se. Meu Senhor, um desprezível leproso pode converter-se no mais articulado zelote pregador.

– São bárbaros! Vários países que escrevem as leis de Jesus apossam-se de outros países, queimam os templos e apoderam-se do seu território.

– E como são ardilosos nessa tomada! Reparai, pessoas simples mas que usam termos estrangeiros. Uma conversa normal entre japoneses cheia de palavras portuguesas!

Já não era do tempo das suas lembranças, mas Iemitsu sabia bem que Hideyoshi e os da sua corte, bem como muitos outros senhores do Japão, vestiram os trajes portugueses frequentemente, por os apreciarem tanto. Nessa altura, nada podia estar mais na moda.

– Sabemos bem que o perigo maior não é uma conquista externa, mas uma revolta interna. A prova está em Shimabara. – O xogum tornara-se enigmático, falando alto, mas falando consigo mesmo.

– Insistimos durante meio século, através de cartas escritas e reescritas, que queríamos apenas o comércio, a religião não podia firmar-se e jamais perdurar no Japão. De Portugal e Espanha renovaram insistentemente os propósitos da expansão da fé. Enfim... por isso só ficaram os holandeses.

– A sua infinita sabedoria compreende para além das aparências.

Iemitsu olhou-o com desprezo. Suspirou e finalmente deu a ordem:

- Chamem-nos.
- Aos holandeses, Senhor?
- Sim, está na hora de provarem a sua lealdade.

Água e azeite

A vida na fortaleza de Hara continuava, um formigueiro com tarefas claras, todos ambicionando uma vida melhor, bem como assegurar a alimentação dos filhos e viver entre iguais que os respeitassem. Sem perceberem, a utopia materializava-se e havia sorrisos cúmplices, ambiente de esperança, uma vontade de ficar. Um cerco é uma experiência na qual se vivem todos os momentos como se fossem os últimos. Também se exacerbavam os sentimentos. Paixões antigas renovavam-se, e as novas nasciam ferozes. No mesmo rol surgia o ciúme, a rivalidade e, no caso de Emi, a suspeita sobre Jana.

Por esta altura já a guerreira não tinha paciência para os achaques da jovem Emi, e acreditava que em breve se ignorariam mútua e estrategicamente.

Não lhe concedia lugar nos seus pensamentos, Emi era apenas uma rapariga insegura com alguma necessidade de irritar os demais. Havia alguma diferença de idade e Jana sentia-se na obrigação de tolerar a falta de maturidade. E afinal todos estavam no mesmo barco e todos queriam o mesmo: sobreviver. Querelas entre mulheres não desconcertavam Jana, focada na batalha, atenta ao filho; já lhe bastava sentir-se transtornada pelo *ronin*.

Naquela manhã Emi juntara um enorme monte de roupa que organizou numa trouxa. Sem ninguém lhe ter pedido, juntou as roupas dos seus hóspedes e mostrou-as a Jana.

– Vamos lavar isto lá abaixo? É muito pesado para mim, gostaria de contar com a vossa ajuda.

O tom cordato escondia manha evidente, mas Jana não conseguiu arranjar uma boa desculpa. «Ir lá abaixo» seria uma «viagem» longa, Jana nunca passara tanto tempo com Emi a sós. Estaria ela a amaciar o espírito?

– Tago, vem connosco ao rio. Veste o teu abrigo!

– Ele que fique. Já o ouvi prometer um passeio com o meu pai, e não quero privá-los disso – Emi falava com firmeza.

– Meu filho, é verdade que vais passear com o senhor Nishi?

– Combinámos ir junto ao mar, o senhor Nishi quer tocar na areia. Mas eu explico-lhe que vamos amanhã – Tago intuía a urgência da mãe.

– Não é necessário adiar, nós temos a companhia uma da outra – insistiu Emi, e sorriu com a benevolência possível. – Vai lá, não alteres nada. Nós estamos de volta para a refeição – determinou pegando na trouxa com

destreza.

Jana contemplou a desautorização ao seu papel de mãe e observou Emi, que continuava a determinar tarefas:

– Eu levo a roupa agora, e vós trazeis no regresso – quando a roupa vinha molhada e a trouxa pesaria o dobro no caminho sempre a subir.

Atravessaram a primeira muralha que dividia um grande descampado e chegaram à zona das casas e cabanas de palha em silêncio, apenas alguns comentários às novas torres de vigia erguidas entretanto. Atravessaram a segunda muralha onde um frenesim de gente carregava lenha, cereais e alfaiais agrícolas. O rio onde lavariam a roupa situava-se entre o primeiro e o segundo patamares. Aqui era também onde se posicionava o maior número de tropas. Duas mulheres jovens chamavam a atenção e houve até algumas ofertas de ajuda, que ambas recusaram para não entabular conversa.

Já no rio, várias mulheres entretinham-se com a lavagem das suas roupas, esfregando com vigor, absorvidas nas tarefas domésticas.

Jana mal podia esperar para ver o trabalho concluído e também ela começou a lavar os seus trapos. Emi não demonstrava tanta vontade.

– Sois mais experiente do que eu na arte de viver – começou Emi ao que viera.

Jana aguardava. Só não sabia o quê.

– Sou mais velha, é natural.

– Sois mãe, fostes esposa. E já vos haveis apaixonado várias vezes, seguramente.

Jana parou de esfregar e ergueu os olhos para conseguir ler a expressão daquela mulher e daí saber que caminho queria ela prosseguir. Mas nada disse.

– Eu não sou assim tão inocente, apesar de nunca ter participado num *yobai*¹⁹.

Jana empenhou-se ainda mais na brancura do lençol.

– Como se pode confiar num homem? – interrogou Emi.

– Fareis o favor de me esclarecer melhor o teor da vossa questão?

– Vou ser explícita: como sabemos que queremos estar com um homem?

Jana não podia estar mais surpreendida com o rumo da conversa. A intimidade parecia-lhe sempre um prenúncio de desgraça.

– Emi, essa conversa é delicada, deveis tê-la com um familiar que vos estime.

– Com um familiar? Com o meu pai? Com o meu irmão? Não tenho mais ninguém. Nem mãe, nem irmãs. Jana, sois a única pessoa a quem posso confessar as minhas dúvidas!

«De inimiga a confidente num instante, esta mulher enlouqueceu», pensou Jana.

– Temo não ser a pessoa mais habilitada para vos falar de sentimentos – disse.

– Como não? Se vos deitais com o meu irmão e com o missionário!

Tendes muita experiência para partilhar.

– Eu não tenho qualquer relação com Clarimundo além da amizade! Homens e mulheres podem ter afectos sem haver outras intenções! E não tendes nada a ver com quem me relaciono, sois imprudente.

– Foi meu irmão quem me disse que vos deitais com ambos.

– Estais segura de que ele vos disse isso? Não estou a ver como Haru, que tem dificuldade em pedir que lhe passem um copo à mesa, possa ter tido essa conversa convosco... – Jana sabia que Emi estava sempre pronta para intrigas, mas a dúvida ficaria, para minar um pouco mais o seu relacionamento com o *ronin*.

Emi ficou envergonhada, recompondo-se dificilmente da mentira e a tentativa de remediar perturbou ainda mais o diálogo:

– Ele comentou que está desconfiado, assim foi.

Olhando-a de esguelha, Jana passou às roupas de Tago. Ficaram em silêncio. Emi não se apressava na tarefa e a outra disse-lhe:

– Quando terminar as minhas roupas, vou embrulhá-las e seguir para casa. Uma vez que não estais interessada em lavar, deixo-vos aqui.

E assim fez, em pouco tempo tinha tudo lavado, enxaguado e torcido, com a energia de uma fera enjaulada e enraivecida.

Tomou a trouxa ao ombro e começou a longa subida até à zona do castelo. Emi embrulhou as suas roupas à pressa, as lavadas juntamente com as sujas, e correu para alcançar Jana.

– Não vos queria ofender, na verdade, acreditai na minha sinceridade, é um conselho de irmã que vos rogo.

– Não acredito na vossa sinceridade. Teremos de conviver por conveniência, estou grata por me acolherdes em vossa casa, mas abdicó de vos falar e creio que deveis fazer o mesmo.

As duas caminhavam com rapidez e a inclinação da colina com peso aos ombros acelerava-lhes as vozes, os corações.

– Se vos disser que mais não peço do que uma conversa entre irmãs em que poderei falar sobre o que não sei e... e ouvir-vos, sobretudo ouvir-vos, pois sois a única a quem posso recorrer, acreditais em mim?

– Não.

– Gostaria de atrair a atenção de Clarimundo e não sou versada nas artes sensuais! – Emi falou alto e, à sua volta, algumas pessoas olharam-na com estupefacção.

Jana envergonhou-se também.

– Falai mais baixo, que vos desonreis por nada.

Emi agarrou na trouxa de Jana e empurrou-a para o chão.

– Que fazeis?

– Isso pergunto eu. Que hei-de fazer?

A chegada dos holandeses

Com novo general ao comando, e apesar de a primeira carta ter sido ignorada, Jerónimo decidiu escrever uma segunda. O seu raciocínio era simples: Matsudaira concentrava mais poder do que o falecido general e ele expressaria as suas queixas contra o governante que os oprimira.

Uma carta-seta aterrou em território inimigo e Matsudaira leu-a sem sentir uma réstia de piedade. Pouco tempo depois, recebeu uma inesperada visita: chegara um homem chamado Iemon, intérprete dos holandeses. Abeirou-se de Matsudaira, que lhe indicou:

- Permissão para falar!
- Informo-o de que a artilharia está a caminho, Senhor!
- Artilharia?

Eis a resposta tardia ao pedido de Itakura.

– Os holandeses enviaram uma embarcação de guerra que chegará a qualquer momento.

A verdade não se apraz de contar de forma tão simples. Nem as interpretações podem ser sempre lineares. Se os holandeses estavam prestes a chegar a Hara, isso só acontecia depois de sucessivos adiamentos e tentativas frustradas de se evadirem deste conflito.

Matsudaira, folião já, alargava os pensamentos da vitória. «Esta é a viragem da maré, estão encurralados e agora vai ser mais rápido.» Mas não fazia ideia das diligências ocorridas.

Iemon transmitia o que sabia:

- Os holandeses não tinham um navio de guerra a postos no Japão.

Ou, mais exactamente, os holandeses não estavam interessados em meter-se nesta contenda.

– A carta de Itakura chegou no dia 13 de Janeiro, pedindo polidamente que Nicholas Couckebacker, o líder dos holandeses em Hirado, cedesse as suas munições de pólvora – tornou Iemon.

Facto é que Couckebacker se fez de desentendido, ignorando o pedido e enviando uma série de floridos e obsequiosos salamaleques, bem como vinho e doces, quatro dias depois por uma rota demorada, tentando ganhar tempo e almejando nem se intrometer.

– O holandês escreveu a Itakura, demonstrou-se muito prestável, asseverou que, se necessitasse de algo, o informasse, teria o prazer de o servir com lealdade – relatou o mensageiro.

Promessas ocas. Respondeu o mais vagarosamente possível, contemplando o sol de Inverno, as árvores despidas e dormentes de Hirado.

– Uma semana depois enviou seis pequenos barris de pólvora a Itakura – precisou o mensageiro.

Estes vinham acompanhados com uma missiva desculpando-se do atraso, pois o seu maior barco já tinha partido e os dois pequenos ainda

atracados no Japão não tinham mais pólvora além da agora enviada. Em suma, não podia dispensar mais, eis a sua cínica, quase risível, colaboração.

– Nessa altura o xogum ordenou ao seu encarregado Suetsugu que lhe enviasse uma carta, precisavam de ajuda concreta. Perguntava-lhe porque o seu tenente não aparecera em Nagasáqui. O xogum deixou bem claro estar muitíssimo preocupado, perigosamente preocupado, com a influência «católica».

Ou, de forma mais exacta, preocupado com «a influência estrangeira», independentemente da nacionalidade, e por isso ameaçava levar tudo a eito e pôr em causa todas as alianças comerciais, sem distinção entre católicos e protestantes.

Porém, tudo se alterou a 4 de Fevereiro de 1638, o dia do ataque desastroso de Itakura. O mesmo dia em que Caron, o tenente de Couckebacker, chegou a Hirado.

Com a ajuda dos holandeses esse ataque provavelmente haveria terminado de outra forma.

Em vez disso, os japoneses e, por arrasto, os holandeses, enfrentavam um sério dano colateral.

– Suetsugu insistiu para os estrangeiros navegarem imediatamente para Nagasáqui – continuou a contar o mensageiro –, Caron avisou que seria impossível, pois estaria a desperdiçar a possível oportunidade de navegar até à Europa antes de terminarem os ventos alísios.

Mas o encarregado do xogum respondeu com veemência: lembrou-lhe que os seus lucros, os seus ganhos, tudo aquilo que plantara no Japão, teria de se fazer por merecer.

Dois dias depois, chegou uma ordem do próprio governador de Hirado: que levassem todos os barcos que restassem directamente para as águas de Hara. Em pânico, Couckebacker enviou ordens aos seus comandantes para que arredassem os barcos o mais rapidamente possível dos olhos das autoridades japonesas, dizendo a Caron que navegassem para qualquer destino, não importava qual.

Mas sobrou o barco do próprio Couckebacker, que não podia ficar no Japão sem embarcação; e, não tendo como o esconder, decidiu ser ele mesmo a liderar esta missão impensável – uma carga militar de cristãos contra cristãos a mando de Iemitsu, o xogum japonês.

– Não se compreende, mas o holandês só navegou durante o dia, fundeando todas as noites. Está a demorar-se imenso. Eu consegui chegar primeiro, não o esperava – Iemon, o mensageiro, não podia elucidar mais nada, pois ele próprio estava confuso.

– Que me dizeis? Afinal eles estão a caminho, há garantia disso? – perguntou Matsudaira.

– Sim, embora pensássemos que já cá estivessem. Uma viagem por mar devia demorar metade do tempo.

– Esclarecei-me, que artilharia esperamos ter disponível? – quis saber

Matsudaira, ansioso.

– Enviaram cinco canhões no barco *Rijp*.

– Bom, grandes notícias me trazeis... Não estava à espera de canhoaria naval...

Ao final de três dias de viagem, com as velas de pano pouco caçado para que a velocidade não o trouxesse demasiado depressa, e dois dias depois desta conversa, o *Rijp* avistou o promontório onde se alcandorava Hara. Era dia 24 de Fevereiro.

Castidade, com ou sem voto

Com a roupa no chão, a trouxa abriu-se e as roupas espalharam-se, algumas cobrindo-se de pó. Emi não desejava tal resultado, apressou-se a justificar-se e a apanhar as peças.

– Apenas quero pedir-vos que me escuteis.

Chamaram a atenção de quem passava e ambas perceberam que havia duas opções: arrancarem os cabelos em acto imponderado ou acalmarem-se e falarem.

– Vamos para ali – pediu Jana. – Escutar-vos-ei atentamente.

– Eu não sei como haveis seduzido o missionário, mas gostava de saber como se faz.

– Eu não seduzi Clarimundo! De onde é que haveis tirado essa ideia e essa acusação?

– Basta olhar para ele para ver que vos adora.

– Temos apreço e estima de amigos, mas de que me vale estar aqui a justificar-me, nada tendes a ver com quem é ou não meu amigo.

– É verdade, mas se interpretei mal é devido à minha falta de instrução nestas lides. Se apenas sois amiga de Clarimundo, melhor ainda. Dizei-me: posso eu ser digna dos seus afectos?

– Quereis que vos dê alguma instrução sobre como conquistá-lo? Entendo bem? – perguntou Jana, incrédula.

– Sim, precisamente.

– Não estou habilitada para tanto, não me coloquais nesse papel, por Deus! Ainda há pouco me chamáveis de rameira.

– Eu sei que não sois uma rameira. Se dei isso a entender, errei. Eu só queria que ele me pretendesse, se interessasse por mim, como o faz convosco.

– Temos aqui vários problemas: ele é um homem dedicado à vida religiosa. Como bem sabeis, fez um voto de castidade...

– Certo, e disso o terei de demover, é um juramento obviamente contornável.

Jana olhou para aquela rapariga obstinada, com um discurso ao mesmo tempo inocente e leviano, e sentiu-se em areias movediças. Adiantou:

– Outro problema a ter em conta é: mesmo que ele não se atenha ao juramento de castidade, é preciso que nutra sentimentos pela vossa pessoa. Tendes algum sinal nesse sentido?

– Não. Por isso necessito das artes da sedução, necessito das vossas sabedorias...

Jana suspirou e concluiu:

– E, por último, mas talvez o mais importante: se quereis seduzir um homem, provavelmente é para o satisfazer em tudo, se bem me entendeis. E deduzo que não tendes qualquer experiência, certo?

– Certo, sou virgem. Mas é injusto que, se vamos todos morrer em breve, morra virgem.

Jana nunca tinha notado nenhum sinal de esperança ou desânimo nesta criatura. Fazia as suas tarefas domésticas, rezava três vezes ao dia, não conversava com praticamente mais ninguém à excepção dos membros da sua família. Era a primeira vez que a sentia desperta e também resignada perante um destino implacável, aquele para que Hara caminhava em conjunto com a coragem de uma manada em fuga.

– Tendes o desejo de ser mulher de alguém?

– Sim. Dele. Despertou em mim um desejo que não conhecia. Não tenho tempo a perder. Ajudai-me.

– Haveis escolhido um par difícil. Além disso, podereis ficar desonrada pelo simples facto de serdes vós a tomar a iniciativa.

– Ora, as raparigas solteiras, as criadas da minha casa, viúvas de que tive conhecimento, e até mulheres maduras, têm os seus amantes, isso não é sinónimo de prostituição, bem sabeis. Entregar-se ao prazer de um homem que seja do gosto delas não devia ser recriminado.

– Somos da mesma cultura, vivemos na mesma época, o que dizeis é verdade, mas seduzir um clérigo, sim, pode ser muito mal visto, sobretudo aqui no castelo, onde há poucos e têm um lugar tão destacado.

– Jana, de que valem todos esses princípios se o que eu sentir for amor?

– Não sou das que acreditam no amor acima de todas as coisas. Estais mesmo convicta deste desejo?

– Estou. Começai, como me devo comportar, quais os próximos passos para que ele note que existo?

– Bom... tudo deve acontecer com a maior naturalidade... nas atitudes simples é que o amor parece segredar.

Hara sob bombardeio

O clima estabilizara, havia já quatro dias que não chovia. De vez em quando ouvia-se um trovão longínquo, um anúncio de uma trovoadas que nunca se concretizou. Os caminhos dentro do recinto começavam a ressecar, a lama a ver-se pontualmente em poças menos profundas. Celestiais favores e pequenos bálsamos para o espírito desta população.

Matsudaira tinha à sua disposição um invejável armamento, e assim que soube da chegada dos holandeses deu ordem para se dar uso ao material de guerra que já ali aguardava. Ausentavam-se os trovões e começava a chuva de metal em Hara.

De início, apenas bombardeios pontuais, como testes, mas que obrigavam os rebeldes a manter o total estado de alerta. Entre os trovões e os tiros de canhão, os habitantes de Hara tiveram de se adaptar a viver com o coração ainda mais sobressaltado.

Em breve, a chegada de artilharia naval tentaria quebrá-los pelo flanco virado ao mar.

Matsudaira, como qualquer ser humano, sonhador, ao final do dia, ao adormecer, sem freio nas suas imagens mentais, imaginava o xogum a recebê-lo, os samurais a afastarem-se e a baixarem a cabeça para o honrar como vencedor.

Ao fim de três dias de viagem, o *Rijp* avistava as bandeiras com pequenas cruces a adejarem junto a enormes cruces de madeira. Couckebacker também ouvia o fogo das armas do acampamento do Governo, sem resposta significativa dos rebeldes.

O oficial de marinha alertou-o quando se aproximavam do promontório:

– Senhor! Fogo a ser disparado pelas tropas governamentais e a passar por cima do castelo, chegando mesmo ao mar. Se continuar, pode atingir a embarcação.

– É grande o risco?

– Não, mas existe.

Solene, Couckebacker reflectiu, era a primeira decisão de muitas, nenhuma fácil.

– Rumemos a direito até ancorarmos na frente nordeste de Hara, a oito braças de profundidade.

Enquanto o comandante dava as ordens, a sua atenção foi sendo cativada para um ruído crescente vindo do alto do promontório escuro. O som de tambores e vozes misturava-se num canto harmonioso que descia a escarpa e envolvia o barco, um canto de sereia vindo dos rebeldes. Os holandeses não podiam entender o que cantavam. Algumas palavras destorcidas pelo vento pareciam fazer sentido, mas no conjunto era apenas um arrepio percorrendo-lhes inevitavelmente o corpo.

Junto à morada de Jerónimo, na elevação com vista privilegiada para o mar, reunira-se uma multidão a entoar o cântico:

«Avancem, avancem, atacantes,

Avancem

Até ao limite das vossas munições

Disparem o canhão do inimigo

Mas olhem para nós, pequenos e sem alcance

Com a ajuda do nosso Deus,

Havemos de esmagar a garganta dos nossos perseguidores.»

Repetiram o cântico oitenta vezes, era como rezar o terço, pela noite fora, os mais vulneráveis ao frio deram lugar a gente jovem. Compunham um coro comovente.

De qualquer modo, as dificuldades de tradução não seriam apenas entre inimigos.

Ver por um canudo

As *yabumis* continuaram da parte dos rebeldes e, desta vez, quando já os holandeses se mantinham vigilantes ao largo, Matsudaira dignou-se a responder.

Jerónimo abriu a carta com grande expectativa, mostrando a esperança nos seus olhos juvenis.

«A nossa exigência é simples: para Matsudaira ou para o Grande Xogum do Japão apenas a renegação nos faria levantar o cerco. Pisai a imagem de Cristo publicamente e jurai devoção ao Budismo.»

O rosto do rapaz revelou o desalento:

– Esta carta ofende a nossa dignidade – declarou Jerónimo perante a sua assistência, verbalizando consternação.

Clarimundo interrompeu as vozes cruzadas, tentando apaziguar:

– Tendes a consciência tranquila de que tentastes. Agora confiai em Deus!

Do lado de lá das muralhas, Couckebacker fora convidado para visitar o campo das forças governamentais. Juntos, espionando e analisando quais seriam as fortificações mais fracas, definiram as linhas de acção para colocar as cinco peças de artilharia transportadas. Não careceu de muita investigação para perceber que pouco podiam fazer, apesar de haver grande e cerimoniosa promessa. As casas eram feitas de palha e bambu, por isso fáceis de atacar, porém os parapeitos dos muros defensivos inferiores forrados de lama e o forte principal, rodeado por um muro alto de pedras enormes e compactas, travavam as canhonadas.

O encontro com os japoneses serviu para se elogiarem mutuamente, e falarem da operação militar. Os holandeses asseveraram que muito lhes agradava participar, e mais uns quantos sabujismos, fingindo todos que a salvação tinha chegado, mas sem enfrentarem a realidade circunstancial: nem de mar nem de terra havia um ângulo vantajoso.

Só um louco desperdiçaria pólvora assim – e, no entanto, os japoneses não esbanjavam um segundo.

Nas anotações de Ren Jun surge esta explicação:

«Para Matsudaira, enquanto haja fogo aberto, há avanço na construção de trincheiras, bem como na construção das palafitas de bambu e madeira na zona do pântano, conseguindo-se colocar sacas de areia mais próximas do primeiro muro defensivo. Enquanto bombardearem, os kirishitans têm de se abrigar, impedimo-los assim de disparar sobre os nossos soldados que constroem a toda a brida as estruturas do cerco.»

– Asseguro-vos: a vossa missão é curial – asseverou Matsudaira.

– Confio na vossa estratégia, estou ao vosso serviço – respondeu-lhe Couckebacker. – E, como prova da nossa lealdade, aqui tendes um presente que vos agradará, estou certo.

Antes de voltar ao navio, o holandês ofereceu-lhe um binóculo e de imediato Matsudaira tornou-se uma criança sedenta do seu brinquedo, a toda a hora espreitando para dentro da sua lente pela qual conseguia por vezes ver os rebeldes a carregarem sacas de areia e a cavarem as fundações para as suas barracas.

Na manhã seguinte, Couckebacker ordenaria a primeira carga e, por isso, nessa noite não pregou olho. Arrombos na consciência rasteiravam-lhe a alma.

Vivia o dilema: não dispararia sobre um grupo de aldeões japoneses, mas sobre um grupo de crentes genuínos e possivelmente padres. Os protestantes haviam vivido ácidas querelas com os católicos, e vice-versa, no seio das monarquias europeias, mas mesmo assim era uma pesada atitude de cuja responsabilidade nunca poderia esquivar-se. Ficaria para a história.

– Temos tudo a postos, Senhor! Aguardamos as suas ordens – avisou o oficial.

– Ordeno uma salva de sete tiros – estipulou o comandante holandês.

Depois do estrondo, o comandante quis saber se tinham acertado no alvo.

– Comandante Couckebacker, o *Rijp* é um barco que sofre bastante com a ondulação – desculpou-se o oficial, apesar de ser na robustez das paredes exteriores de Hara que as balas falhavam.

– Ordeno nova salva de sete tiros.

O resultado foi idêntico e, de qualquer modo, Couckebacker acabava de ser chamado de novo à presença dos japoneses. Um emissário aguardava-o com um documento para lhe entregar. Depois da resistência em deslocar-se àquele dilatado golfo do oceano, independentemente da sua dedicação à requestada tarefa, o holandês via-a constantemente interrompida.

Estômago diminuído

O frustrado ataque dos japoneses e holandeses não impedia, no entanto, de perturbar a vida de aldeia que se organizara em Hara. Apesar de o primeiro e o segundo dia de bombardeios não ter causado estragos de maior e nenhuma morte ou ferimento físico, as actividades necessárias à sobrevivência, nomeadamente ir buscar água, lenha e mantimentos, viam-se sobremaneira desestabilizadas. Cada casa e zona reorganizava-se como podia. Dentro da primeira zona, a mais baixa, os cuidados redobram-se, ninguém circulava senão nas trincheiras. No segundo patamar havia menos limitações, mas ninguém arriscava além da pura necessidade. Já no ponto mais alto, junto ao quartel-general, havia uma fraca possibilidade de o ataque chegar, mas nem por isso havia falta de prudência. À população civil: o pedido de que se abrigasse, pelo que o frenesim habitual pelos caminhos e campos de Hara fora substituído pelo silêncio interrompido pelos estampidos ocasionais.

Jana visitara o missionário, que lhe contara da resposta à carta dos rebeldes.

– Mas essa era a nossa última esperança.

– Deus escreve certo por linhas tortas. Ele saberá o que é melhor.

– Muito me entristece que não consigam dialogar. O poder nunca abdica da tirania.

Nesse momento, Jana entendeu que não podia deixar a sua sobrevivência nas mãos de Jerónimo. Nunca se sentira totalmente confiante no jovem místico e agora a sua racionalidade impeliu-a a elaborar um plano.

Na casa dos Kukita pairava uma nova harmonia. Haru não aparecia há quatro dias por estar destacado na primeira muralha. Mas Nishi e Tago animavam as mulheres com as suas paródias e, de qualquer maneira, entre elas aligeirara-se o incómodo que existira. Jana mantinha-se cautelosa, mas a chegada de tropas estrangeiras para a contenda e a falta de resposta das forças governamentais à carta eliminavam as últimas esperanças de que o cerco não acabasse em grande violência. Perante essa constatação também Jana amoleceu. Quantos dias lhes restariam?

Ansiosa por voltar a ser chamada para a frente de batalha, nada mais podia fazer do que aguardar pela convocação do *ronin*. A sua ligação com Haru, prenhe desta estranha dualidade, não tinha outra base onde se apoiar – amor e guerra numa imprevisível sedução.

Era dia 27 de Fevereiro e o castelo já tinha fechado os portões havia um mês. O problema mais sério em breve começaria a fazer-se sentir.

– A escassez de mantimentos já se nota nas pessoas junto aos portões. – Para Tago, como geralmente são os pais para as crianças, Jana era uma heroína e para tudo conseguia arranjar solução.

– Havemos de encontrar remédio, há grupos de homens na praia que pescam e na apanha de algas. – As algas eram colhidas na maré vazia, junto às rochas onde também se encontrava marisco.

Conversavam com uma taça de *guzoni* a fumar à sua frente. Consistia num guisado de cogumelos, pedaços de bambu, pasta de mochi e algumas algas com uns raros moluscos, cozinhados em lume fraco durante bastante tempo, fervendo no molho. Um prato inventado por Jerónimo, conhecido entre todos os *kirishitans*, em que nenhum sabor se destacava e até era gelatinoso, difícil de mastigar.

Mas o arroz já passara para um terço da ração. Aos militares, como Haru, não cortavam tão drasticamente a porção, passara para metade, logo, em casa dos Kukita, ainda não se sentiam à míngua.

– As crianças com quem brinco, ao pé da torre, queixam-se de fome – voltou Tago –, gostava de lhes levar o meu arroz. – A sua porção continuava igual, ordens de Nishi.

– Sim, meu filho, parece-me boa ideia doares uma parte do teu almoço, mas tens de pedir autorização a quem generosamente to concede.

Emi chamou Jana à cozinha, queria saber a resposta de Clarimundo:

– Então, que disse ele? Aceitou o convite para jantar?

– Não aceitou, fiz de tudo para o trazer aqui esta noite, mas também não quis insistir para além do razoável.

Emi mostrou-se decepcionada.

– Ele persevera na ideia de fazer jejum para ajudar os irmãos. Eu não acho boa ideia. Está muito magro e fraco, tentei movê-lo... Mas lembrei-

me de uma ideia ainda melhor.

– Como assim?

– Avisei-o de que uma alma caridosa o vai visitar este final de tarde com um caldo e um pouco de arroz. Terá de aceitar, disse-lhe, pois não se recusam oferendas dos céus, que ultraje a Deus recusar oferendas por Ele enviadas.

– E que oferenda é essa?

– A refeição que lá ireis oferecer, obviamente.

– Ah, certo! Vou lá eu? A casa dele? Sem ele o esperar?

– Fraquejai-vos a vontade?

– Não. Irei! E devo agir como me haveis instruído?

– Tereis de vos aproximar com calma. Mas creio ser uma excelente oportunidade.

– E se eu não souber o que dizer? Já me confessei, que outro assunto posso trazer à tona?

– Ora, falai do cerco, falai da vossa fé de que tanto vos orgulhais, perguntai sobre a sua história ou como é o reino de onde vem...

– Tendes tanto talento para a interlocução simpática, quem me dera ser mais afoita na conversa.

– Desanuviai esses pensamentos. Não tereis de conversar muito, os homens querem é ser ouvidos.

– Certo. – Emi limpou as mãos no avental. – Vou já preparar a ceia. Como vos pareço hoje?

Jana olhou-a e reparou como a beleza da juventude brilhava, tivesse esta um entusiasmo.

– Estais lindíssima. Ide confiante.

O tempo escasseia

Pouco depois de Emi sair, Haru entrou em casa.

Jana, Nishi e Tago rodearam-no com perguntas sobre a muralha e como estava a resistência ao fogo aberto. Com poucas palavras, ele descansou-os. Ainda nada estava perdido e deviam manter-se calmos. Depois avisou que provavelmente não voltaria durante muitos dias e Jana sentiu o tom de despedida, bastante diferente daquele que acabara de afirmar. Olhou-a com intensidade.

De repente, Haru percebeu que Emi não estava em casa e perguntou por ela.

– Foi levar comida ao missionário que enfraquece a olhos vistos e ninguém cuida dele – disse Jana com a maior naturalidade que conseguiu.

– Devotais demasiada atenção a esse *batteren*... A esta hora da noite... Emi na casa dele?

– Ela ou eu, como haverias preferido?

Nishi sorriu discretamente.

Haru contentou-se em deixar por ali o diálogo e dirigiu-se ao quarto. Agarrou em duas catanas e voltou para a sala. Ajoelhou-se junto do pai e pediu que o abençoasse. Agarrou no ombro do miúdo e depois despenteou-o. Por fim disse a Jana:

– Acompanhais-me lá fora?

Ela dirigiu-se à porta imediatamente.

Caminharam um pouco e Haru voltou-se para ela e propôs:

– Encontramo-nos no paiol, hoje.

Jana desejava-o com todas as suas forças, mas pensou que não podia deixar o filho e Nishi a sós, e Emi demoraria possivelmente um bom tempo.

– Não posso, hoje não posso.

– Se não for hoje, que abandonei o meu posto, poderá nunca mais ser – e beijou-a como quem entrega a alma –, eis a razão por que vim a casa, para vos pedir que me acompanheis.

Jana compreendeu que um homem como Haru não abandona o seu posto de ânimo leve, a sua paixão tinha falado mais alto do que a sensatez e honradez do *ronin*. O recado estava entregue.

Haru virou-lhe as costas e Jana sentiu-se a ir atrás dele, sem despregar os pés do chão, como se o pudesse seguir até ao fim do mundo. Ao invés, tremeu com repentina vulnerabilidade e deu passos na direcção de casa. Escutou Tago entretido a conversar com Nishi e já se preparando para a hora de dormir. Amaldiçoou Emi por se ter ausentado naquela noite. Sentou-se e ouviu de novo as palavras de Haru interferindo com o ritmo do seu coração.

Levantou-se de repente, pôs a capa e saiu sem dizer nada, correndo pela colina. Haru andara muito rápido, seguramente enfurecido, e Jana só o encontrou bastante mais longe do que calculara. Quando o divisou no caminho, não o quis chamar e correu mais um pouco para o alcançar. Ele virou-se ouvindo os ruídos de alguém ofegante.

– Viestes? – Sorriu-lhe, e puxou-lhe a mão. – Segui-me.

O paiol onde se haviam encontrado no dia da primeira vitória encontrava-se ali próximo. Entraram sem cuidado, sem assegurar se alguém os escutava, dominados pelo furor. Um vulto fugiu à pressa.

O *ronin* juntou dois fardos de palha e Jana retirou-lhe as partes da armadura que ele ainda usava. Deitaram-se nos fardos. A Jana ocorreu que naquele momento abandonavam a fortificação e as responsabilidades, ao contrário das outras trinta mil pessoas que ali estavam em posição defensiva. Não se mexeu. E sentiu-se viva como nunca, desejada como nunca, dona do seu destino. O sonho impossível de Hara era uma metáfora para o sonho impossível deste amor.

Haru não escondeu a sua sede e puxou-a para cima de si.

Os dois fardos de palha foram-se afastando progressivamente. Pouco depois de consumidas as forças, perderam o chão e caíram sobre as costas de

Haru, que gemeu com o impacto. Riram com o susto. Abraçaram-se tremendo ainda de prazer.

Numa falha do telhado, Haru viu uma estrela brilhando no céu.

Por momentos haviam viajado para muitíssimo longe dali, onde não existem imperadores, xoguns, limites, fronteiras e injustiças. Onde cada um podia amar e ser amado.

Castelo sob a chuva de ferro

Diariamente os japoneses formalizavam o convite de visita ao acampamento, um gesto a que Couckebacker acedia com relutância.

As canhonadas navais, decorridos três dias, revelavam-se inúteis contra um alvo muito alto e fortificado, mas pessoalmente lidava pior com o ter de aguentar estes procedimentos de cortesia e protocolo.

– No meu próprio barco, onde sou autoridade suprema – bradou quando observou a barça do mensageiro afastar-se depois de entregue mais um convite formal –, vejo chegarem constantemente emissários com todo o tipo de desculpas, perturbando as rotinas na embarcação!

E, para culminar o seu desagrado, Couckebacker ainda tinha de superintender uma esquadrilha de populares entrando sem aviso prévio no navio para ver bem de perto como funcionavam os ataques, curiosos ao exagero, sem noção de que isso o transtornava na realização da sua tarefa.

Nessa tarde, aglomeraram-se tantas pessoas que foi necessário pedir a intervenção dos militares. Apenas duas horas depois chegava uma ordem escrita de Matsudaira Nobutsuna para proibir aquelas visitas.

Couckebacker pensou estar finalmente resolvido esse incômodo, e recolheu à cabine para escrever uma missiva de agradecimento ao comandante japonês. Chamou o seu oficial e pediu urgência no envio da mesma. Na verdade, parte importante da sua missão era dominar-se, através de árduo e rigoroso treino de acrobacia, no que podia ou não dizer ao seu «aliado».

No dia seguinte, então, dezenas de pequenas embarcações rodearam o navio holandês, de novo um grande número de populares, escrupulosamente cumprindo a ordem decretada: «Ninguém pode subir ao barco holandês.» Mas a posição dos canhões no navio não era alta, e assim o holandês continuava a ter estes empecilhos para mandar dispersar, caso contrário feriria muitos embarcações a cada detonação.

Só depois de nova troca de correspondência é que se encontraram as condições favoráveis para aumentar a carga, e assim foi: o *Rijp* disparou vinte e quatro tiros e alguns, pela primeira vez, criaram um estrago visível nas muralhas de Hara.

No último dia de Fevereiro só se dispararam nove tiros do navio, mas a

canhoaria em terra estava finalmente operacional, atacando os rebeldes com outros vinte tiros.

E os *kirishitans* acusavam então a pressão. Nesse dia chegou outra carta-flecha disparada de Hara.

«Não desejamos construir um Estado. Nem desobedecer aos governantes. Tudo o que queremos é poder professar a nossa religião.»

A resposta consubstanciou-se em morteiros e granadas lançados para dentro do recinto e causando danos, nomeadamente no forte principal, o que revelava o seu alcance, e conseguindo queimar a quase totalidade das casas de palha, o que deixou os japoneses muito contentes.

Essa alegria porém duraria pouco.

No dia 1 de Março o *Rijp* atingiu um alvo em cheio, mas... nas tropas governamentais. Uma das balas de canhão aterrou no campo dos que cercavam. Dali a algumas horas recebeu uma carta de impecável polidez escrita por Matsudaira, dizendo:

«Prezaríamos se as forças holandesas tivessem melhor pontaria.»

Cartas-flecha voavam de um lado para o outro, e numa delas os rebeldes escreveram:

«Nós não começámos esta guerra. Tanto em Shimabara como em Amakusa, apenas agimos em autodefesa contra os vossos actos e ofensas mortais.»

Entre essas cartas, uma viria a definir o destino de Hara para sempre. O seu conteúdo era tão inacreditável que os generais se recusaram a passar a carta entre os comandantes ou a partilhá-la com os holandeses.

Por essa altura, Ren Jun estava sempre presente nas reuniões mais importantes, pois essa era a ordem do xogum, mas também porque lhe cabia traduzir algumas expressões escritas nessas cartas em Romanji, japonês transposto para o alfabeto romano e baseado na forma de soletrar portuguesa, mas seguindo a pronúncia japonesa.

Além disso, Ren Jun estava envolvido na burocracia exigida pelo xogum com os registos detalhados dos movimentos das tropas:

– Ontem contei mil caixas de *sake*, mas hoje chegaram mais cem – disse a um dos homens de confiança de Matsudaira. – Também preciso de saber o número de sacos de arroz, e tomarei nota do número de caldeirões a serem usados no cerco.

A burocracia do Governo mantinha registos detalhados dos movimentos de tropas e logística, mas estas minúcias enfadavam Matsudaira:

– Neste momento tendes ordem para sair da tenda, trataremos disso mais tarde.

– Para os objectivos do meu relatório diário apenas vos peço que reveleis os quilos de tabaco que entraram ontem no acampamento. Essa moda que os portugueses trouxeram está totalmente espalhada entre a soldadesca – comentou, atrevido.

– Ordeno-vos que vos ausentais imediatamente – Matsudaira erguera o

tom de voz e fez-se compreender sem lugar a indefinições.

– Sim, Meu Senhor, aguardo então lá fora que me chameis.

– Quero conferenciar com os meus generais, estais dispensado por hoje.

Entre percorrer os campos do Japão trotando incessantemente, reunir com o xogum, regressar a Shimabara e ser destacado para Hara, acampando na área militar junto a Matsudaira, já haviam corrido meses sem Ren Jun ir a casa. Meses em que não via a mulher, um amor que lhe virara a vida do avesso.

Dáimios e samurais terratenentes acolhiam pintores, dramaturgos e intelectuais em saraus organizados com regularidade. Ren Jun assistia e participava em espectáculos privados e peças dramáticas de Teatro Noh, naquele tempo promovidos por Matsukura Katsuie, o Senhor de Shimabara.

Ren Jun era um protegido. Katsuie, à semelhança de outros generais samurais, precisava dos seus serviços para praticar a caligrafia, aprender o arranjo de flores e tocar o alaúde. Servia também de seu conselheiro para exhibir as mais vistosas roupas de seda.

Num desses saraus em que o intuito cultural se misturava com o prazer, um grupo de artistas de entretenimento de ambos os sexos prostituía-se. Os dentes enegrecidos, as sobancelhas rapadas e a face oval definiam a beleza feminina e Oka apresentava-se belíssima nessa caracterização.

Ren Jun aproximara-se dela com a veneração que se deve a Amaterasu e – apesar de Oka ser *geisha* autorizada e a protagonista do espectáculo de Katsuie –, com as habilidosas cartas redigidas ao seu Senhor, teve autorização para se tornar esposa de um dos mais cultos homens da corte. Até isso Ren Jun devia ao Senhor de Shimabara.

Afastou-se da tenda de Matsudaira com o pressentimento de que algo lhe seria ocultado, mas neste momento nenhuma ideia melhor se lhe afigurava do que se juntar a uma partida de *go* debaixo de uma frondosa canforeira a evidenciar a primeira floração. Samurais de todas as classes, quando eram revezados no seu posto, entretinham-se neste jogo de tabuleiro sobre conquistas territoriais.

– Vós por aqui! Juntai-vos. Ainda me deveis umas moedas da última partida.

– Honro as minhas dívidas, mas saldemon-las jogando.

– Isso queríeis vós! Sairás hoje daqui espoliado.

– Então duvideis das minhas habilidades?... É a vossa pior fraqueza...

– Tão certo como já termos ganho esta batalha.

Ren Jun observou-o um momento: um soldado desprotegido, sem armadura, rapaz de dezassete anos, brincalhão, cheio de certezas como o são todos os rapazes dessa idade.

– Podemos ter já ganho esta batalha, mas ainda não sabemos qual o preço a pagar – disse o cronista.

– E os sessenta e seis pinheiros? – indagou o soldado.

– Jogai, jogai, não há lenda que vos vá salvar da derrota neste tabuleiro.

Alguns anos antes, o jovem, talentoso e sensível Ren Jun pusera os seus dotes ao serviço de um dos mais cruéis homens da região. De início, fascinado com o próprio sucesso em chamar a atenção, não viu, nem quis ver, a extensão da brutalidade do seu dáimio.

Até um dia ser chamado a escrever um relatório de um castigo imposto a uma família de cristãos para que se publicasse em edital e servisse de exemplo. Como o homem daquela casa não conseguira a quantidade estipulada de entrega do seu milho, o castigo recaiu sobre a sua mulher e filhos, aprisionados e postos sob tortura, numa jaula colocada nas águas do rio. A seguir, vestiram-lhes capas de minoio e deitaram-lhes fogo, a chamada Dança de Mino, oferecendo o espectáculo ao marido e pai preso aos braços firmes dos samurais. As vítimas corriam e contorciam-se no chão e isso era motivo de gozo e riso para os torturadores.

Deveras a custo, Ren Jun não extravasou a sua repulsa àquele castigo. Perante esta cena grotesca, nem era preciso ser cristão para se revoltar.

E, sim, conhecia a lenda dos sessenta e seis pinheiros: dizia que, no dia em que chegou o primeiro padre, sessenta e seis pinheiros caíram no recinto do Sumiyoshi Shrine. Uma ameaça clara ao Japão, a terra das sessenta e seis províncias. Se Kyushu tinha caído na armadilha, nenhuma outra província se seguiria. Era uma das máximas do *bakufu*.

Uma misteriosa carta-flecha

Matsudaira, ao contrário dos rebeldes, tinha tempo. Mandou reunir uma comissão discretamente, com quem pudesse discutir a veracidade das novas informações chegadas na carta sob tão grande sigilo.

Encontrava-se bem ciente do clima de suspeita instituído pelos oficiais de Shimabara para dominar o «perigo cristão» e da dureza das suas medidas, sobretudo em Kyushu. Reuniu-se com Hosokawa e Toda Ujikane, o seu vice-comandante, os seus generais de maior confiança. Eram também os da zona e, portanto, os melhores para o informar.

– Shimabara, claro, tem sido solidamente cristã desde os dias de governação dos Arima – começou Hosokawa. – Amakusa tem também uma velha tradição cristã, desde a visita de Luís de Almeida em 1566.

– O físico?

– Sim, desde esse tempo. O fogo continuou latente, em brasa! Os *korobi kirishitans*, aqueles que tinham renegado, regressavam. – O general Toda Ujikane fez a mímica de uma árvore a florescer e olhou na direcção de Hara.

– Por exemplo, ingressar numa profissão... exige uma aprovação anterior por um oficial que assegure que essa pessoa não é cristã – esclareceu Hosokawa.

– O que se compreende... Por exemplo, o contrato inicial de uma prostituta requer a garantia de que não é cristã, para que burocraticamente fique atestado que os clientes não são contaminados – acrescentou o general Toda Ujikane.

– Falai-me de Matsukura Katsui, o Senhor de Shimabara – Matsudaira não queria saber de minudências.

Os dois generais presentes desenharam gestos evasivos, cada um cedendo a palavra ao outro.

– Tenho à minha frente comandantes prontos a matar milhares de homens e não me conseguem traçar o retrato de um governante local? – espantou-se Matsudaira.

A pergunta ficou sem resposta. O abrigo foi abanado por uma forte rajada de vento, com assobio sibilino e uma repentina carga de chuva.

O que nenhum dos presentes verbalizava, mas todos sabiam, é que Katsui angariava fundos dos impostos cobrados para cair nas boas graças do xogunato, pois boa parte dos impostos serviam como a sua contribuição para a construção do castelo de Edo. Mas nenhum dos presentes queria falar mal do governante e muito menos do xogum.

– Eles não conseguem trair lá o seu Deus. É-lhes impossível. Parecem endemoninhados.

Mantinha-se uma chuva ensurdecadora de balas do *Ripp*, enquanto se montava a recém-chegada artilharia pesada. No dia 6 de Março começou o bombardeamento de terra, calando-se o fogo do navio.

Teor dos pensamentos

Emi percorreu a distância que separava as duas casas com um nervosismo atroz. Não eram as melhores condições para transportar comida, sobretudo a sopa feita com tanta dedicação. Diante da porta e prestes a bater, lembrou-se das palavras de Jana: «Deveis criar um verdadeiro desejo pela vossa companhia. Não sois uma *gueisha*, não vos preocupeis em entreter conversas brilhantes sobre arte ou música. Quereis desencadear uma forte atracção e para isso só é necessário desenvolver as vossas habilidades auditivas. Por detrás daquelas lentes que usa à frente dos olhos, Clarimundo é o homem mais solitário do mundo. Se lhe prestardes toda a atenção, é inevitável que nele se acenda algum carinho.»

– Emi, o que fazeis aqui?

– Lembrei-me de vos trazer uma refeição quente nestes dias tão difíceis.

– Que amabilidade! Começou a chover, por favor entrai. Quer dizer... não sei se vos importareis... Encontro-me sozinho em casa, os meus companheiros estão reunidos em oração na casa de Jerónimo.

- Não vos preocupeis, apenas gostaria de vos ver bem alimentado.
- Passai, passai. Já ceastes?
- Ceio quando chegar a casa.
- Não o posso permitir...

Emi reparou na imagem de Nossa Senhora na parede.

– Trouxe-a de Portugal, tem-me acompanhado todos estes anos. Mas sentai-vos. Acompanhai-me, está aqui um banquete exagerado. É uma honra que me dais.

– Ora, não era essa a intenção. Mas se tanto insistis. – E começaram a cear juntos, depois de ele acender dois castiçais e a sala se tornar mais acolhedora.

– Como está Jana? E o seu filho?

– Todos um pouco preocupados com a sombra que se abate sobre nós.

– Estive com ela ontem. É uma mulher de grande coragem. E o menino revela uma educação exemplar.

Emi não considerava este o seu tema favorito, e ao seu jeito retorcido achou por bem desviar o assunto:

– É uma boa mulher e muito nos tem auxiliado, é difícil ser a única mulher da minha família, ela tem-me feito boa companhia, mas temo que a sua fé não tenha raízes profundas.

– Como assim?

– Nunca a vejo rezar, nem uma oração antes de se recolher, e nem as orações que se ensinam às crianças Tago sabia. Foi o meu pai que lhas ensinou.

– Jana tem a sua maneira de ser, e até considero que tem uma fé muito profunda, à maneira dela. E quem somos nós para julgar os outros?

– Sim, não quis julgar, apenas observo e há muitos aqui dentro deste castelo que se amotinaram por raiva e fome, não pela fé.

– Jana já fez mais pela nossa segurança do que imaginais – estipulou, misterioso.

– E como está a sopa de miso?

– Uma delícia – sorriu satisfeito.

– Admiro muito a vossa coragem, virdes de tão longe... – lembrou-se do outro conselho de Jana: perguntar sobre o seu reino, pois um expatriado sempre sente saudades do seu lugar.

– Oh, vou para onde Deus me envia. Não somos nada, apenas a sua vontade.

– Seguramente haveis sentido saudades do vosso reino?

– De minha mãe, uma mulher muito boa, que se calhar já nem é viva. Deixei-a enferma.

– Rezarei por ela.

– Sois uma boa irmã. – Clarimundo pousou os óculos na mesa, deixando os seus próprios olhos nus e ainda mais inocentes. Emi olhou para aquele objecto, siderada, e aproximou-lhe os dedos, sem lhe tocar.

– Desconheceis esta preciosa ferramenta...
– O vosso povo tem avanços que seguramente foram enviados por Deus
– disse Emi.

– Não poderíeis dizer melhor. Neste caso, Deus usou a minha mãe como intermediária, que vendeu as suas duas últimas bestas do curral antes de eu embarcar para me oferecer os óculos que me permitiriam ver o mundo. Fê-lo sem eu ter conhecimento, claro, eu jamais a deixaria gastar assim o que tinha para a sua subsistência.

– Oh, é como dizeis, ela é uma mulher admirável.

– Pôs-me os óculos embrulhados num farnel que me entregou no cais. Quando o abri já a caravela tinha partido.

– Falai-me mais da vossa terra.

– Sou de uma aldeia do Norte do reino. Vale de Urso. Frequentei o seminário desde os cinco anos e nunca imaginei vir a conhecer o mundo, mas o mar que nos banha liga-nos às mais distantes partidas. Com um barco e fé em Deus, o português faz-se ao caminho. Sempre necessitei de alimentar o meu afã de transcendência... e o povo japonês recebeu o dom da curiosidade e espiritualidade.

Emi aproximou-se um pouco dele, enlanguescida. Ele notou-o, chamando-se a si mesmo à realidade.

– Se calhar já é um pouco tarde, não vos quero prender. E de qualquer modo já terminámos. Não sei como agradecer-vos.

Levantou-se e começou a juntar os utensílios onde ela trouxera a sopa, disfarçando os rubores que o tomaram. Depois dirigiu-se à porta para iniciar a despedida, mas Emi retirara a capa e pusera-me mais à vontade, arregaçando as mangas do quimono:

– Ora essa, vou ajudar-vos a arrumar.

– Não podeis, não tenho cá água, tem sido difícil ir ao lago nestes dias. Amanhã tratarei disso. Já fizestes muito por mim. Anoitece muito rápido, vou acompanhar-vos à vossa casa, aproveito e cumprimento Jana e Tago.

– Senhor padre, necessito confessar-me – disse ela um pouco arrebatada.

– Outra vez? Não passaram muitos dias desde a vossa última confissão.

– Mas novo pecado me povoa o espírito. Tereis de me absolver.

Afastando a cadeira devagar, Clarimundo sentou-se à mesa. O colo descoberto de Emi não combinava com a baixa temperatura daquela casa, sem fogo aceso, nela havia uma mocidade vibrante, e nas suas carnes pálidas e no rosto redondo, corado, havia a saúde dos que parecem imortais.

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

– São os meus pensamentos – começou ela.

– Prossegui – disse ele sem levantar os olhos do tampo da mesa.

– Em pensamentos estais demasiado próximo de mim, padre Clarimundo.

Ele olhou-a para confirmar se tinha compreendido bem.

– Não entendi em que consiste o pecado.

– Um vento que me tomou quando vos conheci. Penso demasiado em vós. E o teor dos pensamentos...

Clarimundo levantou-se como se tivesse visto uma aranha do tamanho de uma mão.

Emi assustou-se com o seu choque e ficaram os dois sem saber o que dizer, olhando cada um na sua direcção.

«Lembraí-vos de que tudo tem de acontecer com naturalidade», disse-lhe Jana, e agora Emi perguntava-se se era este o resultado esperado.

– Desculpai-me, estamos em sede do santíssimo Sacramento da confissão. Tenho a obrigação de vos ouvir até ao fim. Perdoai-me a minha reacção.

Ela ruborizou-se. De olhos fechados, tentou pescar as melhores palavras, organizar um discurso coeso, mas sentia-se tonta, subitamente vulnerável, e esquecia-se de respirar, não conseguindo conter as lágrimas.

– Emi, não gosto de vos ver nesse estado – deu-lhe a mão. – Vamos encerrar aqui esta confissão, nada disto tem importância aos olhos do Senhor que tudo perdoa. Rezai dez Ave-Marias e cinco Pais Nossos, estais absolvida. – E ficou ele próprio a rezar entredentes por alguns segundos.

Ela deu-lhe a outra mão, perturbando-lhe a oração, confirmando que aquela investida estava mesmo a acontecer. Clarimundo abriu os olhos e viu uma mulher insinuando-se sem reservas e por momentos sentiu como eram quentes as suas mãos e hipnotizante a sua expressão. Mantiveram-se assim no que pareceu uma eternidade, ele esperando que ela tivesse o bom senso de retirar a mão e sair por sua espontânea vontade, sem choro nem comoção. Emi aproximou o rosto do dele, não para o beijar, mas para que ele soubesse que o desejava. O missionário desviou a cara ao de leve, ficando com a boca dela junto ao seu ouvido.

– Deveis retirar-vos – disse-lhe baixinho.

Ela, baralhada entre as mãos que a sentiam e as palavras que a mandavam embora, seduzida pela sua própria vitalidade, sussurrou:

– Deveis perguntar-vos, em total liberdade, procurando uma resposta verdadeira e profunda, se me quereis. Libertai-vos e ouvi a vossa respiração, ofegante como a minha. – A sua voz de mulher sibilou como uma serpente e Clarimundo sentiu-se possuído pelo demónio. Levantou-se de repente e abriu-lhe a porta, nada educado, mantendo-se em silêncio e apontando o dedo lá para fora, como se escorraçasse um pesadelo do seu sono profundo ao acordar.

Ela levantou-se, com mágoa e vergonha, vestiu a capa e saiu.

Clarimundo ficou a vê-la subir a passo rápido a ladeira no escuro. Em vez de perguntar se a podia acompanhar, gritou a única coisa que lhe interessava naquele momento:

– Saudai Jana em meu nome, por favor!

Hara-jo invicto

Debaixo de fogo, Hara resistia. Jerónimo convocara de novo a população para, junto à sua casa, entoarem cânticos para as tropas.

Os camponeses continuavam a gritar, mais do que cantar:

«Céu e Terra têm uma só raiz,
uma miríade de coisas,
uma só substância.
Entre todos os seres humanos
não há distinção entre nobre ou do povo.»

Apesar das cargas constantes e de estragos consideráveis, o uso em grande escala de artilharia e sobretudo a intervenção de estrangeiros, mestres da guerra, revelavam-se uma desilusão para as forças governamentais.

Sem resposta aos seus pedidos, cada vez mais convicto de que a fé bastaria para alcançar a vitória, Jerónimo escreveu pelo seu punho e enviou do seu arco uma carta que já lera em público aos seus seguidores:

«Não existem soldados mais corajosos no nosso reino para combater? Qual o tamanho da vossa vergonha por chamarem a ajuda de estrangeiros contra o nosso tão pequeno contingente?»

Apesar da petulância, quando Couckebacker soube do conteúdo desta carta, não podia estar mais de acordo... Só existiam duas opções: homens livres ou homens mortos. E estes homens e mulheres tinham ambas como certas. Secretamente admirava-lhes a coragem.

Do lado das forças governamentais, porém, não havia espaço para arrepios de consciência.

A dado momento, duas figuras maltratadas e andrajosas foram arrastadas por samurais envergando poderosas armaduras junto à muralha do castelo para vista dos *kirishitans*. Era a mãe de Jerónimo, Marta, e a irmã, Regina, trazidas de Kumamoto.

Tanto os soldados do xogum como os que permaneciam no castelo ficaram silenciosos. Um dos samurais gritou:

– Se querem falar com elas, estejam à vontade!

Mas do castelo não se ouviu nada.

– Os *kirishitans* dentro do castelo comportam-se de forma estranha – sussurrou Matsudaira para Couckebacker na sua inconveniente visita diária.

Nem o comandante-geral estava completamente imune à tentação de ver em Jerónimo, e nos seus aliados, algum poder que lhes escapava.

– Estou em crer que os rebeldes se comunicam com aliados fora do castelo, nas montanhas, nas florestas.

– Tendes muitos homens parados a enregelar – sugeriu o holandês.

Matsudaira não gostou do tom, mas não poderia ignorar o bom conselho. As forças do xogunato sofriam pesadas baixas com os rigores do Inverno. Já assinara ele próprio várias ordens para se destacarem soldados para enterrar os mortos longe do acampamento, evitando epidemias.

E o general não podia dizer que ignorava os números, pois supervisionava-os à lupa. Por isso não podia desconhecer que a devastação entre as suas tropas aumentava com as investidas dos rebeldes, como a de 3 de Fevereiro, que matara dois mil homens de Hizen, incluindo o governador e muitos nobres.

– Eu sei que os meus homens vieram em busca de sangue e glória. – E travou as palavras; morrer aqui sem capacidade de desembainhar a catana era a humilhação maior.

Matsudaira mandou os samurais encarcerarem de novo a família de Jerónimo, havia que aguardar alguma reação, se ela viesse a ter lugar. Sentia a urgência de algo acontecer.

Nas árvores em geral e nas amendoeiras em particular, botões rosa-pálido preparavam-se para florescer – a Primavera acordaria em breve.

Seara alheia

Nishi começava a estranhar a ausência do filho, quase quatro dias era já um longo período. E Emi sabia que, sem vir a casa, Haru nada comia.

– Os ataques prosseguem, talvez nunca tenha conseguido deslocar-se à noite, seguramente é só isso. Mas eu posso ir à primeira muralha entregar-lhe uma merenda. – Nishi, Tago e Emi ficaram na dúvida se Jana falava a sério. – Não o dizia se não estivesse segura, já percebemos onde caem as balas dos canhões, há caminhos seguros para percorrer até lá abaixo, só terei de me precaver junto à primeira muralha, mas lá os próprios samurais me ajudarão.

– Não podemos permitir tal coisa, é um risco muito alto.

– Mãe, não é boa ideia. Tenho medo de vos perder.

– O medo para nada nos serve, meu filho. E eu prometo que volto antes de amanhecer.

– Bom, se não vos conseguimos demover dos vossos intentos, resta-nos desejar-vos boa sorte. Emi, preparai o melhor farnel com os últimos talos tenros do arrozal recolhidos na terra alagada – pediu Nishi.

Todo o dia pairara um nevoeiro agoirente, demasiado cinzento para se chamar bruma. Quando a noite caiu, manteve-se instalado, tornava-se difícil ver ao longe. O que Jana não disse em casa é que, entre o segundo e o terceiro patamar, só passava quem pertencesse ao corpo de defesa. Mas o seu plano era fazer uma curta paragem na casa do missionário, recolher a armadura e conseguir atravessar aquela barreira sem levantar suspeitas. Caminhou quase

correndo, ansiosa por ver Haru.

Clarimundo, depois de ouvir o seu nome, abriu-lhe a porta transformando o espanto num sorriso.

– Não vos esperava. Passai!

– Clarimundo, como vos haveis sentido? Tendes enfrentado necessidades?

– Bem, os víveres não abundam em nenhuma casa de Hara. Mas Emi esteve aqui ontem. Uma visita deveras estranha.

– Estranha porquê? – Fez-se de desentendida. – Creio que vos veio alimentar.

– Sim, sim, com uma enorme simpatia.

– Ela estima-vos muito, tendes ali uma grande amiga. – E mudando de assunto: – Bem, vim apenas buscar a minha armadura, há dias que Haru não aparece e queremos ter a certeza de que não está a morrer à fome. Tenho pressa.

– Por favor, sentai-vos, nada tenho para vos oferecer, mas esta manhã uma alma caridosa trouxe-me esta pequena ânfora com água, partilho-a convosco.

– É como vos expliquei, vim numa missão e hoje não posso tardar.

Sem pedir permissão, já cega de vontade de voltar a combater, Jana dirigiu-se ao alçapão e de lá retirou roupas para depois, no fundo, encontrar as várias peças da sua armadura.

Retirou a capa e depois as saias de fora, que caíram inteiriças no chão de tatame, para se mudar.

Clarimundo não conseguia desviar os olhos. Jana nem sequer se lembrava de que ele ali estava.

– Vai ficar muito desconfortável dentro dessas roupas e não permitirei que se vá embora sem lhe oferecer um chá, pelo menos. Sente-se, que prometo ser breve – e puxou-a pelo pulso para a abeirar da mesa.

Jana ofereceu resistência e ele não cedeu, acabando por arrastá-la um pouco bruscamente, sem intenção, para junto de si. Sem pensar, pôs-lhe as mãos nas costas.

– Clarimundo, que fazeis?

Tentado até ao limite das suas forças, num gesto irreflectido, juntou os lábios aos dela. Jana afastou-o com força e ele acabou sentado, encostado à mesa.

Emi, no dia anterior, quando chegara a casa, tinha chorado inconsolável e no meio do seu discurso incoerente dissera, «Ele ama-vos a vós», mas Jana apenas o interpretou como mais uma criancice. Agora compreendia que esta relação estava assente num erro, equívocos desde o início, nem sequer por culpa do missionário. Não teria tempo de o explicar agora. Não tinha como iniciar a conversa de que entre ela e Haru não existia só um pacto de guerreiros.

Vestiu a armadura com enorme esforço e o mais depressa que conseguiu.

– Lamento não corresponder às vossas expectativas. Mas realmente estais equivocado.

O missionário não podia estar mais confuso. Interpretara mal todos os encontros, mas sobretudo não se reconhecia a si mesmo nas acções. Nada nos trai mais visceralmente do que o nosso eu sem rumo.

Missão cumprida

Neste momento, Matsudaira, que seguira o conselho de Couckebacker e mandara os samurais varrerem a zona em busca de inimigos, percebia que só os havia imaginários. Quando regressaram, fizeram um relatório surpreendente: a região inteira estava deserta. Todos se haviam concentrado em Hara.

Os canhões continuaram a ser disparados diariamente. Mas não conseguiam produzir as consequências desejadas. Desde o primeiro dia em que usou o binóculo, Matsudaira soube que os rebeldes se recolhiam em trincheiras e abrigos feitos de sacas de areia. Ao fim e ao cabo, até agora, a artilharia apenas servira para queimar casas de palha.

Matsudaira decidiu então que todo o material de guerra do *Rijp* devia ser levado para terra.

Sem clemência, com raiva, no dia 9 de Março, japoneses e holandeses combinados conseguiram o impressionante feito de disparar sessenta balas de canhão. No dia 10 de Março, quarenta e duas.

Este fervor de disparar contra as rochas despoletou uma tragédia. Um dos canhões a ser operado por um holandês em terra explodiu e esse soldado ficou com as entranhas à mostra. Socorreram-no vários homens, deitando-o na recém-construída paliçada de bambu, mas ali morreu imediatamente.

No dia seguinte, quando os holandeses se preparavam para operar os canhões do navio, chegou um mensageiro de Matsudaira ao *Rijp*. Aproximou-se e, sem os habituais protocolos, foi directo ao assunto e deu ordem para que evacuassem.

– Meu Senhor, estais livre e podeis abandonar Shimabara – afirmou.

– Partir de Shimabara? Acabou a nossa missão? Mas o cerco não foi quebrado!

– O xogum está muito grato pela assistência prestada.

– Irei a terra assegurar-me pessoalmente se de facto podemos debandar.

– Sois sempre bem-vindo ao abrigo do nosso general.

Couckebacker preparou-se rapidamente, vestindo o uniforme. Continha a alegria com dificuldade e, admirado com esta ordem, nada mais desejava do que retirar-se desta contenda. No entanto, como o cinismo dos negócios o obriga, disse exactamente o contrário.

– General Matsudaira, ofereço-me para ficar!

– Sois um bom amigo dos japoneses e o xogum sabe-o. Não vos apoquenteis com esta decisão. A dispensa é feita em bons termos. A perda de um homem já foi um alto preço a pagar, não restam dúvidas quanto à vossa lealdade.

– Da minha parte inquestionável!

– Assegurada até às altas instâncias. Entendei... Além disso, as obras de construção das paliçadas e túneis já estão tão próximas do castelo que o risco de ser atingido por fogo amigo revela-se significativo.

O comandante dos holandeses não compreendeu a decisão. Todavia, depois da verificação necessária, percebeu que podia retirar-se e não se fez de rogado, partindo imediatamente. Tinha sido assegurado de que o cerco não oferecia quaisquer riscos e acabara por perder um soldado, o que também não abonava a favor dos japoneses. Mas a missão estava cumprida: doravante, os holandeses assegurariam a recompensa do monopólio do comércio europeu com o Japão.

O que Couckebacker não sabia é que a carta de Jerónimo em que perguntava se a ajuda estrangeira não era uma vergonha tinha ferido com força o orgulho de Matsudaira. Como alcaide de uma corte provinciana, o general desejava ardentemente serem apenas os japoneses a recolher os louros da conquista.

Pólvora subterrânea

Hosokawa Tadatoshi, conhecido pelas suas estratégias de captura e pelas suas torturas para obter informações cruciais, que viera para Hara com os samurais de Kumamoto – um grupo de ninjas, a elite das elites dos samurais – desde o início do cerco, tomara várias iniciativas e apresentara ideias de como alcançar a zona acastelada. A cidade de Kumamoto havia construído aquilo que se considerava um castelo inconquistável.

– À excepção de Kumamoto, nenhum castelo é inexpugnável – dizia Hosokawa. Ele e os seus ninjas assumiam, claro, um lugar de destaque no cerco e, quando os holandeses partiram, a divisão de Hosokawa ficou encarregada de gerir a maior parte da pólvora. Situados a nordeste do campo das forças governamentais, mantinham uma localização afastada da primeira muralha, mas, ao mesmo tempo, trabalhavam noite e dia para alcançar as condições favoráveis para chegar ao portão Hinoe.

Entretanto, apesar de ter escolhido o dia em que se ouviram quarenta e duas explosões contra as fortificações de Hara – cinco conseguindo explodir dentro do recinto –, Jana contava com a maior aliada, a noite, para alcançar a primeira muralha. Corriam rumores da morte de alguns *ronins* e não sabia se

Haru era um deles. Depois do desconfortável encontro com Clarimundo, as suas expectativas confirmaram-se, já não se ouviam os estrondos das balas de canhão havia cerca de uma hora e, com pouco ou nenhum cuidado, Jana percorreu o segundo patamar, descendo à maior velocidade que a armadura permitia. Junto à segunda muralha, depois dos descampados, chamou a atenção.

– Concedei passagem para a primeira muralha! – engrossou ela a voz.

Os *ronins* na vigia deixaram-na passar sem perguntas. Fora mais fácil do que julgara.

Avistou o sólido portão Hinoe que mantinha a distância entre o mundo que os queria agredir e eles, resistindo.

Estugou o passo para percorrer a maior distância possível sem pontos de resguardo – as trincheiras e grutas escavadas só se encontravam mais junto à muralha e quando ali chegou sentiu um grande alívio. De novo pediu passagem aos *ronins* à tocaia.

Recebida com mais desconfiança – àquela hora nenhum guarda era rendido –, tentou usar poucas palavras, e decisivamente estas seriam as mais convincentes:

– Venho em nome de Jerónimo, trago um recado para Haru Kukita.

Enquanto aguardava um desfecho, já estava rodeada por oito *ronins* que não lhe eram agressivos, mas faziam perguntas em catadupa.

A máscara ajudava a manter a compostura – era o único soldado a usá-la – mas foi a chegada de Haru que a salvou daquele interrogatório. Imediatamente percebendo quem era «aquele» *ronin*, deu ordens para dispersarem.

– Que fazem aqui? É evidentemente aliado, não compreendo porque abandonaram os vossos postos. Ide, ide e vigiai, eu trato deste assunto! – Encaminhou-se para uma trincheira vazia que lhes daria algum resguardo.

– Há mais estragos do que eu imaginei – comentou Jana ao entrar na trincheira desfigurada por uma bala de canhão.

– Que fazeis aqui?! – Haru agarrou nos braços dela e a armadura tilintou com a fricção. O barulho teve o efeito de despertar a atenção para o lugar para onde se dirigiram.

– Vim por sugestão da vossa família, estavam apreensivos com o vosso bem-estar, não sabem se tendes comido estes dias.

– Ora, eles sabem bem que o meu lugar é na frente de batalha.

– Enviaram-vos esta merenda, que é a minha mais importante missão: entregar-vos-la para que vos alimenteis. – Abriu o embrulho e demonstrou a preciosidade: talos de arroz com algas frescas.

Ele não conseguia desviar os olhos da comida. Esfomeado e com o rosto amarelado, não comia há vários dias seguidos.

– Comei, por favor, quanto mais cedo me livrar deste embrulho, menos suspeitas levantarei.

– Sinto-me mal a comer separado dos meus companheiros.

– Só desta vez, arrisquei muito para aqui vir.

Ele olhou-a e apercebeu-se desse risco. Por uns segundos, interpretou-o como um gesto de amor.

– E como estão todos lá em cima?

– A comida rareia em Hara. Lá em casa, sofremos menos do que em outros lares, mas já todos estamos a menos de metade da ração, à excepção de Tago.

Haru devorou a comida em instantes. De novo de estômago vivo, sentiu o sangue a rejuvenescer nas suas veias, e os sentimentos a reavivarem-lhe a alma.

– Tirai a máscara, aqui ninguém vem, de qualquer modo está muito escuro, vou apagar a vela.

Jana descobriu o rosto e beijaram-se.

Apesar da lama onde enterravam os pés, do desconforto da armadura no seu corpo delicado para suportar todo aquele ferro e do estado de fraqueza de Haru, sentiram o beijo como indo em socorro um do outro.

Ele olhou-a, felino, e Jana, mais frágil do que o habitual, deixou-se tomar pelo enleio.

– A guerra está quase a terminar... – disse ela, libertando os seus receios.

– Estamos a semanas de ser invadidos, talvez dias – confirmou ele.

Nesse momento ouviu-se uma grande explosão que fez estremecer o chão lodoso onde se encontravam. Olharam em volta, em busca de um clarão. Terra tinha sido levantada e arremessada noutras direcções.

– Vinde! A máscara! Vamos subir à muralha.

Haru correu tão ligeiro que Jana o perdeu de vista. Foi ele que voltou para trás e a instigou.

– Que esperais? – Ela alcançou-o. – Tendes de vos manter junto a mim para não levantardes suspeitas.

Junto aos seus homens, Haru perguntou o que se sabia.

– Meu Senhor, uma explosão fora do recinto, mas muito próxima. Nesta direcção.

Não se entendia nada do que acontecera.

– Uma explosão debaixo de terra? Eles estão a construir túneis e isto deve ter sido uma detonação de pólvora. Alerta máximo a partir de agora! E temos de localizar essa explosão!

– Já temos todos os nossos vigias a passar a mensagem!

– Quero estafetas a percorrerem toda a muralha para que se saiba se há mais relatos semelhantes noutras áreas!

Jana colocara-se junto a uma ameia e agarrara numa besta ali pousada.

O que acontecera, todavia, estava longe da imaginação dos rebeldes.

A divisão Hosakawa pusera a pólvora no fim de um túnel escavado durante as últimas semanas. Num momento de inexplicável estupidez, um dos seus soldados acendeu o rastilho. Depois de uma monstruosa explosão, as

muralhas de Hara continuavam de pé. A valiosa pólvora, claro, desaparecera para sempre.

Quando percebeu que não havia perigo iminente, Haru indicou a Jana que saísse da muralha. Encaminhou-a para a saída agradecendo a comida e pediu-lhe que não voltasse a fazê-lo.

– Mas agradeço-vos o cuidado. Agradecei ao meu pai e a minha irmã. Agora deveis juntar-vos a eles. Usai os vossos dotes de guerreira para os proteger.

– Eu quero voltar à frente de batalha. Por isso aqui vim. – Queria acrescentar a palavra «também», mas engoliu-a por orgulho.

– Não me parece boa ideia.

– Quero regressar à muralha pois é aqui que serei mais útil. Mas só vós me podereis ajudar nisso.

Haru foi arrebatado pela desilusão. A cada segundo havia uma emoção nova, tantas vezes contraditórias quando se tratava de Jana.

– Vós só vos interessais pela batalha. Nem o vosso filho conta perante essa sede de lutar?

– É pelo meu filho que quero lutar!

– Então ficai junto dele e protegei-o.

Haru não tinha forças para discutir, especialmente com ela. Jana amava-o ou usava-o? Não lhe conseguia ver as expressões.

– E sei que posso matar muitos, é por isso que quero participar.

– Jana, eles são mais de cem mil homens. No dia em que aqui entrarem a única diferença é terem clemência com as mulheres e as crianças. Segui de regresso a casa. Provavelmente nunca mais nos veremos.

– Não me agrada esse tom de derrota.

– A morte para mim não é derrota. Bem pelo contrário. Mas então pergunto-vos: o que é para vós mais importante: o meu afecto ou a batalha?

– É impossível responder a essa pergunta. Bem sabeis que a nossa afeição, a existir, não durará, assim como as nossas vidas.

– Assim como a batalha. São os dois igualmente temporários, fugazes. Então qual escolheis?

Haru tirou-lhe a máscara. Viu-lhe os olhos brilhantes da água que neles ia oscilando.

– Não necessito que me respondeis, mas o que eu sinto é vontade de vos tomar inteira porque... vos amo.

Ela baixou os olhos.

– Segui o meu conselho, ficai junto da família. Aqui já não podereis ser útil senão para morrer. Eu prefiro que viveis e ajudeis quem sobreviver. Tago, talvez a minha irmã, talvez o meu pai. – Beijou-a em despedida e olhou-a durante alguns segundos, permitindo-lhe dizer as últimas palavras. Mas nada ouviu e então virou-lhe as costas, não querendo desejá-la mais do que regressar ao seu posto.

A primeira fiada de luz surgiu por detrás das nuvens cinzentas. Do lado

do acampamento das forças governamentais, Matsudaira, que sempre olhara para os seus generais, especialmente Hosokawa, com velada admiração, mostrava-se totalmente furioso. Mas também ele chegava a importantes conclusões depois deste estúpido acidente. Sabia que estava na altura de escolher outra estratégia. Os holandeses tinham sido fraca ajuda e toda a pólvora do mundo não parecia suficiente para derrubar esta antiga fortaleza.

Saídas nocturnas

Nos primeiros dias de Março as temperaturas começavam a combater a geada. Jana regressou à casa do missionário, mas ele já havia saído. Ela, a custo, guardou a armadura debaixo do alçapão, sem fazer muito ruído. Não parava de pensar nas palavras de Haru.

Nem todas a paixões nascem como vulcões. Há nascentes tímidas.

A despedida e a cada vez mais próxima possibilidade de chegar o fim revelava a verdade dos seus sentimentos. E o amor é inconciliável com o segredo. Acabara de deixar Haru e já só queria que acontecesse o próximo encontro para lho dizer. Mas não sabia ao certo quando e se ele voltaria a casa. A sua vontade de matar, sem dúvida, nascia-lhe na garganta e tomava-lhe o peito com um sorriso de dor. Até aqui nunca conhecera alguém que lutasse por si – matar, matar era cumprir a missão de ir vivendo.

Mas o amor nascia-lhe no corpo todo, pulsava-lhe incontrolável e dava-lhe vontade de não morrer, nunca. O amor cria ao mesmo tempo paz e guerra.

Decidiu esperar pela próxima visita a casa, Haru seria rendido seguramente, no máximo, ao fim de uma semana. E, de qualquer maneira, tinha muito que fazer. Elaborara um plano para, *in extremis*, se salvar a si e ao seu filho. Necessitava de alguma preparação e tudo teria de ser feito pela calada, a única maneira de resultar. A missão mais difícil desde que entrara em Hara, pois acarretava enganar ao mesmo tempo os rebeldes e as tropas do xogum.

Enquanto amanhecia tomou algumas providências, mas depois dirigiu-se a casa, onde a aguardavam com ansiedade. Já se ouviam de novo os bombardeamentos.

*

Decorreu mais uma semana e Haru não regressou a casa. Jana saía todas as noites e nunca deu explicações a ninguém. Emi estava convencida de que Jana saía para se encontrar com o irmão e que decidiam não o revelar a ninguém. Comentava-o em segredo com Nishi, acalmando-o ao saber que o filho tinha a companhia de Jana. Mas nada podia estar mais longe da verdade.

Quando já haviam passado quase duas semanas desde a visita dela à primeira muralha, lembrou-se de que a sua fonte de informação mais importante, o missionário Clarimundo, não mais aparecera. Nem a Jana nem a Emi ocorreu outra razão senão o embaraço que ambas, cada uma à sua maneira, tinha vivido com ele. Claro que Jana sabia ser sua responsabilidade quebrar o silêncio, restabelecer a amizade, mas o tempo rareava – de dia não podia sair de casa, à noite dedicava-se ao seu plano que em breve estaria concretizado. Tomara todas as cautelas para nunca ser vista nestas estranhas saídas nocturnas e achava que realmente ninguém tinha conhecimento delas.

Então, em pleno dia, quando as duas mulheres conversavam na cozinha e Nishi as ouvia deitado na sua cama, Tago irrompeu aos gritos anunciando que Haru voltara e vinha com dois samurais.

O coração de Jana começou a rebelar-se, como se não coubesse no lugar destinado à sua anatomia. Ela cravou as mãos nos braços e tentou controlar-se. Chegara o momento de lhe dizer que, vivesse mais dois dias ou mais vinte e cinco anos, queria viver ao seu lado. Rezou uma Ave-Maria para ganhar coragem e começou a ordenar uns trapos para se manter ocupada até ao momento da chegada do *ronin*.

Ele entrou em casa sem ninguém cumprimentar. Trazia um rosto ainda mais magro e disse com uma expressão dura:

– Jana Taguchi! Tenho uma ordem para vos levar a Jerónimo. Estais detida por traição ao povo *kirishitan*.

Tago correu para a mãe e abraçou-a. Emi levantou-se da cadeira e pôs uma mão na boca para conter o grito. Nishi ergueu-se da cama como se lhe roubassem uma filha.

E Jana engoliu, de novo, estas palavras: «Amo-vos e podeis confiar em mim para sempre.»

O outro lado do túnel

Aquelas últimas semanas tinham sido prenhes em acontecimentos, mas no dia 28 de Março, Domingo de Ramos, ocorrera o mais relevante de todos eles. Ao 600.º tiro, lançado pela divisão Nabeshima, o castelo sofreu um golpe profundo. Não perceberam de imediato o efeito, mas a bala de canhão irrompeu pela muralha junto ao quartel-general e estilhaçou-se no meio das casas dos conselheiros mais próximos de Jerónimo, incluindo a de Clarimundo. Seis dos seus aliados foram mortos. Jerónimo, tão próximo, escapou com as roupas chamuscadas, um verdadeiro milagre. E, no entanto, a destruição destas casas e a entrada de uma bala de canhão no coração de Hara abalava a inquestionada fé no rapaz que parecia usufruir de toda a protecção dos céus.

A divisão da cidade de Kumamoto, sempre maquinando novas formas de avançar, depois do desaire com a explosão de pólvora, empenhou totalmente o seu tempo naquele mesmo túnel. Era uma questão de orgulho ferido. Continuaram a escavar e Hosokawa, o seu líder, tudo fez para conseguir chegar ao terceiro patamar do castelo, ultrapassando a problemática segunda muralha.

No dia 28 de Março, dois dos seus homens lograram-no e voltaram para contar: tinham chegado a uma zona onde os rebeldes acabavam de escavar trincheiras para se protegerem dos bombardeios.

– O local onde o túnel desembocou – explicaram os espões – é um labirinto de trincheiras, grandes pilhas de terra e uma selva de bambu, ou seja, o túnel passava totalmente despercebido.

Enganavam-se. Os rebeldes ouviam perfeitamente os ruídos metálicos das picaretas e pás contra a muralha. Decidiram manter o sangue-frio e dar-lhes uma recepção nada convencional. Assim que se começaram a ver as primeiras figuras a saírem do solo, baldes cheios de fezes e urina foram lançados.

Ao mesmo tempo, criaram um truque de ilusão para quem observava do campo das forças governamentais: o fumo ácido e espesso criado pela queima de pinheiro verde pelos rebeldes para sufocar os samurais à saída do túnel era interpretado pelas tropas no acampamento como fumo proveniente da batalha, julgando estes haver começado a luta dentro do terceiro patamar da linha defensiva do castelo.

Os samurais trocaram tiros, mas foram rechaçados, e os rebeldes juntaram-se e taparam o túnel com uma grande rocha.

Depois deste infortúnio, Hosokawa e Matsudaira passaram a revelar-se extremamente desconfiados com qualquer sinal provindo de Hara.

– Há uma lâmpada acesa na torre esta noite! Convoque-se uma reunião para discutir os seus possíveis significados! Papagaios lançados! Papagaios a voar nas montanhas podem perfeitamente ser uma forma de comunicarem.

A Matsudaira não passava pela cabeça serem crianças *kirishitans* arranjando forma de se divertir.

O arguto Hosokawa, num dia de tremenda sinceridade e algum cansaço acumulado, terá dito a Matsudaira:

– Jerónimo tem tais capacidades que até podia ser o governante de um domínio. Que pena não se render e estar morto em breve.

A devoção de Clarimundo

Jana foi colocada numa cela sem qualquer explicação. Os dois samurais que acompanhavam Haru levaram-na esperneando, com Tago a chorar nos

braços de Nishi.

– Isto é um terrível mal-entendido, meu filho, tudo se há-de esclarecer – repetia o velho.

– Eu dizia que ela era estranha, mas traidora, não sei, não entendo – afirmava Emi, confusa.

Quando estoirara a bala de canhão em pleno quartel-general, deixando-o parcialmente em chamas, apareceu Clarimundo na casa de Nishi com uma pequena trouxa.

– Venho pedir-vos auxílio. Um canto para me encostar. A minha casa foi destruída ontem.

Emi suspirou de alívio ao vê-lo, pois tinha sido dado como desaparecido.

– Se a senhora Emi me permitisse tal benesse, bem sei que já sois muitos debaixo deste tecto, e obviamente dirijo o meu pedido ao senhor Nishi e ao senhor Haru.

– Com certeza que podeis ficar no chão do quarto do meu pai. Vai ajudar-nos a renovar o ânimo. Como já sabeis, Jana foi presa.

– Presa? Não, nada sei, tinha-me isolado na praia durante vários dias para uma jornada de oração. Só voltei hoje e encontrei a casa destruída. Que me dizeis?

– Pouco sabemos até agora. Foi acusada de traição. Aguardamos que Haru nos traga mais notícias para que a possamos ajudar.

– Mas isso não é possível!

– O senhor Clarimundo poderá ajudar-nos? Haru saiu daqui mudo. Apenas disse umas palavras preocupantes. – Emi olhou para Tago, que seguia o diálogo com a atenção de um predador. – Pai, com a sua licença, vou até lá fora falar com o senhor Clarimundo.

Já no exterior, Emi aproximou-se dele e reparou no seu aspecto andrajoso. Com algum pesar, esclareceu-o:

– O meu irmão disse que Jana possivelmente seria executada dentro de dois dias, e não havia nada a fazer.

– Que horror! Não podemos permitir que tal aconteça, e nunca sem ouvirmos a sua defesa.

– Concorro cabalmente. Mas sabeis que não podemos contar com Haru, sempre foi assim, é obcecado pelas ordens e o mais certo é não aparecer nos próximos dias.

– Eu irei já falar com Jerónimo. Disseram-me que saiu ileso do ataque. Emi tomou-lhe a mão.

– Sois a nossa única esperança. Não quero ver este menino sem a mãe, e Jana é uma mulher misteriosa, não a entendo por completo, mas já se revelou minha amiga.

Clarimundo juntou a outra mão.

– A vossa confiança muito me honra. Vou agora apurar de que a acusam. Sem isso não podemos fazer nada.

– Ela precisa da nossa coragem. Acreditais na sua inocência?

– Como acredito em Deus.

E partiu correndo e mancando, de ossos estalando, doentes da humidade que sofrera nas noites na praia, pedindo forças ao Altíssimo.

«Reze pela sua alma»

No dia 29 de Março, o caos semeado em pleno quartel-general não ajudava à missão de Clarimundo Céu. Não se sabia onde se encontrava Jerónimo, que se abrigara noutra construção, e os que com ele estavam habitualmente tentavam salvar alguns dos pertences poupados ao fogo. Clarimundo indagou se as celas tinham sido afectadas pela explosão e responderam-lhe categoricamente que não.

Entre as pessoas que ajudavam a limpar e reorganizar o espaço encontravam-se os dois generais mais importantes de Jerónimo: Yamada Emosaku e Mori Soi Ken.

Clarimundo preferiu falar com Yamada, o de trato mais amigável, Mori Soi Ken sempre se mostrava bastante circunspecto.

Apesar de se encontrar no meio da tarefa de remoção dos escombros, Yamada acedeu falar com Clarimundo, mostrando-se prestável.

– Oh sim, foi encontrada uma carta em que essa traidora se comunicava com as forças governamentais para lhes abrir acesso ao castelo.

– Mas como se sabe que a carta era dela?

– A carta aterrou no nosso lado, provavelmente falhou o alvo.

– Era dos militares?

– Do próprio Matsudaira. Fala de um plano que alguém lhe concebeu, no qual lhe abririam os portões.

– E como se sabe que foi Jana? Que ligações tem ela com as forças de defesa? – Assim que terminou a frase, um turbilhão de pensamentos materializou-se em frente aos seus olhos. Ela tinha, sim, ligação à frente de batalha, ele e Haru sabiam-no. Logo, também eles próprios podiam ser implicados muito em breve.

Yamada continuou:

– Não me sobram dúvidas de que ela andava a exercer a actividade de espia, aliás, fui eu que apresentei a acusação a Jerónimo. Entretanto, descobri testemunhas que atestam que ela renegou a nossa fé, não muito antes de entrar em Hara.

Jana renunciara? Clarimundo tinha vontade de gritar. Nada disto fazia sentido. E se ela o enganara como a todos os outros?

– Que vai acontecer-lhe?

– Ora, será executada, seguramente, o nosso líder Jerónimo não pode tolerar estas graves dissidências. E sê-lo-ia imediatamente, mas duvido de que

nos próximos dias haja alguma decisão. Olhe à sua volta... ninguém o esperava.

Cacos de loiça, roupas queimadas, móveis incandescentes ainda, pouco ou nada se salvava.

Yamada e os seus homens esgravatavam para tentar salvar alguns grãos de arroz e outros víveres que se haviam mantido intactos.

Agachado e de volta ao trabalho que se levava a cabo, Yamada voltou-se para Clarimundo e disse convictamente:

– Rezai pela sua alma, não creio que Deus a receba na sua santa glória depois do que nos fez... eu já enviei o «cardeal» para a ouvir em confissão final.

Jerónimo traído

Antes do início de Março, os trabalhos das forças governamentais estavam ao rubro: grandes elevações de terra, torres de vigia e trincheiras surgiam de um dia para o outro. Num desses terrenos de trabalho apareceu subitamente um homem fugido de dentro do castelo. Apresentava-se com uma bandeira em farrapos na mão e alegava não ser *kirishitan*:

– Não desejo morrer à fome! Nem morrer em nome de um deus qualquer e do seu profeta Jerónimo! – gritou em tom desesperado.

– Renegais então a religião de Cristo?

– Não só renego como nunca a professei. E há muitos lá dentro na mesma situação. Agora mais vos digo: lá dentro há tanta fome que alguns guardas fazem a vigia deitados por falta de forças para se aguentarem de pé.

– Como assim? Já não há mantimentos? Nem para os guardas?

– Tal carência de comida os assola que desmantelaram os abrigos e ferveram as sacas, antes cheias de areia, tentando conseguir obter uma substância comestível...

Este pobre diabo não durou nem dois dias nas mãos dos samurais do xogum, mas tinha sido muito útil para levantar a suspeita. O plano estava em marcha e chegava-se às etapas finais da resistência dentro de Hara. O detalhe mais importante para Matsudaira, por sinal: a fome fazia de cicerone para a invasão.

Mas não podiam arriscar sem obter a aguardada confirmação e todos os passos foram no seu encalço.

Matsudaira, Hosokawa e o mais recentemente chegado Arima, com os últimos reforços a entrarem no acampamento militar, conspiravam. Foi o último a chegar, Arima, quem tinha vivido no castelo de Hara, onde crescera até este ter sido desmantelado. Estava sedento de livrar o seu local de nascimento, tão caro para si, daquele enxame de aldeões abusadores. Apesar

de a divisão Arima ter pouca relevância num possível ataque – situava-se de frente para a muralha intransponível, e atrás da divisão Terazawa, com prioridade no avanço –, Arima rapidamente se fez útil e, pouco depois, indispensável. Tinha a seu favor o conhecimento do terreno e de algumas pessoas que estavam envolvidas na revolta. O seu sentimento de posse em relação ao castelo de Hara rivalizava com o ódio aos seus vassalos dissidentes. Haru, por exemplo, era um deles. Queria cortar-lhes as cabeças, uma a uma.

– Devemos enviar a Jerónimo uma carta da mãe e da irmã – explicou Arima, mal escondendo o orgulho na sua inteligência.

– Há então que forçá-las a escrever uma carta, vou já chamar os nossos mais eficientes torturadores – acrescentou diligentemente Matsudaira.

– Não é preciso incomodar os seus homens – riu-se Arima –, a carta não será redigida nem pela mãe nem pela irmã de Jerónimo, mas por nós, o truque de ilusão está na sua entrega.

– Entrega?

– Sim, pelas próprias mãos do seu sobrinho Paulo e da irmã mais nova de Jerónimo, Marina. – Todos estes familiares foram capturados aquando da prisão da mãe de Jerónimo.

Matsudaira cofiou o queixo. Não lhe ocorreria tal estratégia.

– E qual o teor desta mensagem?

– Pouco importa, ele não se deixará enganar. Mas escrevamos que a mãe e os outros da sua família lhe pedem para que se renda.

– Jerónimo nunca o fará – disse Hosokawa.

– Claro que não, mas não é esse o logro desta missiva.

– Obviamente, é para saber como estão as condições no castelo.

– Que víveres vão eles oferecer às crianças? Se é que sequer lhes oferecem uma refeição.

O primo e a irmã mais nova de Jerónimo tiveram permissão de entrar no castelo com três guardas no dia 15 de Março. A carta, entre outras coisas, pedia a Jerónimo para se entregar.

A sua mãe nunca escreveria uma carta assim, mas Jerónimo estava empenhado em jogar o jogo a seu favor e passar uma imagem de força.

As crianças foram recebidas por uma carroça e dezenas de *ronins* impecavelmente fardados. Atravessaram todo o recinto podendo observar poucas pessoas – uma ordem emitida nessa manhã pedia a todos para se manterem dentro de casa, nas trincheiras e longe da vista dos samurais do Governo. Na entrada no segundo patamar vendaram-lhes os olhos, para que não vissem a destruição no quartel-general, e já só dentro da nova casa de Jerónimo, quando ele pegava ao colo os seus parentes, lhes tiraram a venda.

Na presença dos guardas foi servida às crianças uma fausta refeição. Laranjas de Satsuma, doces *buns* e um fruto local chamado *kunebu* – como se a fartura fosse a regra entre os rebeldes.

Até vinho, guardado num jarro, fora colocado no centro da mesa e

servido a Jerónimo pontualmente.

Depois de assegurar às crianças que em breve todos estariam juntos, Jerónimo sentiu-se satisfeito com a operação de cosmética, sem se aperceber de que aquela inocente visita era na verdade um cavalo de Tróia, pois, enquanto se esmerava a mimar os visitantes e a oferecer-lhes as suas últimas iguarias, uma outra artimanha ocorria debaixo do seu nariz.

Uns dias depois, Yamada surgia-lhe ofegante, dizendo que os seus homens tinham encontrado uma traidora, e a prova era uma carta-flecha que mencionava um plano para abrir os portões aos samurais do Governo. Yamada foi de imediato encarregado pelo líder de a interrogar. Quando regressou, esclareceu que ela não confessara, mas era culpada, isso podia assegurá-lo. Ou seja, acusou-a prontamente e esse veredicto foi comunicado a Jerónimo. A informação surgiu do seu braço-direito, pelo que nem por um segundo a questionou. E, de qualquer maneira, vivia um tropel de alvoroços, enfrentando uma decisão para muito em breve: como agir quando as provisões estavam a dias de acabar e, para retaliar, era preciso homens com forças? Porque queria ser justo, antes tinha de decidir se executaria Jana e quis aconselhar-se sobre tudo isto com Clarimundo, só que ele estava ausente havia vários dias. Então mandou chamar o «cardeal».

Esteban exultou ao receber o convite de Jerónimo. Pensava que era apenas para se juntar às orações, mas, ao ser convidado a dar a sua opinião, percebeu que chegara a sua hora de ser o guia do líder dos *kirishitans*.

– Fui eu próprio que a encontrei a circular numa zona isolada do castelo, já avançada ia a noite. E se Yamada fez a investigação, sabemos que podemos confiar nele. Apenas deveis estar vigilante em relação ao *ronin* que lhe deu abrigo.

– Haru? Porque me alertais para ele?

– Meu Senhor, sei que ele e a prisioneira são muito próximos. Íntimos. Se ela vos traiu, não sabemos se ele não será cúmplice.

– Duvido – Jerónimo ficou subitamente apreensivo.

– Compreendo que seja difícil de acreditar, mas de facto eram muito íntimos, e não o escondiam, eu próprio os vi entrar no paiol bastante alvoraçados, como dizer, sem pudores... desculpai-me falar-vos deste assunto mundano, mas não posso negar que... – Esteban parou, testando se era seguido atentamente por Jerónimo.

– Dizei. Dizei tudo! Confio no vosso julgamento.

– ... eu dizia que não me parece que ela entrasse no paiol para ir buscar armas, para lutar, entendeis? Coisa improvável. Ou seja, eles são muitíssimo íntimos e, visto que ela vos traiu, devemos desconfiar dele, e não só...

– Como assim?

– Perdoai-me, haveis-me pedido sinceridade... Também devemos assegurar-nos da lealdade do missionário Clarimundo.

– Clarimundo?... Foi ela que o trouxe cá, bem me lembro. Não, não pode ser.

Jerónimo tentava não seguir estas pistas como se fossem certas, apesar de não as poder ignorar. Esteban Buliço estava orgulhoso do seu resumo. De uma penada conseguia ter um lugar de relevância e semear junto do líder a antipatia pelo seu rival.

– Mas há uma forma de perceber se o *ronin* não foi apenas, como nós, usado.

– Há? Qual?

– Nomeai-o carrasco da detida. Assim não haverá mácula alguma sobre a sua lealdade.

Jerónimo chamou um mensageiro para enviar a ordem por escrito a Haru. Devia apresentar-se junto dele o mais breve possível.

Jana encarcerada

No dia 31 de Março foi concedido ao missionário o último encontro entre ambos, para ele a ouvir a confissão.

Quando abriram a porta da cela, Clarimundo viu uma mulher calma apesar de esfomeada e sedenta.

– Há três dias trouxeram-me uma malga de arroz queimado e desde aí nunca mais me alimentaram.

Clarimundo revoltou-se e exigiu o tratamento digno à prisioneira. Por insistência do missionário, trouxeram uma caneca de água fresca, supostamente para ele, que lhe amparou junto aos lábios.

– Sois inocente deste mal-entendido?

– Sou inocente, não traí ninguém.

– Eu sabia! Como pôde isto acontecer? Parece-me uma armadilha. E das acusações de apostasia, também sois inocente, claro!

– Amigo, é verdade que reneguei o cristianismo junto dos membros do Governo, mas eles assim mo obrigaram.

Clarimundo voltou a sentir-se confuso, depois da brevíssima esperança de a poder salvar. Lembrou-se dos comentários de Emi, que o alertara para a falta de fé de Jana.

– Mas não crês na salvação de Cristo?

– Eu acredito na salvação, e na de Cristo também.

– Vejo que conseguis manter o sentido de humor...

– Renegar foi, naquele dia, puro instinto de sobrevivência, a única forma de poder continuar ao lado do meu filho. Que poderia eu fazer? Abandoná-lo assim tão pequeno? Estou sozinha neste mundo. O Governo acossou-nos muitas vezes, retiraram-me as nossas poucas posses, herança de meus avós. Ironicamente – e suspirou do fundo dos pulmões, –, duas semanas depois desse meu gesto público, iniciou-se a rebelião.

- Fostes forçada a juntar-vos?
- Sim, fui. Mas esta é a minha gente, pois sofreram o mesmo que eu. Sofrimento partilhado pode também oferecer consolo partilhado, e isso aprendi aqui em Hara.
- Lamento toda esta amargura.
- Mas desde que estou aqui já por várias vezes teria dado a minha vida, como sabeis.
- Como posso ajudar-vos, Jana? Iluminai-me.
- Trazei-me Haru, tenho de lhe falar antes que... – O seu temperamento não lhe permitia aceitar e dizer em voz alta o desfecho. – E cuidai de Tago, se eu não conseguir provar a minha inocência – agarrou-lhe nas mãos – quando eles nos invadirem, digei-lhe que fuja pelos penhascos, ele sabe a que me refiro. Ele que não permita que o capturem, que não permita!
- Podeis ficar descansada quanto a isso. Jana, a morte não existe, Jesus Nosso Senhor já no-lo provou.
- Nada temo.

A amarga anuência

Na madrugada do dia 1 de Abril, Haru ficou paralisado quando recebeu a mensagem de Jerónimo.

O estafeta, antes de se ir embora, realçou:

– O nosso líder disse para vos apresentardes imediatamente.

Juntou-se às suas tropas na muralha, precisava de ganhar tempo, raciocinar. Depois desceu até às trincheiras. Não, isto não podia estar a acontecer. Na sua cabeça ainda não tinha encaixado a ideia de Jana ser traidora; e tomar conhecimento de que seria pelo seu próprio punho que a vida dela acabaria trouxe-lhe náuseas que não conseguiu controlar. Tudo se desenrolava a um ritmo tão acelerado. Recompôs-se com dificuldade e traçou os vários cenários na sua cabeça: obedecer a Jerónimo, o que lhe trouxe de novo a náusea; recusar-se a executar Jana e sofrer as consequências, seguramente a morte; suicidar-se – imaginou-se a saltar dos penhascos de Hara para o mar, como ave a desistir da vida.

Arrastando-se até ao topo do castelo no pior dia da sua jornada de herói, sentia as entranhas a gritarem: «Não vás para aí! Daí nunca mais conseguirás sair.»

Bateu à porta da nova casa de Jerónimo. Os seus conselheiros ainda organizavam os aposentos e Yamada acompanhou-o. Jerónimo tratava alguns ferimentos ligeiros, mas animou-se com a chegada de Haru.

A conversa foi breve. As ordens eram para cumprir. Haru, como sempre, inclinou a cabeça e assentiu aos comandos. Corajoso soldado, débil amante?

– A condenada não deve sofrer, a nós não nos falta humanidade – acrescentou Jerónimo quando o *ronin* se preparava para sair – e por isso haveis sido o escolhido. Sei que vos importais com ela, e conheço o vosso corte de catana. Agradeço-vos e louvo-vos a lealdade. Em breve sereis recompensado.

Haru, sempre acompanhado por outros dois samurais – dois carrascos que garantiam que levaria a cabo a tarefa –, dirigiu-se às celas. Respirava com dificuldade. À entrada da cela de Jana, pediu uns momentos a sós. Eles acederam.

Jana percebeu que alguém entrara na cela, mas continuou de cabeça pousada nos braços estendidos no chão. A cela cheirava a urina e a fezes.

Haru compadeceu-se até à dor, mas recordou-se da acusação que recaía sobre Jana, e isso ajudou-o a manter-se altivo.

– Jana, sou eu...

Ela voltou-se devagar e sorriu como Tago, uma criança que encontra quem a salva. Aproximou-se dele devagar e abraçou-o. Haru fechou os olhos e, apesar da frieza inicial, amparou-a, pois Jana tremia.

– Há quanto tempo não comeis?

– Não me lembro.

– Trazei água, soldados!

Sentou-a num canto da cela e agarrou-lhe a mão.

– Que haveis feito? É verdade aquilo de que vos acusam?

– É mentira. Nunca vos trairia – disse a custo. – Conseguis provar a minha inocência? – Nesse momento Haru percebeu que ela falava a verdade.

– Sou inocente – tornou ela – e aguardava para vo-lo dizer também. – Ofegava, parou algum tempo para retemperar forças. A água chegou e Haru afastou-se. O cheiro a podre e a morte anunciada fê-lo procurar a pequena vigia que se abria para o mar.

– Haru, demorei muito tempo para falar do que sinto, mas tendes todo o meu respeito e... creio que é isto a que chamam amor...

Era este o momento em que se declarava, a instantes de ele lhe cortar a cabeça?

– Como pode a vida ser tão irónica? – perguntou Haru, louco de raiva.

Desvairado, pôs-se aos murros à parede de pedra, magoando-se visivelmente nos dedos.

– Por favor, acalmai-vos... mesmo que eu morra, atormentava-me a alma saber que julgavas que eu vos usava a meu bel-prazer apenas para entrar nos jogos de armas, como um rapaz. Até vos conhecer, não sabia o que era amar.

– E o pai de Tago?

– Mereceu a morte que recebeu.

– Foi-vos conveniente a sua morte?

– Muito... – olhou-o intensamente. Ele sabia. Ambos sabiam.

– Na vossa vida foi necessária muita coragem. Também agora tendes de

ser muito destemida.

– Trazei-me Tago... tenho de lhe explicar... e de me despedir.

No espírito prático de Haru isso afigurava-se uma má ideia, mas mesmo assim, apesar de desobedecer a Jerónimo, conseguia ganhar algum tempo, adia o cumprir da pena imposta a Jana.

– Creio que é a última vontade que Jerónimo vos poderá conceder. – O *ronin* começou a caminhar à volta da cela. – Mas, se sois inocente, de quem é a carta-flecha? Por favor, contai-me como tudo aconteceu.

Ela mirou-o sem esperança de se ajudar a si mesma.

– Essa carta-flecha existe. Há um traidor no castelo... – pensou alto Haru. – Há alguém a preparar a entrada dos militares. Estamos a perder tempo. Mas eu acredito em vós! – Haru perdera a sagacidade quando se julgou traído. Agora recuperava as forças numa descarga feroz de adrenalina. Jana ia morrer e o traidor continuava à solta. – Quem vos acusou? Onde foi encontrada esta carta, sabeis?

– Sim, a carta que me acusam de receber foi, na verdade, encontrada por mim. Eu tenho posto em prática um plano... não tenho forças agora... depois vos contarei... é a última tentativa de salvar o meu filho. Mas passava naqueles caminhos isolados quando ouvi uma flecha que por pouco não me acertou. Cravada no solo, perto dos meus pés, agarrei-a. Abri-a. Não sei ler. Percebi que era algo onde não me devia meter. Voltei a cravá-la no chão. Nada mais vos posso contar em minha defesa.

– E Yamada acusou-vos em seguida?

– Sim – respondeu ela.

Haru não queria acreditar nos seus próprios pensamentos. Como que atingindo por uma revelação e com a fúria típica dos animais acossados, deu ordem para que fechassem de novo a cela e trouxessem o filho da prisioneira, que devia ficar à porta e só falar pelo postigo. Agarrou na chave e levou-a consigo.

– Eu guardo-a, é mais seguro. Voltarei em breve.

O dia falecia muito cedo, pois o céu carregara-se e Haru sabia que as suas hipóteses eram muito reduzidas. Mesmo assim, e apesar da sua fraqueza, correu com a esperança a animar-lhe o peito.

Sabia que duas ocorrências fundamentais dependiam desta sua incursão: manter a vida de Jana e não permitir que os portões fossem abertos por alguém disposto a trair o seu general.

Nunca se sentiu tão nervoso e desamparado, como se o destino do mundo, inadvertidamente, estivesse nas suas mãos. O momento mais importante da sua vida.

Haru Kukita não podia falhar.

Jerónimo não compreendeu que, enquanto gastava as suas últimas e preciosas provisões com as crianças naquela estranha visita, era traído de forma impensável. Quando abriu as portas do castelo aos seus familiares, também as abriu aos guardas que acompanhavam as crianças e foram inclusivamente vendados para não reportarem o estado danificado em que se encontrava o castelo. Esses guardas encabeçavam uma missão: conseguir obter a confirmação se a oferta escrita na carta recebida por Matsudaira havia algumas semanas, e que tanto o espantara, era genuína.

No dia 16 de Março, Arima, o mentor da operação que pusera os guardas e as crianças a visitar Jerónimo, radiante, comunicava ao seu general as boas notícias. Dentro do castelo havia mesmo quem quisesse entregar o seu líder, haviam-no confirmado, e contavam com a sua ajuda, dali por diante.

Com estas informações, Março avançando veloz, parecia evidente que o cerco se aproximava do fim – alguns dos samurais das divisões politicamente menos influentes foram educadamente dispensados. Outros foram enviadas para as frotas navais, no caso de os rebeldes, em desespero, tentarem fugir pelo mar Ariake.

«Ninguém sairá daqui sem punição exemplar. Vamos distribuir os nossos samurais por todas as vilas e lugarejos. Mesmo que algum consiga escapar, quero ter a garantia de que de ninguém vai chegar vivo a casa.»

Desde o dia 20 de Março, o dia em que chegou o primeiro *yabumi*, que se mantinha viva a comunicação com o traidor. Essa carta-flecha continha esta mensagem:

«Dirijo-me a vossa senhoria com verdadeira reverência e respeito. Desejo obter o vosso perdão e restaurar a tranquilidade no império.

Tenho ao meu lado oitocentos homens prontos a agir quando eu der sinal. Deveis por esta altura já estar informado de que muita gente foi arrastada para esta revolta, ou seja, não são cristãos sinceros.

Assim sendo, se atacardes o castelo rapidamente, fingiremos resistir-vos, mas botaremos fogo no quartel-general e escaparemos para o vosso lado. Apenas eu irei a casa de Jerónimo dizer-lhe que está tudo perdido, induzindo-o a embarcar para vo-lo entregar vivo e assim provar a sinceridade das minhas intenções.

Por favor, dai-me a vossa aprovação. Prometo subjugar os rebeldes e dar tranquilidade ao império. Estou ansioso por receber as vossas ordens.

Submeto-me à vossa vontade.

Vosso,

Yamada Emonsaku»

Nas cartas seguintes, Yamada esclareceu: nunca se quis juntar aos rebeldes, e ainda era um vassalo leal a Matsukura, Senhor de Shimabara; mas, como uma maioria tão grande arrastara tantos dos seus homens, e ele próprio não os conseguira chamar à razão, envolveu-se no motim a retirar para Hara. Arrependera-se profundamente. Já tentara escapar de lá várias vezes, mas a consciência impedia-o, pois membros da sua família estavam entre os cercados e todos seriam executados por Jerónimo se ele se evadisse.

Com muita cautela, Matsudaira e os seus generais próximos foram verificando a viabilidade desta hipótese. De início a reacção foi unânime. Seria uma armadilha. Depois, formulou-se o plano da visita das crianças ao castelo, que consistia em nada mais do que levar um soldado de Arima a conseguir comunicar com o próprio Yamada. Quando o conseguiu fazer, de modo discreto e esperando que o traidor tomasse a iniciativa, Yamada entregou-lhe secretamente uma carta a corroborar a sua intenção de entregar Jerónimo. Só nessa altura, quando lera esta carta e soubera ao pormenor o que se passara dentro do castelo, o plano passou a ser analisado com cuidado.

A traição vinda de quem tinha desenhado a bandeira de Amakusa Shiro, o seu braço direito, entregando também o seu povo, era uma surpresa que o xogunato não concebera nem nos seus sonhos mais delirantes.

Vaivém de dúvidas – uma certeza

Dia 1 de Abril, o dia marcado para a execução de Jana, a última carta de Yamada Emonsaku foi disparada, dizendo que tinha a intenção de começar vários fogos no campo dos rebeldes e levar Jerónimo num barco. Não mencionou, porém, que nesse mesmo dia os rebeldes planeavam contra-atacar.

Haru, deixando Jana na cela, dirigiu-se ao local onde usualmente Yamada pernoitava. Ninguém se encontrava naquele lugar – esta casa estava em melhores condições do que a por si e pela sua família ocupada, mas, como todas em Hara, sem uma porta que realmente impedisse alguém de entrar. Haru arriscava a própria vida, mas começou a revirar todos os objectos que encontrou, abriu as duas arcas, levantou os tapetes de *tatame* e, junto a um altar improvisado, sacudiu um trapo que servia de esteio à imagem de Jesus. De lá caíram uns papéis.

Haru, ao contrário de Jana, sabia ler. Não foi necessário gastar muito tempo para confirmar a sua suspeita. O próprio acusador de Jana era o traidor dos *kirishitans*.

A ela ocorrera o grande azar de se cruzar com os seus planos. No momento em que Jana, inquieta nos seus afazeres nocturnos, passava junto ao ponto onde aterrou a carta-flecha, Esteban Buliço vira-a olhar para a carta,

naquele estranho lugar onde ninguém devia passar, o sítio onde existiam menos *ronins* posicionados por se encontrar melhor fortificado. De imediato foi denunciá-la a Yamada, com a carta-flecha nas suas próprias mãos. Yamada não teve outra alternativa senão acusá-la imediatamente, para que não se levantassem suspeitas sobre si.

Haru correu com todas as forças para mostrar o achado a Jerónimo. Levava-lhe uma surpresa muito desagradável, mas naquele momento só pensava que poderia inocentar Jana. Tropeçou e caiu várias vezes, os seus membros já não lhe obedeciam por completo e pareceu-lhe demorar demasiado tempo até chegar à casa de Jerónimo.

– Trago-vos algo que quereis ver! – intempestivo, o *ronin* assim se dirigiu ao líder.

Leram o conteúdo das cartas e Jerónimo, atónito, ajoelhou-se rezando, tentando perdoar o seu traidor. Haru fervia de impaciência, não sabia se alguém tinha conseguido entrar na cela, mas não queria interromper a oração. Até que, de olhos fechados, Jerónimo, numa voz rouca, pouco reconhecível, declarou:

– Convoque-se de imediato um conselho!

Yamada foi arrastado por três homens para os novos aposentos, onde agora o menos calmo líder o aguardava.

A troca azeda de palavras entre eles deu-se nestes termos:

– Sou inocente, não me podereis matar a mim e a todos os meus oitocentos homens. Necessitais deles – reagiu o acusado.

– Não me restam dúvidas, pelas perguntas endereçadas, que o destinatário destas cartas sois vós, Yamada!

– Acreditai na minha inocência. Acreditais mais nas palavras de um servo? – E olhou para Haru.

– Afinal vós não acreditais genuinamente na nossa revolta, nem que somos vítimas de uma injustiça – alterou-se Jerónimo, mal contendo a fúria. Por mais que o negasse, apenas se declarava mais cobarde e um maior traidor.

– Penseis que vos sou desleal. É mais certo que isto seja uma manobra do inimigo para nos desestabilizar. Ao executar-me, executareis os meus homens? Não tendes forças para cortar cem cabeças, quanto mais oitocentas! E o castelo será tomado mais facilmente sem elas. Não temo pela minha vida. O futuro provará a verdade das minhas palavras.

Este argumento deixou Jerónimo pensativo. De facto, não podia enfrentar dentro do seu castelo uma força tão significativa.

Tinha consciência das várias divisões entre os seus seguidores: *kirishithans* pacíficos, guerreiros cristãos radicais, e outros perfeitamente prontos para desertar.

Foi até à porta, buscando um espaço para reflectir, havia vários factores em jogo, Yamada tinha razão. Mas recaía em si o duro poder da decisão, naquele castelo tinha de ser o mais fero dos homens. E teria de decidir rapidamente.

– Prendei Yamada numa cela! – anunciou Jerónimo.

Para não enfrentar uma revolta interna, optou por mantê-lo vivo.

– Não o executamos, nem aos seus homens mais próximos. Mantemo-lo em cativeiro e em segredo. Que circule o rumor de que Yamada foi enviado para uma missão na praia de Oye. – Suspirou, olhou o telhado como quem busca o céu. Tinha dúvidas se devia executar Yamada, mas não tinha dúvidas da sua traição...

Haru tossiu e ia começar a falar, mas ele levantou uma mão na sua direcção, em sinal de espera. Finalmente acrescentou:

– A mulher deve ser libertada. Jana foi quem ele cobardemente acusou. Apresentai-lhe as minhas desculpas e, por favor, levai um saco de arroz, se houver, para essa mulher e a vossa família.

Haru fez uma vénia e saiu às pressas, inundado de alegria e preocupação.

Entretanto, na cela onde Jana se encontrava, Tago chorava descontroladamente. Fazia perguntas sem obter qualquer resposta, e Emi, que o acompanhara, não conseguia sossegar o choro convulso.

– Acalmai-vos todos. O mal-entendido está desfeito! – gritou Haru.

Jana olhou-o rogando por mais esclarecimento.

Ele dobrou um joelho e ajudou-a a erguer-se do chão. Com a mão no seu rosto, disse-lhe:

– Estais livre. Já sabemos quem é o traidor.

Ela abraçou-o. Depois tentou pegar no filho, mas não o conseguiu sem a ajuda de Haru.

– Há que sair deste lugar, façamos o caminho de regresso a casa.

Mas não conseguiu tirar os pés do chão, pois Tago e Emi abraçavam-se também a ele e três corpos contra si impediam-no de caminhar.

8. Refere-se a um princípio das artes marciais de «mútua destruição» ou, de forma simples, dois golpes simultâneos que se eliminam mutuamente ou produzem dano em ambos os samurais, teoricamente morrendo os dois ao mesmo tempo.

9. No século xvii, as visitas e encontros nocturnos (*yobai*) eram hábitos frequentes, ao ponto de, mesmo em aldeias, as raparigas solteiras dormirem sempre em locais que ficavam perto das portas de entrada das casas.

10. Capas de Mino são fatos de palha tradicionais do Japão, normalmente usadas pelos

camponeses para se protegerem da chuva. Cobriam praticamente todo o corpo.

CAPÍTULO III

Se houver paraíso entra-se nele pelo inferno

Fome e nada a perder

Tal como combinado com Yamada ouviram-se escaramuças e explosões, mas, se algum samurai quisesse tentar entrar no castelo, nenhuma porta tinha sido aberta nem havia qualquer assistência dos de dentro. As tentativas sucederam-se, mas na realidade os samurais não conseguiam entrar em Hara.

Surpreendentemente, um grande número de *ronins* ousava sair do cerco nessa noite de 4 de Abril.

Matsudaira não tinha conhecimento da detenção de Yamada Emosaku nem qualquer noção do significado da data: Domingo de Páscoa.

A divisão Tachibana estava acampada imediatamente a sul da divisão Hosokawa, e foi o próprio líder do clã Tachibana que ouviu algo a arranhar insistentemente. Dirigiu-se a sul, aproximando-se do campo de Matsukura. No céu da noite gelada e límpida piscavam estrelas, sendo impossível não reparar numa espécie de pirilampos vermelhos, faíscas ao longe. Enxergou com cautela: no breu, mechas estavam a ser accionadas. Pólvora a ser incendiada por armas!

Esfomeados, tentando até nem serem notados no início, os rebeldes roubavam tudo que conseguiam, sobretudo comida, desesperados em assalto pelo campo do próprio inimigo. A ofensiva acontecia a uma velocidade alucinante, como se os assaltantes voassem por entre as tendas.

No campo Terazawa, por sua vez, ninguém deu pelos rebeldes até eles já estarem em cima da tenda do seu chefe. Um único soldado com uma espada lutou para o proteger, enquanto os outros samurais tentavam salvar a vida e encontrar as suas armas no escuro. O barulho entretanto criado por estas lutas alertou os outros campos, mas mal tiveram tempo de empunhar as suas armas antes de uma nuvem de rebeldes se abater sobre eles. Dentro do acampamento do pequeno batalhão da divisão Kuroda ofereceu-se pouca ou nenhuma resistência e a batalha-relâmpago resultou, para espanto de todas as divisões, no chefe morto com uma bala que lhe atravessou o capacete.

Mais parecia um tumulto, como se os próprios militares do Governo se tivessem amotinado, não sabendo para onde disparar, quem cercar, ou quem matavam no escuro. No fim da perfeita confusão contavam-se cerca de cem rebeldes mortos, e um número semelhante de inimigos também ali terminaram a vida.

E, no entanto, esta batalha não redundaria num empate. Devido a alguns feridos terem ficado para trás, capturados e reféns, o Governo encontrou neles fonte de informação credível e actualizada.

Ao amanhecer, sob tortura, revelaram que o *raid* tinha o objectivo de furtar comida, pois a situação encontrava-se à beira da ruptura. Além disso,

Matsudaira obteve a informação, de um *ronin* sob tortura, de que Yamada Emonsaku fora preso por espionagem.

Mandou dissecar alguns dos cadáveres e verificou que nenhum dos vários estômagos abertos continha arroz. Os seus soldados, perante este novo golpe e a informação de que os rebeldes morriam à fome, mostravam-se extremamente nervosos por não ser dada imediatamente a ordem de ataque. O general teve então de o dizer firmemente aos generais:

– A chegada de material de guerra de Osaka não podia calhar em melhor altura, o assalto está marcado para daqui a cinco dias!

Amor antes da guerra

Apesar de Jana estar rodeada por carinho, abateu-se sobre si todo o cansaço do mundo. Desnutrida e desidratada, dormiu quase dois dias seguidos. Tago e o missionário não saíram da sua cabeceira. Emi preparou-lhe chás e vinha acordá-la para a forçar a comer e a beber. Apesar da sentença de morte estar afastada com a prisão de Yamada, nestes dias pairava sobre Jana um presságio negro.

Haru voltava a casa todas as noites para uma curta visita, mas logo se juntava aos companheiros de muralha.

Emi, Tago, Clarimundo e Nishi tudo fizeram para ajudar Jana; e, ao terceiro dia, ela começou a regressar ao que era.

– As suas orações ajudaram – declarou Emi ao missionário.

– De nada serviriam sem os seus cozinhados e terapêuticos.

Ela corou. Desde que se mudara para a sua casa, ocupando um pedaço do chão do quarto de Nishi, o trato entre eles familiarizara-se. Depois, na aflição de salvar Jana, uniram-se na preocupação, na dor e, por fim, na súbita angústia de não a ver recuperar.

Havia fome, a iminência da invasão, subsistia a fé numa salvação impossível, mas também o amor nasceu subitamente neste ambiente.

O regresso de Jana a casa e, depois, a sua recuperação funcionaram como um bálsamo temporário para este lar, este estranho núcleo que aqui se agregara, uma criança e cinco adultos a viverem uma solidão profunda.

Quando Haru chegou a casa, Jana ainda permanecia deitada, e ele começou por lhe acariciar os cabelos. Nishi arranjou tarefas para fazer na rua com Tago e Emi saiu com Clarimundo para os lados da praia de Oye.

Como algas emaranhadas, esquecendo armas, violência, abraçaram-se, atentando contra a penumbra e esquecendo que haveria um fim, e que estava tão próximo.

Eram dois jovens tão sofridos que dificilmente se lembravam da sua juventude e, no entanto, quando Haru se deixava mirar pelos olhos de Jana, e

quando Jana se entregava com o seu belo sorriso, floresciam as cerejeiras da esperança que existe, é perene, nunca deve ser abandonada.

– Credes que se estivéssemos lá fora poderíamos ser amantes?

– Duvido – riu-se Haru. – Como conseguiria eu atravessar a soleira da porta sem estar preocupado se estaríeis bem ou mal-humorada?

– Pois eu acho que o nosso amor vem de longe. Lembro-me de vos ver no primeiro dia do cerco, ainda lá fora. Fiquei intrigada, senti uma ameaça... Não de vós, mas de mim própria por ter perdido a memória, por não saber onde já estivéramos juntos.

Haru passou-lhe as mãos magoadas no ombro desnudo, fora das mantas.

– Nunca saberemos porque alguém, e só aquela pessoa, nos consegue resgatar do desamparo a que estamos votados.

E em breve estariam separados outra vez, tamanha a ilusão do corpo, da paixão, que apesar de soar tão nítida se desfaz como vapor na atmosfera.

Nunca o amor é tão real como na primeira e na última vez.

*

Entretanto também o tempo escasseava para Emi e Clarimundo, que se apaixonavam, ela demasiado tímida e inocente, ele reprimindo os seus desejos, dificilmente sobrepostos aos seus votos.

Porém, desejo é um animal que endoidece e aflige a alma.

Na praia de Oye, vários grupos de *kirishitans* regressavam ao castelo quando os dois lá chegaram. Não haviam conseguido mais do que um punhado de algas e, da pescaria, apenas três pequenos peixes para cozinhar quando necessitavam de vinte e cinco mil daqueles.

O vento batido a Norte chegava hoje com força, mas não gelado àquela hora, e quando se encontraram sozinhos naquele extenso areal foram obrigados a reconhecer em silêncio a sua pequenez, a pequenez das suas crenças, a pequenez da vida humana perante a natureza. As rochas que acastelavam Hara, lá no cimo, negras, à sombra, húmidas, de maus augúrios, pareciam um monstro vivo, apesar de quieto.

A praia de Oye era uma longa faixa de areia a mesclar-se com o pântano salgado, entre o maciço rochoso e íngreme do castelo de Hara. Lá ao fundo, divisando com clareza apenas as colunas de fumo das fogueiras, junto à linha de costa, estavam montados os acampamentos das várias divisões governamentais. A praia acolhia a foz do rio, enquanto o pântano contíguo enchia e esvaziava conforme as marés.

– Nascemos indefesos e depois pensamos que nos tornamos fortes. Vai-se embora o corpo de criança e fica esta vulnerabilidade infinita – disse Emi emocionada. O estado de jejum (só comiam à noite há vários dias) criava uma sensibilidade quase impossível de aguentar, tudo a levava às lágrimas.

– É um sonho bonito o que aqui vivemos. – Ela olhou Clarimundo e sorriu-lhe, compreendendo-o. – Para mim o Japão seria a bênção suprema de Deus. E foi-o. E é-o. Emi, não sei porque a vida me pôs neste trilho, mas temo

não conseguir escondê-lo mais.

Tomou-lhe a mão. Ela ergueu os olhos surpreendida. Já havia abandonado a ideia de o seduzir, nem sequer tinha esse direito.

– Isto é uma irresponsabilidade – disse, antevendo que ele se aproximava.

– Não consigo abster-me, é um alarme que soa dentro de mim. Não faz sentido resistir.

– E o Inferno?

– Assim temos a certeza de que para lá vamos juntos...

Ajoelhou-se na areia e abraçou-se à sua cintura.

– Tenho a alma em apuros há algum tempo. Não são lineares os caminhos do Senhor. Resta-me admitir que vos desejo. Que vos desejo imensamente. – Beijou-lhe o ventre.

Ela, de pele crispada, deixou-se aterrar de joelhos no chão e agarrou-lhe a cara, domando as suas barbas. Um beijo terno tornou-se um fogo à solta, queimando com tal velocidade que os dois correram para as rochas, onde havia abrigo do olhar de alguém que chegasse. Agarraram-se sem prudência nem pudor, nenhum sabendo como agir, rindo com o nervoso que o frio acentuava, mas embrandecendo os corpos, entregues um ao outro.

– Não sei se sou o melhor homem para...

– Não queria outro.

– Mas compreendeis que mereceis mais experiência...

– Este momento é tudo o que desejo na vida. Mesmo antes de me tomardes já vos amei por duas vidas.

Clarimundo ruboresceu e sentiu os impulsos havia anos reprimidos. Olhou para o céu e disse com determinação:

– Perdoai-me, Senhor – e beijou-a como quem se atira de um penhasco, num êxtase imperturbável.

Se os 136 mil soldados governamentais entrassem naquela praia não os conseguiriam separar.

No final tinham sido invadidos por um calor pulsante, como se as temperaturas baixas de Abril e aquele cenário fossem também eles imaginários, até a espuma de uma onda chegar aos seus pés, alertando-os de que a maré subia e o mundo era real.

Clarimundo olhou-a ainda sentindo os tecidos, os músculos, os nervos e as veias dela.

– Sois um ornato divino.

Cornetas ao longe chamavam toda a população de Hara para que se reunisse junto ao quartel-general.

Chegaram atrasados, com a noite caindo, disfarçando a cumplicidade perante todos os que ali estavam e que seriam cerca de metade em comparação com outros ajuntamentos já convocados. Não era apenas desmotivação. Explicava-se pela falta de forças que grassava entre os habitantes de Hara. Emi e Clarimundo só ouviram as palavras finais:

– Assim, estando a poucos dias ou podendo ser hoje mesmo o ataque, quero assegurar-vos de que um milagre nos salvará e de que não deveis temer nunca, jamais a injustiça vencerá a justiça.

Até Clarimundo percebeu que o milagre a que Jerónimo se referia seria morrer depressa e sem dor. Aplaudiu e pediu a Deus clemência para tantas almas, tantos inocentes.

Abril, como época de chuva, não desiludiu e choveu sem parar uma semana inteira. Quando chegou o dia da batalha, talvez os céus não estivessem prontos para permitir a entrada em Hara, a verdade é que Matsudaira adiou o ataque:

– Esperamos mais alguns dias. – Remoía-se com as recentes mortes dos seus homens, tão fáceis de evitar se não houvesse um excesso de confiança, mas a chuva não lhe permitia avançar. – Que passem mais uns dias à fome!

A Matsudaira nunca ocorreu que a sublevação também se podia encontrar do lado de cá da muralha, pois o moral de uma parte das suas tropas havia muito que entrara em ebulição. Sobretudo não prestou atenção às querelas existentes pelo desgaste do tempo. Um soldado é feito para combater. Provavelmente prefere morrer a ser obrigado a uma enregelada espera.

Enquanto Matsudaira afinava a estratégia do ataque olhando para a gigantesca estrutura vertical do bastião dos *kirishitans*, nos seus subordinados fervia o desejo de glória, de vingança, de um fim para esta ofensiva.

*

No acampamento Norte, a divisão de Hosokawa, uma das primeiras a chegar, estava ansiosa por irromper pelo portão Hinoe e, uma vez no primeiro patamar, com uso de artilharia, acreditavam que seria possível prosseguir. Finalmente alcançavam a recompensa do seu trabalho, após quatro longos meses. Apesar de serem os que fisicamente se situavam mais longe do castelo, eram os que se encontravam em melhor posição.

Pelo contrário, a divisão Nabeshima, geograficamente mais próxima, enfrentava o rochedo natural, e a muralha apontando para o lado Oeste revelava-se um desafio bem mais difícil. Tinham a total cobertura da artilharia e no entanto, se em Fevereiro, quando chegaram, se julgaram os mais bem posicionados, agora nem tanto.

Já no flanco Sul, as divisões Kuroda e Terawasa, em frente ao pântano, onde se concentrara um esforço impressionante para construir paliçadas, ansiavam avançar sobre o portão de Oye.

Para as divisões no meio – como a de Nabeshima, ou até o contingente

diplomático Arima – um assalto não se enunciava favorável, pois significava uma penosa travessia do pântano e depois uma subida escorregadia à muralha principal, quase de certeza no escuro. O facto de os rebeldes estarem esfomeados apenas afectava a batalha corpo a corpo, mas antes disso provavelmente teriam de enfrentar o arremesso de pedras pela muralha abaixo.

Ao contrário de todas as expectativas, o líder Nabeshima, Naosumi, decidiu chamar os seus homens:

– Há muitos dias que os rebeldes não passam nesta parte do castelo. Perdemos uma oportunidade única na noite em que fomos atacados. Se nos tivéssemos preparado, tínhamos contra-atacado, seríamos seguramente os primeiros a entrar no castelo. Teríamos a glória!

Então, aconteceu o impensável: as forças do xogunato estavam dispostas a trair-se entre si.

Mais de meio dia antes da ordem de Matsudaira para o início do ataque, o contingente Nabeshima já se encontrava armado e de armaduras vestidas. Como marcharam em plena luz do dia, todos os podiam ver e, inclusivamente, alguns atravessaram-se no seu caminho avisando que era demasiado cedo. Mentindo descaradamente, Naosumi Nabeshima, guiando um grupo de cerca de trinta homens, disse que apenas fazia um reconhecimento do terreno.

Entretanto, um artilheiro dos rebeldes disparou e a divisão Nabeshima ripostou com uma salva de tiros. Sob fogo, um pelotão de oito homens conseguiu escalar a muralha, mas apenas um jovem soldado chegou vivo ao topo. O seu pai subiu então a toda a velocidade e outros samurais também. Com esta penetração na barreira defensiva, as outras divisões reagiram finalmente ao espanto e começaram a invasão.

Cada divisão, independentemente da sua localização, quis lançar-se sobre Hara.

A divisão Hosokawa, tão avançada nos seus planos de ataque, não esperou nem mais um segundo e, assim que chegaram à linha de costa em frente ao portão Hinoe, encontraram um grupo de duzentos *kirishitans* enfiados na água, recolhendo marisco e algas. Não estavam armados e alguns morreram imediatamente, enquanto outros conseguiram correr para o portão do castelo, que se encontrava aberto por um curtíssimo espaço de tempo. Os samurais do xogum seguiram-nos numa corrida alucinante e, lá dentro, criaram uma barricada improvisada para não serem atingidos pelos rebeldes. Deste ponto até ao quartel-general havia uma grande distância a percorrer. Os rebeldes reorganizaram-se e não os deixaram progredir. Todavia, não os conseguiram repelir.

Uma coisa é certa: nesse momento, os soldados Hosokawa fizeram do portão Hinoe o seu novo bastião, tendo-se dado um avanço estratégico – uma porta fora aberta.

Enquanto isso, a divisão Nabeshima tinha menos sorte. Depois da primeira muralha estava o maior aliado dos *kirishitans*: uma boca lamacenta e

com um imenso apetite: o pântano. Mais ainda, impedia-os tecnicamente de se juntarem à divisão Hosokawa. Toda a zona Sul, apesar de muito próxima do quartel-general, era uma linha longa e fina de águas paradas. A semelhança com uma ravina não é hiperbólica. Além disso, estavam demasiado expostos ao fogo, ao lançamento de pedras e, se alguns conseguissem atravessar as areias e atingir a segunda muralha, o mais certo era terem óleo fervente a aguardá-los, ou areia numa pasta escaldante. Permaneceram como estacas na posição recém-conquistada.

Os únicos que conseguiram tirar partido desta precipitada investida foram os samurais Kuroda, situados no Sul. Apesar de não terem conseguido progredir por aí além, chegaram à segunda muralha.

O custo deste avanço era, no entanto, elevadíssimo.

*

Enquanto isso, também à velocidade do desconcerto, Matsudaira foi informado das ocorrências.

– Que me dizeis?! – exclamou. O pobre do mensageiro reuniu todas as suas forças, pois o relato apenas começara, a parte mais grave vinha de seguida. – Como podem divisões isoladas começar um tumulto e desobedecer às minhas ordens? Mandai-os retirar, imediatamente! Vós, fazei circular a ordem!

– Meu Senhor, chegaram mensageiros das zonas de combate e... cumpre-me a penosa tarefa informar de que... É deveras embaraçoso...

– Falai sem pejo, soldado, ou arranco-vos eu mesmo essa língua!

– Constatamos que o maior número de mortes é devido às balas dos arcabuzes... japoneses.

Contingentes amigos haviam disparado entre si para conseguirem ser os primeiros a romper o cerco de Hara.

– Isto é gravíssimo. – Matsudaira, iracundo, por momentos deixou-se ficar sem palavras. Não calculara que as tropas estivessem neste nível de impaciência. Tinha vontade de os sufocar com os próprios punhos.

Ren Jun, encostado a um canto e tentando ser invisível, fora apanhado tão de surpresa como o general, disfarçava a sua imensa surpresa e gatafunhava umas notas nas suas folhas, mais por assim não ter de olhar para o general do que por coerência das suas minutas.

Os pensamentos de Matsudaira transtornavam-no: tantas mortes dos samurais com fogo amigo... Como podia ele explicar isto ao xogum? Isto revelaria um desacato sem precedentes. Como poderia defender a sua imagem de general nestes termos, os seus soldados matando-se uns aos outros?!

– Ahhhrrrrr! – Agarrou na catana e furou a tenda de alto a baixo com um rasgão que, além de permitir ao vento e à chuva entrarem imediatamente, parara de golpear a poucos dedos de Ren Jun.

Pousou as mãos na mesa onde se estendia o grande mapa de Hara. Respirou fundo.

– Era o que me faltava... Venho para aqui para aplacar uma revolta de fanáticos religiosos e... no meu próprio acampamento estes homens não se souberam refrear e avançaram com total fanatismo! – Pôs um indicador no portão Hinoe e outro no de Oye. Norte e Sul.

– Mandai todos os soldados posicionarem-se com disciplina. Amanhã, como foi ditado anteriormente, avançamos com o ataque a Hara.

Matsudaira mandou sair todos os presentes. Nada mais poderia correr mal na sua cadeia de comando. Ren Jun saiu ao mesmo tempo que o amedrontado mensageiro e os outros presentes.

Esta situação entrava de tal modo em conflito com o código dos samurais que, mais tarde, por vergonha ou para preservar a sua reputação de comandante, Matsudaira decidiu prender Nabeshima sem alarido e não impor mais nenhuma sanção disciplinar, nem reportar ao xogum a traição dos seus homens. Entredentes, num sussurro inaudível, o general também acabava de decidir: «Ren Jun é um problema...»

Alvo a abater

Entretanto, junto ao segundo patamar, o líder da divisão Kuroda recebia as novas ordens. Que aguardassem pela manhã para prosseguir o ataque.

Fascinado com o próprio sucesso, Kuroda Tadayuki entretinha porém ideias diferentes. Reuniu os seus homens junto ao olmo mais alto do seu acampamento e voltou a declarar em segredo:

– A única forma de aproveitar a vantagem já obtida é iniciar o ataque algumas horas antes do combinado.

Um veterano logo se adiantou e anunciou alto e bom som:

– Ofereço-me para liderar a carga, nada me honraria mais do que deixar os ossos neste castelo.

– Apesar de já estarmos no segundo patamar, teremos de superar uma subida vertical que dá acesso ao centro do castelo. Tendes a real noção de que nesta primeira investida poucos sobreviverão?

– Tenho, senhor!

Voluntários não faltavam.

Ao mesmo tempo, no acampamento, Matsudaira mandou chamar Ren Jun.

– Ordeno-vos que vos junteis à frente de combate.

A expressão do cronista endureceu como granito.

– Mas... a minha missão jamais foi pegar nas armas! – reagiu o cronista, atordoado com a surpresa.

– Se negais esta directiva, sereis por mim considerado desertor e, nesse caso, tenho plenos poderes para uma execução sumária.

Ren Jun não sabia como argumentar, não compreendia a sua utilidade junto a um número tão grande de homens treinados.

Matsudaira proferiu umas palavras vazias sobre o valor de cada homem, mas a verdade era bem mais simples: Ren Jun devia cair morto para não fazer o relato fidedigno dos últimos acontecimentos ao xogum.

– Quero-vos a lutar junto da divisão Hosokawa, que já avançaram estrategicamente e já se encontram no portão Hinoe.

Assim foi enviado Ren Jun para junto dos samurais armados e ávidos de sangue quando ele nem uma armadura sabia vestir, tinha um medíocre manejo da catana e secretamente julgava justo deixarem estes pobres coitados professar a sua fé ou pagar menos impostos...

Aquando da sua visita ao xogum em Edo, Ren Jun tivera a honra de ser convidado para um ritual xintó marcado pelo próprio imperador que ocupava os seus dias com a arte e a cultura.

Na sessão de poesia onde também participou na noite seguinte, eventos muito comuns no fim da era Heian, obteve a autorização e a honra de declamar um poema da sua autoria. Um laçao do imperador veio expressamente dizer-lhe o quão apreciados tinham sido os seus talentos. Ren Jun olhou para toda aquela corte e para o imperador em especial e acendeu-se nele uma ambição outrora impensável. Podia vir a tornar-se um trovador da maior figura do reino.

Não queria lutar, não queria morrer.

E, acima de tudo, a sua mulher, pensava no corpo da sua mulher a abraçá-lo. Voltaria a casa?

O fim do cerco

Atenuado o vento bravio que trazia o cheiro a maresia, antes de o Sol nascer, Kuroda principiou o ataque da sua divisão.

Os rebeldes aguardavam nos seus postos, na estranha calma do fim.

Jerónimo rezava junto do padre Esteban Buliço e do general Mori Soi Ken.

Mulheres, homens e crianças, todos se encontravam a postos, numa intricada organização, tentando não deixar livre um dedo de muralha e a sua retaguarda desguarnecida, sobretudo nos locais em que as armas e munições ou eram escassas, ou simplesmente não existiam.

Nessa noite, Haru despediu-se de todos e partiu para a muralha, Jana juntar-se-lhe-ia na alvorada. Insistira em que já se sentia recuperada para ir lutar. Haru agradeceu ao pai. Beijou a mão da irmã. Pegou em Tago ao colo e pediu-lhe que ajudasse sempre a mãe, olhou intensamente Clarimundo e, sem este estar à espera, agradeceu-lhe. Beijou Jana sem dizer uma palavra.

Mais tarde, quando amanhecia e já se sentia agitação no segundo patamar, Jana vestiu a armadura e acordou o filho.

– Já sabes o que deves fazer. Cumpre o nosso plano, faz como ensaiámos. Sê corajoso, sempre.

– Sim, mãe – e encerrou na sua garganta a pergunta «Voltas?».

Jana despediu-se à pressa de Emi. Esta queria dizer-lhe muitas coisas, mas bastou-lhes um sorriso sincero. Disse adeus a Nishi e ele avançou:

– Deus tenha misericórdia de nós.

E ia fazer o mesmo a Clarimundo, mas ele agarrou-se a ela num abraço que lhe trancou todos os movimentos. O missionário começou a chorar baixinho. Sacudia o seu corpo contra o dela e, por momentos, faltaram-lhe as forças. Jana aguentou um homem nos braços. Todo o peso do mundo se abatera naquele ser. Quando ele se recompôs, ela limpou-lhe as lágrimas. E até a garganta se dulcificou:

– Haveis sido um grande amigo.

– Encontrar-nos-emos no reino dos céus...

– Um dia, hoje não!

E saiu correndo, com o anseio de poder contribuir para a defesa de Hara, enquanto havia tempo. Pela primeira vez usaria um cavalo, poucos haviam entrado em Hara e agora só um punhado estava em condições de enfrentar a batalha. Um deles fora concedido a Haru, para o montar no combate. E este deixara-o para Jana, passando-lhe as rédeas para as mãos e surpreendendo-a dizendo-lhe:

– Com este companheiro, acredito que conseguireis conservar a vossa vida.

Quando chegou à zona da luta não muito longe do centro da segunda muralha, já homens e mulheres atiravam grandes pedras aos samurais que trepavam. Mas algo foi logo notado pelos samurais que conseguiram alcançar o topo: não havia tiros de artilharia, as munições dos rebeldes tinham acabado. Em vez de balas, homens e mulheres atiravam as suas próprias painelas e tachos, de grande peso. Jana olhou em volta à procura de Haru. Nesse momento os soldados Kuroda sofriam pesadíssimas baixas, mas o horizonte não vendia ilusões, esta divisão ainda tinha muitos homens ao dispor e, apesar de a primeira parte do contingente ter corrido para o suicídio, dali a alguns momentos conseguiam quebrar a barreira.

*

O caos atingiu então o comando num espectáculo de horror: o terreno, as tendas, os casebres, tinham secado muito recentemente e, quando os soldados lhes atiraram fogo, começaram a arder. Ouviam-se os gritos de mulheres e crianças, superando em volume os gritos dos soldados que os atacavam. Para sua surpresa, os soldados perceberiam que não eram gritos de pessoas presas no fogo, mas de adultos que corriam para dentro dele, preferindo-o a enfrentar a morte pela mão dos samurais.

Apesar de os samurais serem habituados a todas as situações e ao controlo de emoções, alguns deles estremeciam perante este cenário, que era ao mesmo tempo um acto de valentia. A sua mente não alcançava como simples agricultores podiam levar a honra tão alto. Jana apercebia-se destes momentos de fraqueza e fazia-lhes pontaria, acabando-lhes com a vida.

Porém, à volta de todo o recinto, muito em breve, todas as divisões inimigas carregavam, atravessando as palafitas construídas, o pântano, os campos. Ninguém esperou pela hora combinada. Os únicos que cumpriram o horário, ironicamente, foram os da divisão Hosokawa; já se mantinha como bastião mais avançado e, quando as outras divisões surgiram, Hosokawa investiu a partir do portão Hinoe. Na zona Norte, recaía a suspeita de que a defesa iria revelar-se mais desfalcada, pois aqui situavam-se os rebeldes menos convictos, aqueles que já aguardavam a morte certa. Haru, ali posicionado como homem forte num flanco fraco, bradava e pelejava. Se ele pudesse relatar, observara homens a lutar com desespero, é certo, mas com a convicção de que a vida vale a batalha, mesmo que ingloria.

Ao longo de todo o dia milhares de rebeldes foram massacrados. A luta encarniçada deu-se sobretudo durante a manhã. Jana conseguiu o seu objectivo de matar mais de cinquenta homens, mas foi sendo empurrada para Norte. Quando perdeu o cavalo, sabia que só podia contar com a sua besta, a partir do momento que passasse à batalha corpo a corpo, teria muito menos hipóteses de sobreviver, além do mais por não ter agilidade para se mover debaixo daquela armadura.

Passado algum tempo, uma parte dos samurais dedicara-se a empilhar os mortos, os moribundos, os gravemente feridos respirando ofegantemente – todos para a mesma pilha humana, mais de dez mil corpos. Mulheres e crianças, no entanto, eram atiradas para uma fogueira e queimadas vivas ou decapitadas, outras preferiam atirar-se das falésias no promontório.

Pelo acaso do destino, Jana chegou à zona onde Haru combatia, pois nesse momento fugia de alguns soldados que iam no seu encalço. Ao longe viu o *ronin* circundado por muitos samurais lutando com a catana, cortando cabeças, matando e sendo ferido, numa confusão visceral. Ela correu desalmadamente para o alcançar mas não chegou a tempo de impedir o golpe final, um lenho profundo no ventre que o deixou estendido no chão. Jana agarrou nos últimos virotes que sobravam e espetou-os de seguida nos três homens que o rodeavam, sem que estes percebessem de onde lhes tinha chegado a morte. Haru ainda teve o prazer de os ver gemer na entrada da morte.

Jana inclinou-se sobre o *ronin*, tomando-lhe a cabeça entre as mãos. Olhou em volta percebendo quanto tempo tinha. Vários soldados corriam naquela direcção.

– Despachei trinta e quatro para o Inferno – disse Haru a custo.

Ela sorriu. Pensou em revelar-lhe o seu número, mas o amor não é competição, nem a guerra é um jogo de números.

– Sois o mais valente da ilha de Kyushu! – disse Jana.

Haru sentia a mesma sede de a amar. Lançou um olhar turvo pelo castelo e viu a peleja ao rubro.

– Lutámos todos pela liberdade...

Ela beijou-o. Depois disse-lhe:

– És o amor da minha vida.

Jana fugiu, abandonando-o no chão e recusando as lágrimas, fundeando-as para mais tarde. Tinha de correr mais depressa, tinha de alcançar a casa e salvar a sua família.

Ironicamente, perto de Haru, também Ren Jun lançava o seu último pensamento para o amor. Ele, tentando a todo o custo não matar nem ser morto, fora um dos alvos de Jana, que acabara com a sua vida com uma flecha trespassando-lhe a garganta, aí onde nascem as palavras ditas e as que ficariam por dizer: o relatório por cumprir, o filho por nascer que ele nunca chamaria pelo nome, a mulher amada que não mais se enterneceria com a sua lisura.

Ren Jun não queria terminar assim. Haru queria continuar a lutar e a amar. Morreram olhando-se mutuamente. Uma cegonha oriental branca passou sobre eles em voo rasante.

*

Do lado dos atacantes, só na divisão Hosokawa, contra a qual Jana, Haru e muitos outros combateram, morreram 274 samurais e houve 1824 feridos. Este contingente lutou corpo a corpo ao longo de toda a extensão do castelo. De todos, foram os que tiveram de conquistar mais terreno, mas aparentemente também os mais determinados a chegar ao quartel-general. A verdade é que um grupo desta divisão conseguiu correr e atravessar as tendas, as cabanas, ignorar toda a oposição oferecida e chegar ao centro. A honra animava-os, não podiam aceitar que a divisão Kuroda chegasse primeiro, depois de, à traição, se terem antecipado no ataque. A divisão Kuroda veio a contabilizar 213 mortos e 1617 feridos, eis o resultado da sua missão suicida. As outras divisões não registaram tão pesadas baixas. Mas eram também as divisões que, ao entrarem no castelo, caminharam simplesmente, desembainhando a espada para matar algum aldeão ou aldeã que por ali ainda andasse vivo. Para a maioria dos soldados do Governo, este era o dia do *ikidameshi* – o teste das suas armas nos corpos dos inimigos. Muitos destes samurais nunca haviam tido a oportunidade de guerrear nas suas vidas, pois tinham nascido num Japão já pacificado. Se isto implicava correr atrás de crianças e trespassar o corpo de mulheres simplesmente deitadas no chão, não oferecendo qualquer resistência, pouco lhes importava.

Matsudaira sempre sonhou terminar a rebelião com o massacre que agora ocorria, mas sem baixas para o seu exército. Uma rixa de agricultores amotinados em Hara veio a cobrar-lhe ao todo mais de vinte mil vidas. Os rebeldes caíam mortos, num horror sem precedentes no Japão, provavelmente

no mundo, mas não restaram dúvidas de que o Governo teve um preço a pagar, e o mais caro de todos – o da vergonha.

O massacre continuou, e começaram-se a fazer pilhas de um vasto número de cabeças. Um serviço de catalogação foi montado, tentando atribuir as cabeças (como troféus) aos seus carrascos. Dali a pouco tempo foi necessário passar a contabilizar narizes, por falta de espaço. O castelo estava cheio de samurais dedicados a este serviço, arrastando corpos.

Na intensidade dos acontecimentos era essencial apresentar a cabeça de Jerónimo ao xogum. Além disso, a Matsudaira só o troféu máximo atenuaria os problemas que enfrentou no seio das suas próprias tropas indisciplinadas.

Quando Jana estava prestes a chegar a casa, livrando-se de todos os perigos de forma eficaz e sem nenhum ferimento, percebeu que já havia soldados e tumulto em casa de Jerónimo.

Este, ao ver entrar soldados no seu quartel-general, subiu para cima de uma espécie de altar, uniu as mãos em oração e fechou os olhos.

Um samurai atirou uma flecha que lhe atingiu um braço, deixando-o surpreso e desorientado. Depois uma lança entrou-lhe no peito, e morreu de imediato.

Esteban Buliço, que se encontrava junto dele, amparou-o na queda, abraçando-o com força até lhe ser também ceifada a vida.

A notícia desta captura, tão importante para as forças governamentais, voou através de Hara. Houve até samurais que se sentaram no chão, assistindo ao massacre sem querer nele participar, pois já não alcançariam o troféu maior.

A cabeça de Jerónimo, depois de separada do corpo, foi imediatamente levada ao próprio Hosokawa, reclamando-se como verdadeira. Mas já existiam pelo menos mais cinco reclamando o mesmo. Era necessário que alguém reconhecesse o líder dos rebeldes.

Jana correu incessantemente até avistar a sua casa. Ou antes, as labaredas que a consumiam.

Ao chegar, um quadro desolador era difícil de interpretar: Emi encontrava-se sem vida, apunhalada pelas costas em cima de Clarimundo, também morto e deitado de bruços. Ao seu lado, encontravam-se três samurais, mortos, golpeados na garganta, no coração e na zona do fígado, respectivamente.

Jana livrara-se da armadura pelo caminho, para conseguir imprimir velocidade ao andamento. Agora retirava a última malha de ferro. Gritou por Tago e não conseguiu passar além da cozinha, sufocando. Queria entrar, mas a falta de ar não o permitia. Enquanto gritava por Tago, chamou a atenção de uns soldados.

Ergueu-se e então lembrou-se das suas próprias palavras: «Cumpre o nosso plano, faz como ensaiámos.»

Os soldados aproximavam-se rapidamente, eram mais de quinze.

Jana olhou a casa em chamas, os corpos mortos de Emi e Clarimundo na

entrada.

Apesar de a família ser fonte de tantos problemas, é a forma que a humanidade encontrou para ajudar a enfrentar as dificuldades da vida. Esta era a sua família. «Obrigada por tudo», sussurrou.

Depois fugiu até à falésia.

Jerónimo morreu

A mãe de Jerónimo, Marta, foi trazida ao castelo, caminhando corajosamente entre as pilhas de cabeças, enfrentando os seus captores, bradando que o seu filho fora enviado do céu e teria sido chamado para o céu outra vez.

– O seu espírito transformou-se e partiu – terá dito. – Ele voltará com o exército reorganizado, como o lendário rei Sebastião.

Em 1638, o mito de D. Sebastião, também ele um jovem, estava ao rubro, mesmo no Japão.

Mas a sua coragem estremeceu quando o samurai lhe mostrou a cabeça do filho. Em lágrimas, abraçou-a. Nada mais acrescentou às suas profecias.

Quando Matsudaira soube da sua reacção, respirou de alívio. O líder dos *kirishitans* sucumbira, de facto. No fundo, nem o próprio general tinha a certeza absoluta de que Jerónimo era um mito e não alguém com poderes sobrenaturais que a todos superaria.

*

Jana chegou aos penhascos e seguiu os ruídos junto a uma garganta que se abria verticalmente para o mar. Ali, de mão dada, Tago e Nishi enlaçavam-se nas cordas que Jana deixara preparadas. Tinha dedicado muitas noites a esta estrutura para confiar que teriam uma hipótese de esconderijo e fuga no dia do ataque final.

A mãe abraçou o filho como se o quisesse enfiar de novo dentro do seu corpo. Era a primeira alegria do dia. Como haviam sobrevivido?! Como?

Tago explicou:

– Clarimundo lutou valentemente e matou um dos soldados, mas foi abatido por três homens. Depois foi a senhora Emi...

Nishi interrompeu-o, talvez poupando um garoto de usar os vocábulos desapropriados à sensibilidade uma criança:

– Nada pudemos fazer por Emi... Nós escondemo-nos dentro de casa. Mas eles lançaram-lhe fogo. Não sabiam que o quarto de Haru tem a abertura para o exterior, nós contávamos fugir cá para fora, e o foi o que fizemos, por fim.

– Eu dei a mão a Nishi e conduziu-o por entre o fogo para o quarto de Haru.

– Este rapaz foi muito inteligente, contai, contai o vosso plano!

– O samurai seguiu-nos. Eu sabia que a viga estava prestes a cair. Foi só fingir que eu estava estendido no chão depois de tropeçar e o soldado não olhou para o telhado. Desviei-me no momento certo, ele ficou lá debaixo! – o seu braço aparentava algumas queimaduras.

– Ó, meu filho! Que valente foste, e que sorte teres Nishi!

A luz zenital trazia à evidência a crueldade lendária em todo o seu esplendor.

– Senhor Nishi, como vos poderei agradecer?

– Eu é que vos agradeço. Bendito o dia em que o Senhor vos pôs no nosso caminho. À nossa família faltavam vocês os dois.

– E vós, connosco!

– Tereis encontrado Haru na batalha?

– Vi-o sim, a última vez que o mirei matava soldados. – Não teve coragem de dizer toda a verdade.

– Eu sei que só haveis preparado duas estruturas. Agora ide!

– Eu posso partilhar a minha com Tago. Senhor Nishi, não podeis ficar para trás.

Entre a observação de tamanha violência e, ao mesmo tempo, de genuínos desejos fraternais, Nishi sentiu um abalo no coração.

– Estou velho, não vou conseguir suportar o frio, o mar, tudo o que falta para vocês conseguirem sobreviver. E vão sobreviver...

– Senhor Nishi, tendes de nos acompanhar, não nos podeis abandonar aqui... – e Tago começou a chorar.

– Meu filho... – ajoelhou-se ao seu nível, como se lhe fitasse os olhos – foste o melhor presente de Hara. Eu não temo. Não me podereis ajudar mais. Nem eu a vós. Deus concedeu-nos todos estes momentos juntos. E nós aproveitámos cada um deles!

Tago riu-se enquanto chorava.

– Daqui a pouco estão aí. – Nishi já se desembaraçara das cordas. E colocou-as à volta das mãos de Jana. – Tago, olhai o horizonte, o que vêis?

– Um mar enorme, e lá ao longe muitas ilhas.

– De ora em diante, quando olhares para o mar e vires uma ilha, lembrete de mim. Eu sou uma ilha no mar. Prometes?

– Prometo.

– E não olhes mais para trás, a tua vida começa agora, deste horizonte para a frente, nunca mais serás um prisioneiro de Hara. E, ao mesmo tempo, Hara será sempre essa ilha para onde poderemos ir refugiar-nos de um mar de injustiças.

Tago limpou as lágrimas e ia virar o rosto, mas Nishi interpelou-o.

– Não, olhai em frente. Não olheis mais para trás. – Tirou o casaco e deu-o a Jana. – Recebei-o, ser-vos-á útil.

Depois retirou a adaga que trazia à cintura, ainda com o sangue dos soldados. Agarrou no cabo e pô-la na mão de Jana, encostando-a no seu coração.

– Dai-me a honra.

Ela expressou a surpresa com os olhos marejados de lágrimas.

– Não posso, não me podeis pedir tal acto... – sussurrou.

– Nada me honraria mais do que serdes vós, a maior guerreira de Hara, a acabar com este sofrimento. Não tenho alternativa. Por favor, tende a coragem – falou docemente.

Ela sentiu o seu próprio coração a gretar-se. Juntaram as testas e as suas lágrimas correrem pelo rosto de Nishi. Jana cerrou os dentes e espetou a adaga com força, amparando-lhe o corpo na chegada ao solo.

Jana sufocou o maior grito que desejara dar na vida. Lá em baixo, soldados formigavam naquele teatro de abominável barbaridade e Nishi tinha razão, este era um adeus a Hara para sempre.

Uma fenda descia verticalmente para a o mar e, a meia distância, formava uma pequena gruta que permitiria a Jana e Tago resistir ao frio. Ela encontrara-a com muito esforço, arriscando a vida, nas suas secretas saídas nocturnas, quando percebera que a invasão estava prestes a ocorrer.

Desceram numa estrutura que balouçava, mas não cedia. Tago foi descido pela mãe, largando as cordas aos poucos. Jana fez a descida da ravina agarrando nas cordas, protegendo as mãos com panos, num delicado equilíbrio, pois o rochedo mantinha-se húmido e escorregadio, cheio de falhas e irregularidades, e as suas forças eram escassas. Quando finalmente conseguiu chegar à gruta onde esperava aguentar-se por uns dias, teve de conseguir puxar-se a si e ao filho para dentro da cavidade, onde só poderiam permanecer sentados e de pernas encolhidas. Jana investira muitas horas neste plano que aparentemente resultava, pois não chamara a atenção de nenhum dos barcos que se encontravam ao largo, ancorados a uma grande distância. Mas sentia-se derrotada.

Tago, no entanto, não a deixou afundar-se na tristeza. Abraçado a ela, havia muitas perguntas que lhe queria fazer. E esta foi a primeira:

– Porquê tanta maldade, mãe?

– A maldade não se explica, combate-se.

– Que será de nós?

– Continuamos.

– Para quê, mãe?

– Para que todos saibam a nossa história.

Notas históricas finais

Nunca se percebeu inteiramente se a quase total população *kirishitan* fora massacrada ou se a falta de alguns milhares corresponde ao número de pessoas que saltaram da falésia, ou, até, se realmente conseguiram escapar. O Governo, poucos dias depois do ataque, precipitadamente, declarou que não havia sobreviventes.

Talvez a parte mais interessante seja perceber como o xogunato agiu politicamente a seguir ao fim da revolta. Tinha em mãos avaliar as acções de Matsukura Katsuie, nomeadamente as suas infames torturas e o aumento astronómico de impostos.

A Katsuie, em Maio de 1638, foi retirado o poder, enviado para Edo e julgado. Uma das principais provas apresentadas foi o cadáver de um camponês encontrado na sua residência. A acusação continha esta expressão: «A sua tirania originou um conflito a uma escala sem precedentes.»

A sentença do xogum revela a gravidade dos seus crimes: Katsuie foi o único dáimio a ser decapitado no período Edo, não lhe tendo sido dada a oportunidade de cometer o honorável *seppuku*.

Mas o longo caminho ao encontro da verdade ainda agora tinha começado. Um novo governador, Suzuki Shigenari, apontado para o cargo de imediato, passou a responder directamente ao controlo apertado do Governo. Chegara com uma tarefa: dar ordem ao caos. E assim fez:

- Patrulhas navais repeliam qualquer aproximação de barcos estrangeiros.

- Obrigação universal de frequentar um templo budista.

- Apoio à imigração para Shimabara de outras partes do Japão – essencial depois da dramática perda de população.

No entanto, num irónico volte-face, rapidamente pôde perceber que as queixas dos rebeldes deviam ser tidas em conta. Mandou uma carta ao xogum alertando para uma realidade evidente: os habitantes da Península de Shimabara enfrentavam condições climáticas adversas e deparavam-se com a ausência de solos férteis para cultivar. Ordenar o pagamento de impostos tão altos era, a seu ver, tremendamente injusto.

Esta carta foi tão frontal, questionando declaradamente os seus superiores, que perdeu a confiança do xogunato e a sua carreira foi terminada imediatamente, sem qualquer explicação.

Convicto das suas razões e de que o povo de Shimabara fora ilegitimamente ignorado, Suzuki Shigenari decidiu suicidar-se em 1653, sendo a última e inesperada vítima da Revolta de Shimabara.

Seis anos depois, o Governo, de modo discreto, reduziu para metade o fardo dos impostos em Shimabara.

1659 fica para a história como o ano em que finalmente se fez justiça.

Jana e Tago

Jana e Tago saíram do seu esconderijo alguns dias depois, pela mesma via por onde entraram. O ar, depois do massacre, intoxicava quem por ali andasse e, durante meses, assim se manteve. A quantidade de corpos apodrecendo tornaram Hara um local maldito. Talvez por isso mãe e filho conseguiram atravessar todo o castelo sem ser notados.

Já estavam a quatro quilómetros de distância quando foram interpelados por um samurai.

– Quem sois e porque caminheis por aqui?

– Chamo-me Jana Taguchi e este é o meu filho.

– Haveis conhecido Jerónimo?

– Sim, e lutei do lado dos rebeldes em Hara. – Não havia como os enganar e Jana sabia-o.

O samurai ajoelhou-se e inclinou a cabeça para o chão.

– Na verdade sou *kirishitan*. Reneguei há alguns anos, mas a minha alma mantém-se com Deus. – Jana não entendia o prostramento. Olhou para Tago, também espantado com o enigma. – Sinto um arrependimento gigantesco por ter renegado. É o preço que pago todos os dias para me manter vivo. Vinde, ajudar-vos-ei.

Calcula-se que cerca de 150 000 *kirishitans* mantiveram a fé em segredo, ficando conhecidos para a história como *kakure kirishitans*.

Escondidos na sua casa e, depois, com o seu auxílio, fugindo para Fukuoka, mãe e filho encontraram por fim o milagre que Jerónimo prometera.

Fim

Personagens

Jana Taguchi – camponesa de Unzen, ilha de Kyushu.

Tago – filho de Jana.

Haru Kukita – *ronin kirishitan* (ex-samurai) ao serviço de Jerónimo, é um dos *ronins* mais importantes, recebendo ordens directamente dos comandantes ou do próprio líder Jerónimo.

Nishi Kukita – *kirishitan*, pai de Haru, ex-samurai outrora ao serviço do Clã Arima.

Emi Kukita – *kirishitan*, filha de Nishi e irmã mais nova de Haru.

Jerónimo – líder dos *kirishitan*, desde criança considerado um prodígio, foi espontaneamente designado líder da Revolta de Shimabara, apenas com 16 anos. Ficou também conhecido por Amakusa Shiro.

Clarimundo Céu – missionário jesuíta português que entra no castelo de Hara para lá permanecer no cerco, juntamente com os restantes *kirishitans*. Chegou ao Japão no ano de 1606, já depois do édito de expulsão dos cristãos em 1587, pelo que se moveu clandestinamente pela maior parte dos lugares.

Itakura Shigemasa – alto-comandante do xogunato Tokugawa, apontado como general das forças governamentais pelo xogum Iemitsu para repelir a rebelião. Fora daimio de Fukozu han. Tinha 50 anos aquando do cerco em Hara.

Tokugawa Iemitsu – terceiro xogum da dinastia Tokugawa, foi surpreendido pela Revolta de Shimabara. Entre os objectivos do seu xogunato estava a eliminação das religiões que levassem à divisão do Japão, aceitando apenas o xintoísmo. À semelhança dos anteriores xoguns, incentivava a perseguição aos *kirishitans*.

Ren Jun – intelectual protegido por Matsukura Katsuie, Senhor de Shimabara. É enviado como mensageiro especial por Okamoto Shinbei, o homem que conseguiu à última da hora conter a revolta para fazer o relatório minucioso do princípio desta ao xogum Iemitsu. Depois é enviado para as imediações do castelo de Hara, como cronista, ao serviço do xogum.

Matsukura Katsuie – daimio de Shimabara entre 1630-1638, filho de Matsukura Shigemasa, os dois daimios acusados pelos camponeses de grande tirania nos seus domínios.

Matsudaira Nobutsuna – daimio de Kawagoe e segundo general enviado pelo xogum para repelir a Revolta de Shimabara. Tinha 42 anos aquando do cerco de Hara.

Yamada Emosaku – *kirishitan* e braço direito de Jerónimo, ficou conhecido como o primeiro pintor japonês a fazer arte ocidental, aprendendo as técnicas com os missionários. Tinha 40 anos quando ocorreu a Revolta.

Mori Soi Ken – *kirishitan* e outro importante comandante de Jerónimo.

Esteban Buliço, «cardeal» – missionário agostinho espanhol, nascido em Cáceres e em missão há vários anos no Japão. Juntamente com Clarimundo, é outro dos clérigos europeus presentes no cerco de Hara.

Iemon – japonês ao serviço do xogum, intérprete dos holandeses.

Nicholas Couckebacker – o líder dos holandeses no seu mais importante entreposto japonês, em Hirado. Comandante do navio que ataca Hara, em auxílio das tropas

governamentais.

Inoue Chikugo – enviado à ilha de Kyushu e ali permanecendo há vários anos com a missão de inspeccionar a situação em relação aos *kirishitans* para a reportar ao xogum, é convocado para junto deste quando a rebentou a revolta.

Marta Masuda – mãe de Jerónimo.

Marina Masusa – a irmã mais nova de Jerónimo.

Breve Cronologia

- 1543:** Navegadores portugueses chegam pela primeira vez à ilha japonesa Tanegashima, no Sul do Japão. O extremo ocidente encontra o extremo oriente. As diferentes sociedades iriam influenciar-se ao longo dos tempos.
- 1549:** A 15 de Agosto, os primeiros missionários, liderados por São Francisco Xavier, desembarcam em Kagoshima.
- 1550:** O Vice-reinado de Goa determina o monopólio sobre o comércio chinês e japonês, o qual seria entregue anualmente sobre o regime de concessão para os portugueses.
- 1551:** Em Janeiro, São Francisco Xavier torna-se no primeiro europeu a visitar a capital do Japão. Em Abril, os jesuítas estabelecem a sua primeira missão em Yamaguchi. Em Novembro, São Francisco Xavier regressa à Índia e Cosme de Torres torna-se o novo superior da missão nipónica.
- 1552:** No mês de Dezembro, São Francisco Xavier falece na ilha de Sanchoão, não conseguindo entrar na China.
- 1555:** Batalha de Shinano Asabiyamajô: o clã Takeda usa, de forma pioneira, um corpo de espingardeiros. As armas foram trazidas pelos portugueses e replicadas por todo o Japão. Luís de Almeida ingressa na Companhia no Japão, tendo depois criado um hospital em Funai e, depois deste, uma Misericórdia.
- 1560:** Dáimio de Owari, nomeado Oda Nobunaga, sai vitorioso na batalha de Okehama, ascendendo como um dos principais senhores no centro da região nipónica.
- 1563:** Omura Sumitada: primeiro dáimio convertido ao cristianismo.
- 1569:** Primeiro contacto de Oda Nobunaga com os missionários, autorizando-os a permanecerem na capital.
- 1570:** Francisco Cabral é nomeado o novo superior da missão no Japão. Possivelmente, os cristãos no Japão já rondariam os trinta mil fiéis.
- 1571:** Nagasáqui passa a ser o ponto final da rota sino-nipónica e o epicentro missionário do Japão.
- 1573:** O xogunato de Ashikaga é suprimido por Oda Nobunaga, que dará o mote para o próximo xogunato de Tokugawa.

- 1575:** Derrota de Takeda na batalha de Nagashino, saldando-se a vitória de Oda Nobunaga, motivada precisamente pela forma inovadora e eficiente de organização dos corpos de espingardeiros que Takeda usara anos antes.
- 1580:** Doação de Nagasáqui aos jesuítas, em Junho, por Omura Sumitada. Entronização de Filipe II de Espanha enquanto rei de Portugal.
- 1587:** Mudam os ventos... A 25 de Junho, já com Toyotomi Hideyoshi no poder, depois do assassinato de Oda Nobunaga, aquele promulgou o primeiro édito anti-cristão. Transferência da autoridade sobre Nagasáqui, a qual passa a estar dependente do poder central.
- 1596:** Possivelmente, os cristãos no Japão já rondariam os 300 000 fiéis.
- 1600-1610:** Os ataques holandeses colocaram entraves, nesta década, ao comércio português no Mar da China. Começam a ocorrer perseguições a cristãos em algumas áreas japonesas.
- 1603:** Tokugawa Ieyasu, avô de Iemitsu, é nomeado xogum. Início da actividade missionária dos dominicanos no Japão.
- 1608:** A Santa Sé determina a abertura da missão nipónica a todos os missionários.
- 1614:** Promulgação de um novo édito anticristão pelo *bakufu*, que levou à expulsão imediata de todos os religiosos. Saída de grande parte dos missionários do Japão, embora tendo permanecido alguns deles como clandestinos.
- 1615-1623:** Desembarque de vários missionários no Japão, que se fazem passar por mercadores.
- 1618:** A nau do trato é substituída pelo envio de vários navios ligeiros, ligando Macau a Nagasáqui.
- 1637:** Dezembro. Começo da Revolta de Shimabara, na qual grande parte dos revoltosos são cristãos. Os portugueses são acusados pelas autoridades japonesas de terem promovido o conflito.
- 1640:** Envio de uma embaixada macaense ao Japão procurando fazer retomar as relações comerciais. Os enviados foram presos e mortos.
- 1642-1643:** Entrada dos últimos missionários clandestinamente no Japão.

Glossário

Batteren – palavra japonesa significando padre.

Bakufu – sinónimo de xogunato, é o governo militar no Japão, onde a figura do imperador não tem poder real. Durante a Revolta de Shimabara estava instituído o xogunato de Tokugawa.

Dáimio – Senhor detentor de terra e poder, figura característica do Japão pré-moderno.

Daisho – espada do samurai.

Fumie – interrogatórios sob tortura com o objectivo de conseguir que os *kirishitans* renegassem a fé.

Nanban-jin – literalmente «Os bárbaros do Sul», termo que designava os estrangeiros portugueses e espanhóis.

Kirishitan – católicos japoneses, derivando da palavra portuguesa «cristão».

Kirishitan kakuri – «cristãos escondidos». Depois da Revolta de Shimabara muitos católicos japoneses continuaram a professar a fé secretamente.

Kirishitan korobi – assim designavam os cristãos que renegavam a sua fé e se convertiam ao budismo ou xintoísmo. Apostasia.

Kosode – traje japonês, semelhante ao quimono e que o precedeu.

Ronin – samurai renegado. «Homem-onda», literalmente. Se o seu senhor (dáimio) morresse, o samurai perdia o direito à vida. Mas muitos não optaram pelo *seppukku*. Por altura da Revolta de Shimabara estima-se que existissem cerca de quinhentos mil pelo Japão.

Seppuku – suicídio na classe guerreira. Morte honrosa de um samurai.

Shoin – sala de estar.

Tokugawa (xogunato) – Ieyasu Tokugawa foi o fundador deste regime militar e ditatorial que começou a partir da famosa batalha de Sekigahara, depois de Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi terem reunido todo o poder na figura central do xogum, acabando com a maior parte dos senhores feudais. Tokugawa Iemitsu, neto de Ieyasu, foi o terceiro xogum dos Tokugawas e governava durante a Revolta de Shimabara.

Table of Contents

1. [Capa](#)
2. [Ficha Técnica](#)
3. [Introdução](#)
4. [Revolta de Shimabara – 11 de Dezembro de 1637](#)
5. [CAPÍTULO I - Fortificai os corações](#)
6. [CAPÍTULO II - Esperai, ó almas cercadas](#)
7. [CAPÍTULO III - Se houver paraíso entra-se nele pelo inferno](#)
8. [Notas históricas finais](#)
9. [Personagens](#)
10. [Breve Cronologia](#)
11. [Glossário](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Table of Contents](#)